TRAJETÓRIA DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL EM 50 ANOS



Resgate da memória dos seus congressos

MARIA MÉRCIA BARRADAS
e
ELIANA NOGUEIRA
(organizadoras)

TRAJETÓRIA DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL EM 50 ANOS

Resgate da memória dos seus congressos

Organizadores
Maria Mércia Barradas
Eliana Nogueira

Autores
Afrânio Gomes Fernandes
Ariane Luna Peixoto
Berta Lange de Morretes
Eliana Nogueira
Graziela Maciel Barroso
José Ângelo Rizzo
José da Costa Sacco
Luiz Emygdio de Mello Filho
Maria Luiza Porto
Maria Mércia Barradas
Paulo de Tarso Alvim

TRAJETÓRIA DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL EM 50 ANOS

Resgate da memória dos seus congressos

Brasília
Sociedade Botânica do Brasil - SBB
2013

Revisão dos textos: *Maria Mércia Barradas e Eliana Nogueira*
Capa: *Samuel Tabosa de Castro*
Projeto gráfico e produção: *Samuel Tabosa de Castro*
eBook produzido por GN1 Sistemas e Publicações Ltda

Direitos reservados à
SBB - Sociedade Botânica do Brasil
SCLN 307 - Bloco B - Sala 218 - Ed. Constrol Center - Asa Norte
70746-520 - Brasília - DF
http://www.botanica.org.br

Ficha catalográfica: Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

T688 Trajetória da Sociedade Botânica do Brasil em 50 anos [arquivo legível por maquina]: resgate da memória dos seus congressos / Maria Mércia Barradas, Eliana Nogueira Nogueira organizadoras; Afrânio Gomes Fernandes ...[et al.]. - Brasília: SBB, 2013.
1 arquivo de texto (168p.)

ISBN: 978-85-60428-05-2
Retirado do site: HTTP:// www.botanica.org.br/ebook/php

1. Sociedade Botânica do Brasil - História. 2. Botânica - Congressos - História. I. Barradas, Maria Mércia, org. II. Nogueira, Eliana, org. III. Fernandes, Afrânio Gomes.

CDU 061.2:581

Apoio financeiro do
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNNPq



Sociedade Botânica do Brasil

Diretoria (2010-2013)

Presidente: Carlos Wallace do Nascimento Moura
1ª Vice-Presidente: Ana Maria Giulietti Harley
2º Vice-Presidente: Francisco de Assis Ribeiro dos Santos
1ª Secretária: Cláudia Elena Carneiro
1ª Tesoureira: Tânia Regina dos Santos Silva
2ª Tesoureira: Daniela Santos Carneiro Torres
Secretária-Geral: Vera Teresinha Rauber Coradin
Suplente da Secretária-Geral: Glocimar Pereira da Silva

Conselho Superior

Presidente: Denise Maria Trombert de Oliveira
Vice-Presidente: Kátia Cavalcanti Pôrto

Membros Titulares:
Maria de Lourdes da Costa
Jorge Ernesto de Araújo Mariath
Geraldo Alves Damasceno Jr.

Membros Suplentes:
Antonio Carlos Webber
Gardene Maria de Souza
Luiz Antônio de Souza
Paulo Takeo Sano
Arnildo Pott

A todos os atores sociais
que contribuem para que a Botânica
conquiste efetivamente o espaço a que faz jus
no cenário nacional e possa desempenhar seu papel
nas questões de C&T *afetas a um melhor conhecimento,*
utilização e repartição sustentável dos benefícios da flora brasileira.

INSTITUIÇÕES E ENDEREÇOS DOS AUTORES

Afrânio Gomes Fernandes
Universidade Federal do Ceará (UFCE) - e-mail: bergsonf@oi.com.br

Ariane Luna Peixoto
Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ) – e-mail: ariane@jbrj.gov.br

Berta Lange de Morretes
Universidade de São Paulo (USP) – e-mail: morretes@ib.usp.br

Eliana Nogueira
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - e-mail: elianan10@gmail.com

Graziela Maciel Barroso† (1912-2003)
Jardim Botânico do Rio de Janeiro

José Ângelo Rizzo
Universidade Federal de Goiás (UFG) – e-mail: rizzo@prppg.ufg.br

José da Costa Sacco
Universidade Federal de Pelotas (UFPel) - e-mail: zesacco@gmail.com

Luiz Emygdio de Mello Filho † (1914-2002)
Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional

Maria Luiza Porto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – e-mail: mlporto@ecologia.ufrgs.br

Maria Mércia Barradas
Instituto Biológico - e-mail: mmerciab@hotmail.com

Paulo de Tarso Alvim† (1919-2011)
Fundação Pau-Brasil

SUMÁRIO

PREFÁCIO 13
Leonor Costa Maia

APRESENTAÇÃO 15
Maria Mércia Barradas e Eliana Nogueira

CAPÍTULO 1 – As origens da Sociedade Botânica do Brasil: Reminiscências de um sócio fundador 17
Paulo Alvim

CAPÍTULO 2 – Sociedade Botânica do Brasil: Memórias de seu nascimento 23
Luiz Emygdio de Mello Filho e Ariane Luna Peixoto

CAPÍTULO 3 – Sociedade Botânica do Brasil: 50 anos 39
Berta Lange de Morretes

CAPÍTULO 4 – As Sessões Técnicas nos Congressos Nacionais de Botânica: 50 anos em constante evolução 47
Graziela Maciel Barroso e Ariane Luna Peixoto

CAPÍTULO 5 – Excursões botânicas da Sociedade Botânica do Brasil (SBB) 69
Afrânio Fernandes

CAPÍTULO 6 – 50 anos da Sociedade Botânica do Brasil à luz de suas Assembléias Gerais 85
José da Costa Sacco

CAPÍTULO 7 – Trajetória da Sociedade Botânica do Brasil no período 1969 – 1991, na visão de um presidente de três Congressos Nacionais de Botânica 119
José Ângelo Rizzo

CAPÍTULO 8 – Gestão SBB 1983 – 1985, época de mudanças 127
Maria Luiza Porto

CAPÍTULO 9 – Indicadores dos Congressos Nacionais de Botânica: uma breve leitura do histórico de 50 anos da SBB 135
Eliana Nogueira e Maria Mércia Barradas

PREFÁCIO

O resgate da história é uma tarefa árdua, porém gratificante. Significa despertar memórias, relembrando o passado e trazendo lembranças ora alegres, ora tristes, de um tempo que não volta. Parece ter sido esse o desejo das organizadoras: permitir aos membros da SBB rever a sua história e, indo mais além, despertar a reflexão sobre os fatos, planejando as diretrizes para o futuro. Para isso, num curto espaço de tempo, "garimparam" papéis, depoimentos, fotos, numa tentativa de tornar presente um passado que se quer manter vivo, porque é importante para a construção do amanhã. A tarefa que assumiram foi desempenhada com competência, presteza e fidelidade. O resultado constitui uma apresentação valiosa da memória viva da SBB. Os participantes da caminhada, contribuindo diretamente ou não para este trabalho, são os principais atores desse espetáculo. Trouxeram luz e brilho à estrada, ficando mais uma vez provado que são a vontade, o esforço e a dedicação que decidem os destinos de uma empreitada. O sonho de uma sociedade que congregasse harmoniosamente os botânicos do Brasil permanece, com a SBB, nesses 50 anos, sendo movida essencialmente pela força de seus sócios e dirigentes.

A intenção do livro, tal como revelado na apresentação, era mostrar a cara de uma sociedade que começou pequena, e logo se firmou, continuando a promover os ideais dos que amam as plantas e a elas se dedicam por toda a vida. Exemplo disso temos vários, citados nos diversos textos que compõem esta obra. Os capítulos, escritos por alguns dos fundadores, outros sócios e pelas organizadoras, retratam o crescimento da SBB, mostrando os acertos e apontando erros. Em cada um deles está, não apenas a história da vida da Sociedade, mas um pouco da vida dos que a fazem. Mostra os progressos e os sonhos que nortearam a trajetória vitoriosa de uma sociedade que procura estimular a união entre os pesquisadores da área e mostrar quão importante é a Botânica nas nossas vidas. Os capítulos 1 e 2 relembram os primeiros passos da SBB, revelando fatos curiosos, desconhecidos da grande maioria dos sócios. Os capítulos 3, 5 e 8 mostram que estamos em constante evolução, sendo conservados porém os princípios básicos que nortearam a criação da SBB. Detalhes sobre as sessões técnicas e as excursões estão devidamente registrados nos capítulos 4 e 6. Do mesmo modo são resgatadas, no capítulo 7, as sempre vigorosas Assembléias Gerais, palco de vibrantes discussões, veementes protestos, vigorosos embates, gostosas risadas, misturando momentos de alegria, decepção, esperança e saudade. Nelas são decididos os caminhos da Sociedade e registradas todas as tomadas de posição, bem como as lembranças dos que se foram. No capítulo final estão os dados – aparentemente frios, trazendo indicadores das realizações que denotam o esforço despendido principalmente pelos dirigentes da SBB que, com idealismo e galhardia, levaram a Sociedade ao patamar em que hoje se encontra. Como mencionado no início, resgatar o passado não é tarefa fácil. Mas o objetivo das organizadoras, que se esmeraram

para produzir, dentro das possibilidades, o retrato fiel da trajetória da SBB, foi plenamente atingido - apesar de sabermos que alguns não foram mencionados, por circunstâncias diversas, entre as quais pelo curto espaço de tempo em que a obra foi elaborada, pela dificuldade em resgatar documentos e pela impossibilidade de alguns em participar. Fica o registro do passado, alimentando o hoje e garantindo que o ideal inicial seja mantido também no futuro.

Escrever a história é um exercício vigoroso pelo qual é possível conhecer e preservar a memória dos que primeiro sonharam com esta Sociedade. É rever ideais e traçar novas metas, de modo a alargar os horizontes. É sobretudo uma oportunidade de levar cada um de nós a pensar, refletir, entender e até sugerir caminhos que continuem viabilizando a expansão da Sociedade, tornando-a mais presente. A leitura do livro revela como o retrato da SBB, nesses 50 anos, reflete a importância da Botânica nas áreas acadêmica, científica e tecnológica do país, fortalecendo o seu papel na sociedade.

Estamos todos, e em especial os autores, de parabéns pelo êxito desta obra: ela atinge os objetivos propostos e mostra a história vitoriosa de uma jovem sociedade, que se quer a cada dia mais atuante e participativa.

Brasília, julho de 2000.

Leonor Costa Maia
Presidente do Conselho Superior SBB

APRESENTAÇÃO

A história da criação da Sociedade Botânica do Brasil, sem dúvida demonstra concreta decisão do querer fazer, faltando talvez em alguns momentos maior impulso -diante do seu potencial de cérebros – para contribuir decisivamente para o estabelecimento de políticas públicas relacionadas à biodiversidade do país.

Ao tempo que as sociedades científicas detêm o livre arbítrio de expressão, nos dias atuais, elas são requeridas pelo Governo para fornecer os instrumentos básicos para as decisões normativas. Assim, o papel de uma sociedade científica tem se tornado cada vez mais importante, pois ela deve não apenas participar como ainda influenciar medidas que visem a eqüidade social dos países cientificamente periféricos.

Uma sociedade científica com 50 anos, como a Sociedade Botânica do Brasil, sem dúvida já acumulou história, e é hora de resgatar e organizar tais informações, a fim de que possam ser transmitidas aos que nos sucederem.

Este livro só foi possível graças à colaboração de pessoas que entenderam a importância de relatar fatos que até então estavam apenas na sua lembrança ou em documentos não publicados.

É importante ressaltar que se trata de um primeiro exercício e que, como tal, obviamente contém muitas lacunas. Alguns botânicos convidados a deixar aqui registrada sua participação declinaram, seja pela exigüidade de tempo ou por motivos diversos; outros até mesmo poderão se julgar preteridos, pois teriam contribuições significativas a dar, mas não foram envolvidos no processo.

O fato é que a idéia desta publicação nasceu durante o Congresso de Blumenau (julho de 1999) e o trabalho teve início a partir de janeiro deste ano, quando foram contatados alguns sócios fundadores (Paulo de Tarso Alvim, Berta Lange de Morretes, Luiz Emygdio de Mello Filho); associados que têm acompanhado as atividades da SBB desde as primeiras décadas – mesmo sem terem participado diretamente da sua fundação (Graziela Maciel Barroso, Afrânio Gomes Fernandes, José da Costa Sacco, José Ângelo Rizzo); outros que vêm apresentando contribuições sobre a história da Botânica no Brasil, como Ariane Luna Peixoto, Eliana Nogueira e Graziela Maciel Barroso (esta última, principalmente através de palestras), além de pessoas que dirigiram a Sociedade em épocas-chave de mudanças, como Maria Luiza Porto, Eliana Nogueira e Maria Mércia Barradas.

Não se pretendeu, desde o início do projeto, solicitar a todos os ex-Presidentes da SBB que redigissem textos sobre os seus períodos de gestão, pois esta opção implicaria em maior dispêndio de tempo e de recursos financeiros, não disponíveis no momento. Em adição, tais relatórios já devem constar dos arquivos da Sociedade. Entretanto, há que se considerar a possibilidade de serem publicados em uma outra oportunidade.

O livro contém nove capítulos, iniciando pela fase embrionária da SBB, talvez inconscientemente deflagrada durante a I Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada no Rio de Janeiro em 1938, e alavancada de fato na II Reunião, em Tucumán – Argentina, em 1948. A seguir, os botânicos que estiveram no Congresso de Tucumán retornam ao Brasil e organizam-se para criar uma Sociedade de Botânica no nosso país, começando a discutir seus objetivos e o projeto dos Estatutos. Vários autores de capítulos contam esta parte da história da SBB, cada um registrando os fatos de acordo com a sua leitura.

Além destes relatos, são incluídas informações sobre a evolução das sessões técnicas, as excursões e as assembléias gerais associadas aos congressos da SBB, bem como o impulso propiciado por mudanças estatutárias e experiências vivenciadas na realização de congressos. Por último, são apresentados alguns indicadores que podem auxiliar na compreensão dos degraus percorridos pela SBB, para atingir seu *status quo* neste final de milênio, bem como fornecer as ferramentas propulsoras para as tomadas de decisão do Estado brasileiro em temas afetos ao meio ambiente.

Agradecemos ao CNPq, na pessoa do seu Diretor de Programas Especiais, Dr. Almiro Blumenschein, sócio remido da SBB, todo o apoio recebido desde o início deste projeto, sem o qual esta jornada não teria sido concluída.

Finalmente, esperamos que outros atores sociais venham integrar-se a este cenário, trazendo novas informações que possam ser somadas àquelas já existentes, para subsidiar futuros diagnósticos do estado da arte da Botânica brasileira e prognósticos para ações que levem à excelência esta área do conhecimento.

Brasília, julho de 2000

Maria Mércia Barradas e Eliana Nogueira
(organizadoras)

CAPÍTULO 1

AS ORIGENS DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL: REMINISCÊNCIAS DE UM SÓCIO FUNDADOR

Paulo Alvim
Fundação Pau-Brasil

A qüinquagésima primeira reunião anual da Sociedade Botânica do Brasil – SBB realiza-se no mesmo ano em que o nosso país comemora o quinto centenário de seu descobrimento e nossa capital federal – cidade escolhida para sede do importante evento – festeja o quadragésimo aniversário de sua fundação. A ocasião não poderia ser mais oportuna para relembrarmos um pouco a história da nossa SBB, atualmente considerada uma das mais atuantes e respeitadas associações científicas do país.

Na condição de um dos poucos remanescentes do inspirado grupo de botânicos que tiveram a iniciativa de criar nossa exitosa sociedade, tive a honra de ser convidado pelas organizadoras deste livro – Maria Mércia Barradas, atual Presidente da SBB, e Eliana Nogueira, ex-Presidente da SBB – para redigir a presente nota, na qual procurarei relembrar os acontecimentos que motivaram ou inspiraram a criação da Sociedade Botânica do Brasil.

A título de informação, considero oportuno relembrar que as reuniões verdadeiramente científicas sobre Botânica em nosso país eram consideradas raridades antes da criação da SBB. Um caso especial foi a I Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada no Rio de Janeiro, no período de 2 a 19 de outubro de 1938, sob os auspícios do Governo Brasileiro, através do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, na época dirigido pelo Dr. Paulo de Campos Porto. A mencionada reunião contou com a presença de 215 participantes, incluindo palestrantes de 12 países, além de várias representações diplomáticas do exterior. Decidiu-se no citado evento que a II Reunião Sul-Americana de Botânica deveria realizar-se na Argentina, o que entretanto só pôde acontecer após decorridos 10 anos desde a data do primeiro encontro, ou seja, no período de 10 a 17 de outubro de 1948.

Esse segundo encontro foi denominado *II Congreso Sudamericano de Botánica* e realizou-se na cidade de Tucumán, tendo como sede o conhecido Instituto Miguel Lillo, então sob a direção do renomado botânico Horácio R. Descole, que também atuou como Presidente do Congresso. O evento contou com a participação de 290 profissionais da área de Botânica, procedentes de 19 países, e os trabalhos apresentados foram publicados em diversos volumes da revista *Lilloa*.

O Brasil se fez representar no Congresso de Tucumán com uma delegação de 18 profissionais da área de Botânica, cujos nomes estão relacionados na lista que segue, por ordem alfabética dos sobrenomes:

Walter Radames Accorsi
Paulo de Tarso Alvim
Petronio L. Caparelli
Octavio de Almeida Drummond
Américo Grozsman
Lothar F. Hessel
Aylthon Brandão Joly
João Geraldo Kuhlmann
Luiz Emygdio de Mello Filho
Fernando Romano Milanez
Honório da Costa Monteiro
Paulo de Campos Porto
Pe. Paulino J. Rambo
Felix Rawitscher
Pe. Raulino Reitz
João José Almeida Seabra
Alarich Schultz
Carlos Stellfeld

Para documentar esta importante reunião de botânicos realizada na Argentina, apresento as figuras 1, 2 e 3.

O Congresso de Tucumán causou excelente impressão aos membros da delegação brasileira, podendo-se dizer que foi, sem dúvida, a mais importante fonte de inspiração para que se pensasse em criar no Brasil uma associação científica voltada para a promoção e a divulgação de pesquisas na área da Botânica. Essa idéia surgiu, em verdade, por ocasião de um encontro informal entre os membros da delegação brasileira, realizado em um dos intervalos das sessões técnicas do Congresso. Reconheceram os participantes de tal reunião que o longo intervalo de 10 anos entre as reuniões do Rio de Janeiro e de Tucumán era definitivamente por demais extenso para cumprir a missão de promover intercâmbio ou divulgação de pesquisas em qualquer área do campo científico. Surgiu, dessa forma, como conseqüência das discussões entre os componentes daquela delegação uma proposta para se criar, no Brasil, uma associação voltada para a divulgação e o intercâmbio de informações na área de Botânica. Com agradável surpresa para todos, tal idéia foi unanimemente aprovada.

O então Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Prof. João Geraldo Kuhlmann, foi um dos mais entusiastas defensores da proposta, tendo inclusive sugerido que se constituísse uma comissão especial para estudar o assunto em maior profundidade, a qual poderia se reunir no próprio Jardim Botânico. Foram a seguir indicados os nomes para compor a Comissão, que deveria trabalhar sob a coordenação do Prof. Kuhlmann: Fernando Milanez, Felix Rawitscher, Carlos Arnaldo Krug,

Honório Monteiro, Felisberto Camargo e José Vasconcellos Sobrinho. Por deferência do Prof. Kuhlmann, tive a honra de ser designado para secretariar os trabalhos da mencionada Comissão, a qual se reuniu na sede do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em três ou quatro oportunidades, durante o primeiro semestre de 1949, sem contar, entretanto, com a presença de alguns dos indicados, como Felisberto Camargo e Vasconcellos Sobrinho.

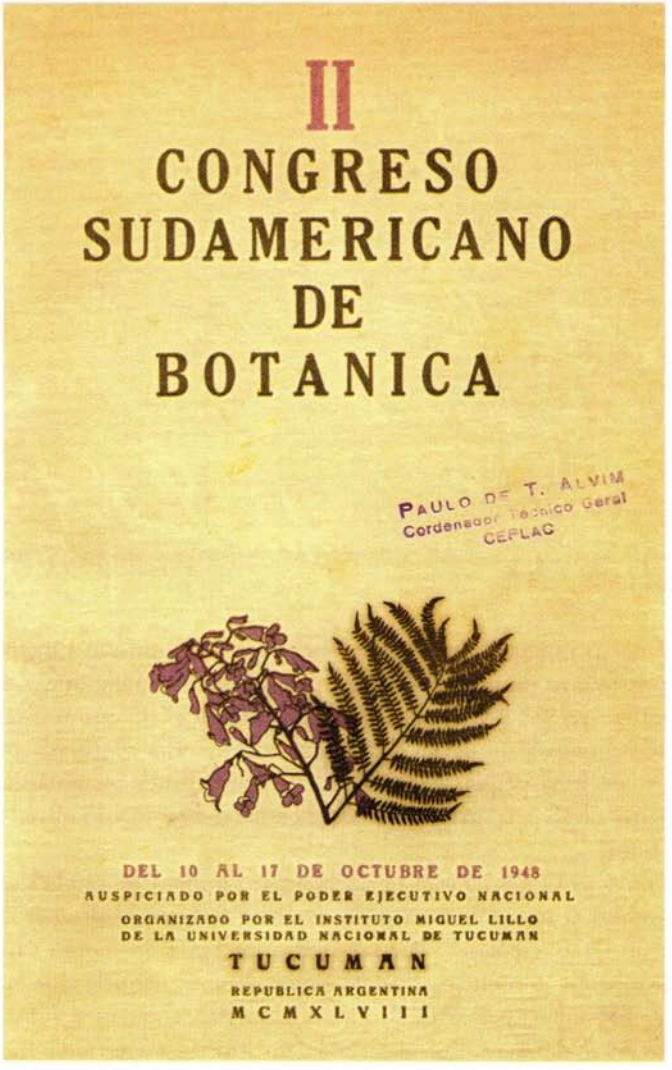
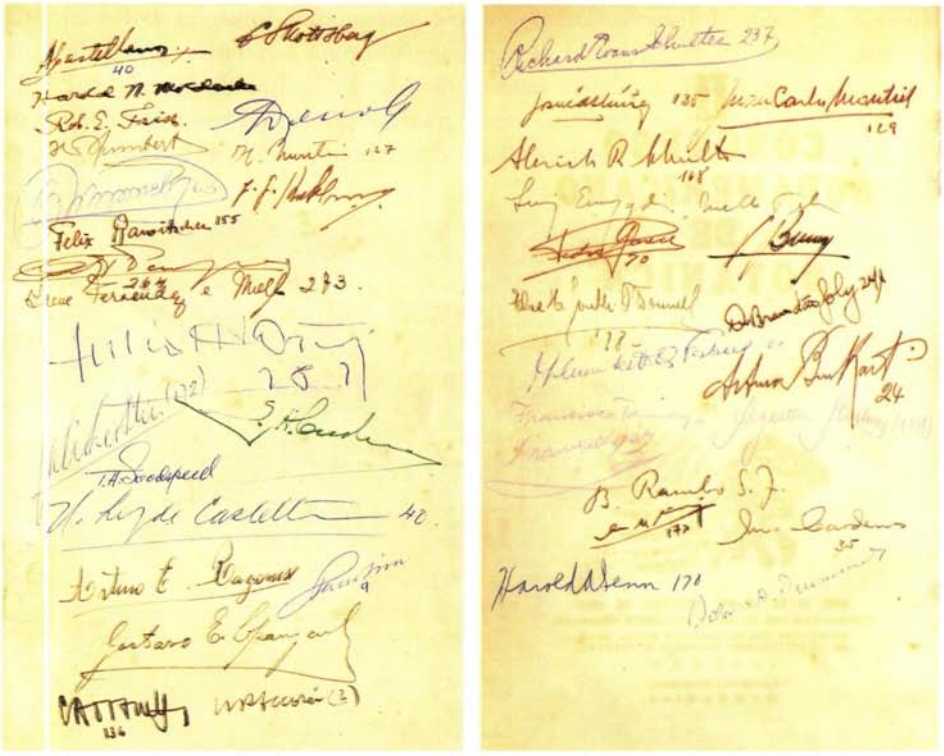


Figura 1 – Capa interna do "Livro de Tucumán" (II Congreso Sudamericano de Botánica, 1948), doado à SBB por Paulo Alvim



Figuras 2 e **3** – Assinaturas dos membros da delegação brasileira e acompanhantes, no "Livro de Tucumán", doado à SBB por Paulo Alvim

Uma das primeiras iniciativas da mencionada Comissão Organizadora foi a de elaborar os Estatutos da nova Sociedade. Sugeriu-se, de início que a nova entidade deveria denominar-se "Sociedade Brasileira de Botânica". Constatou-se, entretanto, no decorrer das discussões, que tal denominação já estaria registrada por iniciativa, aparentemente, de uma pequena associação de floricultores ou botânicos amadores do Rio de Janeiro, razão pela qual optou-se pela atual denominação oficial de Sociedade Botânica do Brasil.

A Comissão Organizadora encarregou-se também de estabelecer as normas gerais para as reuniões anuais da Sociedade, as quais deveriam realizar-se de preferência nos períodos de férias escolares. Por ser o Rio de Janeiro a então capital do país, decidiu-se que a primeira reunião anual deveria realizar-se naquela cidade. Em atenção a uma proposta formulada pelo Prof. Honório Monteiro, então catedrático de Botânica da Escola Nacional de Agricultura, situada no km 47 da estrada Rio/São Paulo, acordou-se que a primeira reunião anual da Sociedade seria realizada no mês de janeiro de 1950, na mencionada instituição. Após prévios contatos com a Escola

Nacional, decidiu-se designar, como 1º Presidente da SBB e responsável pela sua 1ª Reunião Anual, o Prof. Heitor Vinícius da Silveira Grillo, na época Reitor da Universidade Rural do Rio de Janeiro.

Assim começou a gloriosa história da nossa querida SBB.

Referências Bibliográficas

II Congreso Sudamericano de Botánica, 1948. Instituto Miguel Lillo, Tucumán, Argentina (10-17 de octubre de 1948), 25p.

CAPÍTULO 2

SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL: MEMÓRIAS DE SEU NASCIMENTO

Luiz Emygdio de Mello Filho
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional
e
Ariane Luna Peixoto[1]
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

A Botânica no país antes do nascimento da Sociedade Botânica do Brasil

Inegavelmente o Brasil possui uma vocação Botânica. Já a carta de Caminha, certidão de nascimento deste país singular, menciona a componente vegetal de suas paisagens. A cobiça européia aqui aportada, na busca de bens de produção, tornou a exploração dos recursos naturais a vocação do país. Vocação trágica, especialmente nos quatro primeiros séculos após o descobrimento, mas que ainda hoje persiste.

O conhecimento inicial da biota brasileira foi feito a partir de estrangeiros aqui aportados com finalidades outras que não a pura pesquisa científica. Entre estes precursores, que deram uma visão científica do país, alinham-se religiosos, médicos, administradores e aqueles conhecidos como naturalistas viajantes. São igualmente preciosas as ilustrações do período colonial, em que brilham vultos como Albert Eckhout, Franz Post, Cristóvão de Lisboa e toda a plêiade de iconógrafos botânicos do século XIX. Quando abertos os portos às nações amigas, pelo Príncipe D. João, em 1808, a curiosidade européia reprimida fez vir ao Brasil umas poucas centenas de visitantes, que se aventuraram pelo continente e interior desconhecidos, colecionando e anotando um imenso arsenal de informações sobre a natureza. É um período de ouro da iconografia botânica e das descrições detalhadas de viagens. Paisagens, animais, plantas e tipos humanos são retratados e descritos com arte e precisão, permitindo hoje mergulhar-se no passado e nele encontrar a documentação necessária para sabermos como era o país. Por esta preciosa documentação escrita e iconográfica é possível inferir também o conhecimento, o trato e a utilização que as populações indígenas tinham e davam à biota, naquela época.

Freqüentemente é dito que Humboldt foi o descobridor científico das Américas. Em paralelo, é importante assinalar que Maurício de Nassau, no século XVII, o Governador do Brasil Holandês de então, pode ser dito o descobridor científico

---

[1] Bolsista do CNPq

do Brasil. Seus colaboradores, sobretudo Marcgrave e Piso, na famosa *Historia Naturalis*, traçam um quadro da natureza brasileira em seu setor nordeste. Cabe a Nassau, também, o título de criador do primeiro Jardim Botânico e Jardim Zoológico em terras americanas, o de Recife, que desapareceu na reconquista brasileira da terra.

No século XVIII, ainda no Brasil-Colônia, começa-se a implantar no Brasil uma estrutura botânica, com base no Rio de Janeiro, pelas mãos de Frei José Mariano da Conceição Vellozo, incumbido, então, de elaborar uma flora regional, a *Flora Fluminensis*. Quando publicado, no século seguinte, o trabalho de Vellozo constituiu-se na primeira Flora brasileira.

Nos meados do século XVIII, Portugal, tentando acompanhar o movimento científico que as descobertas e navegações despertaram nos países europeus, decidiu fazer algo semelhante em seu império colonial. Cuidava de trazer à metrópole ora espécies ornamentais para o palácio de Queluz, réplica portuguesa do palácio de Verssailles, ora plantas medicinais ou valiosas para qualquer outra propriedade. Para tanto foram organizadas expedições aos domínios coloniais. No caso do Brasil, coube a um naturalista baiano, Alexandre Rodrigues Ferreira, a missão de estudar a natureza do Brasil Amazônico. Coimbra, reformada pela política do Marquês de Pombal, torna- se um importante centro onde o fazer científico e artístico, em suas mais variadas formas, encontra abrigo. Neste ambiente destaca-se a figura do botânico italiano Domenico Vandelli e a constelação de botânicos e químicos que circulava em seu entorno, entre os quais muitos brasileiros. O fervilhante movimento científico de Coimbra e a viagem de Rodrigues Ferreira propiciaram a ordem, por carta régia de 4 de novembro de 1786, ao então Governador do Pará, para o estabelecimento de um Jardim Botânico em Belém do Pará, para aclimatação de espécies exóticas. Este Jardim Botânico serviu de modelo para a criação de outros, localizados em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Visualiza-se aí, além da aclimatação, uma proposta de experimentação sobre o cultivo de espécies das várias regiões fitogeográficas do país.

Assistiram os alvores do século XIX à fundação, pelo Príncipe D. João, aqui refugiado da invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, que se mantém até o presente como o de mais longa duração e de maior importância entre os que aqui vicejaram. Como os outros, a sua idéia *mater* foi a de aclimatar plantas exóticas. Posteriormente esta diretriz foi corrigida e um novo objetivo, dimensionado ao estudo das floras autóctones, predominou. No século XIX, em seu período inicial, novamente com base no Rio de Janeiro, então sede da corte, é fundado o primeiro herbário nacional – o do Museu Nacional, na década de 30. Sua criação é atribuída a Ludwig Riedel, um dos botânicos da expedição de Langsdorff.

A transição entre os séculos XIX e XX é marcada pelo florescimento do Museu Paraense (mais tarde Museu Paraense Emílio Goeldi), em 1895, pela fundação do herbário da Escola de Farmácia de Ouro Preto e pela transferência das coleções do Museu Nacional, de sua localização na Praça da República para o Palácio Imperial,

em São Cristóvão, em 1892, dado que a República, recém-implantada, não sabia o que fazer com aquele solar. Embora com perdas na transposição das coleções, o Museu Nacional e sua Seção de Botânica encontram condições para um desenvolvimento organizado, incrementando o relacionamento com as principais instituições de botânica da Europa e das Américas e apoiando as instituições que nasciam no Brasil. Nesta fase, destacam-se os vultos de Alberto Sampaio, J. Barbosa Rodrigues, M. Arrojado Lisboa, A. Löfgren e de naturalistas viajantes como P. K. Dusén, C. A. G. Schwacke, Zenhtner, J. E. Huber, Ducke, E. Ule.

Uma política voltada para a ocupação do vasto oeste, desenvolvida por um grupo de militares positivistas, tem como comemorativo o trabalho da Comissão Rondon. Tal Comissão, além de tentar contatar e integrar ao espaço social brasileiro as populações indígenas deste rincão, fazia-se acompanhar por cientistas, entre eles botânicos como F. C. Hoehne, J. G. Kuhlmann e A. Sampaio, deu lugar à publicação de numerosos trabalhos científicos, especialmente em Botânica e Antropologia. O herbário do Museu Nacional foi beneficiado pelas coleções de setores nunca dantes visitados por coletores botânicos. Os botânicos brasileiros de então debruçaram-se sobre estas coleções, notas escritas pelos viajantes e relatórios descritivos das paisagens. Inúmeras novidades para a Ciência foram descritas e ilustradas.

Em 1938, dá o Jardim Botânico do Rio de Janeiro a partida para a integração botânica da América Latina. É convocada, com o apoio da Seção de Botânica do Museu Nacional, a 1ª Reunião Sul-Americana de Botânica. Foi uma iniciativa que teve grandes e favoráveis conseqüências, agregando e unindo todos os botânicos da área considerada. A 1ª Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada de 12 a 19 de outubro de 1938, no Rio de Janeiro foi, sem dúvida, o maior evento de congraçamento e integração realizado na América Latina na primeira metade do século XX (fig. 1 e 2). Em seqüência são realizadas a 2ª Reunião, em Tucumán, Argentina (1948) e a 3ª Reunião em Lima, Peru (1958).

Em 1968, tendo a Colômbia desistido de convocar uma nova reunião, e havendo no México ambiente propício para tal, Mello Filho instou os colegas mexicanos no sentido de que assumissem o encargo de convocar o novo encontro, na condição ampliada de Congresso Latino-Americano de Botânica. Tal empreitada foi abraçada pelos botânicos mexicanos e o 1º Congresso Latino-Americano de Botânica foi realizado na cidade do México, em dezembro de 1972. O 2º Congresso Latino-Americano de Botânica teve lugar em Brasília, em janeiro de 1978, juntamente com o Congresso Nacional de Botânica e vem sendo realizado, regularmente, a cada quatro anos, seqüencialmente no Peru, na Colômbia, em Cuba, o último novamente no México, em 1998.

Até meados do século XX, as atividades em pesquisas botânicas estavam concentradas predominantemente no Rio de Janeiro (Museu Nacional e Jardim Botânico), São Paulo (Instituto de Botânica e Instituto Florestal) e Pernambuco (Instituto de Micologia). O Museu Paraense passava por mais um período de penúria, atingido

pela morte de Huber (em 1914), pela vinda de Ducke para o Rio de Janeiro (em 1918), e pela crise econômica da região ao final do ciclo da borracha. Além disso, em várias capitais e em algumas cidades consideradas mais promissoras do ponto de vista agrícola, haviam sido implantados os Institutos Agronômicos (ou similares), alguns pelas mãos de D. Pedro II, quase na virada do século, mas principalmente nas primeiras décadas do século XX. Junto com as Escolas de Agronomia, com as quais mantinham estreito relacionamento, já que as últimas eram responsáveis pela formação de pessoal para as primeiras, inaugurou-se uma nova fase para as pesquisas agrícolas, com enfoque científico predominantemente apoiado em dois pilares: a Botânica e a Química. Em Campinas, Itaguaí, Pelotas, Areia, Viçosa e outras cidades do interior, em Belém, Recife, Fortaleza e outras capitais, pesquisas botânicas, fortemente enraizadas em problemas agronômicos a serem resolvidos, eram desenvolvidas nos laboratórios e herbários, em regra bem aparelhados, tanto dos Institutos Agronômicos como das Escolas de Agronomia. Convênios internacionais, para capacitação de pessoal no exterior e instrumentação de laboratórios, eram praticados por estas instituições.



Figura 1 – Membros da comissão organizadora e secretários de Sessões Técnicas da 1ª Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada no Rio de Janeiro em outubro de 1938 (Fonte: Anais da 1ª Reunião Sul-Americana de Botânica).

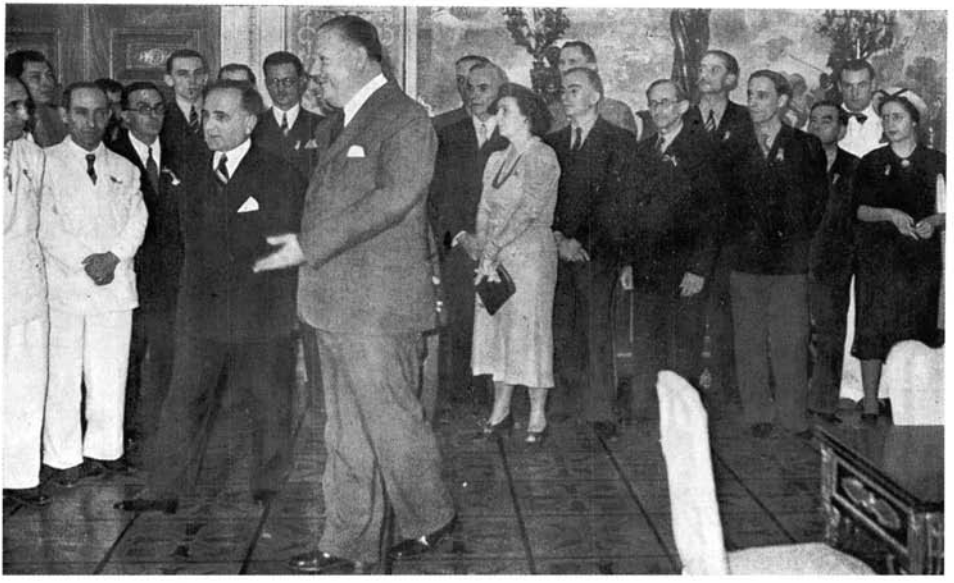


Figura 2 – Apresentação dos botânicos presentes à 1ª Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada no Rio de Janeiro em outubro de 1938, ao Presidente Getúlio Vargas, no Palácio do Catete (Fonte: Anais da 1ª Reunião Sul-Americana de Botânica).

Os botânicos de então tinham formação agronômica, farmacêutica e médica. Com a criação das faculdades de filosofia, uma nova clientela ingressa no campo. São os biólogos naturalistas. Em São Paulo, a contratação de Félix Rawitscher para a Universidade de São Paulo, criada na década de 30, por sábia e empreendedora iniciativa de Armando de Sales Oliveira, criou na Faculdade de Filosofia ambiente propício para que florescessem nomes como os de Mário G. Ferri, Mercedes Rachid, Aylthon B. Joly e Berta L. Morretes. No Rio de Janeiro, o envelhecimento do plantel de botânicos, sobretudo do Jardim Botânico e do Museu Nacional, deu lugar a uma perspectiva de esvaziamento dos postos científicos. Sampaio, Kuhlmann, Brade, Ducke atingiram a aposentadoria. Sob a pressão dos aspirantes a botânicos de então, viu-se o governo na obrigação de abrir concursos para os cargos de naturalistas, termo da época, no Jardim Botânico e no Museu Nacional. É deste tempo o ingresso, nos quadros oficiais, de G. M. Barroso, L. E. Mello Filho, L. G. Labouriau, C. T. Rizzini, E. Pereira, H. Monteiro Neto e A. de Matos. As Escolas de Agronomia, Institutos de Pesquisas Agronômicas e Escolas de Farmácia deram destaque a uma grei de importância para a pesquisa e para a formação de novos quadros na Botânica. Como personagens importantes neste cenário cabe citar Rambo, Stellfeld, Navarro de Andrade, Liberato Barroso, Peckolt, Vasconcelos Sobrinho, Andrade Lima, Murça Pires, Accorsi, Brieger, José da Cruz Paixão e outros mais.

A equipe científica da Divisão de Botânica do Museu Nacional, então muito reduzida, exigia uma ampliação à altura das tarefas e responsabilidades que lhe competiam. Para tanto, com o apoio do CNPq, foi convidado a vir dar sua colaboração, na forma de um curso de introdução à pesquisa botânica, o Professor Alberto Castellanos, que já fizera trabalho semelhante na Argentina. Este curso resultou numa plêiade de novos botânicos que, em seguida, prestaram concurso em instituições como o Jardim Botânico do Rio de Janeiro, a Escola de Agricultura de Viçosa, o Instituto de Botânica de São Paulo e o próprio Museu Nacional. É a chamada geração Castellanos. A ela pertencem Jorge Fontella, Valdomiro Nunes, Margarete Emmerich, Lélia Duarte, Emília Santos, Elza From Trinta e outros.

O papel da Sociedade Botânica do Brasil

A Sociedade Botânica do Brasil (SBB), cujo aparecimento se situa como um momento de transformação no quadro da Botânica brasileira, guarda conotações de alto sabor episódico. Praticamente surgiu em território estrangeiro, durante a 2ª Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada em Tucumán, motivado pela surpresa que constituiu para a numerosa delegação brasileira a existência, na Argentina, de uma sociedade dinâmica e funcional. Os membros da delegação brasileira em Tucumán (fig. 3), ditos pré-fundadores, regressaram ao país imbuídos da determinação de que o Brasil carecia de uma Sociedade Botânica. Aliás, o vulto e a composição da delegação brasileira tiveram destaque nas atividades deste Congresso. Um fato peculiar merece ser contado. Mello Filho, então chefe da Divisão de Botânica do Museu Nacional, para comparecer ao congresso carecia de uma autorização emitida pelo então Presidente da República. Tratando-se de congresso em país estrangeiro, esta autorização era processada no Ministério das Relações Exteriores. O Ministério, de posse da farta documentação apresentada para embasar a emissão da autorização, aquilatou a importância da presença de cientistas brasileiros ao evento e o que tal fato representava, não só para o intercâmbio científico como para o bom relacionamento entre os dois países. Emitiu a autorização na forma de uma Carta de Plenos Poderes, ficando o portador em condições de assinar um tratado *ad referendum* do Congresso Nacional (fig. 4). Esta credencial impressionou fortemente não só os organizadores do Congresso de Tucumán como, principalmente, as autoridades políticas argentinas e, em conseqüência, foi o pesquisador altamente considerado, cabendo-lhe mesmo o encargo de, ao final do Congresso, saudar o Presidente da nação argentina, Juan Domingos Perón, em reunião especial na Casa Rosada.

O período de fundação da SBB corresponde a um momento político extremamente importante do ponto de vista da vida científica do país. A valorização profissional do cientista, já entrevista por Oswaldo Cruz, em Manguinhos, encontrou um desaguadouro na evolução da sociedade brasileira. Delineia-se, nas instâncias

Ing. Fausto Folquer
Dr. Konstantin Gavrilov
Sra. Marta Grassi de Digilio
Sr. Juan Gundesen
Prof. Kenneth J. Hayward
Dr. Gumar Hiorth
Sr. J. P. Hperting
Sr. Bernardino Mateu Amengual
Dr. Nicolás Kusnezov
Sr. Teodoro Meyer
Sr. Carlos A. O'Donell
Sr. E. Petersen
Dr. José M. Rodríguez Vaquero
Sr. Enrique Rothe
Sr. Peter Seeligmann
Sr. Benkt Sparre
Ing. Julio S. Storni
Sr. Federico B. Vervoorst
Sr. Martín E. Villa
Dr. Luis J. B. De Gasperi
Ing. Juan M. Gianfrancisco

BOLIVIA

Ing. Segundo Alandía Borda
Ing. Humberto Cantarillas
Prof. Martín Cárdenas

BRASIL

Prof. Walter Radamés Accorsi
Dr. João José Almeida Seabra
Sr. Petronio L. Capparelli
Dr. Pablo Campos Porto
Sr. Paulo de Tarso Alvim
Dr. Octavio Drummond
Dr. Américo Grazsman
Prof. Lothar F. Hessel
Dr. Romano F. Milanez
Dr. Honorio da C. Monteiro
R.P.B. Rambo S.J.
Dr. Félix Rawitscher
Pbro. Paulino Reltz
Dr. Alarich Schultz
Dr. Carlos Stellfold

CANADA

Dr. Harold A. Senn

COLOMBIA

Sr. Francisco López
Sr. Richard Evans Schultes

CUBA

Prof. Juan Tomás Roig y Mesa

CHILE

Sr. Agustín Garaventa H.
Sr. Hugo Gunckel Luer
Prof. Juan Ibáñez Gómez
Dr. Eberhard Kausel
Sr. Gualterio Looser
Sr. Augusto Pfister

ECUADOR

Prof. Alfredo Paredes C.

ESPAÑA

Prof. Arturo Caballero
Sra. Cruz Casas
Prof. Salvador Rivas Goday

ESTADOS UNIDOS

Dr Thomes Goodspeed
Dr. Ellsworth P. Killip
Dr. R. Marton Love
Sra. Alma Moldenke
Dr. Harold N. Moldenke
Dr. Lewis S. Rose
Dr. Lyman B. Smith
Dr. Henry K. Svenson

FINLANDIA

Sra. Maila Lamb

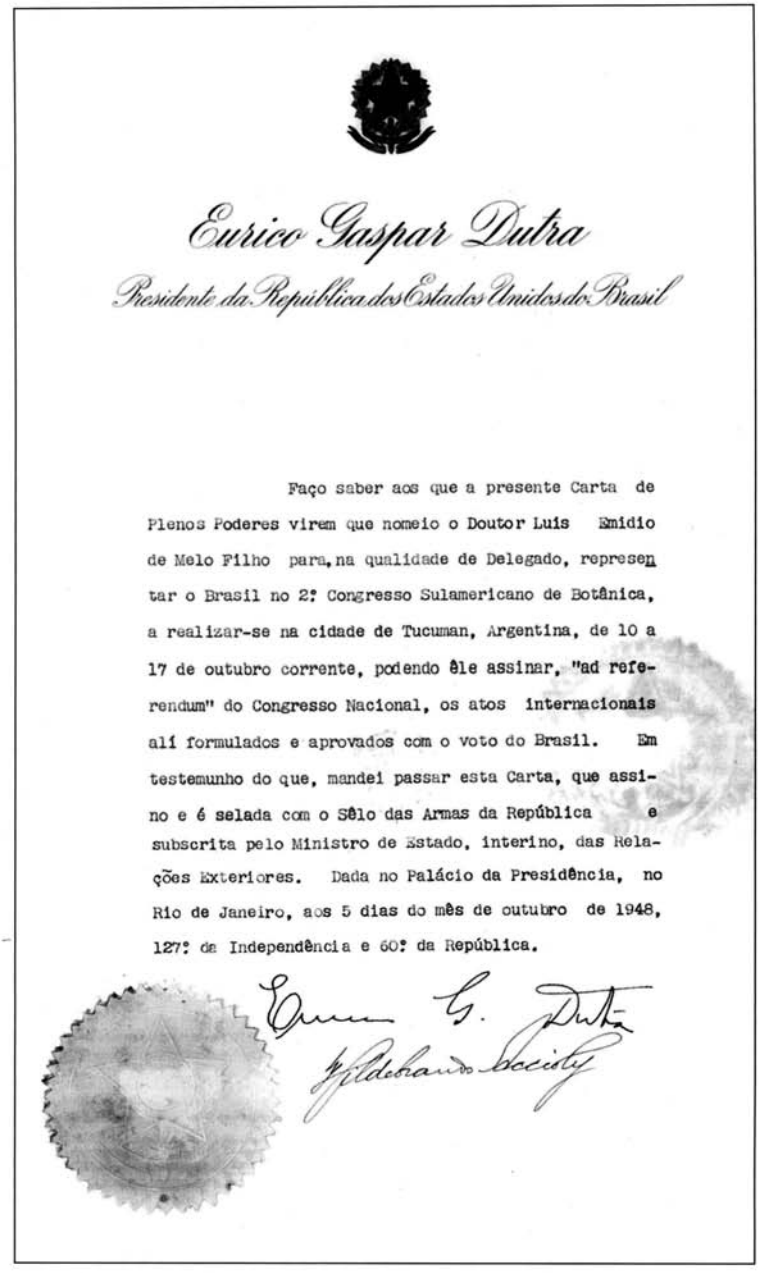
FRANCIA

Dr. Henri Humbert

GRAN BRETAÑA

Dr. E. J. A. Corner
Dr. Ivan Maekenzie Lamb

Figura 3 – Delegação brasileira presente à 2ª Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada em Tucumán, Argentina, em outubro de 1948. (Fonte: livro de programa da 2ª Reunião Sul-Americana de Botânica).



Eurico Gaspar Dutra

Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil

Faço saber aos que a presente Carta de Plenos Poderes virem que nomeio o Doutor Luis Emidio de Melo Filho para, na qualidade de Delegado, representar o Brasil no 2º Congresso Sulamericano de Botânica, a realizar-se na cidade de Tucuman, Argentina, de 10 a 17 de outubro corrente, podendo êle assinar, "ad referendum" do Congresso Nacional, os atos internacionais alí formulados e aprovados com o voto do Brasil. Em testemunho do que, mandei passar esta Carta, que assino e é selada com o Sêlo das Armas da República e subscrita pelo Ministro de Estado, interino, das Relações Exteriores. Dada no Palácio da Presidência, no Rio de Janeiro, aos 5 dias do mês de outubro de 1948, 127º da Independência e 60º da República.

Eurico G. Dutra

Valdemaro Bastos

Figura 4 – Carta de Plenos Poderes conferida pelo Governo brasileiro ao botânico Luiz Emygdio de Mello Filho. (Carta original escrita em duas páginas, montadas em uma única página nesta figura)

administrativas, o tipo de política que o país seguirá até os dias presentes. A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) havia sido fundada em 1948, propugnando por um desenvolvimento científico, tecnológico e cultural adequado às reais necessidades do país. No ano seguinte ao do nascimento da SBB, em abril de 1951, é criado o Conselho Nacional de Pesquisa (hoje, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq), cabendo-lhe promover o desenvolvimento de atividades de pesquisa científica e tecnológica, através do financiamento de projetos de pesquisa realizados por cientistas brasileiros. Neste mesmo ano institui-se a Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), por iniciativa de Anísio Teixeira, com a responsabilidade de traduzir as políticas públicas de formação de recursos humanos, dentro do propósito predominante de contribuir para a melhoria da educação superior. Estes são alguns marcos do processo de crescimento e amadurecimento científico pelo qual passava o país.

Nesta época dirigia a educação a mente esclarecida e profundamente ligada à condição nacional de Gustavo Capanema. Na Agricultura, outro mineiro, Daniel de Carvalho, estabelecia as normas de aplicação das aquisições da ciência. Neste momento histórico, o Rio de Janeiro comportava-se como a caixa de ressonância política do país. O Rio abrigava o Congresso Nacional. Os grandes debates e as grandes discussões da nacionalidade passavam pelas tribunas das casas legislativas. Ademais era (e continua a ser) a caixa de ressonância cultural do país. As lideranças mais significativas aqui funcionavam.

É neste caldo de cultura que se implanta a SBB, como uma força nova, na direção certa. A fundação da SBB, no Rio de Janeiro, foi precedida de reuniões no Jardim Botânico, Museu Nacional e Universidade Rural. Oficialmente são aprovados os Estatutos e eleita a primeira Diretoria na Universidade Rural, em Itaguaí, em 9 de janeiro de 1950. Eleita e empossada a primeira Diretoria, integrada por Heitor Grillo, da Universidade Rural, como Presidente; João Geraldo Kuhlmann, do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, como Vice-Presidente; Honório Monteiro Filho, da Universidade Rural, como 1º Secretário; Luiz Emygdio de Mello Filho, do Museu Nacional, como 2º Secretário; Adir Guimarães, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, como 1º Tesoureiro. Fernando Milanez assumiu o posto de editor da Revista a ser criada. Imediatamente após a aprovação dos Estatutos e a eleição da Diretoria, realizou-se a Primeira Reunião Científica, com apresentação de trabalhos. Depois, periodicamente, foram feitas reuniões de apresentação de trabalhos no auditório do Ministério da Agricultura, no Castelo.

A criação da SBB e as reuniões para apresentação e discussão de trabalhos eram sempre acompanhadas de perto por jornalistas e noticiadas nos principais jornais da capital. Este fato mostra o prestígio angariado pelos cientistas dentro da SBB e, ao mesmo tempo, a capacidade da Sociedade de atuar na política científica brasileira. Daí por diante, a SBB seguiu sua vida social, buscando consolidar os objetivos traçados

pelos seus idealizadores, caracterizando-se por sua regularidade e fidelidade aos objetivos propostos quando da sua criação.

O professor Heitor Grillo, primeiro Presidente da SBB, então Reitor da Universidade Rural, assumiu o posto de Vice-Presidente do CNPq, somando-se aos esforços do Almirante Álvaro Alberto de constituir um Conselho de Pesquisa capaz de entender e respeitar as diferenças culturais deste vasto país, buscando fomentar programas e projetos para o avanço da Ciência e da Tecnologia, nos seus diferentes quadrantes geográficos. Não fossem as habilidades múltiplas e o esforço de Álvaro Alberto e seus auxiliares em insistir na implantação de uma política para o fomento da Ciência e Tecnologia, fortemente enraizada na formação e capacitação de quadros para as instituições brasileiras, e o forte apoio da Academia Brasileira de Ciências, a iniciativa não teria tido o sucesso que alcançou.

Heitor Grillo traz a sua colaboração calcada em seu amplo lastro cultural, na sua vivência à frente de uma das mais importantes instituições de ensino e pesquisa na época e na sua integração com a comunidade científica através da SBB. A ascensão de Grillo foi motivada por dois fatores importantes. De um lado, o seu prestigio como Presidente de uma sociedade científica que despontava como significativa para o progresso do país e a sua experiência administrativa frente a uma instituição de ensino e pesquisa. De outro, pela sua indicação, feita por Mello Filho através de políticos influentes, ao Presidente Getúlio Vargas, que buscava então, entre os cientistas do Rio de Janeiro, aquele para compor com o Almirante Álvaro Alberto a alta administração do CNPq.

O projeto de criação de um instituto de pesquisa no Amazonas, voltado para estudos da Hiléia, apresentado e discutido (mesmo questionado em alguns pontos) já na primeira reunião da SBB, é impulsionado pelo CNPq, que instala, em 1955 em Manaus, o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), ficando o Museu Paraense Emílio Goeldi a ele subordinado administrativamente. As pesquisas no Museu Goeldi são então retomadas, o intercâmbio científico com outras instituições é reatado, tendo à frente Walter Alberto Egler, procedente do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Egler e Paulo B. Cavalcante constituíam o quadro de botânicos do Museu Goeldi. O Instituto Agronômico do Norte (IAN) contava então com J. Murça Pires, George A. Black, R. de Lemos Froes e P. Ledoux. As equipes das duas instituições, juntas, trouxeram novo alento às pesquisas botânicas no Norte do país, agora contando também com o INPA.

A SBB, em seus primeiros anos, teve o desafio maior de aumentar seus quadros. A formação de novos botânicos foi o principal desafio na década de 50, quando os cursos de pós-graduação na área ainda não estavam instituídos. As reuniões anuais, iniciadas com a de Itaguaí (fig. 5), eram repetidas a cada ano, em uma cidade diferente, sempre organizadas por Universidades e Institutos de Pesquisas e apoiadas pelos governantes locais.



Figura 5 – Excursão durante a 1ª Reunião da SBB (Itaguaí, 1950): Honório Monteiro, Fernando R. Milanez e Heitor Grillo. (Fonte: arquivo pessoal de Maria do Carmo Monteiro)

A SBB seguiu este caminho dentro da maior normalidade, em conformidade com o que dizem seus Estatutos e o que decidiam as Assembléias Gerais. Ora ao comemorar seu primeiro semi-século, uma visão abrangente permite delinear o que foi, em traços gerais, a vida da Sociedade, com suas peculiaridades. Caracteriza-se por sua regularidade e fidelidade aos objetivos visados quando de sua criação. Em realidade, a SBB exerceu um papel extremamente significativo com relação ao desempenho da comunidade botânica brasileira. Teve ela um papel integrador, aproximando núcleos botânicos até então incomunicáveis, aumentando o grau de conhecimento pessoal entre os botânicos e estreitando as relações pessoais. Críticas e discordâncias pré-existentes enfraqueceram-se e tenderam a desaparecer. Aumentaram os índices de fraternidade. A colaboração passou de excepcional a rotineira. Fez com que muito botânicos, enclausurados em seu campo de especialidade, se apercebessem da interdisciplinaridade com outros campos vizinhos ou distantes, até então vistos como incomunicáveis. As visitas a instituições de outros estados cresceram em freqüência e duração. As excursões em conjunto se tornam mais enriquecedoras e produtivas.

Do exposto pode-se deduzir que a SBB prestou e presta enormes serviços à Ciência em nosso país e atua como núcleo de integração social entre os cientistas, ao mesmo tempo que funciona como uma ponte, tanto para as comunidades científicas

localizadas no exterior como para as sediadas no país. Por sua mobilidade, por sua agilidade e por sua capacidade de deslocar-se na vastidão do país, assume uma função equalizadora, diminuindo as distâncias em diferenças regionais nos quadrantes do imenso território nacional.

A importância da Botânica no momento da vida nacional

A consciência coletiva desenvolvida na comunidade botânica, tendo como catalisador a SBB, fez com que, desde cedo, na evolução da Sociedade, situações ou problemas de âmbito regional ou nacional relativos à área de conhecimento Botânica fossem chamados à discussão, aos embates dos pontos de vista existentes e à procura das soluções mais adequadas. Já na 2ª Reunião Anual da SBPC, realizada em Curitiba, no mesmo ano de fundação da SBB, o coronel Adir Guimarães, então Secretário da SBB, abordou o papel dos Jardins Botânicos na vida científica do país, propugnando pela criação de um Jardim Botânico em Curitiba (fig. 6). Neste mesmo evento, um Simpósio sobre Reflorestamento, proposto pela recém-criada SBB, contou com a presença de Félix Rawitscher, que tratou do complexo problema de reflorestamento em áreas tropicais. O reflorestamento então já era visto como uma das possíveis saídas para a solução de problemas, ainda hoje atuais, e que tendem a se agravar em futuro próximo.



O PAPEL DO PARANÁ NO CE

ECOS DA BRILHANTE CONFERÊNCIA
TAL, PELO COR

Curitiba presencia nestes dias que correm, fatos que terão de ficar gravados nos anais científicos brasileiros uma vez que aqui se realiza a II Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, conclave que apresenta teses e projetos de sensiveis melhoramentos científicos para todo o território nacional, incluindo-se de maneira bastante destacada a capital paranaense, porquanto é apenas onde existe, no Brasil, uma Divisão Regional daquela Sociedade científica.

Destacando Curitiba entre um dos maiores centros estudiosos do Brasil, o Cél. Adir Guimarães, da Sociedade Botânica do Brasil pronunciou na segunda sessão da II Reunião Anual da S.B.P.C., interessante e importante conferência sôbre a "Necessidade de um Jardim Botanico em Curitiba".

Razões suficientemente fundamentadas fizeram com que o grande expoente da Sociedade Botânica Bra-

NÁRIO BOTÂNICO NACIONAL

RECEM-REALIZADA EM NOSSA CAPI-
ONEL ADIR GUIMARÃES

sileira apresentasse o seu tema, que deixou de ser já uma tese, ocupando o lugar mais destacado de exioma perfeitamente praticavel com o apoio de nosssos poderes públicos, e com a colaboração imperscindivel daqueles estudiosos que aceitam a viabilidade de um progresso verdadeiramente ascendente nos meios científicos paranaenses, como brasileiros.

No decorrer de suas palavras, o ilustre conferencista fez sentir o papel desta araucarilândia no cenário botânico nacional, de vez que, o interesse geral pela botânica, em todo o Brasil, tem, no Paraná, o cimo de tôda a sua grandeza.

Vem, assim, alcançando as suas verdadeiras finalidades, a II Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, produzindo à altura das expectativas que, digamos de passagem, eram as mais promissoras.

Figura 6 – Matéria publicada na Gazeta do Povo, Curitiba, PR, em 9.11.1950.

Abordando apenas a temática reflorestamento – de uma miríade de outras que a SBB abraça ou pode tratar – cabem algumas considerações sobre a importância desta Sociedade no atual momento da vida do país.

A energia necessária à construção da civilização brasileira, ao longo de meio milênio após o encontro de culturas aqui ocorrido no chamado Descobrimento, foi ganha pela exploração dos solos, sobretudo daqueles recobertos pela Floresta Atlântica e de seus valores suprajacentes. Foram os bens extraídos da área da Floresta Atlântica que possibilitaram o custeio dos elementos da nossa estrutura como país. Cidades e portos, vias de comunicação e estradas, universidades e hospitais, museus e teatros e até mesmo as guerras em que nos envolvemos em nosso passado foram todos sustentados por aqueles valores.

Como detentor de uma das três grandes massas florestais do planeta (Brasil, Congo e Indonésia), aquela ainda menos selvagemente explorada, cabe, aos cientistas brasileiros, uma boa parcela na responsabilidade de seu uso, com sabedoria. A utilização de tais recursos de uma maneira sustentável. A maior riqueza do país ainda estará na aplicação correta de uma política de manejo dos bens florestais dos quais o país é dotado. Não é possível entregar o destino do país a madeireiros nômades e criminais, ao lucro imediatista ou a agricultores presos a tecnologias predatórias e defasadas de manejo do solo. Um real desenvolvimento de nossas forças produtivas depende fundamentalmente do conhecimento das nossas riquezas florestais, em termos de Botânica, Química, Biologia e Tecnologia. O Brasil precisa de um corpo de estudiosos de sua flora, abrangendo estudos taxonômicos, anatômicos, ecológicos, silviculturais e, sobretudo, garantindo a incorporação à produção de uma enorme quantidade de produtos para uso e gozo das populações humanas. Acredita-se mesmo que na Botânica e na Química de Produtos Naturais se situa a principal vertente para um efetivo desenvolvimento. O país precisa de mais botânicos, de botânicos com formações variadas. Precisa de mais investimentos em atividades como o reflorestamento de áreas devastadas.

Perspectivas e sugestões

O Brasil é freqüentemente chamado o "país do futuro". De um futuro longínquo e inatingível, que se afasta quando se avança, que estaciona quando se recua. Mas não se conclua daí que este futuro será sempre assim. O futuro é meta e a melhor escada para alcançá-lo é ter tido um passado. Para os que vivem neste país e que lhe querem um enorme bem, não restam dúvidas de que há de haver um futuro. E este futuro dependerá sobretudo da capacidade do povo brasileiro de rejeitar a submissão, de escolher dirigentes mais afinados com o progresso calcado em novas bases, com uma concentração de recursos e investimentos em educação e em ciência e tecnologia, elevando o nível de sua população à altura de suas aspirações e de suas responsabilidades.

Qual seria o futuro desejável para o Brasil? Não parece difícil responder. O Brasil de um povo educado, conhecedor dos valores ambientais e empenhado em sua persistência. O Brasil de um povo sadio, trabalhador, alegre, bem-humorado e entusiasmado por seu papel na comunidade das nações. Para tanto, é indispensável poder contar com melhores escolas, melhores institutos de pesquisa e uma melhor utilização do capital pensamento científico. São coisas possíveis e viáveis. O que se investe em pesquisa e ciência retorna multiplicado por indicadores de eficiência e de lucratividade.

Que papel caberá à SBB neste quadro? Cabe à SBB propugnar por uma política científica que encaminhe o país na direção mencionada. Cabe à SBB formular e repassar para o Governo os elementos essenciais de uma política de gestão do patrimônio vegetal, de incentivo à pesquisa botânica. Cabe à SBB fazer com que os políticos, sobretudo os bens intencionados, desçam de suas posições e venham discutir diretamente com os botânicos o que fazer, o como fazer e o quando fazer. Finalmente, cabe à SBB gritar tão alto que nenhum muro burocrático ou político possa impedir que os ecos de sua voz e da voz de seus associados alcancem as instâncias restritas do poder. É necessário ser ouvido, porque somente assim, atendendo aos reclames da sociedade organizadamente reunida em instituições como a SBB, poderá o país transpor o espaço entre o agora e o futuro.

Agradecimentos

À Dra. Vera M. Huszar, do Museu Nacional/UFRJ, a leitura crítica do manuscrito. Ao Departamento de Botânica da UFRRJ, a cessão de documentos de seu arquivo para consulta e como fonte de ilustração.

Bibliografia

Carauta, J. P. P., 1967. Naturalistas na Guanabara. Quatro séculos de impressões. *Boletim Geográfico, 200*: 3-20.

Cavalcante, P. B., 1984. O Herbário do Museu Goeldi. *Mus. Paraense Emílio Goeldi, Série Guias, 6*: 1-26.

Ferri, M G. & Motoyama, S. (org.), 1979. *História das Ciências no Brasil.* São Paulo: EPU/EDUSP.. 3 volumes.

Hoehne, F. C.; Kuhlmann, M.; Handro, O., 1941. *O Jardim Botânico de São Paulo.* Secr. Agric. Ind. e Com. São Paulo, Dep. Botânica do Estado. 656p.

Lavor, J. C. N., 1983. *Histórico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.* Publicações Avulsas. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 47p.

Mello Filho, L. E., 1975. Disciplina História da Botânica. Apontamentos. Programa de Pós-Graduação em Botânica. Museu Nacional. UFRJ.

Peixoto, A. L., 1999. Brazilian botany on the threshold of the 21th century: Looking through the scientific collections. *Ciência e Cultura, 51* (5/6): 349-362.

Peixoto, A. L. & Barbosa, M. R. V., 1998. Os Herbários Brasileiros e a Flora Nacional – Desafios para o Século 21. *In*: Sistema de Informação sobre Biodiversidade/ Biotecnologia para o Desenvolvimento Sustentável. maio, 1998 (http://www.bdt.org.br/bdt.oaeproj/)

Porto, P. C.; Fagundes, A.B.; Brade, A.C.; Laclete, P.P.H.; Penna, L.A. (ed.), 1938. Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica, 1º vol., Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura. 290p.

Reis, A. C. F., 1946. O Jardim Botânico de Belém. *Bol. Museu Nacional, 7*: 1-14.

Schwartzman, S., 1979. *A formação da comunidade científica brasileira*. São Paulo: FINEP/Ed. Nacional.

CAPÍTULO 3

SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL: 50 ANOS

Berta Lange de Morretes
Universidade de São Paulo

A idéia de fundar uma Sociedade para congregar os botânicos do Brasil nasceu durante a realização de um Congresso de Botânica em Tucumán, na Argentina.

De retorno ao Brasil, os botânicos Felix Kurt Rawitscher, Alarich Schultz, Luiz Emygdio de Mello Filho, Paulo de Tarso Alvim, Frederico Brieger, Fernando Romano Milanez, Mário Guimarães Ferri e Geraldo Kuhlmann, entre outros, passaram a reunir-se em São Paulo e Rio de Janeiro, com a finalidade de estabelecer normas destinadas a reger a nova Sociedade.

Foram criados dois grupos de trabalho, tendo o primeiro a seu cargo a elaboração do projeto de Estatuto e, o segundo, a função de estabelecer os objetivos da Sociedade.

O primeiro grupo foi integrado pelos botânicos Ahmés Pinto Viegas, Felix Kurt Rawitscher, Fernando Romano Milanez, João Geraldo Kuhlmann e Paulo de Tarso Alvim; o segundo, por Alarich Schultz, Berta Lange de Morretes, Dalvo de Mattos Dedeca, Frederico Brieger e Mario Guimarães Ferri.

Em reunião conjunta, foi proposto que a nova Sociedade seria denominada SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL (SBB).

O primeiro grupo de trabalho elaborou um projeto de Estatuto compreendendo 18 artigos e 17 parágrafos, abrangendo as normas que deveriam reger a Sociedade Botânica do Brasil.

O segundo grupo de trabalho relacionou os objetivos da SBB, a saber:

1. Congregar pesquisadores e pessoas interessadas no estudo da Botânica, em especial os jovens.
2. Promover anualmente um congresso, no qual seriam apresentados os trabalhos de pesquisa dos associados.
3. Propor, durante a Assembléia Geral, moções aos governos Federal e Estaduais, destinadas a resolver problemas na área de Botânica.
4. Realizar, após os congressos, excursões científicas para um melhor conhecimento da vegetação dos diferentes ecossistemas brasileiros.
5. Manter uma revista destinada à publicação dos trabalhos de pesquisa dos sócios da SBB.
6. Atender a consultas feitas por entidades governamentais ou privadas, relativas a problemas botânicos.

Uma vez estabelecidos os objetivos da Sociedade, o grupo de trabalho realizou entre os botânicos uma enquete destinada à escolha do mês em que deveria ser realizado o Congresso. Dois meses foram sugeridos pela maioria consultada: janeiro e setembro, devido à presença de flores em todo o Brasil. O grupo de trabalho optou por janeiro, por ser mês de recesso escolar e por apresentar temperaturas elevadas em todos os Estados. Como é possível verificar, foram levados em conta os problemas que os botânicos do Norte e do Nordeste iriam enfrentar se a realização do conclave se desse no meio do ano e as temperaturas fossem muito baixas.

Como etapa seguinte, o grupo de trabalho sugeriu que o congresso deveria se realizar em um Estado escolhido pelos sócios, na Assembléia Geral, e que apenas dez anos depois poderia voltar a ocorrer no mesmo Estado, preferencialmente em uma cidade diferente e com excursões também em outras regiões. Esta medida foi proposta para que todos os Estados do Brasil fossem conhecidos pelos associados.

A seguir, o grupo de trabalho procurou resolver o problema de transporte dos sócios estudantes e o seu alojamento. Ficou acertado que seria pedida a colaboração da aeronáutica e a dos colégios internos e casas de estudantes nas cidades em que ocorreria o congresso.

As atividades dos dois grupos de trabalho foram encerradas no dia 17 de dezembro de 1949.

Às 10 horas do dia 9 de janeiro de 1950, no Edifício Central da Universidade Rural do Rio de Janeiro, com a presença de 43 pessoas, foi aberta, pelo Professor Alcides Franco, Diretor da Escola Nacional de Agronomia, a reunião de instalação da Sociedade Botânica do Brasil. O Senhor Diretor disse da grande honra que representava para a Universidade Rural a escolha de sua sede para a realização do primeiro congresso da nova Sociedade e, em seguida, convidou para tomar parte na mesa os botânicos Felix Kurt Rawitscher, Geraldo Kuhlmann, Alexandre Brade, Fernando Romano Milanez, Paulo de Tarso Alvim e Alarich Schultz, além do Prefeito Municipal de Itaguaí, José Maria de Brito. A seguir, o Sr. Presidente da mesa concedeu a palavra ao Prof. Felix Kurt Rawitscher, que expôs as finalidades da nova Sociedade, revelando as numerosas vantagens que a mesma apresentará, em especial, congregando os pesquisadores e os interessados em Botânica, publicando os trabalhos dos associados e colaborando em atividades destinadas a promover o progresso da Botânica.

Após uma série de discussões, foi proposta uma diretoria provisória e decidiu-se também que, após a discussão de Estatuto e dos objetivos da Sociedade, seria eleita a diretoria definitiva.

A diretoria provisória, aceita por unanimidade, foi composta pelos Senhores: Heitor Grillo – Presidente; João Geraldo Kuhlmann – Vice-Presidente; Fernando Romano Milanez – Secretário; Coronel Adyr Guimarães – Tesoureiro.

O Senhor Presidente passou a fazer a leitura do projeto de Estatuto e dos objetivos da Sociedade. Após numerosas discussões, ambos foram aprovados, com pequenas alterações.

Durante a Assembléia Geral, ficou resolvido que o 2º Congresso da Sociedade Botânica do Brasil teria como sede a Escola Superior de Viçosa e que a reunião seria realizada na segunda quinzena de janeiro de 1951.

Em seguida, passou-se à eleição, por voto secreto, da Diretoria, do Conselho e do Editor, que iriam reger a Sociedade durante o período de 1950-51. Foram escolhidos escrutinadores Mário Guimarães Ferri e Honório Monteiro Neto.

Apurados os votos, verificou-se que foram eleitos: Presidente – Heitor Grillo; Vice-Presidente – João Geraldo Kuhlmann; Primeiro-Secretário – Honório Monteiro Filho; Segundo-Secretário – Luiz Emygdio de Mello Filho; Tesoureiro – Adyr Guimarães; Editor – Fernando Romano Milanez; Conselho – Felix Kurt Rawitscher, Álvaro Fagundes, Frederico Brieger, J. Vasconcelos Sobrinho, Paulo de Tarso Alvim, Alarich Schultz e Alexandre Curt Brade.

Encerrada esta etapa da Assembléia, passou-se à apresentação dos dois trabalhos que representaram as primeiras contribuições científicas dos sócios da nova Sociedade. Paulo de Tarso Alvim falou sobre "Sintomas de deficiências em *Agave*" e Alarich Schultz relatou "Aspectos do Congresso Sul-Americano de Botânica realizado em Tucumán, Argentina".

A seguir foi lido, pelo Senhor Presidente, um telegrama do botânico Dárdano de Andrade Lima, solicitando a inclusão do seu nome na relação dos sócios fundadores da Sociedade Botânica do Brasil.

Nada mais havendo a tratar, o Sr. Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a ata assinada por quarenta e três presentes, que passaram a ser os sócios fundadores da Sociedade Botânica do Brasil.

Mais tarde, foram acrescentados à primeira relação de nomes mais vinte e seis, tornando-se, desta maneira, também sócios fundadores.

Assim, a Sociedade Botânica do Brasil teve sessenta e nove sócios fundadores. Examinando-se esta relação de nomes, verifica-se fato interessante: apenas seis mulheres integravam a lista dos sessenta e nove sócios.

O que caracterizou desde o início a Sociedade Botânica do Brasil foi a cordialidade e solidariedade entre os sócios. Durante a apresentação dos trabalhos, críticas, sugestões e discussões sempre foram amigáveis e nunca levadas a campo pessoal.

À medida em que os anos foram passando e o número de sócios foi aumentando, verificou-se que todas as áreas da Botânica tinham representantes no quadro social. De início, taxonomistas constituíam a maioria. Mas, pouco a pouco, fisiologistas, anatomistas e ecologistas passaram a apresentar seus trabalhos de pesquisa e, em dado momento, tornaram-se necessárias várias sessões para cada uma das áreas, tal o número de trabalhos inscritos.

Continuou o salutar incentivo para que os jovens apresentassem seus trabalhos oralmente, a fim de se habituarem a falar em público, sofrer críticas e saber responder aos questionamentos de diferentes ordens. Muitos dos atuais pesquisadores de renome

reconhecem o valor dos treinamentos recebidos durante a apresentação dos seus trabalhos de pesquisa nos congressos da Sociedade Botânica do Brasil.

Em 1958, os congressistas resolveram fundar um jornal que deveria relatar os fatos jocosos ocorridos durante o evento. Este semanário foi denominado MÁRIO, MARIA E MARICO, em homenagem aos redatores Mário Duarte, Maria Henriqueta Homrich e Marico Meguro. Este jornal teve enorme sucesso, a ponto de só poder ser distribuído na hora do almoço, pois após a primeira distribuição ouvia-se a risada dos sócios que liam o noticiário durante a realização das diferentes sessões!

"Mário, Maria e Marico" foi publicado durante muitos anos, deixando de ser editado na última década.

Outra medida simpática proposta pela Assembléia Geral foi lembrar, sob forma de um minuto de silêncio e uma breve biografia lida por um dos associados, dos sócios que deixaram o nosso convívio no ano anterior. Também esta norma tem sido esquecida em alguns dos últimos congressos.

Os anos foram passando. A Sociedade Botânica cresceu muito e, em conseqüência deste crescimento, foram surgindo problemas de diferentes naturezas. Verificou-se, por exemplo, que o certificado de freqüência era muito cobiçado, especialmente pelos botânicos mais jovens e pelos sócios estudantes, sem que os mesmos muitas vezes estivessem presentes às sessões. Em Assembléia Geral, ficou decidido que em cada sessão seria passada, em diferentes horas, uma lista de freqüência e que apenas aqueles que tivessem 95% ou mais de comparecimento receberiam o certificado. Esta simples medida encerrou o "turismo particular" em horário de trabalho e funcionou bem durante muitos anos.

Outro problema que surgiu em decorrência do aumento do número de sócios foi o não pagamento das anuidades e, em conseqüência, a necessidade de constantes cobranças. O fato foi discutido em Assembléia Geral, tendo ficado acertado que seria aplicado, sem perdão, o Art. 7 do Estatuto.

Pouco a pouco, verificou-se que o Estatuto da Sociedade Botânica do Brasil deveria ser mais abrangente, contendo maior número de artigos e parágrafos, para que todos os problemas pudessem ser solucionados. Em conseqüência, o Estatuto sofreu várias modificações. A última alteração do Estatuto da Sociedade Botânica do Brasil ocorreu durante a realização do 48º Congresso Nacional de Botânica, realizado no Crato/CE, em 29 de julho de 1997.

O constante aumento do número de sócios pertencentes à mesma área Botânica conduziu à formação de novas sociedades. Assim, por exemplo, os numerosos ficologistas julgaram por bem fundar sua própria sociedade, separando-se da SBB. O mesmo fenômeno ocorreu com os fisiologistas, os ecologistas e, por último, com os pesquisadores da área de microscopia eletrônica de transmissão. A bem da verdade, é necessário lembrar que muitos destes sócios, apesar de terem fundado as novas sociedades, ainda pertencem ao quadro da SBB, inclusive apresentando trabalhos por ocasião da realização dos congressos.

A Sociedade Botânica do Brasil nunca poderá se esquecer da colaboração prestada pelo sócio Ezechias Paulo Heringer. A partir do momento em que a documentação da SBB foi se avolumando, Heringer ofereceu um cômodo da sua residência para abrigá-la. Durante muitos anos esta colaboração persistiu, tanto que, em Assembléia Geral, o nosso sócio foi designado Secretário-Permanente da SBB.

A Sociedade Botânica do Brasil até a presente data ainda não possui sede própria. Vivemos em sedes cedidas por diferentes entidades, apesar de estarmos completando 50 anos! A esperança de podermos conquistar o nosso espaço está cada vez mais próxima.

Verifica-se que os congressos realizados até hoje seguiram a salutar proposta estabelecida logo de início. Nos 50 anos de atividade percorremos praticamente quase todo o Brasil. Apenas os Estados do Acre, Amapá, Rondônia, Roraima, Tocantins e Espírito Santo ainda não foram sede de nossos conclaves. Os sócios têm a esperança de que nos próximos anos as reuniões sejam realizadas nestes Estados, apesar de estes Estados serem jovens, na maioria dos casos.

Podemos sem dúvida afirmar que a Sociedade Botânica do Brasil conseguiu atingir todas as metas propostas por seus fundadores, nestes 50 anos de atividade ininterrupta.

A título de ilustração, são apresentadas a seguir algumas fotos de Congressos Nacionais de Botânica (décadas de 1960 e 1970).



Figura 1 – Sessão de instalação do XV Congresso Nacional de Botânica (Porto Alegre, 1964): Mário G. Ferri, Berta L. de Morretes, Maria Henriqueta Homrich, Manoel Ventura e outros



Figura 2 – Sessão Técnica durante o XIX Congresso Nacional de Botânica (Fortaleza, 1968): Alfredo G. Ferreira, Dárdano de A. Lima e Berta L. de Morretes



Figura 3 – Sessão Técnica durante o XXI Congresso Nacional de Botânica (João Pessoa, 1970): Maria das Graças L. Wanderley, Clóvis Ferraz de Oliveira Santos e Neyte de Oliveira Sieghoski



Figura 4 – Grupo de congressistas no XXIII Congresso Nacional de Botânica (Garanhuns, 1972): Marly Vicente, Berta L. de Morretes, Geraldo Mariz e outros

CAPÍTULO 4

AS SESSÕES TÉCNICAS NOS CONGRESSOS NACIONAIS DE BOTÂNICA: 50 ANOS EM CONSTANTE EVOLUÇÃO

Graziela Maciel Barroso
Jardim Botânico do Rio de Janeiro
e
Ariane Luna Peixoto[1]
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

> Mais do que nunca, é preciso tomar consciência da nossa história, da nossa cultura – principalmente da nossa língua – pois são eles o nosso maior patrimônio. Mais do que merecer, os nossos valores precisam ser preservados[2].

Na primeira metade do século XX os botânicos brasileiros trabalhavam predominantemente em grupos de pesquisas de poucos integrantes ou mesmo, algumas vezes, solitariamente. Os herbários e os laboratórios eram os locais de trabalho e de encontros esporádicos com outros cientistas para compartilhar e discutir idéias. As expedições de campo também eram momentos especiais, não só para a busca de dados, como para a troca de informação sobre as pesquisas realizadas pelos diferentes grupos. Camillo Torrend, José Badini, Mello Barreto, Carlos Stellfeld, Vasconcelos Sobrinho, Karl Arens, Neves Armond, Ernest Ule, Jaques Huber, Adolpho Ducke, Carlos F. Hoehne, João G. Kuhlmann, Liberato J. Barroso, Alberto J. Sampaio, Chaves Batista, A. C. Brade, Arruda Câmara, Berta Lutz, Osvaldo C. Peckolt, F. G. Brieger, Coaracy Franco, Moysés Kramer, entre muitos outros, são representantes desta importante fase da Botânica brasileira.

A primeira Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada em 1938 no Rio de Janeiro, reuniu, pela primeira vez, no Brasil, cientistas que lidavam com Botânica, em um congresso científico. A iniciativa tomada por Paulo Campos Porto, diretor do Instituto de Biologia Vegetal (do qual o Jardim Botânico do Rio de Janeiro fazia parte), Alberto Castellanos, do Museu de História Natural (Buenos Aires) e Fernando Rosa Mato, do Museu de História Natural (Montevideo), tinha a finalidade de "congregar os esforços dos botânicos do continente no melhor conhecimento de sua

---

[1] Bolsista do CNPq

[2] G. M. Barroso, Congresso Nacional de Botânica, 1998.

flora, bem como dos demais aspectos das ciências biológicas a ela relacionados" (Porto *et al.*, 1938). Compareceram ao evento 236 cientistas, sendo 134 do Brasil e 122 do exterior. Além de sessões plenárias, com conferências, apresentação e discussão de propostas, ocorridas no Palácio Tiradentes, foram realizadas, no Jardim Botânico e no Museu Nacional, 8 Sessões Técnicas para exposição e discussão de 130 trabalhos científicos: Botânica Sistemática (Criptógamos), com 21 trabalhos apresentados; Botânica Sistemática (Fanerógamos), com 17 trabalhos; Microbiologia, com 6; Morfologia, com 9; Fisiologia, com 8; Genética, com 6; Geobotânica, com 21; Botânica Aplicada, com 35. Foram realizadas também expedições científicas, quando os congressistas foram hóspedes da prefeitura de Petrópolis, "que os cumulou de gentilezas", e "teve lugar uma excursão à restinga de Cabo Frio, sendo a viagem feita em litorinas especialmente postas à disposição dos congressistas pelo Governo do Estado" (Porto *et al.*, 1938). Ao entardecer do dia 15, os congressistas foram recebidos no Jardim Botânico, junto à residência do Diretor, quando houve uma apresentação da orquestra e do corpo de baile do Teatro Municipal, além de números de música típica brasileira. O primeiro volume dos Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica (Porto *et al.*, 1938) ilustra com fotos vários momentos deste evento.

Na década de 40, a criação de uma sociedade que congregasse os estudiosos da Botânica era um dos principais anseios dos botânicos brasileiros (Peixoto & Barbosa, 1998). "A idéia de se fundar uma sociedade com a finalidade de se discutir assuntos ligados à pesquisa, de se formar um ambiente onde se divulgassem trabalhos científicos e se pudessem trocar opiniões e se desenvolver mais estudos referentes à Botânica, foi uma das bandeiras de Honório Monteiro Filho que teve em Milanez, Kuhlmann e Luiz Emygdio a melhor acolhida. A idéia foi aceita, com entusiasmo por toda comunidade de especialistas ligados ao assunto nos diversos pontos do Brasil. A necessidade de se criar espaços para discussão das pesquisas em andamento, das novas descobertas, para conhecer botânicos jovens que eram formados predominantemente nas escolas de Agronomia e Farmácia era evidente" (Barroso, 1999). A iniciativa, entretanto, só começou a tomar vulto em 1948, durante a 2ª Reunião Sul-Americana de Botânica, realizada em Tucumán, Argentina. A este conclave compareceram os mais eminentes cientistas da época, dentre os quais 15 brasileiros (a maior delegação, depois da Argentina) que aproveitando a oportunidade do encontro, discutiram e estabeleceram as bases para a criação da Sociedade Botânica do Brasil (Peixoto, 1999).

Um outro fato importante, que veio reforçar a idéia já nascida no seio de botânicos brasileiros, foi a fundação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948, por iniciativa de Maurício Rocha e Silva, Wilson Teixeira Beraldo, Gastão Rosenfeld e José Reis. A SBPC tinha, como seu principio básico, a defesa de um desenvolvimento científico, tecnológico e cultural adequado às reais necessidades do país. As discussões entre cientistas de diferentes formações e que

atuavam em diferentes áreas do conhecimento, na recém-criada SBPC, fomentavam e criavam ambiente propício para discussões entre cientistas da mesma área de conhecimento ou de áreas de conhecimento correlatas, deixando à mostra a necessidade de somar esforços na defesa de uma política científica nacional.

Os botânicos João Geraldo Kuhlmann, Felix Rawitscher, Felisberto de Camargo, João Vasconcelos Sobrinho, Fernando Romano Milanez, Ahmés Pinto Viegas e Paulo de Tarso Alvim elaboraram um projeto de estatuto para a SBB, que foi impresso na Universidade Federal de Viçosa (então Escola de Agronomia de Viçosa) e distribuído aos cientistas da época. Alguns meses depois, nos dias 9 e 10 de janeiro de 1950, reuniram-se, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (então Universidade Rural), cientistas de diversos estados do Brasil, com o intuito de fundar a Sociedade Botânica do Brasil (SBB), cuja finalidade principal era a de promover e incentivar, no país, o estudo da Botânica nos seus variados aspectos e especialidades. Nessa reunião o estatuto foi discutido e aprovado, bem como foi eleita a primeira diretoria.

À reunião de fundação da SBB compareceram o Ministro de Agricultura, Dr. Daniel de Carvalho, o delegado do Brasil na UNESCO, Dr. Paulo Carneiro, bem como outras autoridades políticas e científicas. A notícia da criação da Sociedade, seus trabalhos iniciais e o primeiro encontro anual de botânicos foi noticiada, com destaque, pelo Jornal do Brasil de 15.01.1950, em matéria assinada por O. Frota Pessoa (fig. 1) e pelo Jornal do Commercio de 13 e 14.02.1950, que publicou a ata da sessão de encerramento dessa primeira reunião e o resumo dos trabalhos científicos apresentados. A Gazeta de Notícias de 17.01.1950 noticiou: "A Sociedade Botânica do Brasil foi instalada no dia 10 do corrente na Universidade Rural". Neste mesmo dia, às 14 horas, iniciaram-se as Sessões Técnicas, que se estenderem pelos dias 11 e 12, quando usaram da palavra Paulo de T. Alvim e Alarich Schultz (com 2 comunicações), Karl Arens (com 3 comunicações), Luiz Emygdio de Mello Filho, Mário G. Ferri, Oswaldo Bastos de Menezes (2 comunicações), Honório Monteiro Filho e Félix Rawitscher. Heitor Grillo, Presidente do evento, leu três comunicações de cientistas que não puderam comparecer ao evento: uma de Nelson Resende, da Yale University, e duas de Alcides Teixeira e Walter Bruno" (quadro 1). "Encerradas as sessões científicas, que constituíram a primeira parte da Reunião Inaugural da Sociedade, tiveram início as excursões" (Jornal do Commercio, 13.02.1950). A primeira foi à região de Mazomba, município de Itaguaí, e a segunda nos arredores da Universidade Rural, quando foi oferecido, pelo prefeito local, um churrasco aos cientistas presentes à Reunião. Na sessão de encerramento falou o Dr. Paulo Carneiro, delegado do Brasil junto à UNESCO, que destacou a necessidade da criação do Instituto da Hiléia Amazônica. Adir Guimarães propôs uma homenagem a Adolfo Ducke, que estava se retirando oficialmente da vida profissional. Honório Monteiro comunicou o falecimento de Liberato Joaquim Barroso, sendo a ele prestada uma homenagem pela recém-criada Sociedade.



A Mesa que presidiu os trabalhos de fundação da Sociedade Botânica do Brasil, quando falava o prof. Felix Rawitscher. Da esquerda para a direita: prof. A. Schultz (Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul), Paulo Alvim (Escola de Agronomia da Vitoria), F. Milanez (Jardim Botânico do Rio), Abilio Franco (diretor da Escola de Agronomia da Universidade Rural), J. G. Kuhlmann (diretor do Jardim Botânico), F. Rawitscher (Faculdade de Filosofia de São Paulo) e A. C. Brade (Jardim Botânico)

A CIENCIA EM MARCHA

FUNDADA A SOCIEDADE BOTANICA DO BRASIL

No dia 9 do corrente reuniram-se na Universidade Rural cientistas de diversos Estados para fundarem a Sociedade Botanica do Brasil. E' esta a primeira associação do país que congrega os que se dedicam ao estudo dos vegetais sob qualquer aspecto, e os que, de qualquer modo, se interessam pelo progresso da Botanica.

Estiveram presentes cientistas do Jardim Botanico do Rio, do Museu Nacional, da Faculdade Nacional de Filosofia, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica de varios institutos subordinados ao Ministerio da Agricultura, das Faculdades de Filosofia e Ciencias de São Paulo e Porto Alegre, da Escola de Agronomia da Vicosa, da Escola de Agronomia de Recife, e da propria Universidade Rural.

A DIRETORIA E O CONSELHO

A diretoria eleita ficou assim constituida: Presidente, Prof. Heitor Grillo, da U. Rural; vice-presidente, Dr. J. G. Kuhlmann, diretor do Jardim Botanico do Rio; 1º Secretario, Prof. Honorio Monteiro, da U. Rural; 2º Secretario, Prof. Luiz Emidio de Melo Filho, chefe da Secção de Botanica do Museu Nacional; Tesoureiro, Cel. Adir Guimarães, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica; Editor da Revista, Prof. Fernando Milanez, do Jardim Botanico.

Os Conselheiros foram eleitos: Dr. A. C. Brade, do Jardim Botanico do Rio; Dr. Alvaro Barcellos Fagundes, da U. Rural; Prof. F. Rawitscher, da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras de São Paulo; Prof. Brieger, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de Piracicaba; Prof. P. Alvim, da Escola de Agronomia de Viçosa (Minas); Prof. A. Schultz, da Faculdade de Filosofia de Porto Alegre; e Prof. Vasconcellos Sobrinho, da Escola de Agronomia de Recife.

Com esse grupo de botanicos tão representativo é de prever-se um futuro cheio de realizações para a nova S. B. B.

AS COMUNICAÇÕES

Após a discussão e aprovação dos estatutos da Sociedade e da eleição da primeira diretoria, desenrolaram-se, durante a semana, as comunicações cientificas que tornaram esse conclave, além da reunião de fundação da nova Sociedade, o seu primeiro Congresso cientifico.

No dia 10, o Prof. P. Alvim fez um comunicado sobre uma doença das piteiras (Agave) que ele comprovou ser devida á carencia de magnésio no solo; e o Prof. A. Schultz fez um relato das atividades em que tomou parte na 2ª Reunião Sul-Americana de Botanica, realizada em Tucumán (Argentina), exibindo projeções coloridas. No dia 11 seguiram-se as apresentações de trabalhos, tendo falado os Profs. Raveliano Ferri (Fac. Filosofia de São Paulo) Arens (Fac. Nac. de Filosofia) Bruns (Viçosa) e Bastos Menezes (U. Rural).

No dia 12 os congressistas fizeram uma excursão botanica ao Municipio de Itaguaí, onde está sediada a Universidade Rural, tendo-lhes sido oferecido um churrasco pelo sr. Prefeito de Itaguaí.

No dia 13 realizou-se outra excursão, desta vez ao Horto Florestal no quilometro 51 da Estrada Rio São Paulo.

O encerramento dos trabalhos será marcado para amanhã, às 15 horas, no Ministerio da Agricultura, sendo que a Associação dos Antigos Estudantes nos Estados Unidos (Alumni), da qual fazem parte muitos dos congressistas, oferecer-lhes-á uma recepção no Instituto Brasil-Estados Unidos, para a qual estão convidados todos os participantes da 1ª Reunião da Sociedade Botanica do Brasil.

"CIENCIA E' PODER"

Na inauguração do presente Congresso, o Professor Felix Rawitscher proferiu uma oração em que definiu os objetivos da S. B. B. e mostrou a influencia decisiva, que terá no progresso da botanica brasileira. Todos os países, disse o professor Rawitscher, têm uma sociedade de botanica. O nosso, contando com um corpo de botanicos ilustres, não podia mais dispensar a sua, para congregá-los. A ciencia aplicada não pode florescer sem base na ciencia pura. Ciencia é poder. Unidos, poderemos fazer ouvir nossa opinião a respeito dos relevantes problemas tecnicos relacionados com os vegetais. Nossa sociedade será certamente acatada pelo governo, visto serem nossos pareceres ditados por sentimentos abnegados. Teremos de conseguir, não tanto recursos economicos, mas, principalmente, compreensão.

O FUTURO E O PASSADO

Se a nova entidade desenvolver suas atividades futuras com a energia que dela se espera, benefícios realmente relevantes advirão para a ciencia das plantas. De fato, nosso ambiente botanico se tem caracterizado, ha 11 anos, por estagnamento que não corresponde ao valor dos cientistas que se dedicam entre nós a este setor.

E' bem verdade que continuaram sua produção valiosa os botanicos, daqui ou dali; mas isso individualmente, sem que nenhuma vez se tenham encontrado com o proposito oficial de intercambiar experiencia, e discutir problemas.

Certamente conseguirá a Sociedade Botanica do Brasil repetir, dentro em breve, congressos do brilho do que se realizou no Rio em 1938 sob o nome de 1ª Reunião Sul Americana de Botanica, por iniciativa de Candidos Portio, e que foi a maior acontecimento deste tipo em toda a historia brasileira.

RECORDANDO

Naquela Reunião, inaugurada com enorme brilho no Palacio Tiradentes, estiveram presentes representantes de 21 nações, inclusive Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos, Holanda, Hungria, Inglaterra, Suiça, Suiça, Romania e Japão, além dos sul-americanos. Eram ao todo 200 congressistas. Foram apresentados 114 trabalhos assim distribuidos: Botanica Sistematica (Criptogamos) — 13; Botanica Sistematica (Fanerogamos) — 20; Microbiologia — 6; Morfologia — 10; Fisiologia — 8; Genética — 8; Geobotanica — 22; Botanica Aplicada — 32.

Além do longo trabalho de exposição e critica dos trabalhos apresentados, realizado no seio das respectivas comissões, os congressistas realizaram ainda uma visita ao Jardim Botanico naquela ocasião primorosamente cuidado), que foi considerado por muitos dos estrangeiros como o mais belo do mundo, uma excursão a Petropolis e outra á restinga de Cabo Frio, visitas ao Museu Nacional, colocação de uma placa de bronze no monumento de Barbosa Rodrigues pela Delegação Uruguaia, e garden-party na residencia do Diretor do Jardim Botanico. Todos os trabalhos foram publicados nos "Anais da 1ª Reunião Sul-Americana de Botanica", em 3 volumes perfazendo mais de mil paginas. O extraordinario sucesso da 1ª Reunião Sul-Americana de Botanica, tanto no aspecto tecnico como no social, foi devido ao grande tino administrativo de Campos Porto, então diretor do Jardim.

Auguramos para a Sociedade Botanica do Brasil vida longa e continuada de realizações como aquela.

BIBLIOGRAPHIA

Dusenia — Publicatio Periodica de Scientia Naturali Vol. 1, Fasc. 1. Curityba, janeiro de 1950. Editor J. G. Hertel (Av. Visconde Machado, 1466. Curityba, Paraná).

Curityba, em materia de sciencia, é a terra dos milagres. Mais uma prova é Dusenia, revista de ciencias naturais, que sem ha de apparecer, sem nenhum auxilio official, como resultado do idealismo e capacidade de realização deste jovem botanico do Museu Paranaense, J. G. Hertel.

O nome é dado em homenagem a Pér Karl Hjalmar Dusén, grande botanico sueco, autor de muitos trabalhos até hoje realizado sobre as plantas do Extremo Sul, falecido em 1926. Deixou publicados 63 trabalhos scientificos e ricas colecções de plantas recolhidas hoje aos Museus nacionais e estrangeiros.

O 1º fasciculo de Dusenia traz em 80 paginas os seguintes trabalhos: Bio-bibliografia de Dusén, Klobusitzky, "Principios coagulantes e anti-coagulantes nos venenos de serpentes"; M. Correra "Uma nova especie de *Glaphiropoa* da zona do canal do Panamá"; Lane "Nectocycloi *Ctenoplatinae*"; Moure "Notas sobre alguns *Melipontinae* bolivianos".

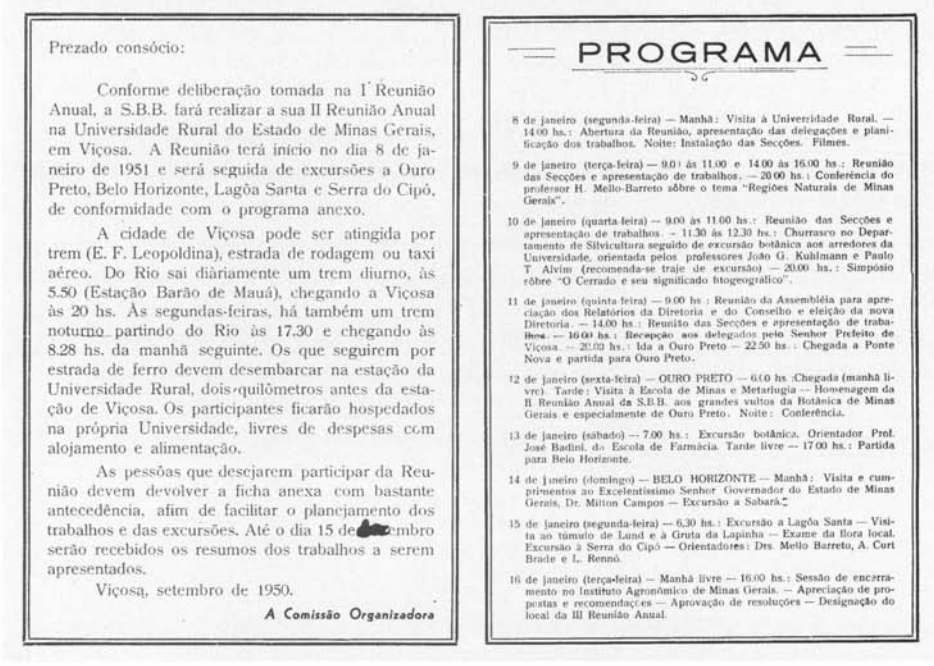
O. Frota Pessoa

Figura 1 – Matéria assinada por O. Frota Pessoa sobre a recém-criada Sociedade Botânica do Brasil, publicada no Jornal do Brasil de 15 de janeiro de 1950, encabeçada por fotografia da mesa que presidiu os trabalhos da sessão de fundação da Sociedade, ocorrida na Universidade Rural, Itaguaí-RJ. (da esquerda para a direita: A. Schultz, P. Alvim, F. Milanez, A. Franco, J. G. Kuhlmann, F. Rawitscher e A. C. Brade). Fonte: Arquivos da UFRRJ.

Quadro 1. Comunicações científicas apresentadas durante a reunião inaugural (1ª Reunião Anual) da Sociedade Botânica do Brasil, realizada na Universidade Rural (hoje Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), Itaguaí-RJ, de 9 a 15 de janeiro de 1950.

Autores	Título das comunicações orais apresentadas
Paulo de Tarso Alvim	Sintomas de deficiência mineral em *Agave sisalana*
Alarich Schultz	Relato da II Reunião Sul Americana de Botânica, realizada em Tucumán, Argentina (com projeções coloridas)
Karl Arens	Estudo anatômico da semente de "ucuúba" com a finalidade de obter elementos para sua utilização em tortas e farelos
Karl Arens	Alguns dados sobre a formação e a influência do solo florestal
Karl Arens	Oscilações diurnas da concentração osmótica nas duas faces da folha de *Elodea*
Alarich Schultz	Projeto de terminologia das madeiras do Brasil
Luiz Emygdio de Mello Filho	Uma espécie de *Fuchsia* nova para o Brasil: *Fuchsia magellanica* Lam.
Mário Guimarães Ferri e Lucia V. de Camargo	Influência de fito-hormônios nos movimentos das articulações das folhas do feijão
Osvaldo Bastos de Menezes	Hibridação natural em Guando
Osvaldo Bastos de Menezes	Translocação cromossômica espontânea em milho brasileiro
Nilton de Resende (apresentada por Heitor Grillo)	Plantas fontes de matéria prima para a produção comercial de cortisone
Alcides Ribeiro Teixeira	Uma nova espécie do gênero *Peronomectria*
Walter Bruno	Tentativa de classificação sistemática do gênero *Brassica*
Walter Bruno	Nova bomba para arejamento em soluções nutritivas
Honório da Costa Monteiro Filho	Novo sistema de projeção para facilitar a apresentação do próprio material botânico, em projetor Leitz
Félix Rawitscher	Climas de florestas e savanas tropicais

A 2ª Reunião Anual da SBB, realizada em Minas Gerais, em janeiro de 1951, teve início em Viçosa (fig. 2). O jornal Folha de Minas, de13.01.1951, noticiou: "Foram apresentadas, em Viçosa, 32 teses científicas" (fig. 3 e 4). No dia 8 realizaram-se as sessões de Sistemática e Paleobotânica, com 4 trabalhos e uma sessão de projeções; no dia 9 as sessões de Fitogeografia e Ecologia, com 3 trabalhos, Fitopatologia com 4 e Fisiologia Vegetal com 9, além de uma conferência sobre Palebotânica; no dia 10 a sessão de Botânica Geral e Aplicada, com 6 trabalhos e no dia 11 uma Assembléia Geral (quadro 2). De 12 a 16 os congressistas estiveram em expedição a Ouro Preto, Serra do Cipó e Lagoa Santa. Em Ouro Preto, foram recebidos pelo Ministro da Educação, Pedro Calmon, ocasião em que houve uma homenagem aos grandes vultos da Botânica mineira. No dia 17, em Belo Horizonte, realizou-se um Simpósio sobre os Cerrados, que contou com 3 conferências, e a sessão de encerramento, onde foram lidos dois trabalhos de autores ausentes ao evento. Nesta sessão foi proposta a criação de um espaço propício ao intercâmbio de separatas entre os cientistas.



Prezado consócio:

Conforme deliberação tomada na 1ª Reunião Anual, a S.B.B. fará realizar a sua II Reunião Anual na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, em Viçosa. A Reunião terá início no dia 8 de janeiro de 1951 e será seguida de excursões a Ouro Preto, Belo Horizonte, Lagôa Santa e Serra do Cipó, de conformidade com o programa anexo.

A cidade de Viçosa pode ser atingida por trem (E. F. Leopoldina), estrada de rodagem ou taxi aéreo. Do Rio sai diàriamente um trem diurno, às 5.50 (Estação Barão de Mauá), chegando a Viçosa às 20 hs. Às segundas-feiras, há também um trem noturno partindo do Rio às 17.30 e chegando às 8.28 hs. da manhã seguinte. Os que seguirem por estrada de ferro devem desembarcar na estação da Universidade Rural, dois quilômetros antes da estação de Viçosa. Os participantes ficarão hospedados na própria Universidade, livres de despesas com alojamento e alimentação.

As pessôas que desejarem participar da Reunião devem devolver a ficha anexa com bastante antecedência, afim de facilitar o planejamento dos trabalhos e das excursões. Até o dia 15 de [illegible]embro serão recebidos os resumos dos trabalhos a serem apresentados.

Viçosa, setembro de 1950.

A Comissão Organizadora

PROGRAMA

8 de janeiro (segunda-feira) — Manhã: Visita à Universidade Rural. — 14.00 hs.: Abertura da Reunião, apresentação das delegações e planificação dos trabalhos. Noite: Instalação das Secções. Filmes.

9 de janeiro (terça-feira) — 9.0) às 11.00 e 14.00 às 16.00 hs.: Reunião das Secções e apresentação de trabalhos. — 20.00 hs.: Conferência do professor H. Mello-Barreto sôbre o tema "Regiões Naturais de Minas Gerais".

10 de janeiro (quarta-feira) — 9.00 às 11.00 hs.: Reunião das Secções e apresentação de trabalhos. - 11.30 às 12.30 hs.: Churrasco no Departamento de Silvicultura seguido de excursão botânica aos arredores da Universidade, orientada pelos professores João G. Kuhlmann e Paulo T. Alvim (recomenda-se traje de excursão) — 20.00 hs.: Simpósio sôbre "O Cerrado e seu significado fitogeográfico".

11 de janeiro (quinta-feira) — 9.00 hs.: Reunião da Assembléia para apreciação dos Relatórios da Diretoria e do Conselho e eleição da nova Diretoria. — 14.00 hs.: Reunião das Secções e apresentação de trabalhos. — 16.00 hs.: Recepção aos delegados pelo Senhor Prefeito de Viçosa. — 20.00 hs.: Ida a Ouro Preto — 22.50 hs.: Chegada a Ponte Nova e partida para Ouro Preto.

12 de janeiro (sexta-feira) — OURO PRETO — 6.0 hs. :Chegada (manhã livre). Tarde: Visita à Escola de Minas e Metalurgia — Homenagem da II Reunião Anual da S.B.B. aos grandes vultos da Botânica de Minas Gerais e especialmente de Ouro Preto. Noite: Conferência.

13 de janeiro (sábado) — 7.00 hs.: Excursão botânica. Orientador Prof. José Badini, da Escola de Farmácia. Tarde livre — 17.00 hs.: Partida para Belo Horizonte.

14 de janeiro (domingo) — BELO HORIZONTE — Manhã: Visita e cumprimentos ao Excelentíssimo Senhor Governador do Estado de Minas Gerais, Dr. Milton Campos — Excursão a Sabará.

15 de janeiro (segunda-feira) — 6.30 hs.: Excursão a Lagôa Santa — Visita ao túmulo de Lund e à Gruta da Lapinha — Exame da flora local. Excursão à Serra do Cipó — Orientadores: Drs. Mello Barreto, A. Curt Brade e L. Rennó.

16 de janeiro (terça-feira) — Manhã livre — 16.00 hs.: Sessão de encerramento no Instituto Agronômico de Minas Gerais. — Apreciação de propostas e recomendações — Aprovação de resoluções — Designação do local da III Reunião Anual.

Figura 2 – Carta-convite e Programa da 2ª Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil, com atividades em Viçosa, Ouro Preto e Belo Horizonte-MG. Fonte: Arquivos da UFRRJ.

Chegaram ontem á capital os botânicos brasileiros

Encerrarão aqui, no proximo dia 17, os trabalhos da II Reunião Anual da Sociedade de Botanica do Brasil — Nada menos de 34 trabalhos originais foram apresentados durante o conclave — Declarações do professor Heitor Grilo

Chegaram ontem a esta Capital, conforme foi anunciado, os 50 botanicos brasileiros que participam da "II Reunião Anual da Sociedade de Botanica do Brasil".

Os cientistas viajaram feito expresso de Ponte Nova e chegaram a Belo Horizonte ás 23,30 horas de ontem, procedentes de Ouro Preto, onde realizaram diversas conferencias sobre botanica e tambem promoveram significativas homenagens aos seguintes grandes botanicos brasileiros que ali residiram. Carlos Augusto Guilherme Sshwach — Leonidas Botelho Damásio — Alvaro Astolfo da Silveira — Jacinto Bruno de Godoy — Francisco de Paula Magalhães Gomes, Alfredo Teixeira Baeta Neves e Henrique Carlos Magalhães Gomes.

O CONCLAVE

Participam do importante conclave que se realiza atualmente em nosso Estado, grandes cientistas de São Paulo — Rio Grande do Sul — Rio de Janeiro — Pará — Pernambuco — Minas e outros Estados do Brasil. A reunião está sendo patrocinada pela Universidade Rural de Minas Gerais, sendo responsaveis por sua organização os professores: Paulo T. Alvim, como presidente da Comissão Organizadora, e Joaquim Fernandes Braga — Americo Groszman — José Soares Gouvêa e Lair René, como organizadores dos trabalhos a serem realizados em Belo Horizonte.

O conclave foi iniciado em Viçosa, no dia 8 do corrente e deverá ser encerrado aqui em Belo Horizonte, no proximo dia 17, depois de uma interessante excursão cientifica a Lagoa Santa e á Serra do Cipó.

CHEGAM OS CIENTISTAS A BELO HORIZONTE

A fim de receber os botanicos participantes da "II Reunião Anual da Sociedade de Botanica do Brasil", compareceram á estação da Central, além de jornalistas e outras pessoas gradas, o dr. Joaquim Fernandes Braga, Reitor da Universidade Rural de Minas Gerais, e dr. Americo Groszman, diretor do Instituto Agronômico.

Abordado por nossa reportagem, logo apo's o desembarque o professor Heitor Grilo, presidente da Sociedade Brasileira de Botanica, mostrou-se otimamente impressionado com os resultados da reunião. Disse-nos que nada menos de 34 trabalhos originais foram apresentados e que a 3a. reunião deverá ser realizada na cidade de Campinas, em São Paulo.

O PROGRAMA PARA BELO HORIZONTE

E' o seguinte o programa organizado para Belo Horizonte:

14 de janeiro — Manhã livre — Missa na Igreja de São José na Afonso Pena

10,00 — (Aos interessados) Visita ao herbario do Instituto Agronomico para observar as exicatas referentes ás plantas da Serra do Cipó.

14,00 — Viagem á Sabará — Museu do Ouro.

17.00 — Volta de Sabará

18,00 — Pampulha e outras visitas da cidade

20,30 — Cocktail dançante no Minas Tenis Clube, até as 24 horas

15 de janeiro — Segunda-feira

8,00 — Viagem para Lagoa Santa. Visita ao tumulo de Lund e Grutas

12,00 — Almoço

16 de janeiro — Terça-feira

Permanencia na Serra

15,00 Volta para Belo Horizonte

20,00 — Jantar no Hotel Financial

21,00 — Programa da Associação de Engenheiros Agronomos.

17 de janeiro — Quarta feira

8,00 — Visita ao Instituto Agronomico

12.00 — Almoço no Hotel Financial

15,00 — Plantão da Arvore de Amizade no Instituto Agronomico.

15,30 — Seção de encerramento

20,30 — Jantar da confraternização — Musica até as 24 horas.

Figura 3 – Notícia sobre a 2ª Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil, realizada em Viçosa, Ouro Preto e Belo Horizonte-MG, veiculada no jornal Folha de Minas, de 14 de janeiro de 1951. Fonte: Arquivos da UFRRJ.

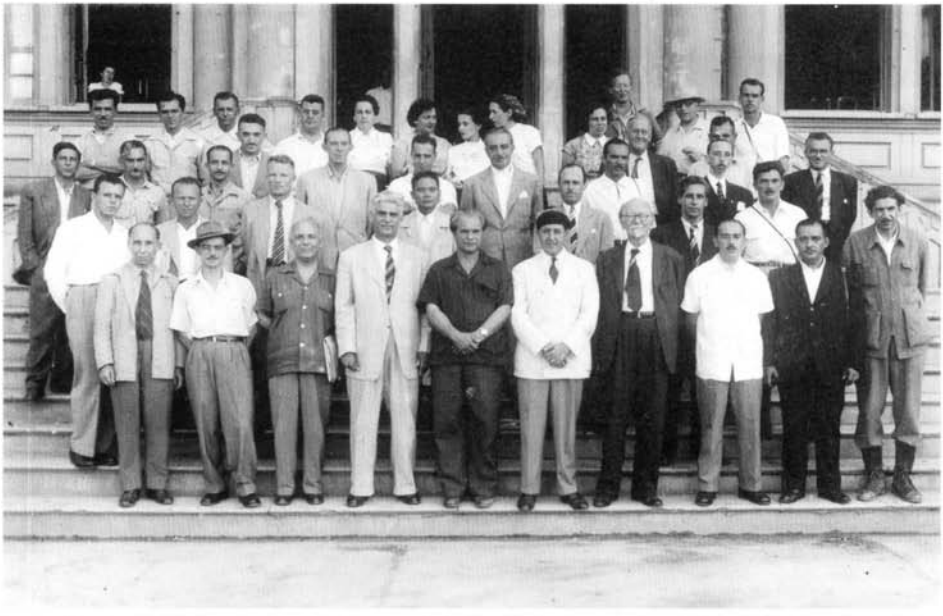


Figura 4 – Cientistas presentes à 2ª Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil, realizada em Viçosa, Ouro Preto e Belo Horizonte-MG, em janeiro de 1951. Fonte: Arquivos da UFRRJ.

Em janeiro de 1952, no Instituto Agronômico de Campinas, instalou-se o 3º Encontro Anual da SBB. O jornal A Gazeta, de 10.01.1952 (fig. 5), destaca, do relatório apresentado na sessão de abertura do evento: "O pequeno número de especialistas neste ramo das ciências naturais, a sua dispersão por uma extensa área geográfica e, porque não dizer, o acentuado desinteresse que se nota entre nós em relação às pesquisas básicas em geral, ainda não permitiram que a Sociedade Botânica do Brasil tomasse maior vulto. Mas é justamente pelas razões expostas que grande é a sua responsabilidade. Propugnar pela intensificação da pesquisa botânica em todos os seus ramos e pela melhoria do ensino de botânica desde os cursos secundários; promover o maior intercâmbio possível entre as instituições que se dedicam a este ramo da ciência e divulgar, de maneira mais ampla, os resultados das pesquisas botânicas constituem apenas algumas das atribuições dos nossos associados". Neste evento, além das comunicações científicas, cujos resumos foram publicados em um "livro" contendo 13 resumos, foram feitas três conferência noturnas (às 21 horas), proferidas por F. G. Brieger, Felix Rawitscher e Kurt Huek. Do dia 12 ao dia 15 foram realizadas expedições e visitas a hortos e estações experimentais e, no último dia do evento, uma visita à Usina de Açúcar Monte Alegre e à Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, onde ocorreu a sessão de encerramento.

Quadro 2. Comunicações científicas apresentadas durante a 2ª Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil, realizada na Universidade Federal de Viçosa (na época Universidade Rural do Estado de Minas), em Viçosa-MG e encerrando com o Simpósio sobre Cerrado, em Belo Horizonte, de 8 a 16 de janeiro de 1951.

Autores	Títulos das comunicações orais apresentadas
Dia 8, Sessão de Sistemática e Paleobotânica	
João Geraldo Kuhlmann	Sobre duas novas famílias botânicas
Aylthon Brandão Joly	Contribuição para o conhecimento da flora algológica marinha do estado do Paraná
Ida de Vatimo	Descrição da flor masculina de *Pilostyles calyandrae*
Luiz R. Rennó	Contribuição ao estudo dos dentritos de Minas Gerais
À noite, projeção sobre a Ilha de Trindade, por Luiz Emygdio de Mello Filho e Fernando Segadas Viana	
Dia 9, Sessões de Fitopatologia, Ecologia e Fisiologia Vegetal	
Alarich Schultz	Contribuição ao conhecimento das matas e árvores do Rio Grande do Sul
Dárdano de Andrade Lima	Notas sobre a dispersão de algumas espécies vegetais do Brasil
Geraldo M. Magalhães	Observações fitogeográficas numa excursão ao Vale do Rio Doce
Octávio Drummond	Estudo da etiologia da morte do Ficus em Belo Horizonte
Octávio Drummond e Rosa Villani	Uma espécie de *Mucor* causando podridão em manga
J. Alencar	Perna preta de batatinha
Bento Dantas	O lucro da pulverização na lavoura cacaueira
Berta Lange de Morretes	Absorção de vapor d'agua por filicineas vivas e mortas
Paulo de Tarso Alvim	Sôbre a influência do mesofilo clorofilado no movimento dos estômatos
Mário Guimarães Ferri	Inativação de fito-hormônios de crescimento
José da Cruz Paixão	Aspectos da aplicação de herbicidas em regiões tropicais
Paulo de Tarso Alvim e Fabio R. Gomes	Controle de ervas daninhas em campos de milho por pulverizações de solo com 2,4-D
Otto Andersen	Observações sobre o uso de fito-hormônios no enraizamento de *Ficus benjamina*
Moyses Kramer	A inibição do arroz preto e do arroz vermelho pelo 2,4-D
A. Groszmann	Manifestações de vigor híbrido, em soluções nutritivas, num cruzamento recíproco de milho
Bruno Graeflinger	Mutações fisiológicas – fatores de evolução
À noite, conferência: Plantas fósseis do Brasil, por Elias Dolianiti	
Dia 10: Sessões de Botânica Geral e Aplicada	
Fernando Romano MIlanez	Galactoplastos em *Hevea*
Karl Arens	Contribuição ao conhecimento dos pêlos glandulares de *Melinis minutiflora*
J. Souza Campos e Luiz Emygdio de Mello Filho	Curare e plantas curarizantes dos arredores do Rio de Janeiro
Honório da Costa Monteiro Filho	Teoria da posição dos ramos
Camillo A. Fonseca Filho	Guatambú (*Aspidosperma olivaceum* Muell. Arg.) para reflorestamento do Brasil
Karl Arens	Observações sobre a fluorescência de cera de carnaúba
À noite, simpósio sobre o cerrado, com as comunicações	
Felix Rawitscher	Variações anuais do nível do lençol subterrâneo de água em Emas, Pirassununga
Paulo de Tarso Alvim e W. A. Araújo	Observações ecológicas sobre a flora e o solo no percurso entre Lagoa Santa e Belo Horizonte
Felix Rawitscher	Sobre o problema de savanas e florestas

Instalou-se ontem a III Reunião da Sociedade Botanica do Brasil



A mesa que está presidindo a III Reunião Anual da Sociedade Botanica do Brasil.

Campinas, 10 (Sucursal de A GAZETA) — Perante grande numero de congressistas, de funcionarios tecnicos do Instituto Agronomico, de pessoas interessadas nos trabalhos e de representantes da imprensa, foi solenemente instalada, ontem, às 9 horas, a 3.a Reunião Anual da Sociedade Botanica do Brasil.

O ato realisou-se no salão de conferencias da Biblioteca do Instituto Agronomico, tendo tomado assento a mesa os diretores da Sociedade Botanico do Brasil, drs. Carlos Arnaldo Krug, presidente; Mario G. M. Ferri, vice-presidente da Faculdade de Filosofia, Ciencias e Letras de São Paulo; Coaraci Morais Franco, 1.o secretario, chefe da secção de Fisiologia Vegetal do Instituto Agronomico; Moisés Kramer, tesoureiro, do Instituto Biologico de São Paulo; Felix Rawalscher e Alarich R. Schultz, conselheiros.

Declarados abertos os trabalhos, o dr. Carlos A. Krug, presidente da mesa, pronunciou breve oração de boas-vindas aos congressistas, ao mesmo tempo que se congratulava com o Instituto Agronomico, pelo fato de estar hospedando uma pleiade de cultores ilustres da ciencia agronomica, num dos seus importantes ramos, que é a botanica.

Prosseguindo nos trabalhos, procedeu á leitura do relatorio da diretoria da Sociedade Botanica do Brasil, referente ao mandato de 1951. Desse documento, pela sua importancia e interesse, destacamos o seguinte topico: "O pequeno numero de especialistas nesse ramo das ciencias naturais, a sua dispersão por uma extensa area geografica e, porque não dizer, o acentuado desinteresse que se nota entre nós em relação ás pesquisas basicas em geral, ainda não permitiram que a Sociedade Botanica do Brasil tomasse maior vulto. Mas, é justamente pelas razões expostas que grande é a sua responsabilidade. Propugnar pela intensificação da pesquisa botanica em todos os seus ramos e pela melhoria do ensino da botanica desde os cursos secundarios; promover o maior intercambio possivel entre as instituições que se dedicam a esse ramo da ciencia e divulgar, de maneira a mais ampla, os resultados das pesquisas botanicas ~~consistem~~ apenas algumas das atribuições dos nossos associados. Somente no setor da botanica sistematica, imensas possibilidades oferece a nossa riquissima flora. Entretanto, o que presenciamos é desolador: os grandes vultos da nossa botanica vão desaparecendo, sem deixar uma grande e numerosa geração nova de sistematas e, ainda, a devastação da nossa flora continua de maneira a mais desenfreada, na constante conquista, pelo homem, de novas areas para cultivo, as quais, em geral mal aproveitadas, si tranaformam, ás vezes, rapidamente, em regiões quase inaproveitaveis. Nos outros setores da botanica denota-se, felizmente, algum progresso entre nós: assuntos de ecologia vegetal, de citologia e de anatomia, etc., vêm, entre outros, constituindo motivo de numerosas investigações em nossos Institutos; prova-o a relação de trabalhos a serem apresentados á presente reunião. Esperamos que a nossa Sociedade possa, no futuro, desempenhar um papel cada vez mais preponderante na ampliação e diversificação de todos os setores da pesquisa botanica entre nós".

Passou, depois a relatar as ocorrencias de maior vulto no ambito social da Sociedade, discorrendo ainda, sobre a questão do reflorestamento.

Após ligeiro intervalo, o dr. Alarich R. Schultz apresentou uma serie de projeções coloridas, comemorativas da reunião de Minas Gerais, nas quais foram focalisados interessantes aspectos de algumas cidades mineiras e, especialmente, da flora tipica dos cerrados de Lagoa Santa, naquele Estado.

Após essas projeções, foram encerrados os trabalhos da sessão preliminar, tendo o sr. presidente, de acordo com o programa, convocado os presentes para a 1.o Reunião de Comunicações, marcada para ás 14 horas, que foi presidida pelo Irmão Teodoro Luiz, F. S. C., e secretariada pelo dr. Ciro G. Teixeira.

Essa reunião, foi obedecido o seguinte programa: "Aplicação de hormonios em Lactuca sativa L." — Romeu Informato e Sebastião Alves; "Estudos de sistema radicular do algodoeiro, Gossypium sp" — Romeu Informato e Popillo Cavalleri; "A agua no solo e o sombreamento dos cafesais na America Central" — Coaraci M. Franco; "Contribuição para o conhecimento da absorção de agua em Nitella" — Karl Arens; "Um novo recurso para a tecnica histologia" — Jordano Manieiro; "Influencia do florescimento e frutificação sobre a produção de tuberculos de batatinha" — Olavo J. Boock.

REUNIÃO NOTURNA

A's 21 horas, o prof. F. G. Brieger fez uma conferencia sob o tema "Aspectos modernos da teoria da evolução".

Figura 5 – Notícia, veiculada no jornal A Gazeta (10 de janeiro de 1952), sobre a 3ª Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil, realizada em Campinas-SP, encabeçada pela mesa que presidiu a sessão de instalação. (da esquerda para a direita: C. A. Krug, Coaraci M. Franco, M. G. Ferri, M. Kramer, A. Schultz, F. Rawitscher). Fonte: Arquivos da UFRRJ.

"Todos os anos ao chegar o mês de janeiro era a mesma preocupação dos sócios da SBB, nos preparativos para comparecer ao congresso da sociedade, que se realizava, cada ano, numa cidade brasileira diferente (fig. 6, 7, 8). Sempre o mesmo



Figura 6 – Cientistas presentes à 4ª Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil, realizada em Recife-PE, em janeiro de 1992. Fonte: Arquivos da UFRRJ.

grupo inicial, a ele juntando-se jovens botânicos, todos ávidos para apresentar e discutir novos caminhos para a Botânica, de modo que nada quebrava a harmonia desses encontros" (Barroso, 1999). Dois campos, especialmente, animavam os botânicos a comparecerem anualmente aos congressos: as Sessões Técnicas, nas quais os trabalhos científicos recém-elaborados eram expostos e debatidos, e as expedições para conhecimento das diferentes fitofisionomias e floras deste vasto país tropical. As localidades a serem visitadas eram motivos de discussão no ano anterior, o que fazia crescer a expectativa do encontro de uma flora ainda desconhecida e inominada. A contribuição da SBB, especialmente de seus congressos itinerantes, da troca de experiência entre cientistas de vários pontos do país, reunidos em expedições de campo, para o desenvolvimento de uma fitogeografia genuinamente brasileira, ainda não foi convenientemente dimensionada, mas certamente é grande.



Figura 7 – Mesa diretiva de parte dos trabalhos do 19º Congresso Nacional de Botânica, realizado em Fortaleza-CE, em janeiro de 1968. Fonte: Arquivos da UFRRJ.



Figura 8 – Cientistas presentes ao 26º Congresso Nacional de Botânica, realizado no Rio de Janeiro-RJ, em janeiro de 1975 – (M. Emmerich, L. E. de Mello Filho, E.F. Guimarães, D. Sucre, A. Fernandes, J. P. P. Carauta, J. da C. Sacco e J. A. Rizzo). Fonte: Arquivos da UFRRJ.

Nos congressos, os trabalhos científicos eram apresentados oralmente, em dois ou três dias, de 9 às 12 horas e de 14 às 16 horas, com duração variada para a exposição e para o debate. A apresentação e os debates eram dirigidos e cronometrados por um Presidente de sessão ajudado por um Vice-Presidente e um Secretário, designados previamente. "Era uma distinção que dava uma certa importância a quem dirigisse os trabalhos" (Barroso, 1999).

A organização dos congressos da SBB permaneceu de forma muito similar por toda a década de 50 e 60. Valorizava-se muito a exposição e o debate sobre os trabalhos. As discussões eram por vezes calorosas. Os presentes levavam de volta para seus laboratórios os desafios (hipóteses) e, muitas vezes, dúvidas ali nascidas e, com freqüência, voltavam ao tema, no ano seguinte. As sessões técnicas, de modo geral, tinham as discussões dominadas pelos mais experientes, que livremente trocavam opiniões entre si e com o expositor. Nesta fase da Botânica brasileira, as críticas severas de vários botânicos, mas especialmente de Dárdano de Andrade Lima, Chaves Batista, Mário G. Ferri e Berta L. de Morretes, zelosos da formação de jovens botânicos, aos quais dirigiam predominantemente suas críticas, constituíam-se em

paradigmas. Não muito raro as críticas eram extensivas aos orientadores (catedráticos, nas Universidades e chefes de seção, nos Institutos de Pesquisa), quando muitas vezes eram entregues em forma de bilhetes.

Em Itabuna, em 1965, no 16º Congresso Nacional de Botânica, Paulo Alvim se aprimorou para receber os congressistas e houve festa sobre festa, com acarajés, vatapás e outras comidas apimentadas e quentes, além do leite com chocolate da Bahia, servido em bandejas a toda hora. A nota dessa reunião foi o empenho de todos os sistematas querendo identificar exemplares estéreis de uma arvoreta denominada "mata cacau" que estava prejudicando os cacaueiros novos. Nenhuma dica, nenhuma pista, por mais que se buscasse. Cada botânico contribuía com sua opinião, porém, todos afastados da realidade (Barroso, 1999). Saiu-se de Itabuna sem uma resposta à questão que tanto afetava a biologia dos cacauais e a economia local. Levando a questão para o laboratório e fazendo uma pesquisa acurada, Barroso (1968) reconheceu que a planta era uma Santalaceae do gênero *Acanthosyris*, parasita de raízes, descrita então como nova espécie (*Acanthosyris Paulo-alvinii* G. M. Barroso), nos Anais do 19º Congresso Nacional de Botânica. Este trabalho inicial, da classificação da espécie, levou a uma série de outros, produzidos em centros de pesquisa da Bahia e de outros estados brasileiros, especialmente no campo da Fisiologia e Fitopatologia.

As expedições científicas, como um prolongamento das sessões técnicas, eram ocasiões privilegiadas para discussões especialmente sobre flora e vegetação. Eram espaços bem utilizados pelos jovens, oriundos predominantemente das tradicionais escolas de agronomia, mas já, também biólogos oriundos dos cursos de história natural, que então, aproveitando-se de certa informalidade do campo, aproximavam-se dos mestres para pedir sugestões e tirar dúvidas. As expedições científicas, nas décadas de 50 e 60, ocupavam cerca de 1/3 do tempo do congressista e praticamente todos delas participavam. As conferências eram, de modo geral, realizadas à noite, quando as discussões se prolongavam, mesmo após o término do horário estabelecido. A SBB, através de seus congressos, funcionava, desde a sua criação, como um ponto de convergência para a Botânica brasileira, no seio da qual era possível discutir os problemas e avanços da ciência, em especial da Botânica, e apontar novos caminhos.

Em torno dos botânicos mais experientes, que mantinham o compromisso anual de no mês de janeiro participar dos Congressos Nacionais de Botânica, a Sociedade foi crescendo pela adesão de jovens. Em 1954 o congresso contou com 75 participantes e foram apresentados 27 trabalhos científicos; em 1964 contou com 148 participantes e 82 trabalhos foram apresentados.

Na década de 70, com o prestígio angariado pelos 20 anos anteriores de atuação, pela criação e/ou consolidação de Seções Regionais, entre outros, a SBB ocupava diversos espaços na comunidade científica e na sociedade civil. A diretoria da SBB, que também presidia os seus congressos, recebia as mais variadas sugestões

de temas a serem incluídos em seus congressos, de modelos organizacionais, de cientistas a serem convidados como palestrantes e outros mais. As diretorias reagiam de diferentes maneiras a estas demandas. Em 1975, por ocasião do 26º congresso, realizado na cidade do Rio de Janeiro (fig. 9), a diretoria informava: "Outro enfoque que se destaca neste encontro é a mudança na dinâmica de sua organização" (Reitz, 1974). Neste congresso as manhãs foram dedicadas a painéis, reunindo especialistas em temas correlatos, que apresentavam uma síntese do tema de sua especialidade e, ao final das apresentações abria-se a discussão com a plenária. As tardes foram dedicadas às chamadas sessões de temas livres, nas quais as comunicações científicas dos congressistas eram apresentadas. O tempo para excursão foi reduzido para um dia. Em outros congressos nessa década, além de excursões de um dia, foram feitas expedições maiores, em períodos imediatamente anteriores ou posteriores ao congresso.

Em 1977, no 28º Congresso Nacional de Botânica, realizado em Belo Horizonte, o regimento interno da SBB, preparado e discutido previamente pela diretoria, o conselho superior e um grupo de associados designados para esta missão, foi aprovado na assembléia geral. Entre outros temas, este regimento definia as atividades dos congressos em sessões plenárias solenes (de instalação e encerramento) e ordinárias; sessões técnicas ou científicas de temas livres e especiais; sessões de assembléia geral; excursões. É interessante reparar que a participação dos congressistas nos debates



Figura 9 – Presidente e Secretário de uma Sessão Técnica (Taxonomia de Fanerógamos) realizada durante o 42º Congresso Nacional de Botânica, Goiânia-GO, em janeiro de 1991. Fonte: Arquivos da UFRRJ.

das sessões de apresentações de trabalhos científicos e nas mesas redondas, simpósios e similares era não apenas estimulada, mas garantida e regulamentada por regimento (quadro 3). Nas apresentações de trabalhos científicos, o tempo para a comunicação e o debate não poderia ser inferior a 10 e 5 minutos, respectivamente; nas conferências, mesas redondas, simpósios e similares, com duração máxima de 3 horas, a parte expositiva não poderia ocupar mais do que a metade do tempo, destinando-se o restante do mesmo ao debate. Sabe-se que nunca foi fácil, para os Presidentes de Sessões, garantir esta disposição regimental. Frases com conotação autoritária incluídas no regimento como "durante a apresentação dos trabalhos não serão permitidos diálogos" retratam alguns problemas nascidos das discussões, algumas vezes calorosas, das sessões. Sabe-se, entretanto, que espaços para debates foram sempre fortemente defendidos pelo conjunto de associados nas décadas de 70 e de 80.

No final da década de 70 as apresentações de trabalhos científicos, nos congressos da SBB, podiam ser feitas de duas maneiras: em sessões de apresentação oral ou em sessões de apresentação em painel, à escolha do congressista. A apresentação de trabalhos científicos em painel seguia uma tendência nacional (já iniciada em congressos promovidos por sociedades científicas de outras áreas do conhecimento) e mundial. No Brasil, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a Sociedade Brasileira de Química e a Sociedade Botânica do Brasil, entre poucas outras, já eram sociedades amplamente reconhecidas e respeitadas nos campos da ciência e da política nacionais. A freqüência de cientistas e estudantes aos congressos promovidos por estas sociedades era expressiva. As propostas de simpósios, seminários e outros eventos paralelos aos congressos eram muitas, já ocupando, de modo geral, nos Congressos da SBB, todas as tardes da semana dedicada ao congresso. O número de trabalhos científicos apresentados era muito grande, não sendo possível comportá-los em sessões de apresentação oral, agora restritas às manhãs. As sessões de apresentação oral já haviam se multiplicado. De modo geral, em todas as manhãs dos cinco dias dedicados aos congressos, havia sessões dedicadas às comunicações de Taxonomia de Fanerógamos e Criptógamos, Morfologia/Anatomia/Fisiologia e Bioquímica, Ecologia/Fitogeografia e Conservação e Botânica Econômica e sessões em apenas um ou dois dias, dedicadas a outros temas. Eram comum, nas décadas de 70 e 80, deslocamentos individuais ou de grupos de congressistas, de um auditório para outro, na tentativa de conciliar o interesse em ouvir trabalhos distribuídos por diferentes sessões. Dos Presidentes de sessões era exigido, mais ainda, a manutenção do horário das apresentações, para se poder conciliar os interesses dos congressistas entre os diferentes auditórios nos quais os trabalhos estavam sendo apresentados. Havendo tanta opção de assuntos nos mesmos horários, era difícil um auditório permanecer com lotação completa, por toda a manhã, especialmente se a seqüência de trabalhos não era atrativa ou se as apresentações não fossem de boa qualidade. Havia muita mobilidade de cientistas e estudantes entre os diferentes auditórios, que se esvaziavam e se superlotavam em poucos minutos,

Quadro 3. Artigos 20 a 24 do Regimento Interno da Sociedade Botânica do Brasil, aprovado em janeiro de 1977, em Belo Horizonte-MG.

Artigo 20. As atividades do Congresso serão desenvolvidas em:

I. sessões plenárias a) solenes de instalação e encerramento e b) ordinárias;

II. sessões técnicas ou científicas a) de temas livres e b) especiais;

III. sessões de assembléia geral;

IV. excursões. (omitido os parágrafos)

Artigo 21. Para organização do temário das sessões destinadas à apresentação de temas livres, os trabalhos serão agrupados de acordo com temas que a diretoria julgar conveniente estabelecer:

§ 1°. A indicação das sessões pelas quais os trabalhos serão distribuídos deverá constar da 1ª circular enviada aos associados;

§ 2°. O sócio, ao enviar o resumo de seus trabalho à Diretoria do Congresso, deverá indicar a sessão técnica a que o mesmo se destina;

§ 3°. Os resumos serão examinados pela diretoria que, dentro das possibilidades, estabelecerá uma ordem de apresentação nas respectivas sessões;

§ 4°. Caso o resumo não seja recebido pela diretoria até 30 dias antes da abertura do Congresso, ficará a mesma desobrigada de incluí-lo no temário;

§ 5°. A apresentação do trabalho será sempre feita pelo autor, co-autor ou por outro sócio devidamente autorizado pelo autor.

Artigo 22. As sessões destinadas à apresentação de temas livres terão a duração máxima de 4 horas, cabendo ao presidente estabelecer o tempo destinado a cada autor, de acordo com o número de trabalhos programados para a sessão.

§ 1°. Antes do início dos trabalhos de cada sessão, o presidente deverá dar ciência aos autores do tempo de que dispõem, especificando as parcelas destinadas à apresentação e ao debate, não podendo ser as mesmas inferiores a 10 e 5 minutos, respectivamente.

§ 2°. Durante a apresentação dos trabalhos não serão permitidos diálogos.

Artigo 23. Os textos completos dos trabalhos apresentados nas sessões destinadas a temas livres deverão ser entregues à diretoria do respectivo congresso, em condições de publicação, no máximo até 30 dias após o término do mesmo, sem o que não constarão nos Anais do Congresso.

Artigo 24. As sessões técnicas ou científicas especiais destinam-se a conferências ou palestras, simpósios, painéis, seminários e similares.

§ 1°. A duração dessas sessões será, no máximo, de três horas, não podendo a parte expositiva ocupar mais do que a metade do tempo, destinando-se o restante do mesmo ao debate.

§2°. No caso de vários apresentadores, o tempo será dividido proporcionalmente ao número dos mesmos, não podendo ser este superior a seis.

§ 3°. Antes do início de cada sessão o coordenador deverá comunicar aos participantes da mesma as normas estabelecidas para o desenvolvimento dos trabalhos, sobretudo quanto ao tempo disponível e a forma sob a qual os debates serão processados.

§ 4°. Quando forem permitidas perguntas por parte dos assistentes, as mesmas serão sempre encaminhadas à mesa por escrito.

§ 5°. durante a apresentação dos trabalhos não serão permitidos diálogos.

§ 6°. Cada coordenador ou presidente deverá entregar à diretoria, antes do término do congresso, os resultados dos trabalhos da sessão que coordenou ou presidiu sob a forma de conclusão, síntese, ou se for o caso, do texto completo da comunicação para a publicação nos anais.

criando obviamente problemas para os Presidentes de Sessões. Foi um período difícil para os organizadores dos congressos. Ao mesmo tempo, o movimento dos congressistas mostrava a vivacidade da Sociedade e o interesse de seus associados em discutir temáticas variadas. Apontava, de certa maneira, os maiores interesses dos estudantes e dos botânicos já consagrados. Apontava quem eram e onde estavam as grandes lideranças da Botânica brasileira.

As apresentações em painel foram se consolidando, na década de 80, especialmente por solucionarem dois problemas: o de espaço x tempo e o de botânicos, principalmente jovens, que não se sentiam ainda preparados para exporem suas descobertas em um discurso para uma platéia cada vez mais exigente. Outro aspecto estava relacionado à apresentação, em um único auditório, de trabalhos seqüenciais realizados em uma mesma área física (flórulas de determinadas regiões, por exemplo) ou sobre enfoques diferentes de um mesmo problema ou temática: era cada vez mais difícil conciliar, em uma sociedade agora de muitos sócios e em uma ciência com muitos campos de especialidades e competência. As apresentações em painéis prestavam-se muito bem para tais temáticas.

Em meados da década de 80, os congressistas já não puderam mais optar por apresentações oral ou em painel. A organização dos congressos definia as sessões, poucas de apresentações orais, a maior parte dos trabalhos em painéis. Em 1987, o 38º Congresso Nacional de Botânica, realizado na cidade de São Paulo, contou com 1.300 participantes (o maior congresso da década de 80); foram organizadas 45 sessões que abrigaram 451 comunicações científicas (Menezes, 1987).

Na década de 90 os congressos de Botânica, de modo geral, superaram a marca de 1000 participantes. No 45º Congresso, realizado em São Leopoldo, em 1994, foram 1.151 congressistas que em 7 dias apresentaram 780 trabalhos em forma de painel. Foram realizadas, também, 7 conferências e 6 simpósios (Bakes, 1994). Na década de 90, as sessões orais foram abolidas, ocorrendo apenas esporadicamente as então chamadas sessões coordenadas, dedicadas à apresentação de trabalhos de maior abrangência, revisões de grupos taxonômicos ou de temas atuais ou polêmicos. Quando acontecem, estas sessões são pontos altos nos congressos. De modo geral, participam delas, como expositores, recém-doutores, apresentando suas teses, taxonomistas que acabaram do concluir revisões, anatomistas com novidades morfológicas que marcam novos rumos na ciência, entre outros.

As discussões conjuntas – nascidas tanto nas sessões de comunicações orais, como em simpósios e palestras – diminuíram, embora paradoxalmente o número de trabalhos e de simpósios e mesas redondas tenha aumentado muito. De modo geral, os espaços destinados a estas discussões, tão necessárias e profícuas, foram transferidos para reuniões de comissões e redes (abertas a qualquer congressista), criadas dentro da Sociedade, e as chamadas reuniões satélites de grupos de interesses, como os de estudiosos de Leguminosas, Rubiáceas e outros. As Comissões de

Herbários, de Informática na Botânica, de Flora do Brasil, os Grupos de Ensino de Botânica, de Anatomia Vegetal, entre outros, funcionam como redes de interesses específicos que interagem entre si, através da SBB (Peixoto & Barbosa, 1998). Sem dúvida, a modernização e a descentralização da Sociedade, através destas redes, foi um avanço por envolver, compartilhando responsabilidade, um grande número de docentes e pesquisadores e ao mesmo tempo por possibilitar discussões de temas específicos de interesse de grupos maiores ou menores de associados. Vieram, de certa maneira, substituir, embora parcialmente, por não poderem abraçar o conjunto da Sociedade, as discussões – antes obrigatórias – nas Sessões Técnicas de apresentação oral

Nestes últimos anos comissões criadas pela SBB estão não apenas discutindo seus temas específicos mas, principalmente, consolidando posições em temáticas como ensino de botânica, educação ambiental, etnobotânica e muitos outros, nos quais a interdisciplinaridade é indispensável, na busca de atendimento a demandas e desafios nascidos na Sociedade e para as quais a ciência busca respostas.

Já não há mais apresentação oral de trabalhos científicos, apenas trabalhos expostos em painéis. Numerosos e bem confeccionados painéis, chamam a atenção, de modo geral, pelo primor dos textos elaborados, pelas belas fotografias da exuberante flora brasileira e outros tipos de ilustrações, pelo arranjo dos dados em tabelas e gráficos (fig. 10 e 11). Seminários, chamados nos últimos anos *workshops*, e mesas redondas ou simpósios sobre temas variados com a participação de orientadores e orientandos, encontros de especialistas em Aráceaeas, Leguminosas, Mirtáceas, revelam a influência benéfica da SBB no desenvolvimento da Botânica no Brasil. Se a SBB já funcionava, desde a sua criação, como um ponto de convergência para a Botânica brasileira, no seio da qual era possível discutir os problemas e avanços e apontar para novos caminhos, com a sua modernização, pela separação da administração da sociedade e a administração dos congressos e a publicação de um periódico listado dentre os mais conceituados do país, entre outras ações, ela ocupa hoje um lugar ainda de mais destaque pela busca da aproximação com a sociedade civil. Esta busca é reconhecida por todos os membros da SBB como necessária, indispensável.

Assim como a SBPC, nascida em 1948, a SBB faz parte daquelas sociedades científicas que nasceram, cresceram e alcançaram a plena maturidade, sem nunca terem se desviado de seus princípios básicos – a defesa de um desenvolvimento científico tecnológico e cultural adequado às reais necessidades do país. Formam um grupo de sociedades científicas nas quais a idéia de estimular a pesquisa científica coincide com os esforços de desenvolver a ciência nacional. As reuniões da SBB, ocorridas anualmente em diferentes cantos do país, são marcas visíveis de seu papel na sociedade brasileira e na busca da valorização e do fortalecimento regional, sem, contudo, perder de vista uma política científica brasileira.



Foto: A. L. Peixoto

Figura 10 – Exposição em painel feita pelo estudante Fabrício A. E. de Moura durante o 47° Congresso Nacional de Botânica, realizado em Nova Friburgo-RJ, em julho de 1996.



Foto: A. L. Peixoto

Figura 11 – Discussão em torno de um painel (apresentado por I. M. Silva) exposto durante o 47° Congresso Nacional de Botânica, realizado em Nova Friburgo-RJ, em julho de 1996.

É extremamente difícil conceber, implantar e manter uma sociedade científica com metas de médio e longo prazos em um Brasil com uma economia difícil (e hoje globalizada) e desregulada. Há o risco sistêmico de se mudar de rota, de se falhar. Se foi difícil no passado fortalecer sociedades científicas, no Brasil de poucos estudiosos espalhados por uma grande área territorial, hoje há o desafio da continuidade e da busca do crescimento. As sociedades científicas, em sua maioria, encontram-se fragilizadas do ponto de vista fiscal e contam com apoio muito limitados dos órgãos de fomento para a realização de seus congressos e publicação de suas revistas científicas. Aos associados, com salários defasados, cabe, com suas anuidades e inscrições em eventos, a maior parte do custeio da Sociedade. Entretanto, com todos os desafios enfrentados no passado e os desafios atuais, é fácil reconhecer que a SBB, com seus 50 anos de existência, abriu caminhos, consolidou metas. Tal fato pode ser atribuído aos processos democráticos e consensuais sempre buscados no seio da Sociedade; a dirigentes que acreditaram e defenderam estes princípios; a um corpo de associados que perseguiu o ideal do grupo de cientistas que em janeiro de 1950 teve a ousadia de fundar uma Sociedade Botânica, acreditando que assim participariam com mais propriedade e força do desenvolvimento científico e tecnológico do país.

A SBB é hoje uma grande sociedade científica feita por cada pessoa que integra os seus quadros e que acredita que as contradições do dia-a-dia de trabalho nas Universidades e nos Institutos de Pesquisas, materializadas em exigências de excessos de carga docente e publicações, regras burocráticas incompatíveis com o ritmo e o dinamismo do ensino e da pesquisa, podem ser vencidas através de projetos bem elaborados, de pesquisas realizadas de modo acurado, da divulgação dos resultados de seus trabalhos de maneira variada e do ensino para formar cidadãos capazes de viver, entender e interagir com a sociedade na qual estão inseridos.

Agradecimentos

Ao Departamento de Botânica da UFRRJ por ter mantido viva e intacta parte da memória da SBB. Às professoras Maria do Carmo da Costa Monteiro, Marli Pires Morim e Leila Macias, a leitura crítica do manuscrito.

Referências Bibliográficas

Barroso, G. M., 1968. *Acanthosyris Paulo-alvinii*, uma espécie nova de Santalaceae. Anais do 19º Congresso Nacional de Botânica, Fortaleza, CE.

Barroso, G. M., 1999. Os Congressos Nacionais de Botânica. Conferência proferida. 50º Congresso Nacional de Botânica. 8 p. datil.

Bakes, A., 1994. O Congresso de São Leopoldo. *Jornal da SBB*, ano 4, nº12. junho 1994

Menezes, N. L., 1987. Apresentação. *Acta Botanica Brasilica*, *1*(2) Supl.: I

Peixoto, A. L., 1999. Brazilian botany on the threshold of the 21th century: Looking through the scientific collections. *Ciência e Cultura, 51* (5/6): 349-362.

Peixoto, A. L. & Barbosa, M. R. V., 1998. Os Herbários Brasileiros e a Flora Nacional – Desafios para o Século 21. *In*: Sistema de Informação sobre Biodiversidade/ Biotecnologia para o Desenvolvimento Sustentável. maio, 1998 (http://www.bdt.org.br/bdt.oaeproj/)

Reitz, R., 1974. Mobilização. *In*: Informativo do 26º Congresso Nacional de Botânica. nº 5., dezembro. Estado da Guanabara.

Porto, P. C.; Fagundes, A. B.; Brade, A. C.; Laclete, P. P. H.; Penna, L. A. (ed.), 1938.

Anais da Primeira Reunião Sul-Americana de Botânica, 1º vol. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 290p.

CAPÍTULO 5

EXCURSÕES BOTÂNICAS DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL (SBB)

Afrânio Fernandes
Universidade Federal do Ceará

A idéia de criação da Sociedade Botânica do Brasil se consubstanciou durante o II Congresso Sul-Americano de Botânica, em 1948, com a participação de 30 estudiosos da *Scientia amabilis*; entre eles, atualmente ainda em atividade, encontram-se: Luiz Emygdio de Mello Filho, Paulo de Tarso Alvim, Alcides Ribeiro Teixeira, Berta Lange de Morretes, Maria do Carmo da Costa Monteiro, Armando de Mattos Filho e Haroldo Edgard Strang.

Por convocação de todos os engajados nessa ciência, com a participação de 73 membros, incluídos os 30 anteriormente citados, na Escola Nacional de Agronomia, em 10 de janeiro de 1950, instalou-se a Sociedade Botânica do Brasil, documentada com a assinatura da Ata de Fundação, firmada pelos Sócios Fundadores (Heringer, 1978).

Constituiu-se numa das mais salutares e significativas organizações científicas nacionais, com a máxima preocupação de reunir e coordenar a comunidade botânica brasileira. Está integrada por taxonomistas, fisiologistas, anatomistas, morfologistas, ecologistas, geneticistas, fitogeógrafos, químicos, biólogos, geógrafos, ficologistas, micologistas, farmacêuticos, médicos e até engenheiros, além de estudiosos e admiradores da Botânica, incluindo participantes de outras nacionalidades: ingleses, americanos, argentinos, uruguaios, paraguaios, mexicanos, alemães, entre algumas outras.

Daquela data em diante, anualmente, sediadas em localidades diferentes, conforme a indicação da Assembléia Geral, tendo em vista sempre alternativas regionais de preferência, passaram a realizar-se as Reuniões Anuais de Botânica, assim registradas até o XII conclave botânico (São Paulo, em 1961), ou os Congressos Nacionais de Botânica, a partir do XIII congraçamento botânico (Recife, em 1962), sempre na segunda quinzena de janeiro, normalmente na última semana. Com a inteira responsabilidade de quem assume o compromisso da organização científica, segundo os Estatutos, o Presidente do Congresso também participava da condição de Presidente da SBB, até 1983, quando cada qual passou a ter suas atribuições específicas.

As Reuniões ou os Congressos Botânicos desenvolviam-se com Sessões Técnicas, para apresentação e discussão dos temas científicos distribuídos em assuntos correlatos: Sessão de Taxonomia, Sessão de Fisiologia e Bioquímica, Sessão de

Microbiologia e Fitopatologia, Sessão de Botânica Aplicada, entre várias outras, e com as excursões, como norma obrigatória. Presentemente, prevalecem apresentações sob a forma de painéis, dada a grande quantidade de trabalhos científicos, conservando-se, ainda, as excursões como forma consagrada.

As excursões sempre assumem uma importância de real significado, pela necessidade de um contato mais íntimo e direto com a natureza. Mostram-se com um alcance mais amplo, por diversos enfoques: integração e conhecimentos dos participantes aos aspectos botânicos gerais; oportunidade de poder visitar ecossistemas correspondentes às áreas afetas aos conclaves; trocas de idéias e de informações entre os especialistas; coletas de plantas e documentação fotográfica do quadro das paisagens; consenso junto à comunidade científica dos problemas que se descortinam por ocasião das visitas aos campos, ligados às conquistas de natureza política, social, econômica ou científica da região.

De início, dado o limitado número de associados, era programada apenas uma única excursão, com a participação quase integral dos congressistas. Na maioria das vezes era reservada, para a excursão, a quarta-feira da semana em que se realizava o evento; a duração normal era de um dia, eventualmente dois ou até três, com todos os condicionantes necessários para sua concretização (café, almoço, dormida etc., conforme determinantes locais ou circunstanciais). Por exemplo, em 1980, durante o Congresso em Itabuna-BA, foram indicadas duas áreas: a Caatinga, dirigida por Dárdano de Andrade Lima, e a Floresta Pluvial Costeira, do sul da Bahia, conduzida por Scott Mori.

Sendo uma oportunidade para conhecer a região, não era incomum a participação de botânicos munidos de tesoura, jornal, prensa e outros objetos úteis na coleta de plantas. Constituíram-se contumazes coletores: Pedro Carauta, José Sacco, Dárdano Lima, Afrânio Fernandes, Graziela Barroso, Ângelo Rizzo, Murça Pires, Aylthon Joly, Luiz Emygdio, Margarete Emmerich, entre muitos outros. A aplicação dos conhecimentos de Taxonomia ou Fitogeografia estava presente em todos.

As excursões de então, pela participação efetiva da maioria dos congressistas, ofereciam não só condições para uma integração participativa de congraçamento, mas também uma oportunidade para serem apreciadas as diversas paisagens refertas de suas próprias fisionomias vegetacionais, com a riqueza ou a propriedade das floras que lhes são características. Assim, são recordadas a monumentalidade das paisagens da Chapada dos Veadeiros e dos Parecis, em Goiás, da Chapada das Capivaras e de Sete Cidades, no Piauí; as extensas planuras cobertas pelas Campinas gaúchas, ou os Aparados da Serra, do Rio Grande do Sul; a expressão xerofílica, pela total afilia, das plantas das Caatingas; o valor potamográfico dos colossais rios da Amazônia, marginados pelas pujantes florestas; as vertentes, coloridas pela variedade de sua flora, do sistema montanhoso atlântico, ao lado dos esbeltos pinheiros; o paradisíaco viveiro biológico do Brasil, o Pantanal; os troncos retorcidos e as folhas coriáceas das plantas das formações esclerófilas (Cerrado e Cerradão) do Planalto Central.

Nesses trabalhos de campo, ocorrem trocas de idéias e de informações nas identificações botânicas. De tudo isso tiravam-se vantagens ou obtinham-se novos conhecimentos, estimulando todos, principalmente os botânicos iniciantes, para medirem ou avaliarem suas conclusões. Nesse ponto, valiam as contribuições das excursões pelas circunstâncias envolvidas, amparadas pelo enfoque científico com o rigorismo preciso das identificações. Intrinsecamente, estava a obrigatoriedade de ser conhecido o conjunto vegetacional, com sua flora, fisionomia e estrutura.

Presentemente, pela própria natureza das condições prevalentes nos Congressos de Botânica, dado o grande número de integrantes e de interesses variados, as excursões são, na sua maioria, de participação limitada de congressistas, com vantagens apenas para os taxonomistas em suas preocupações botânicas ou fitogeográficas mais diretas. Para alguns, em poucos casos, há manifestações ecoturísticas, particularmente para estrangeiros, desenvolvendo suas linhas de pesquisa botânica. Evidentemente, toda aquela beleza das paisagens deixa de ser contemplada, analisada ou comentada debaixo de um estudo científico ou mesmo prático mais integrado, havendo uma clarividente expressão pessoal ou de participação mais restrita. Não há outra maneira de ser documentada uma excursão na programação dos Congressos de Botânica, na atualidade. Tornou-se, de certa forma, uma construção especializada, não oferecendo um quadro de alcance mais geral aos congressistas em seu todo.

Ainda que parcelada a representação dos congressistas, não havendo a participação integral, destacam-se preferências segundo os diversos roteiros. De qualquer maneira, registra-se o aproveitamento de grande parte dos associados da Botânica marcado por seus significados taxonômicos e fitogeográficos.

Completando seu cinqüentenário, havendo uma quase total correspondência de tantas atividades paralelas com as excursões, a Sociedade Botânica do Brasil, sem qualquer interrupção, nunca deixou de cumprir os objetivos da temática botânica, premiando seus associados. Sempre envolvendo Estados alternativos para sua sede, no tempo, com a participação de suas diferentes cidades que pudessem suportar tamanho evento, movimentou seus associados.

Naturalmente, dentro da organização política brasileira, as excursões, excedendo ao número das unidades federativas, por certo teriam de repetir-se em alguns Estados. Assim, para facilitar, são registrados os Estados ou localidades de ocorrência dando a primazia de sua realização, com a cronologia das demais ocorridas, quando assim se verificou. Haverá algum comentário histórico apenas daquelas excursões consideradas de participação efetiva.

De início, sobre uma prática botânica, cabe esclarecer que todas as informações sobre as excursões, até o ano de 1977, quando se realizava o XXVIII Congresso, têm sua base na documentação de autoria de Ezechias Paulo Heringer (Heringer, 1978), então Secretário Permanente da SBB, que sempre desempenhou com competência e zelo essa função.

RIO DE JANEIRO

1950 I Reunião Anual da SBB – Rio de Janeiro. Presidente: Heitor Vinicius da Silveira Grillo; Vice-Presidente: João Geraldo Kuhlmann. Nessa oportunidade, foram discutidos e aprovados os Primeiros Estatutos, sendo firmada a denominação de Sociedade Botânica do Brasil.

1959 X Reunião Anual da SBB – Rio de Janeiro. Presidente: Honório da Costa Monteiro Filho; Vice-Presidente: Luiz Emygdio de Mello Filho. Foram reservados dois dias a excursões, no final do conclave, com pernoite dos congressistas no Parque Nacional de Itatiaia. No dia seguinte, ocorreram as excursões.

1967 XVIII Congresso Nacional de Botânica – Rio de Janeiro. Presidente: Luiz Emygdio de Mello Filho; Vice-Presidente: Raul Dodsworth Machado. Não consta ter havido alguma excursão, todavia, registra-se a criação do Museu Martius, na Serra dos Órgãos, na Fazenda Mandioca, antiga propriedade do Cônsul Langsdorff.

1975 XXVI Congresso Nacional de Botânica – Rio de Janeiro. Presidente: Padre Raulino Reitz; Vice-Presidente: Honório da Costa Monteiro Filho. No último dia, houve uma excursão à Itatiaia, com explanações do Padre Raulino sobre as Bromeliáceas daquela serra, matéria de sua preferência (fig. 1).

1996 XLVII Congresso Nacional de Botânica – Nova Friburgo. Presidente: Geisa Lauro Reis; Vice-Presidente: Marcus A. Nadruz Coelho. Excursões não registradas.

MINAS GERAIS

1951 II Reunião Anual da SBB – Escola Superior de Agricultura de Viçosa, Escola de Minas em Ouro Preto e Instituto de Agricultura de Minas Gerais, Belo Horizonte. Presidente: Heitor Vinicius da Silveira Grillo; Vice-Presidente: João Geraldo Kuhlmann. Esse conclave, segundo Heringer (1978), se caracterizou pela confraternização entre os botânicos, havendo a primeira coleta de plantas na Serra do Cipó, com um pernoite favorecido por aquele clima das alterosas.

1960 XI Reunião Anual da SBB – Belo Horizonte. Presidente: Octávio de A. Drummond; Vice-Presidente: Chotaro Schimoya. Não consta ter havido excursões botânicas.

1977 XXVIII Congresso Nacional de Botânica – Belo Horizonte. Presidente: Wilson R. Camargo de Assunção; Vice-Presidente Mitzi Brandão Ferreira. Realizaram-se duas excursões, uma nas áreas de Cerrado do Centro Nacional de Pesquisas de Milho e Sorgo – alcançando Sete Lagoas e Gruta de Maquiné (fig. 2). Todo o trajeto, com o registro florístico da cobertura vegetacional, foi descrito



Figura 1 – Excursão a Itatiaia-RJ: Paulo Alvim, Nelson Lima (Diretor do Parque Nacional de Itatiaia), Amália Hermano Teixeira, Pe. Raulino Reitz, Afrânio Fernandes (XXVI Congresso Nacional de Botânica, Rio de Janeiro, 1975)

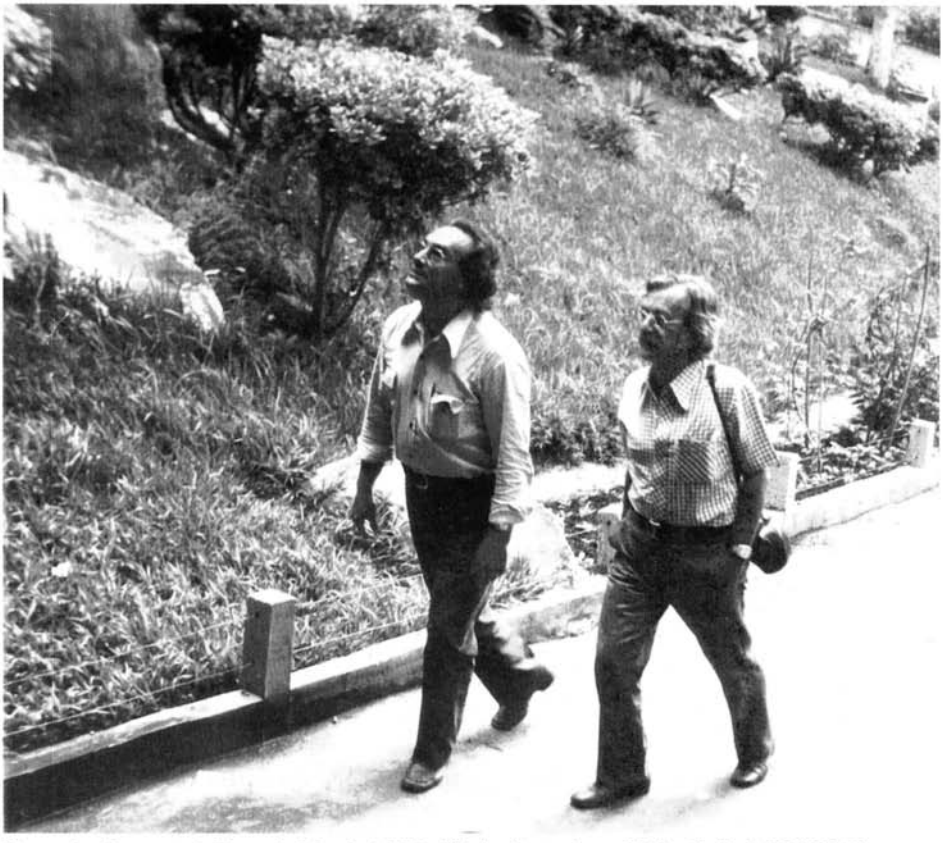


Figura 2 – Excursão à Gruta de Maquiné-MG: Afrânio Fernandes e Mário G. Ferri (XXVIII Congresso Nacional de Botânica, Belo Horizonte-MG, 1977)

por Heringer. Destaque cabe à integral impressão da beleza da caverna esculturada na rocha calcária. A segunda excursão, à Serra de Lavras, em Ouro Preto, cujo trecho teve sua descrição procedida pelo Prof. José Badini, da Escola de Farmácia, enriquecida pela citação de numerosas espécies das formações presentes: Mata Estacional, Cerrado e Campos (fig. 3).

1986 XXXVII Congresso Nacional de Botânica - Ouro Preto. Presidente: Maria Aparecida Zurlo; Vice-Presidente: Aristéa Alves Azevedo. Foram oferecidas as seguintes excursões: 1) Estação Florestal de Experimentação do IBDF, em Paraopeba. 2) Serra de Lavras Novas, em Ouro Preto. 3) Serra do Caraça, em Santa Bárbara. Além do aspecto histórico ligado ao incêndio que destruiu quase toda as construções do notável estabelecimento religioso-educacional dessa serra, destacam-se as belas paisagens que contornam, ainda, as áreas que foram recuperadas.



Figura 3 – Excursão à Serra de Lavras Novas-MG: José Badini, Luciano Lima, ? e Graziela M. Barroso (XXVIII Congresso Nacional de Botânica, Belo Horizonte-MG, 1977)

SÃO PAULO

1952 III Reunião Anual da SBB – Campinas, Piracicaba e Rio Claro. Presidente: Carlos Arnaldo Krug; Vice-Presidente: Mário G. Ferri. Foram observadas várias atividades, com referência a excursões e visitas técnicas: dia 12 de janeiro, em Campinas, visitas ao Horto Florestal do Estado e ao Jardim Botânico; dia 13, ainda em Campinas, realizaram-se visitas à Estação Experimental Central "Santa Elisa" e à fazenda Monte D'Este; dia 14 de janeiro, viajando por via férrea em carro especial, oferecido pela Companhia Paulista da Estrada de Ferro, com destino à cidade de Rio Claro, os congressistas visitaram o Horto Florestal dessa empresa. Finalmente, no dia 15, depois da visita à Escola Superior de Agricultura, em Piracicaba, com a apresentação de trabalhos científicos no Departamento de Genética, procedeu-se ao plantio da árvore da amizade - *Caesalpinia equinata* (pau-brasil).

1961 XII Reunião Anual da SBB – São Paulo. Presidente: Alcides Ribeiro Teixeira; Vice-Presidente: Walter R. Accorsi. Não consta realização de excursões botânicas.

1971 XXII Congresso Nacional de Botânica – São Paulo. Presidente: Mário G.Ferri; Vice-Presidente: Aylthon Brandão Joly. Houve uma excursão a Campinas e a Rio Claro.

1987 XXXVIII Congresso Nacional de Botânica – São Paulo. Presidente: Nanuza Luíza de Menezes; Vice-Presidente: Fernando Roberto Martins. Foram selecionadas as seguintes excursões: 1) Itatiaia (Mata Atlântica); 2) Juréia (Mata Atlântica, Mangue, Restinga e Dunas); 3) Ilha do Cardoso (Mata Atlântica, Mangue, Restinga e Dunas); 4) Fazenda Campininha (Cerrado); 5) Emas (Cerrados); 6) Caverna do Diabo (gruta calcária); 7) Boracéia (Mata Atlântica); 8) Paraibuna (recuperação de vegetação); 9) Bertioga (Dunas, Restinga e Mangue); 10) Diamantina (Campo Rupestre) e 11) Serra do Cipó (Campo Rupestre).

1995 XLV Congresso Nacional de Botânica – Ribeirão Preto. Presidente: Elenice Mouro Varanda; Vice-Presidentes: Maria das Graças L. Wanderley e Sandra Farto Botelho Trufem. Foram indicadas 3 excursões: 1) Estação Florestal do Jataí – Instituto Florestal; 2) Fazenda Intervales – Fundação Florestal; 3) Reserva Florestal de Vassununga – Instituto Florestal.

PERNAMBUCO

1953 IV Reunião Anual da SBB – Recife. Presidente: J. Vasconcelos Sobrinho; Vice-Presidente: Dárdano de Andrade Lima. Não consta qualquer excursão.

1962 XIII Congresso Nacional de Botânica – Recife. Presidente: Dárdano de Andrade Lima; Vice-Presidente:Lauro Pires Xavier. Houve duas excursões: aos tabuleiros de Paraíba, com visita ao Jardim Botânico em João Pessoa e à Fábrica de doce de goiaba, e uma outra excursão à Pesqueira, onde foram feitas observações sobre posterior visita ao agreste, tendo continuidade com a Serra de Ororubá.

1972 XXIII Congresso Nacional de Botânica – Garanhuns. Presidente: Dárdano de Andrade Lima; Vice-Presidente: Geraldo Mariz. Houve uma excursão ao Brejo dos Cavalos, Nova Jerusalém e Caruaru. Outra excursão à região de Buíque, Brejo São José e Catimbau.

RIO GRANDE DO SUL

1954 V Reunião Anual da SBB – Porto Alegre. Presidente: Alarich Schultz; Vice-Presidente: J. Grossman. Não houve referência a excursões.

1964 XV Congresso Nacional de Botânica – Porto Alegre. Presidente: Alarich Schultz; Vice-Presidente: José da Costa Sacco. Realizou-se uma excursão até Iraí, estância balneária do extremo norte do Estado, com pernoite no Colégio da Fundação Evangélica de Parnambi. Prevalecia uma paisagem de extensos campos.

1973 XXIV Congresso Nacional de Botânica – Pelotas. Presidente: José da Costa Sacco; Vice-Presidente: José S. Soares Sobrinho. Faltam dados sobre as excursões.

1994 XLV Congresso Nacional de Botânica – Porto Alegre. Presidente: Albano Backes; Vice-Presidente: Ronaldo Wasum. Não consta ter havido excursão.

PARÁ

1955 VI Reunião Anual da SBB – Belém. Presidente: Felisberto Camargo; Vice-Presidente: Walter Miranda Machado. Foram realizadas excursões para reconhecimento da flora e da hidrografia do Amazonas.

1988 XXXIX Congresso Nacional de Botânica – Belém. Presidente: Pedro L.B. Lisboa; Vice-Presidente: Irenice A. Rodrigues. Expedições científicas: Algodoal (Restinga e vegetação de Dunas); Reserva Catu (mata de terra firme e igapó); Ilha do Combu (vegetação de várzea, referida a manejo de pesquisa do Museu Goeldi); Complexo Albrás / Alunorte (Barcarena), com transporte terrestre e fluvial.

BAHIA

1956 VII Reunião da SBB – Cruz das Almas. Presidente: Geraldo C. Pereira Pinto; Vice- Presidente: Camillo Torrend. Não consta a realização de excursões.

1965 XVI Congresso Nacional de Botânica – Itabuna. Presidente: Paulo de Tarso Alvim; Vice-Presidente: Geraldo C. Pereira Pinto. No fim das atividades foi promovida uma excursão pelo interior do Estado, com encerramento em Salvador.

1980 XXXI Congresso Nacional de Botânica – Itabuna. Presidente: Paulo de Tarso Alvim; Vice-Presidente: Roberto C. Pereira. Foram realizadas duas excursões: uma para a Caatinga, dirigida por Dárdano de Andrade Lima, e outra para a Floresta Pluvial Costeira, no sul da Bahia, com percurso até Porto Seguro, conduzida por Scott Mori. Aqui já se observava a intensa destruição do ambiente. De interessante, foi a demonstração feita por Scott Mori ao ascender às árvores com um engenhoso sistema mecânico recentemente fabricado.

1998 XLIX Congresso Nacional de Botânica – Salvador. Presidente: Maria Lenise Silva Guedes; Vice-Presidente: Juarez Jorge Santos. Duas excursões foram estabelecidas: uma voltada para Rio de Contas/Lençóis, onde são observadas as variadas manifestações das presentes belezas no colorido das flores, dominando os Campos Rupestres na Chapada Diamantina; uma outra para a reserva Ecológica de Una, marcada pela vegetação da Mata Atlântica.

GOIÁS

1957 VIII Reunião Anual da SBB – Goiânia. Presidente: José Paulo S. Cabral; Vice-Presidente: Claudomiro Teles. Houve uma excursão ao Araguaia.

1969 XX Reunião da SBB – Goiânia. Presidente: José Ângelo Rizzo; Vice-Presidente: Ezechias Paulo Heringer. Realizaram-se excursões à Serra de Caldas e visitas ao Ribeirão das Águas Quentes, Lagoa de Pirapitinga e à cidade de Caldas Novas.

1991 XLII Congresso Nacional de Botânica – Goiânia. Presidente: José Ângelo Rizzo; Vice-Presidente: Carluce G. de Sá e Carvalho. Foram realizadas excursões à Chapada dos Veadeiros, ponto culminante do Estado; ao Monte dos Pirineus e à Serra Dourada, destaque por pleitear o título de patrimônio histórico da humanidade.

CEARÁ

1958 IX Reunião Anual da SBB – Fortaleza. Presidente: Manoel Mateus Ventura; Vice-Presidente: Prisco Bezerra. Excursão à Chapada do Apodi, com a supervisão de Afrânio Fernandes, observando a verdadeira Caatinga arbórea, com o predomínio de *Auxemma oncocalyx*, *Caesalpinia bracteosa* e *Mimosa hostilis*.

1968 XIX Congresso Nacional de Botânica – Fortaleza. Presidente: Prisco Bezerra; Vice-Presidente: Renato Braga. Depois de ser alcançado o Açude de Araras, a excursão completou-se com visita à gruta de Ubajara, sobre o Planalto da Ibiapaba, com pernoite.

1990 XLI Congresso Nacional de Botânica – Fortaleza. Presidente: José Ribamar Pinto Soares; Vice-Presidente: Afrânio Fernandes. Excursão à Chapada da Ibiapaba, com visita à gruta de Ubajara. No percurso, junto à Caatinga, foram feitas algumas paradas para coleta da vegetação afila. Depois de pernoite em Tianguá, foi visitada a Bica do Ipu, onde, segundo a lenda, a virgem dos lábios de mel, Iracema, banhava-se, depois de mergulhar nas águas verdes dos mares bravios cearenses, como assim se referiu o renomado escritor romancista José de Alencar.

1997 XLVIII Congresso Nacional de Botânica – Crato. Presidente: Terezinha Gonçalves Batista; Vice-Presidente: Maria Arlene Pessoa da Silva. Excursões: 1) Reserva de Pirapora – caracterizada pela Caatinga arbórea-arbustiva, coordenada por Luiz Marivando Barros e Maria Iracema Bezerra Neta; 2) Paleobotânica – Serra da Mãozinha, coordenado por Mariano Domingues da Silva – bioestratigrafia da bacia do Araripe, havendo coletas de material fóssil de coníferas da Formação Missão Velha; 3) Chapada do Araripe, coordenada por Afrânio Fernandes, para reconhecimento da vegetação pluvial de encosta, do Cerradão no topo do sistema montanhoso e do Carrasco, caracterizado por sua natureza xero-escleromórfica. Alcançou-se Exu – PE, para visita ao monumento em homenagem ao sanfoneiro Luiz Gonzaga.

AMAZONAS

1963 XIV Congresso Nacional de Botânica – Manaus. Presidente: William A. Rodrigues; Vice-Presidente: Murça Pires. No dia 20 de janeiro, realizou-se uma excursão fluvial, percorrendo trechos do Rio Amazonas/Rio Negro, com visitas às terras do Município de Careiro e à propriedade de Terra Nova, com culturas de seringueira e cacaueiro; o dia 23 foi reservado à grande excursão ao longo da rodovia Manaus-Itacoatiara, sendo inaugurada a Reserva Walter Egler. Também houve visita à Reserva Ducke, quando foi observado o colosso florestal amazônico.

1984 XXXV Congresso Nacional de Botânica – Manaus. Presidente: Marlene Freitas da Silva; Vice-Presidente: Pedro Ivo Soares Braga. Não há registro de excursões.

BRASÍLIA/DF e GOIÁS

1966 XVII Congresso Nacional de Botânica – Brasília e cidade de Goiás. Presidente: João Murça Pires; Vice-Presidente: José Passos Porto. Em pleno Cerrado, junto às margens de um arroio que tomou o nome de Alexandre Brade, em homenagem ao ilustre botânico, foi oferecido pela VARIG um farto banquete. Houve uma excursão às Centrais Elétricas, na velha cidade de Goiás, antiga capital do Estado, onde foi ouvida a poetisa Cora Coralina com um recital de poesia de sua autoria, entre as quais se destacou a sua bela criação "O Milho". Nessa oportunidade, José Sacco pontificou com sua verve de natureza poética, ressaltando as deliciosas expressões da vibrante criação da poetisa.

1978 XXIX Congresso Nacional de Botânica e II Congresso Latino-Americano de Botânica – Brasília e Goiânia. Presidente: José Ângelo Rizzo; Vice-Presidente: Ezechias Paulo Heringer. Transferidas para Goiânia, as atividades foram continuadas nessa capital. Realizou-se a inauguração do Jardim Botânico de Goiânia, onde usaram da palavra Ângelo Cabrera, da Argentina, e Dárdano de Andrade Lima; houve excursão na reserva florestal primária deste Jardim Botânico. Outra excursão, na seqüência, foi a de Goiânia a Caldas Novas, onde se fez coleta de material botânico.

PARAÍBA

1970 XXI Congresso Nacional de Botânica – João Pessoa e Campina Grande. Presidente: Lauro Pires Xavier; Vice-Presidente: A. D. de Assis. Com a transferência das atividades científicas para Campina Grande, aconteceu o Simpósio sobre as Caatingas. Com excursão marcada para o Brejo das Freiras,

iniciaram-se as coletas botânicas, terminando com visitas às instalações do Instituto J. A. Trindade e à Estação Hidro-Mineral Brejo das Freiras.

RIO GRANDE DO NORTE

1974 XXV Congresso Nacional de Botânica – Mossoró. Presidente: Jerônimo Vingt-un Rosado; Vice-Presidente: Benedito V. Mendes. Não foi registrada excursão.

MARANHÃO

1976 XXVII Congresso Nacional de Botânica – São Luís. Presidente: Antônio Benedito de Oliveira; Vice-Presidente: Antônia de Arruda Soares. Realizou-se uma excursão a Alcântara, por razões históricas: pelourinho, cadeia pública e construções antigas em ruínas, com passagem pelos campos das Perizes, junto aos extensos manguezais da capital.

1993 XLIV Congresso Nacional de Botânica – São Luís. Presidente: Terezinha de Jesus Almeida Silva Rego; Vice-Presidente: A. Benedito de Oliveira. Não consta excursão.

MATO GROSSO DO SUL

1979 XXX Congresso Nacional de Botânica – Campo Grande. Presidente: Arnaldo de Oliveira; Vice-Presidente: Cláudio de Almeida Conceição. Foram destaques as excursões para o Pantanal. Entretanto, a forte estação chuvosa impediu melhores aproveitamentos. Todas as conduções foram prejudicadas por grandes atoleiros. São recordações as documentações mostradas nas figuras 4, 5 e 6.

PIAUÍ

1981 XXXII Congresso Nacional de Botânica – Teresina. Presidente: Manuel Roberto Del'Arco; Vice-Presidente: Valdemar Rodrigues. Foi realizada uma excursão a Sete Cidades, onde a impressão deixada pelos enormes monumentos rochosos, com suas formas bizarras e estranhas, motivou destaque particular. Além do expressivo comparecimento de congressistas brasileiros, dado o significado das paisagens da Formação Cabeças, estavam presentes botânicos da Argentina: Antônio Krapovickas, coletando *Arachis*, Carmem Cristóbão, identificando *Sterculiaceae*, e Maria Mercedes, procurando *Turnera;* botânicos de outros países também participaram (entre eles, Simon Mayo, do Kew e Josef Goergen, da Alemanha).



Figura 4 – Excursão ao Pantanal-MS (lamaçal): Afrânio Fernandes e Dárdano de A. Lima (XXX Congresso Nacional de Botânica, Campo Grande-MS, 1979)



Figura 5 – Excursão a Poconé-MS: Afrânio Fernandes, Dárdano de A. Lima, Prisco Viana (XXX Congresso Nacional de Botânica, Campo Grande-MS, 1979)



Figura 6 – Excursão a Miranda-MS: em primeiro plano, Afrânio Fernandes, Pe. Sehnem, Prisco Viana, Honório Monteiro Neto e Edyr Tenório (XXX Congresso Nacional de Botânica, Campo Grande-MS, 1979)

ALAGOAS

1982 XXXIII Congresso Nacional de Botânica – Maceió. Presidente: Osvaldo Viegas; Vice-Presidente: Selma B. Dionello. Excursões às áreas canavieiras vizinhas da capital, Maceió. Excursão a Penedo, percorrendo áreas de Mata Pluvial, Cerrado e Restinga; à Batalha, atingindo áreas pluviais de Mata Atlântica e Caatingas.

PARANÁ

1985 XXXVI Congresso Nacional de Botânica – Curitiba. Presidente: Raul José M. Oliveira; Vice-Presidente: Armando C. Cervi. Não há indicações sobre excursões.

MATO GROSSO

1989 XL Congresso Nacional de Botânica – Cuiabá. Presidente: Germano Guarim Neto; Vice-Presidente: José Roberto B. Monteiro. Não há indicação de excursões.

SERGIPE

1992 XLIII Congresso Nacional de Botânica – Aracaju. Presidente: Gilvane Viana Souza; Vice-Presidente: Marcelo Ramos da Fonseca. Foram oferecidas as seguintes excursões: 1) Restinga, em Santo Amaro das Brotas; 2) Caatinga, em Poço Redondo; 3) Mangue, junto ao Câmpus Avançado da UFS.

Finalmente, como complementação, em vista de os Congressos de Botânica presentemente terem realização no mês de julho, desde 1996, a partir do encontro de Nova Friburgo, as excursões também passaram a se desenvolver nesse período, embora esteja expressa a liberalidade de os congressos botânicos poderem ter cumprimento em qualquer época do ano, facilitando, de certo modo, essa grande conquista de comemoração entre os botânicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Heringer, E. P., 1978. *História da Sociedade Botânica do Brasil.* Goiânia: UFG. 43p.

CAPÍTULO 6

50 ANOS DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL À LUZ DE SUAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

José da Costa Sacco
Universidade Federal de Pelotas

Jovens de ontem
Não permitam
Que os jovens de hoje
Embriagados de futuro,
Olvidem o passado[1]

Escrever sobre os 50 anos da SBB é uma empreitada difícil. Relatar esses 50 anos sob o enfoque das Assembléias, uma visão fragmentária do todo, certamente revela-se mais difícil ainda! E essa é a minha tarefa.

Para fazê-lo é preciso estar tomado de emoção. E por certo o fragmentário deixará de sê-lo, eis que nas Assembléias afluem todos os fatos vividos e por viver no ano a ano da Sociedade. A emoção fica por conta dos personagens, queridos personagens, que por suas peculiaridades marcantes, definiam expectativas de embates e debates, que invariavelmente, tornavam-se realidade, para gáudio dos participantes e enriquecimento de posteriores comentários.

Impossível e enfadonho seria relatar, em seqüência cronológica, assembléia por assembléia. Mas é viável agrupá-las por períodos, mais precisamente três períodos que definiram, no meu entender, a evolução do pensamento da SBB, sob o ponto de vista organizacional, na busca de seus objetivos, ao longo dos 50 anos de sua existência.

O primeiro período abarca os 33 anos iniciais da SBB, compreendendo 34 Congressos. O Presidente e demais membros diretores, com mandato de um ano, são eleitos pela Assembléia. A Sociedade promove uma reunião anual, durante o mês de janeiro, em local e data previamente designados. Cabe à Diretoria designar, também previamente, uma Comissão Especial que organizará o congresso. Na prática, essa organização fica a cargo da própria Diretoria.

Esse fato fica bem caracterizado na Ata da Assembléia Geral da XII Reunião Anual, realizada em São Paulo, de 22 a 29/01/1961, sob a presidência do Dr. Alcides

[1] J. C. Sacco – Fragmento de um poema dedicado à Cora Coralina, declamado em jantar a ela oferecido pelos congressistas em Goiás Velho, durante a excursão científica do XX Congresso Nacional de Botânica – CNB (Goiânia, 1969); posteriormente declamado no Palácio das Esmeraldas, no XXIX CNB (Brasília/Goiânia, 1978).

Ribeiro Teixeira, em que se define que "a sede da futura Diretoria da SBB deve ser a primeira a ser escolhida, para em seguida pensar-se na escolha de seus componentes". Isso evidencia que ao lado de assegurar-se a realização do evento, o que realmente propulsiona o processo é a escolha do local em que deverá ser realizado. Isso porque a SBB tem em alta conta a realização de excursões, para gerar a oportunidade de estarem juntos os especialistas, nos mais diversos ecossistemas que fazem a riqueza natural do Brasil. É um fato tão marcante, tão determinante das decisões a serem tomadas nas Assembléias Gerais, que havia uma regra, ainda que não estatutária, que era rigorosamente seguida e alicerçava argumentos imputando-lhes o caráter de coisa definitiva, "um Congresso só poderia retornar ao mesmo local, após o decurso de 10 anos".

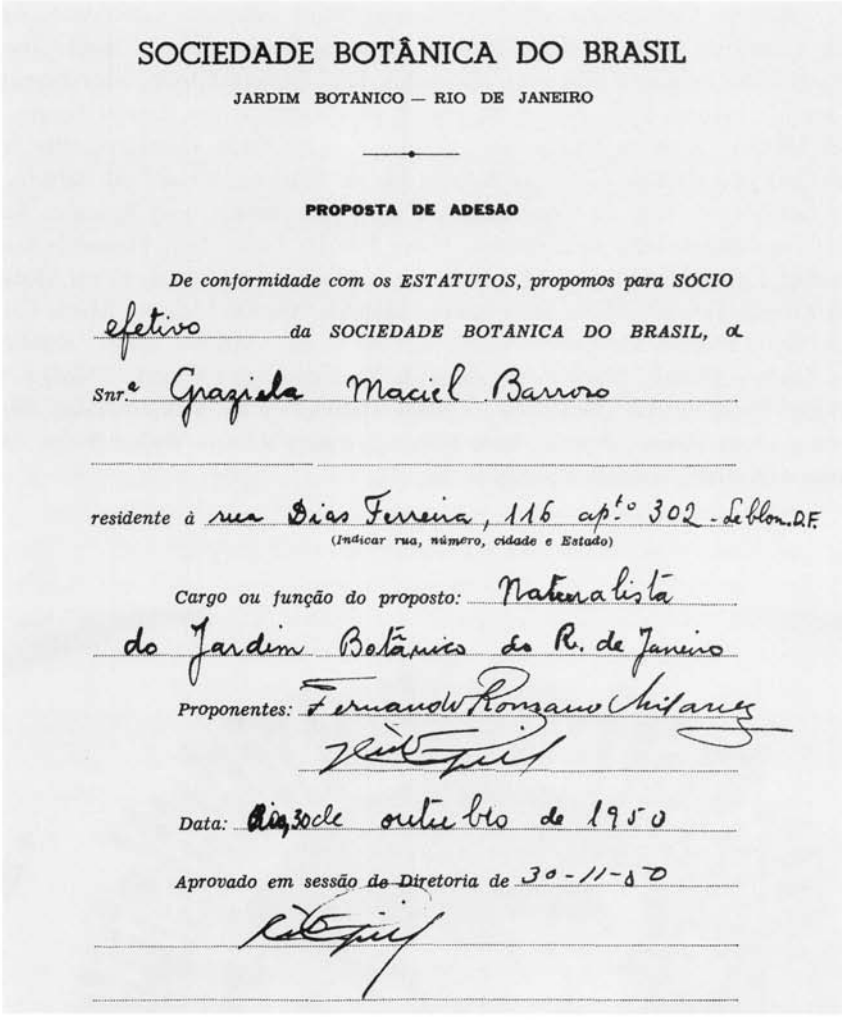
Vê-se, pois, que a grande preocupação dos botânicos desse período, era o de assegurar encontros que propiciassem aos participantes conhecerem melhor a fitofisionomia brasileira, e fazê-lo acompanhados pelos pesquisadores da região, ensejando uma vivência e troca de informações, altamente positivas.

Também era ponto fechado a realização dos Congressos sempre na segunda quinzena de janeiro, considerada a mais propícia às excursões.

A primeira metade do 1º período (1950-1965) foi marcada pela influência dos fundadores e de outros grandes nomes que de uma ou de outra forma foram os alicerces iniciais da SBB. A preocupação dos grandes mestres situava-se invariavelmente na continuidade do processo, no futuro da SBB e, conseqüentemente, na formação de continuadores para o estudo de nossa flora. Tudo começou de forma bem lenta, em 1954 houve a presença de 75 congressistas em Porto Alegre e, dez anos depois, em 1964, na mesma cidade, ambos os Congressos sob a presidência do Dr. Alarich Schultz, a participação foi de 148 congressistas. Esse crescimento lento de novos estudiosos apresentava-se aos mestres como um desafio difícil de ser superado diante da enorme tarefa a ser realizada. Revelavam-se angustiados mas não desanimados, com regozijo e palavras de estímulos aos novos associados, cuja aprovação era realizada sempre em Assembléias Gerais, com a leitura nome a nome de cada pretendente (fig. 1).

Seguramente me escaparão alguns nomes, muitos mesmo, mas pela assiduidade, participação ativa e comprometido envolvimento, citaria para esses primeiros quinze anos:

Alarich Schultz, Alcides Ribeiro Teixeira, Augusto Chaves Batista, Aylthon Brandão Joly, Berta Lange de Morretes, Dárdano de Andrade Lima, Ezechias Paulo Heringer, F. G. Brieger, Fernando Romano Milanez, Geraldo Mendes Magalhães, Guido Frederico João Pabst, Heitor Grillo, Honório da Costa Monteiro Filho, João Murça Pires, João Vasconcelos Sobrinho, Luiz Emygdio de Mello Filho, Mário Guimarães Ferri, Moysés Kramer, Oswaldo Bastos de Menezes, Paulo de Tarso Alvim e Walter Radamés Accorsi. Esses davam a tônica às Assembléias, às quais praticamente todos compareciam, debatiam sobre as Sessões Técnicas, faziam as articulações que



SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL

JARDIM BOTANICO — RIO DE JANEIRO

PROPOSTA DE ADESÃO

De conformidade com os ESTATUTOS, propomos para SÓCIO

efetivo *da SOCIEDADE BOTANICA DO BRASIL, o*

Snr.ª Graziela Maciel Barroso

residente à rua Dias Ferreira, 116 apt.º 302 - Leblon D.F.
(Indicar rua, número, cidade e Estado)

Cargo ou função do proposto: Naturalista
do Jardim Botânico do R. de Janeiro

Proponentes: Fernando Romano Milanez

Data: 30 de outubro de 1950

Aprovado em sessão de Diretoria de 30-11-50

Figura 1 – Proposta de novo sócio de Graziela Maciel Barroso, com as assinaturas de F. Romano Milanez e Luiz Emygdio de Mello Filho (outubro de 1950)

envolviam escolha do local e nomes para a Diretoria da SBB, eram os profundos conhecedores dos Estatutos, cujos artigos eram constantemente citados. Seus pronunciamentos eram, não raro, longos e ponderados e freqüentemente entravam em divergência, com ardentes defesas de seus pontos de vista. Mas as Assembléias sempre comportavam, com freqüência mais dispersa ao longos dos anos, pessoas de nome e que se incorporavam aos debates com igual ardor. Cabe citar a seguinte relação, embora também com lacunas:

Alberto Castellanos, Almiro Blumenschein, Américo Grozsman, Andrej Bertels Menschoy, Anna Müller Hagedorn, Antonio Franco Filho, Camillo Torrend, Carlos Stelfeld, Chotaro Shimoya, Clemente José Steffen, Clóvis Silva Fernandes, Coaracy M. Franco, Dalmo C. Giacometti, Elza From Trinta, Emília Santos, Eny Corrêa Vianna, Generosa Emília Pontual Peres, George Eiten, Geraldo Carlos Pereira Pinto, Gert Hatschbach, Gregório Bondar, Ida de Vattimo, Ismar Leal Barreto, João Rodrigues Mattos, José da Cruz Paixão, Karl Silberschmidt, Lair Remusat Rennó, Lauro Pires Xavier, Leão Leidermann, Liene Teixeira Eiten, Luiz Fernando Gouvêa Labouriau, Luiz Roth, Manoel Mateus Ventura, Maria do Carmo da Costa Monteiro, Maria Eneyda Fidalgo, Maria Henriqueta Homrich, Marico Meguro, Mário Coelho, Mário Pereira Duarte, Moacyr do Amaral Lisboa, Moacyr Maestri, Moysés Kuhlmann, Nilza Fischer Mattos, Octávio de Almeida Drummond, Oswaldo Fidalgo, Otto Andersen, Paulo Bezerra Cavalcante, Ramón Malagarriga (Ir. Teodoro Luis), Ricardo de Lemos Fróes, Romeu Beltrão, Rosa Villani, Victória Rosseti, Walter Brune, Walter Hoehne e William Antonio Rodrigues (fig. 2).



Figura. 2 – Participantes da VII Reunião Anual (Cruz das Almas-BA, 1956), a maioria dos quais se inclui entre os que vivenciaram ativamente os quinze primeiros anos da SBB



Figura 3 – João Murça Pires, Prisco Bezerra e Lectícia Scardino Scott Faria, em Taimbezinho-RS (excursão durante o XXXIV CNB, 1983). Foto: Ariane L. Peixoto

Minha primeira participação em Congresso deu-se em 1954, na época com 24 anos. Foi um prazer conhecer e, mais do que isso, falar pessoalmente com pessoas tidas como "intocáveis" e que logo se revelavam tão acessíveis quanto amáveis. Havia sim, entre eles, uma constante preocupação de defender nomes e posições, mas o faziam sempre com elegância. Eu os vi atuando, até muito antes de conhecê-los, em bancas examinadoras em concursos para Cátedras, onde sempre se apresentavam formais, com pronunciamentos eivados de saber e autoridade. Pois de certa forma, tinham algo dessa pompa nos pronunciamentos em Sessões Técnicas e Assembléias.

Nessa época as excursões ou expedições científicas, como eram chamadas, eram realizadas em meio ao Congresso (até 1961 – Reunião Anual). As excursões permitiam uma total descontração. Ali os sisudos mestres tornavam-se alegres mestres, tocados pela magia da natureza que tanto amavam (fig. 3). Apinhavam-se em volta de uma planta que não conheciam ou sobre a qual tinham sido questionados "malandramente" por um autóctone. Os palpites surgiam e expressões como "pelo jeitão deve ser uma..." faziam-se freqüentes. As flores eram examinadas com o auxílio de lupas de bolso, algumas dessas lupas verdadeiras relíquias do século passado; uns, mais precavidos, vinham munidos de pinças e estiletes; as folhas eram olhadas contra a luz, apalpadas, cheiradas e ocasionalmente mordidas. Tudo em busca de um lampejo de memória, um rasgo de conhecimento que levasse à solução do enigma. Chegava-

se a um acordo ou alimentava-se uma dúvida, e qualquer resultado era sempre um motivo de satisfação. Saíam todos rindo, satisfeitos, em busca de um novo problema e todos atentos às explicações, sempre presentes, por parte dos especialistas. Os deslocamentos ensejavam muitas situações hilariantes. Foi então que em 1956, por ocasião da VII Reunião, em Cruz das Almas/BA, criei, com o auxílio de Mário Duarte, Maria Henriqueta Homrich e Marico Meguro, o jornalzinho "Mário, Maria e Marico", no qual eu me atrevia a brincar com os mestres, dando corpo a todas as situações cômicas acontecidas em Sessões Técnicas, Assembléias e Excursões. O jornal foi um sucesso e os mestres, por meio de bilhetes, descreviam situações que tinham presenciado em relação a colegas e todos riam e se divertiam com a "desgraça" alheia. A partir de então dava-se um relato paralelo das Assembléias, que muito divertiam precisamente pelos fatos então relatados, sob outra ótica, terem sido presenciados por todos (fig. 4).

Assim foi a Sociedade Botânica do Brasil nesses primeiros 15 anos. Uma grande família, em que todos se conheciam, se respeitavam e seguramente se amavam. Um retrato dessa afirmativa pode-se obter na Ata da Assembléia Geral da XII Reunião Anual, onde, acatando proposição de minha autoria, "fica resolvido que se envie uma carta aérea de saudações à 1ª Secretária da Sociedade, Dra Berta Lange de Morretes, atualmente nos Estados Unidos, dizendo-lhe que sua 1ª ausência, aliás, justificada, à Reunião Anual da SBB foi bastante sentida por todos os companheiros das reuniões anteriores".

A segunda metade do 1º período (1966-1982) nos permite verificar uma aceleração na caminhada. Dos 148 congressistas do XV CNB, realizado em Porto Alegre em 1964, passou-se para 282 em Pelotas em (1973), atingindo cerca de 800 no de Porto Alegre (1983).

Agora outros nomes vão agregando-se aos já citados, emprestando novas feições às Assembléias e possibilitando o aporte de idéias que as tornavam mais dinâmicas. Dentre os muitos que poderiam ser mencionados, omitindo-se aqueles surgidos bem ao fim do período, despontam:

Afrânio Gomes Fernandes, Atelene Normann Kämpf, Alfredo Gui Ferreira, Amália Hermano Teixeira, Anajúlia Elizabete Heringer Salles, Ariane Luna Peixoto, Armando de Mattos Filho, Beulah Coe Teixeira, Bruno Edgar Irgang, Carlos Eduardo de Mattos Bicudo, Cecília Ribeiro Gonçalves, Cornélio Ramalho Campelo, Dora de Amarante Romariz, Dorothy Sue Dunn de Araújo, Geraldo Mariz, Graziela Maciel Barroso, Gil Martins Felippe, Haroldo Edgar Strang, Hermes Moreira de Souza, Hermes Moreira Filho, Hermógenes de Freitas Leitão Filho, Hilda Maria Longhi-Wagner, Honório da Costa Monteiro Neto, Irina Delanova de Gemtchujnicov, Jorge Fontella Pereira, José Ângelo Rizzo, José Cândido de Mello Carvalho, José Francisco Montenegro Valls, Júlio Pedro Laca Buendia, Karl Arens, Lauro Xavier Filho, Lectícia Scardino Scott Faria, Leopoldo Magno Coutinho, Manuel Losada Gavilanes, Margarete Emmerich, Maria Angélica Figueiredo Gomes, Maria Célia Vianna, Maria Luiza

Mário, 1967
2 = 3
① Maria et Marico

XVIII CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA
I Simpósio Latino-americano de Microbiologia dos Solos
I Simpósio Brasileiro de Conservação da Natureza,

FOFOCA DE FUNDO:

Se a Cidade narasse...

Um pretendente a Congressista, inteiramente liso, mais liso que tronco de araçazeiro, completamente duro, mais duro que lenho de jacarandá, por estar assim liso e assim duro era apenas pretendente a Congressista, não viria ao Congresso.

– Mas a bondade do PABST resolveu o problema da passagem de ida e volta: FIM DO MUNDO – RIO – FIM DO MUNDO.

O Dárdano, resolvido êste problema telegrafou: "TE MANDA vg PASSAGEM CONGRESSO GRATIS". O gaja leu e releu o telegrama e concluiu: "Tudo de graça! Oba!" e e se tocou cantando: "Ai qui saudade do meu Ricifi..."

E o pretendente virou congressista. Desembarcou no Santos Dumont e... com Cr$ 000 no bolso se encastelou no Hotel Aeroporto ... por conta da Sociedade. Junto dele viajou e se hospedou outro Congressista, que se cair se afoga para não ter de abri a mão.

E o nosso amigo iniciou a sua odisséia, pois grátis era só a passagem...

O telegrama do Dárdano deveria ter sido redigido assim: "TE MANDA CONGRESSO vg PASSAGEM GRATIS"

Obs.: A Dra. IDA PONTUAL está angariando contribuições a fim de resolver o impasse.

&&&&&&&&&&

SEÇÃO DE SISTEMÁTICA II

1- Afinal, BERNARDO, qual era a família?

2- E por falar em BESLERIA, depois daquele discurso todo, surgiu o mais sério concorrente do CHAVES BATISTA na SBB.

3- O lema do CARAUTA é: Um homem prevenido vale por dois... projetores (Ainda mais quando manejados por Dárdano – o queimador de lâmpadas.

4- Um Besleriano (entendeu Silbeschmidt?) dizia com os seus botões: "É, por Carauta êles não dizem nada. Êle já tá falando há mais

Figura 4 – Uma página do "Mário, Maria e Marico", nº 3, publicado no XVIII CNB, (Rio de Janeiro, 1967)

Porto, Mitzi Brandão Ferreira, Nanuza Luiza de Menezes, Nélson Maravalhas, Odete Pereira Travassos, Olinda Leites Bueno, Pedro Luiz Cianciulli, Prisco Bezerra, Raulino Reitz, Roberto Burle Max, Roberto Miguel Klein, Rosa Maria T. Bicudo, Sonia Machado de Campos Dietrich, Sílvia Terezinha Sffogia Miotto, Thusnelda Arens, Walter B. Mors, Walter Handro e Wilma Teixeira Ormond.

Na imensa maioria dos Congressos durante esse primeiro período, coube à Diretoria da SBB a condução integral dos eventos sem o concurso de pessoas estranhas, via terceirização. Berta Lange de Morretes e Dora Romariz antecipavam de um ou dois dias sua chegada ao local do Congresso e davam total apoio à Diretoria da SBB, auxiliando a equipe do local em trabalhos de Secretaria, principalmente aqueles vinculados à recepção e inscrição dos congressistas. Com sua simpatia e operosidade a todos cativavam, granjeando não só a amizade daqueles a quem auxiliavam, mas encantando com suas presenças e transmitindo uma acolhida mais do que fraterna a cada um dos já "velhos" conhecidos.

Nas Assembléias freqüentes discussões giravam em torno da qualidade dos trabalhos apresentados. Ferri e Dárdano sempre batalhavam por medidas, duras até, que os aprimorassem, mas muitos entendiam que era preciso paciência e que esse aprimoramento viria ao natural. Na ata da Assembléia de 1961 consta: "Fala-se longamente sobre a necessidade de haver um julgamento prévio das comunicações a serem apresentadas pelos associados às Reuniões Anuais da SBB, diante de várias sugestões apresentadas quanto ao critério para a seleção desses trabalhos. Nenhuma dessas sugestões é porém aceita, sendo o assunto encerrado com a proposta do Dr. Luiz Emygdio, de que a apresentação de trabalhos seja feita sem julgamento prévio, como já vinha sendo feito há 12 anos, para que a paz continuasse reinando na Sociedade".

As moções se sucediam (fig.5), grande maioria em defesa de áreas com valiosos ecossistemas em risco, e razões eram alinhavadas, discutidas e aprimoradas, até se chegar a um texto consistente e indicação dos encaminhamentos às autoridades e instituições responsáveis.

Às vezes eram moções de apoio a esse ou aquele pesquisador injustiçado por seus superiores hierárquicos ou por injunções políticas. A sociedade não tremia, não se omitia, não se esquivava em emitir opiniões e o fazia com a desenvoltura de seus líderes, pessoas de nome e peso no cenário científico nacional. Essa forma de agir era atraente, cada pronunciamento era atentamente escutado, cada debate era um momento de enriquecimento, tudo isso fazia com que a Assembléia Geral, longe de ser um item dispensável da programação, era um de seus pontos altos, do qual os mais antigos e os mais jovens ansiavam em participar.

A situação financeira da SBB nunca foi sólida durante todo esse período e essa fragilidade era bem mais acentuada nos seus primeiros quinze anos de existência. Cumprindo determinação da Assembléia Geral de 1959, o Dr. Alcides Teixeira distribuiu diplomas impressos aos sócios presentes na XII Reunião Anual, logo no

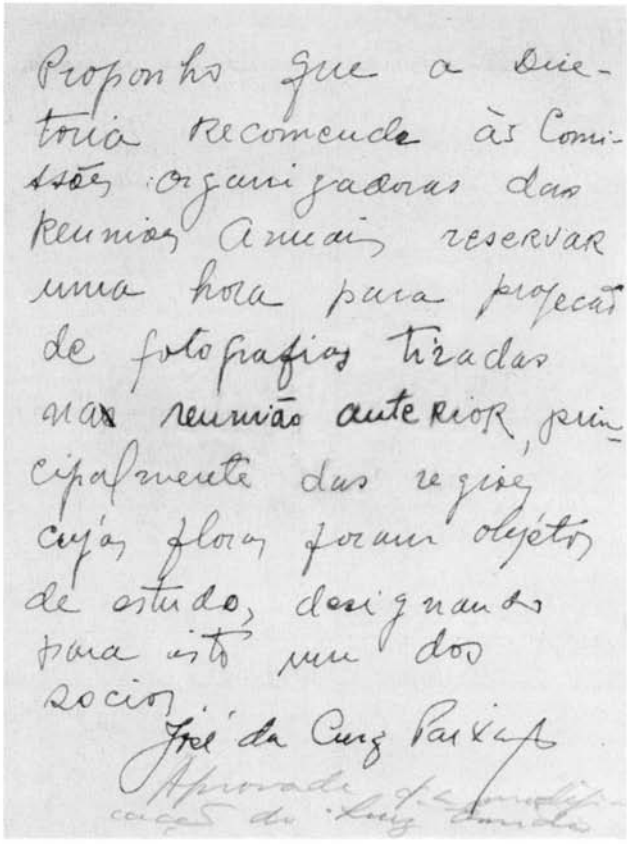

Proponho que a Diretoria recomende às Comissões organizadoras das Reuniões Anuais reservar uma hora para projeção de fotografias tiradas na reunião anterior, principalmente das regiões cujas flora foram objeto de estudo, designando para isto um dos sócios.
José da Cruz Paixão

Figura 5 – Uma proposta manuscrita e apresentada em Assembléia Geral por José da Cruz Paixão

reinício dos trabalhos da Assembléia, que haviam sido interrompidos para o almoço. Diante do fato, o "Prof. Mário Guimarães Ferri manifesta-se contrário a esse tipo de comprovante por considerá-lo dispendioso. Alcides explica que tal diplomação fora instituída para oferecer aos associados um comprovante de sua participação às Reuniões Anuais da Sociedade, muitas vezes exigido pelas autoridades a que estão subordinados. Estuda-se então uma solução menos dispendiosa, ficando resolvido, após muitas ponderações, que o diploma seja substituído por um documento datilografado ou mimeografado, fornecido aos sócios que o solicitarem".

Os Estatutos da SBB, bastante simples, permaneceram inalterados por mais de dez anos (fig. 6). Intentou-se reformá-los em 1961, mas a exigüidade do tempo só permitiu, naquela oportunidade, produzir modificações nos onze primeiros artigos, ficando resolvido que a discussão da reforma teria continuidade na XIII Reunião Anual, em Pernambuco.

PROJETO DE ESTATUTOS

— DA —

Sociedade Botânica do Brasil

Art. 1·— Esta Sociedade será conhecida pelo nome de Sociedade Botânica do Brasil, iniciais S.B.B., e se destina a promover o estudo da botânica, sob todos os seus aspectos.

Dos Membros

Art. 2·— Tôdas as pessoas interessadas no estudo da botânica poderão ser membros da Sociedade.

§ 1 — Cada *membro efetivo* pagará a anuidade de duzentos cruzeiros.

§ 2 — Poderão ser admitidos como *membros aderentes*, sem direito a voto, os estudantes que pagarem a anuidade de cem cruzeiros.

§ 3 — Os membros que contribuirem de uma só vez com a importância de dois mil cruzeiros serão considerados *vitalícios*.

§ 4 — Serão considerados *membros patronos* as pessoas que contribuirem com a quantia mínima de cinco mil cruzeiros.

Da Admissão dos Membros

Art. 3·— Os membros serão admitidos pelo Conselho da Sociedade, mediante proposta assinada por dois membros efetivos ou patronos.

§ 1 — Os dispositivos dêste artigo não atingem os que derem a sua adesão até a data da instalação da Sociedade, os quais serão considerados fundadores.

Da Diretoria

Art. 4·— A Diretoria da Sociedade consistirá de Presidente, Vice-presidente e Secretário-tesoureiro.

§ 1 — As funções dos membros da Diretoria serão as comumente atribuídas às pessoas que exercem êsses cargos.

Do Conselho

Art. 5·— O Conselho compor-se-á do Presidente, Vice-presidente, Secretário-tesoureiro, Presidente do período anterior, Editor da revista da Sociedade e de mais dois membros efetivos eleitos pela assembléia.

§ 1 — As atribuições do Conselho serão: zelar pelos altos interêsses da Sociedade, nomear comissões, deliberar sôbre a admissão de novos membros, examinar a escrita da Sociedade e resolver os casos omissos nestes estatutos.

§ 2 — Tôdas as atividades do Conselho serão submetidas à aprovação da assembléia, em reunião anual realizada em lugar prèviamente designado.

Dos Cargos Eletivos

Art. 6 — Os membros da Diretoria e do Conselho serão escolhidos por maioria do votos dos membros quites, presentes à reunião anual da Sociedade.

§ 1 — A eleição será por voto secreto.

§ 2 — O mandato do Presidente e do Vice-presidente será de um ano.

§ 3 — O mandato do Secretário-tesoureiro, do editor da revista e dos dois membros efetivos eleitos para o Conselho será de três anos.

Da Reunião Anual

Art. 7·— A Sociedade fará realizar uma reunião anual, durante o mês de janeiro, em local e data prèviamente designados, durante a qual, além dos atos previstos pelos estatutos, haverá sessões para apresentação de trabalhos científicos, bem como excursões botânicas.

§ 1 — A organização dos trabalhos desta reunião ficará a cargo de uma comissão especial, prèviamente designada pelo Conselho.

Das Publicações

Art. 8·— A Sociedade promoverá a publicação das atas das reuniões anuais, contendo os trabalhos apresentados ou seus resumos, e, quando as condições o permitirem, manterá uma revista própria.

§ 1 — As publicações da Sociedade ficarão a cargo de um Editor eleito para êsse fim, auxiliado por dois membros efetivos, por êle próprio escolhidos.

Das Secções

Art. 9·— Secções locais, estaduais ou regionais desta Sociedade poderão ser fundadas mediante petição assinada, no mínimo, por 10 membros efetivos residentes na localidade, e dirigida à assembléia anual.

§ 1 — Estas secções serão autônomas quanto às suas atividades e organização, respeitados, porém, os dispositivos dêstes estatutos.

Disposições gerais

Art. 10 — No caso de dissolução da Sociedade, seu patrimônio será entregue ao Ministério de Educação para instituição de um prêmio que se denominará «Prêmio Soc. Bot. do Brasil», a ser conferido, periòdicamente, ao melhor trabalho científico sôbre Botânica, realizado no país.

Alteração dos Estatutos

Êstes estatutos só poderão ser modificados mediante proposta subscrita por dez ou mais membros e aprovada, no mínimo, por 2/3 dos membros da Sociedade.

OFICINAS GRÁFICAS DA ESAV
VIÇOSA, MINAS GERAIS

Figura 6 – O primeiro Estatuto da SBB

Um dos pontos altos das Assembléias, por deixar antever alguma expectativa, era a escolha da sede para o próximo Congresso. José Ângelo Rizzo encaixou-se como uma luva na mecânica das Assembléias Gerais, revelando-se um dos mais hábeis e persistentes articuladores no tocante à escolha do local e composição da Diretoria da SBB para o ano seguinte. De fala habitualmente macia, baixava o tom a um quase sussurro, alinhavando argumentos e tentando adeptos à proposta que era invariavelmente aceita, e assim, de abordagem em abordagem, assegurava-se de que a aprovação ocorreria sem entraves, o que de fato acontecia. Nisso resumia-se toda a política da SBB exercida ao longo de seus primeiros 33 anos. Tudo era muito simples, transparente, amigável, sem subterfúgios, encerrando-se invariavelmente entre abraços, sorrisos e salva de palmas. Permito-me escolher um nome-chave na definição do modo de ser da SBB de então: Prisco Bezerra (fig. 3). Com seu jeito calmo, sereno, sorridente, exerceu, em todas as Assembléias das quais participou, um papel apaziguador, conciliador, sempre emitindo conselhos sábios, experientes, judiciosos, que acalmavam ânimos, esfriavam e concluíam discussões. Esse conceito não é de agora, eu o emiti em verso, em sua memória, em 20.01.1985, no Congresso de Curitiba.

O segundo período compreende os anos de 1983 a 1994. Nele, as diretorias da SBB, eleitas em Assembléia Geral Ordinária, o são para um mandato de três anos de duração, vedada a reeleição para o triênio subseqüente imediato. A idéia, implantada graças à mudança de Estatuto realizada no XXXIV Congresso Nacional de Botânica, Porto Alegre, RS, é a de dar-se oportunidade à diretoria de realizar um trabalho com mais profundidade e continuidade. Nessas circunstâncias cria-se a Comissão Organizadora do Congresso (Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º Secretários, 1º e 2º Tesoureiros), com a escolha dos locais e eleição da Comissão Organizadora respectiva, efetuada em Assembléia Geral com dois anos de antecedência.

O XXXIV Congresso Nacional de Botânica (Porto Alegre/RS – jan. 1983) encerra o 1º período, eis que Maria Luiza Porto e os demais membros da Diretoria, eleitos em Maceió (XXXIII CNB – 1982) pelos estatutos então vigentes, o são por um período de apenas um ano. Mas precisamente no Congresso que preside, Maria Luiza Porto defronta-se com a estafante tarefa de conduzir uma Assembléia Geral em que se realiza uma mudança dos Estatutos da SBB, onde se inclui a ampliação do mandato da Diretoria para três anos e a prorrogação por mais dois anos do mandato da Diretoria eleita em Maceió.

O relato "paralelo" dessa Assembléia, por mim efetuado em verso durante o jantar de confraternização, 27/01/1983 (publicado na íntegra no Boletim nº 1 da SBB – maio 1984), com os fragmentos que lhe são pertinentes, permitem evidenciar a forma bem descontraída, ainda que tumultuada, como ela e tantas outras aconteciam.

Porto Alegre,
Aqui estamos
Reunidos
Mais uma vez,
Felizmente,
Para contarmos,
Em prosa e em verso,
Os feitos botânicos
Dos botânicos do Brasil
E alhures
No XXXIV encontro
Da nossa SBB.
Nossa Presidente Porto,
Também alegre,
É de tal eficiência
E paciência
Que ganha para não perder o embalo,
A condição de biônica:
Mandato prorrogado,
De estalo, por mais dois anos,
Para nosso gáudio e satisfação,
É claro!
Tenho certeza,
Já com mais experiência
No porto,
Não se deixará levar,
Em próximas assembléias
Por irrequietas platéias;
Pelas "questões de ordem"
Do Prisco;
Pelas palavras tomadas
- E não pedidas –
Do Valls;
Pelas tramadas "recontagens"
Do Alcides.
E, diga-se de passagem,
Que desta vez
Ainda teve sorte!
Quis o destino
Que o Rizzo,
E a Berta,
E o Honório,
E o Ferri – Meu Deus!
E o Sarmento,
E o Tenório,
Não se fizessem presentes
Na aprovação dos Estatutos.
É bem verdade
Que tinha o Lídio
E o Lobão, também.
Maria Luiza me parecia
Como juiz de futebol,
Emaranhado pelas artimanhas
Dos Mário Sérgios da vida,
Dos Figueiroas,
Dos Éder;
Alcides e Valls
Logo pegam o jeito
Que Prisco não teve peito:
Acenam prás recepcionistas,
Dão de mão no microfone
E a partir daí
A palavra poderia ser dada
A quem quer que fosse
Que eram eles mesmos
Que falavam
Qualquer coisa começando assim:
"Um instante...
"Eu só queria...
"Só uma coisa...
E lá vinha
Uma palestra ou conferência,
Sei lá,
Só ultrapassada
Pela colega de Minas
Que, com muita imparcialidade,
Sai em defesa
Do padre "desreservado"
(entenda-se: expulso da reserva).
Prisco se enerva tanto
Que de uma feita pede:
- Me dá cá esse gramofone,
Telefone, sei lá!
Me dá essa coisa ai"
Fala, explica
E conclui assim:
"Agora vocês façam o que quiserem".
Mas Prisco teve outra saída,
De mestre que é:
Com uma garrafa d'agua na mão

E um copo na outra
Se prepara ao precioso líquido
Quando Valls intervém.
- Puxa vida!
Falei tanto que acho que mereço um copo.
- Um copo?
Toma aí a garrafa, seu peste.
.....
Na escolha do local pro Congresso
Marcelo rói a corda
Do pessoal de Recife.
Maria Luiza,
Depois de propor aclamação
Prá minuto de silêncio,
Encaminha a votação:
Quem é contra Recife, fica como tá.
Tem cara pego de pé
Que ficou entalado
E agora se eu sentar
Tô contra ou tô a favor?
Nanuza explica
Que não é contra Recife
Que até que é uma boa terra,
Boa viagem,
De gente boa,
De gente fina,
De gente hospitaleira
Que não vota contra Recife,
Apenas a favor de Manaus.
Sei lá,
Qualquer coisa assim.
Agora nunca vira ainda
Votação tão infinda:
A gente levantava o braço
Tava votando,
E a discussão recomeçava,
E a gente de braço levantado,
Um halterofilista
Não sairia incólume.
O Afrânio foi acometido
De torcicolo;
Laurinho desapareceu,
Dizem que ficou de cama
A manhã inteira;
Prisco perdeu o embalo;
O Alcides calado;
A Dora dessa vez,
Só votava,
E teve um baita cansaço;
No fôlego,
Ganhou o Valls
.....

Agora o corpo de associados da SBB já está vigorosamente ampliado, não apenas em número, mas em participação, comprometimento e de espírito altamente combativo. As Assembléias, paradoxalmente, não têm freqüência elevadíssima como seria desejável e de esperar, os debates ocorrem com envolvimento pleno de seus participantes, principalmente por tratar-se de um período com acentuada mudança de paradigma.

Àqueles que vão perpassando do período anterior agregam-se agora, evidentemente com lapsos de minha parte:

Alba Lúcia Ferreira de Almeida Lins, Alexandre Francisco da Silva, Ana Maria Giulietti, Ana Maria Goulart de Azevedo-Tozzi, André Maurício de Carvalho, Aristéa Alves Ferreira, Armando Carlos Cervi, Arnildo Pott, Benildo Souza Cavada, Carlos Alberto Cid Ferreira, Elenice Mouro Varanda, Eliana Nogueira, Elsie Franklin Guimarães, Everardo V. S. B. Sampaio, Fernando Roberto Martins, Francisca Simões Cavalcante, Francisco José de Abreu Mattos, Geisa Lauro Ferreira Reis, Germano Guarim Neto, Gilberto Pedralli, Haroldo Cavalcante de Lima, Hortensia Pousada Bautista, Ilsi Iob Boldrini, Irenice Alves Rodrigues, Isabel Cristina Sobreiro Machado,

João Ubiratan Moreira dos Santos, Jorge Ernesto de Araújo Mariath, Jorge Luiz Waechter, Josafá Carlos de Siqueira, José Antonio Peters, José Luiz de Hamburgo Alves, José Rubens Pirani, Laise de Holanda Cavalcanti Andrade, Léa Maria Medeiros Carreira, Leila Macias, Lídio Coradin, Luciana Mautone, Luiza Sumiko Kinoshita, Manoela Ferreira Fernandes da Silva, Marcelo Ramos da Fonseca, Marcus A. Nadruz Coelho, Maria Aparecida Zurlo, Maria das Graças Lapa Wanderley, Maria das Graças Sajo, Maria de Lourdes Abruzzi Aragão de Oliveira, Maria Lenise Silva Guedes, Maria Margarida da Rocha Fiuza de Melo, Maria Mércia Barradas, Maria Regina de Vasconcellos Barbosa Marlene Freitas da Silva, Marli A. Ranal, Marli Pires Morim de Lima, Olga Yano, Paulo G. Windisch, Pedro Ivo Soares Braga, Raimunda Conceição Queiroz de Vilhena, Regina Helena Potsch Andreata, Ricardo de Souza Secco, Ronaldo Adolfo Wasum, Rosely Ana Piccolo Grandi, Sandra Farto Botelho Trufem, Sílvia Rodrigues Machado, Taciana Barbosa Cavalcanti, Tarciso Filgueiras, Terezinha de Jesus de Almeida Silva Rego, Terezinha Sant'Anna Melhem, Thelma Sueli Mesquita Grandi, Vali Joana Pott, Valmar C. de Andrade, Vera Lúcia dos Santos Guarim, Vera Lúcia Scatena, Waldir Mantovani e Yedo Alquini.

Com toda essa fantástica massa crítica, seguramente incompleta, é evidente que mudar resulta de imperativo tão esperado quanto natural e desejável.

A mudança estatutária ampliando para três anos o mandato da Diretoria, presidida por Maria Luiza Porto (triênio jan. 1982/jan. 1985), incluía Alfredo Gui Ferreira (Vice-Presidente), Jorge Ernesto A. Mariath (1º Secretário-Tesoureiro), Maria de Lourdes A. A. de Oliveira (2º Secretário-Tesoureiro) e Lídio Coradin (Secretário Representante), um grupo coeso, competente, determinado. Os resultados logo se fazem sentir. Em maio de 1984 publica o Boletim nº 1 da SBB com várias notícias e informações de interesse do associado, dentre elas a busca de uma solução junto à Sociedade Botânica de São Paulo para que a Revista Brasileira de Botânica retorne às suas origens; providências para a publicação de Anais em atraso; ajustamento contábil e jurídico da SBB à legislação em vigor; um amplo e decisivo apoio à organização e fortalecimento das Seções Regionais; suporte às Comissões Organizadoras à realização dos Congressos Nacionais. Ao organizar o Congresso de Porto Alegre (1983), a Diretoria optou por terceirizá-lo via contratação de uma empresa especializada. Ao dar apoio à Comissão Organizadora do XXXV Congresso Nacional de Botânica (Manaus-AM – jan. 1984), levou esse apoio ao exagero de contratar a mesma empresa gaúcha que dera suporte ao de Porto Alegre para fazê-lo em Manaus. E esse suporte foi de tal dimensão que incluiu o deslocamento de toda a equipe de atendentes e recepcionistas. Todo o Congresso, que reuniu 250 participantes, desenrolou-se no Tropical Hotel, os preços das inscrições obviamente elevados, com reclamações gerais por parte dos associados. A Diretoria eleita para o triênio jan. 1985-jan. 1988 continua com sua sede em Porto Alegre, agora sob a presidência de Alfredo Gui Ferreira, Jorge Ernesto de Araújo Mariath (Vice-Presidente), Maria de Lourdes de A. A. de Oliveira (1º Secretário-Tesoureiro), Márcia Terezinha Menna Barreto das Neves (2º Secretário-

Tesoureiro) e Lídio Coradin (Secretário-Representante). A manutenção, praticamente inalterada da equipe dirigente, não ensejou nenhuma solução de continuidade, mas consolidação de êxitos já alcançados e obtenção de outros de assinalado valor, tais como a elaboração do Plano Nacional de Botânica e a criação da *Acta Botanica Brasilica* (face o malogro do retorno ao domínio da SBB da Revista Brasileira de Botânica) com o nº 1 (1) já sendo distribuído em janeiro de 1987.

É válido ressaltar os êxitos, sem dúvida importantíssimos, à aceleração de passo que a SBB precisaria tomar e que decidiu fazê-lo pela desvinculação da figura Presidente da SBB/Presidente do Congresso Nacional e ampliação do mandato da Diretoria da SBB para três anos.

Mas essa mudança trouxe um ingrediente novo à dinâmica da Sociedade, com um componente político estranho a sua história. A eleição de Maria Luiza Porto aconteceu ainda nos moldes antigos, com sondagens persuasivas conduzidas por Rizzo e outros sem nenhum embaraço ou qualquer dúvida sobre o resultado prontamente consagrado em Assembléia. Na verdade, essa eleição já estava decidida com dois anos de antecedência. Em Terezina-PI, falou-se com insistência na possibilidade da realização de um Congresso em Pelotas, incluindo tentativas de convencimento para que eu aceitasse presidi-lo. Os colegas da Seccional Rio Grande do Sul ponderaram-me que se esse Congresso fosse realizado em Pelotas inviabilizaria o Congresso que se pretendia ver realizado em Porto Alegre, em 1983, sob a presidência de Maria Luiza Porto, que então já teria retornado do doutoramento. Na ocasião já se antevia uma proposta de mudança estatutária, a acontecer em Porto Alegre, desvinculando a Diretoria da SBB daquela organizadora dos Congressos, sugestão essa que sempre endossei e que, embora tivesse sido apresentada de forma esparsa em vários Congressos anteriores, nunca vingara. Apoiei pronta e integralmente a idéia e, com a minha negativa, baseada nesse argumento, o assunto ganhou outro encaminhamento pela Assembléia.

Já a eleição da Diretoria presidida por Alfredo Gui Ferreira para o triênio jan. 1985-jan. 1988, acontecida na Assembléia Geral do XXXVI CNB (Curitiba-PR – jan. 1985) não foi, como seria de esperar, tramada na Assembléia. Ela foi pacientemente costurada, esquentada e requentada, ao longo dos três anos da Diretoria anterior, pelo Brasil inteiro, principalmente junto às Seccionais. Foi-se tornando um consenso, face aos êxitos da administração Maria Luiza Porto, de que a Diretoria deveria ser mantida em Porto Alegre, praticamente com o mesmo grupo, para que houvesse continuidade e consolidação dos empreendimentos realizados e dinamização política da SBB, de forma que viesse a assumir a posição de destaque que deveria realmente ter no cenário científico nacional. Foi uma eleição pacífica que contou com o meu aplauso e incondicional apoio.

Após a aprovação dos Estatutos, a Diretoria cuidou da elaboração do Regimento da SBB. No afã de bem ordenar as Assembléias Gerais, o capítulo a elas referente, em seu artigo 14º, estabelece 14 tópicos seqüenciados da Abertura ao

Encerramento, definindo que as Assembléias Gerais não terão duração superior a 6 horas, não podendo ultrapassar de 30 minutos a discussão de cada tópico, após o que serão interrompidas mantendo-se em suspenso para eventual retorno se o tempo total o permitir. Prevê, ainda, caso se esgote a duração prevista de 6 horas, a interrupção da Assembléia por um mínimo de 30 minutos e um máximo de 24 horas, reiniciando-se as atividades respeitada a ordem dos assuntos em suspenso.

O XXXVII Congresso Nacional de Botânica, presidido por Maria Aparecida Zurlo, em Ouro Preto/MG – jan. 1987, foi o primeiro acontecido sob a gestão de Alfredo Gui Ferreira. Ao desenvolver o tópico Comunicações da Presidência, na Assembléia Geral, Gui Ferreira menciona: "Esta Diretoria é imensamente grata à Profª Maria Luiza Porto, ex-Presidente da SBB, por ter providenciado recursos que possibilitaram um ano relativamente tranqüilo na área financeira. Esta mesma tranqüilidade não estamos antevendo para 1986 caso os Congressos não apresentem *superavit* no seu encerramento".

Essa observação é importante por revelar um estado de preocupação, por parte do Presidente, com uma situação difícil de ser conduzida, principalmente diante do elenco de tarefas que ambicionava realizar.

Nessa altura algumas colocações precisam ser feitas porque relacionadas com uma série de fatos que se desenrolarão na Assembléia.

Desde o Congresso de Manaus, acontecido no 2º ano da gestão Maria Luiza Porto, a Diretoria vinha colocando dificuldades para a concessão de recursos que viabilizassem a participação dos Conselheiros. Houve, inclusive, ponderações de que não seria possível custear as despesas de todos os Conselheiros (nove), mas apenas de uns cinco ou seis. Esse assunto alcançou o Congresso de Curitiba, sempre com resistência por parte do Conselho Superior e gerando um certo desconforto. A Diretoria argumentava que essa despesa caberia à Comissão Organizadora do Congresso e várias vezes assim o foi, enquanto para o Conselho essa era uma responsabilidade da Diretoria da SBB. Tal situação fez com que, por várias vezes, ainda que contrária à sua filosofia, o Conselho tivesse dialogado com os Presidentes das Comissões Organizadoras no sentido de que, na medida do possível, envidassem esforços que assegurassem a participação dos Conselheiros no Congresso respectivo.

Em novembro de 1985, a Diretoria da SBB encaminha ofício a todos os Conselheiros, com cópia aos 10 membros da Comissão de Representação para a área de Sistemática no Programa Nacional de Botânica (eleita em Curitiba), onde definindo quatro expectativas (da Diretoria, por evidente) de ação do Conselho, a primeira das quais de que "deveria ser mais do que um órgão fiscal da executiva", propõe: 1) que o Conselho Superior, em conjunto com a Comissão eleita de 1985 em Curitiba, tracem as diretrizes para a Botânica no Brasil, não só de Taxonomia, mas nos seus diferentes aspectos fitológicos; 2) que o Conselho Superior examine as propostas e moções previamente; e que seja levado à Assembléia um extrato com breve justificativa, quando for o caso, para votação.

Como os membros do Conselho Superior chegaram a Ouro Preto-MG, como de praxe, com um ou dois dias de antecedência da abertura do XXXVI Congresso Nacional de Botânica (jan. 1986), a fim de procederem ao exame das prestações de contas que lhes foram submetidas, houve oportunidade de encontro com a Diretoria, ocasião em que se manifestaram contrários às sugestões contidas no ofício já referido.

No elenco das prestações de contas a serem examinadas, encontravam-se aquelas da Diretoria da SBB, correspondentes aos exercícios de 1984 e 1985. Logo ao efetuarem a análise dessas prestações de contas, tornou-se evidente aos Conselheiros que seria impossível aprová-las. Como de hábito, solicitou-se a presença do Presidente da SBB para alguns esclarecimentos e cientificá-lo da existência de glosa para algumas despesas. Tudo isso aconteceu nos dois dias que antecederam a abertura do Congresso.

Pois bem, logo no início do Congresso, em momento totalmente inoportuno, qual seja, em sua Sessão Solene de Instalação, ao efetuar o seu pronunciamento, na qualidade de Presidente da SBB, Alfredo Gui Ferreira "tece críticas à forma de atuação do Conselho, de que não deveria se restringir ao exame de prestações de contas e de que a Diretoria estava trazendo propostas para dinamizá-lo".

Tais críticas, ao tornarem-se públicas e da forma como o foram, passaram a ser motivo de comentários por parte dos associados da SBB presentes a Ouro Preto, na sua convivência diária com os Conselheiros, os quais, por sua vez, esclareciam sobre os fatos antecedentes e apresentavam seu ponto de vista frontalmente contrário.

O Conselho Superior, constituído por Afrânio Gomes Fernandes, Ana Maria Giulietti, Dorothy Sue Dunn de Araújo, José Ângelo Rizzo, José da Costa Sacco, Manuel Losada Gavilanes, Osvaldo Viegas, Valmar Correa de Andrade e William Rodrigues (Presidente), que já havia encaminhado ao Presidente da SBB um ofício no qual manifestava sua estranheza pelo seu pronunciamento, feito na Sessão de Instalação do Congresso, quanto à maneira de atuação do Conselho, agora preparava-se para a Assembléia Geral. A evolução dos fatos exigia uma plena satisfação à Assembléia e nessas circunstâncias decidiu-se, sem nenhuma palavra discordante, que o conteúdo do ofício e dos pareceres relativos às prestações de contas de 1984 e 1985 da Diretoria da SBB fossem lidos na íntegra pelo Presidente do Conselho, no espaço que lhe era reservado na agenda da Assembléia.

William Rodrigues, por razões que só ele conhece, mas que atribuo ao seu espírito conciliador, omite em seu relato a leitura dos pareceres e do ofício enviado pelo Conselho à Diretoria da SBB. Alega, quando por mim questionado na Assembléia, que não o fizera por economia de tempo. Instado para que o faça em face da decisão tomada pelo Conselho, diz que essa decisão não fora colocada em votação. Com a afirmação dos Conselheiros presentes de que essa fora efetivamente a decisão do Conselho, passa então à leitura do ofício e dos pareceres.

Isso deixou clara, perante a Assembléia, a posição do Conselho e que suas ponderações referentes às prestações de contas eram tão oportunas quanto válidas e

tão necessárias como sempre o foram: uma atribuição estatutária árdua, mas valiosa e indispensável à boa marcha da SBB.

Nessa Assembléia, a Diretoria da SBB e mais 8 sócios apresentam moção "no sentido de que todas as moções sejam devidamente redigidas e encaminhadas à Diretoria no mínimo de 24 horas antes da realização da Assembléia Ordinária para que a Diretoria repasse ao Conselho Superior". O Presidente da SBB esclarece ser uma moção que atribui mais uma função ao Conselho Superior, o qual poderia analisar, inclusive com mais tempo, as moções. Perguntado por Vera Husar se isto não impediria que novas moções fossem apresentadas à Assembléia, o Presidente da SBB argumenta que "de uma certa maneira sim, mas que visava a agilização e uma vez que não passasse pelo Conselho Superior seria retirada da pauta de julgamento pela Assembléia". Essa "nova atribuição do Conselho" era uma das propostas contidas no ofício encaminhado aos Conselheiros pela Diretoria da SBB e referida na Sessão de Instalação e sobre a qual o Conselho já se manifestara contrário. Foi então que me coube fazer a seguinte colocação: "nenhuma atitude por parte dessa Assembléia terá forças para definir atitudes de uma próxima Assembléia. É pois, inócuo, definir que os participantes da próxima Assembléia não teriam direito a apresentar moções, sem terem sido submetidas à apreciação de quem quer que seja, vinte e quatro horas antes da Assembléia". Colocada em votação, a moção não foi aceita, por 34 votos contrários e 11 favoráveis.

Com o assunto pendente dos tópicos Moções (9) e Outros Assuntos, esgota-se o prazo de 6 horas de duração da Assembléia, sendo ela suspensa, ficando a sua continuidade marcada para as 8 horas do dia seguinte.

Na retomada da Assembléia, dado o descontentamento generalizado pelo seu engessamento em face da limitação do tempo de 30 minutos para cada tópico, é aprovada a moção, proposta por 34 sócios: "Considerando que a limitação de tempo para os diferentes itens da agenda da Assembléia, de caráter regimental, tem implicado em prejuízos a melhores decisões, propomos promover alterações nos instrumentos que estabelecem essa determinação."

Vários pronunciamentos aconteceram sobre o "confronto" havido entre Diretoria e Conselho Superior da SBB, quando na realidade estava em choque uma questão de identidade e atribuições de cada um dos órgãos. O órgão máximo da SBB é a Assembléia Geral, dela decorre, por determinação estatutária por ela própria estabelecida, a Diretoria Executiva e o Conselho Superior, cada qual com atribuições específicas, claramente definidas e que precisam ser perfeitamente cumpridas por um e outro. O momento certo, correto, para se proceder a modificações o é em Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para o fim específico de modificações estatutárias. É da essência das Assembléias Gerais o confronto de idéias, o que sugere debates às vezes tão calorosos quanto emocionais, sempre sob a prevalência do espírito de amizade que norteia os participantes, municiados pelo objetivo comum de definir os melhores caminhos e contornos à SBB.

A primeira fase da Assembléia contou com elevado número de participantes prenhes de expectativas quanto ao desenrolar dos acontecimentos. Acabou morna, pela amputação das discussões ante as inflexibilidades regimentais de cumprimentos de horários delimitados para cada tópico. Sua continuidade, no dia seguinte, foi melancólica pela exigüidade de participantes, em número inferior a 50.

O XXXVIII Congresso Nacional de Botânica (São Paulo/SP – jan. 1987), o maior da SBB, com 1314 inscritos, teve Nanuza Luiza de Menezes na presidência da Comissão Organizadora. Com uma diretoria operosa e uma excelente organização operacional, realizou um congresso magistral, realmente superlativo como o é de seu gosto e feitio tudo o que faz, tal o entusiasmo e fé com que se lança a cada empreendimento. Nesse Congresso aconteceram duas Assembléias: uma Geral Ordinária, seguindo-se de uma Extraordinária para modificação dos Estatutos, realizadas em 28/01/1987, a partir das 14 horas, ambas presididas pelo Presidente da SBB, Alfredo Gui Ferreira. Dada a exigüidade do tempo, as discussões em torno das modificações estatutárias foram dificultadas pela limitação de poucos minutos por pronunciamento. A tentativa de permitir uma única intervenção, sobre um mesmo tema, a cada associado, não foi acatada pela Assembléia que, inclusive possibilitou, diante das circunstâncias, a dilação do tempo de exposição necessário à complementação de raciocínios.

Nanuza Luiza de Menezes merece uma referência especial. Desde que se integrou à vivência da SBB o fez com total envolvimento e seu início deu-se em uma época em que muitos dos antigos nomes dos primeiros tempos da Sociedade ainda militavam. Com todos teve um notável entrosamento. Nanuza foi uma ardorosa colaboradora do "Mário, Maria e Marico", agente e paciente de seu "noticiário". Como todos aqueles que vivenciaram parte daquela época, tem saudades dos velhos tempos. Pois com essa saudade e com tal determinação, praticamente me ordenou reviver o "Mário, Maria e Marico" no Congresso de São Paulo. Não sou de recusar parada e embora a empreitada pudesse parecer impossível diante da grandiosidade do Congresso, que reuniu mais de 1300 participantes, em confronto com aqueles dos tempos de então, revivi o jornal sob outro nome: Jequitibanda. E ele circulou desenvolto, altaneiro, com quatro números, levando em si o espírito do M. M. M. de outrora. O Jequitibanda IV, dessa feita em verso, circulou no bojo da 4ª Circular, alcançando os congressistas já em suas sedes.

Um fato curioso na Assembléia Geral foi a utilização de uma "pasta" do Congresso, na realidade um "saco" decorado com um fragmento de jequitibá, como urna. Isso ensejou-me elaborar uma "Ode ao Saco", publicada também na íntegra na 4ª Circular do XXXVIII Congresso Nacional da SBB, que tem por referência final:

.....
Saco! Saco urna,
De votos votados,
De votos contados,
Saco manipulado,
Andarilho,
De sonhos sonhados
Frustrador de ilusões,
Saco democrático,
Bendito saco!

Desejado, chegado
Em hora própria,
Saco tombado,
Brilhante sim
De história marcante
De voz massacrante
Saco autoritário?
Saco da viola enfiada
Saco furado!...

O XXXIX Congresso Nacional de Botânica (Belém/PA – jan. 1988) presidido por Pedro Luiz Braga Lisboa, foi o último da gestão Alfredo Gui Ferreira na presidência da SBB. Foi um Congresso histórico sob todos os aspectos, não apenas por incluir a eleição de uma nova diretoria para a SBB, mas, e principalmente, pela forma como se desenrolou o processo eleitoral. Havia uma mobilização para uma mudança de rumos, mas nada em torno de nomes para a composição de uma chapa. Tudo aconteceu e se desenvolveu nos três primeiros dias que antecederam a Assembléia Geral. Firmei a idéia de que, fosse qual fosse o candidato pretendente, este deveria apresentar aos associados seu plano de trabalho, submetendo-se a um questionamento público, antes da Assembléia. A idéia ganhou espaço, despertando os associados à importância do momento político que se estava vivendo. As articulações começaram a ser feitas e logo tomou corpo a candidatura de Maria Aparecida Zurlo. Nessa etapa do processo, lembro uma abordagem por parte do Rizzo buscando o tipo de articulação que vingara em tempos anteriores. Alertei-lhe que estávamos vivendo novos tempos e que toda candidatura seria bem-vinda e, no caso de duas ou mais, providenciaríamos um debate entre os candidatos. Cristalizada a candidatura Zurlo despontou logo outra, a de Nanuza Luiza de Menezes e o ambiente do Congresso tornou-se animado, festivo, com faixas e cartazes por todo lado, retratando uma campanha eleitoral ativa, brilhante, dinâmica, que ensejou total mobilização política de todos os participantes, incapazes de manterem-se alheios a um processo tão magnífico quanto envolvente. O ponto alto aconteceu no debate, que tive a honra de mediar, com regulamentação clara definindo questionamentos entre os candidatos e endereçamento de mesmas perguntas, a ambos os candidatos, por parte da platéia, tudo em tempo rigorosamente cronometrado. O interesse foi tanto que lotou o auditório com associados atentos, tensos, participativos no exercício de um ato democrático até então jamais vivido na SBB. Ao seu término, a satisfação de uma etapa cumprida, sem prognósticos de vitórias ou derrotas, levando-se intactas as expectativas à Assembléia Geral, concorridíssima, onde se desenrolou a votação. Maria Aparecida Zurlo foi eleita Presidente da SBB para o triênio jan. 1988-jan. 1991, com Eliana Nogueira (Vice-Presidente), Anajúlia E. Heringer Salles (1º Secretário-Tesoureiro), Tarciso S. Filgueiras (2º Secretário-Tesoureiro) e Lídio Coradin (Secretário Representante).

O momento fora riquíssimo por despertar a consciência política do associado da SBB. Nanuza Luiza de Menezes restou algo desencantada, como que "traída" por aqueles em quem acreditava não lhe negariam o voto. Foi coisa passageira, eis que logo deve ter-se dado conta do fantástico papel que desempenhara no processo. Ela fazia e faz parte dos primeiros tempos da SBB, não poderia faltar-lhe em instante crucial de sua história. Tenho para mim que era a única pessoa capaz de criar, na ocasião, o impacto necessário à mobilização havida. Nanuza é incapaz de e para coisas pequenas, e sua participação teve a grandeza de seu porte. Nenhuma derrota aconteceu, foram todos vitoriosos, o momento de Nanuza na Presidência da SBB ainda está por chegar. Ficamos todos com a convicção de que Belém marcou um ponto de inflexão na trajetória da SBB, que nunca mais restaria indolente diante de assuntos exigentes de ativa participação de seus associados.

O XL Congresso Nacional de Botânica (Cuiabá-MT – jan. 1989), presidido por Germano Guarim Neto, foi o primeiro realizado durante a gestão de Maria Aparecida Zurlo na Presidência da SBB. A Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para que fossem procedidas mudanças estatutárias, o foi para 21 de janeiro, um dia antes da abertura oficial do Congresso. Já a Assembléia Geral Ordinária aconteceu, como de praxe, a partir das 14 horas de quarta-feira (25 de janeiro) no Teatro Universitário, encerrando-se já à noite, sob tremenda chuva, para agonia dos 40 remanescentes. Nesse Congresso, Maria Aparecida Zurlo solicitou afastamento por motivos pessoais, passando a Vice-Presidente, Eliana Nogueira, ao exercício da Presidência.

Nessa qualidade, Eliana Nogueira completa, em janeiro de 1991, o mandato dessa Diretoria. Em julho de 1989 publica o Boletim nº 7 da SBB, em cujo Editorial salienta a obtenção de recursos junto à FINEP para subsidiarem o Congresso realizado em janeiro em Cuiabá e junto ao CNPq, que custearam a publicação do Vol.2 (1/2) da *Acta Botanica Brasilica*. Dá conta de uma atuação política por parte da SBB junto aos congressistas constituintes no que concerne à elaboração das Constituições Estaduais, voltadas ao capítulo VI, do Meio Ambiente, Art. 255 da atual Constituição Brasileira e ressalta ainda providências concretas para o estreitamento das relações entre SBB e SBSP, que por muitos anos vinham trabalhando isoladamente.

O XLI Congresso Nacional de Botânica (Fortaleza-CE – jan. 1990) sob a presidência de José Ribamar Pinto Soares, foi comemorativo ao 40º aniversário da SBB. Já o XLII Congresso Nacional de Botânica (Goiânia-GO – jan. 1991), sob a presidência de José Ângelo Rizzo, assim o foi em decorrência de desistência de Lauro Xavier Filho em razão de imperativos insanáveis que lhe impossibilitaram realizá-lo em João Pessoa/PB como estava programado. Esse foi o último da gestão Maria Aparecida Zurlo complementados os dois últimos anos, em razão do seu afastamento em janeiro de 1989, pela Vice-Presidente Eliana Nogueira em exercício da Presidência. Nesse Congresso, procedeu-se à eleição da Diretoria para o triênio jan. 1991-jan. 1994. A atuação reconhecidamente eficiente de Eliana Nogueira, que acima de tudo

deu projeção política e uma espetacular dinamização a todas as áreas de atuação da SBB em seu campo científico, tornou pacífico entre os associados a necessidade de que fosse eleita presidente para o triênio seguinte. Isso tornava-se perfeitamente possível, já que não significaria reeleição, dadas as circunstâncias de sua atuação à frente da SBB, nos dois últimos anos, com caráter de complementação de mandato. Não surgindo nenhuma outra candidatura, Eliana aquiesceu e assim foi eleita em Assembléia Geral Presidente da SBB (triênio jan. 1991-jan. 1994), encabeçando a nova Diretoria, que incluía Mariluza Araújo Granja e Barros (Vice-Presidente), Taciana Barbosa Cavalcanti (1ª Secretária-Tesoureira), Bruno Machado Teles Walter (2º Secretário-Tesoureiro) e Valmira Vieira Mecenas (Secretária-Representante).

O XLIV Congresso Nacional de Botânica (São Luís-MA – jan. 1993), presidido por Terezinha de Jesus A. da Silva Rego, o segundo sob a gestão de Eliana Nogueira na Presidência da SBB, foi sem dúvida marcante em sua administração, tudo em decorrência das mais profundas alterações estatutárias postas em discussão na Assembléia Geral Extraordinária, realizada a partir das 17 horas de 26/01/1993, no Auditório Central da UFMA. Em nenhum momento da história da SBB uma modificação de Estatutos foi tão bem elaborada e estudada quanto essa. A Diretoria costurou uma proposta, seguramente com o apoio de muitos sócios, não para um ou outro item, mas integral, completa, abrangente, introduzindo modificações substanciais que modificam hábitos e jeitos de ser já consagrados por mais de 40 anos de vivência. Mas o faz com lisura absoluta, nada de surpresas, eis que encaminha em 15/04/1992 Ofício circular aos Conselheiros, em que comunica ter enviado a todos os sócios, através do Jornal SBB nº 4, solicitação de colaboração pelo envio de sugestões até julho e manifesta o desejo de contar com a colaboração dos Conselheiros nesse processo de modernização dos Estatutos.

Em 10/12/1992, pelo Of. Circular 22/92, em que dá ciência da convocação da Assembléia Geral Extraordinária, envia, a todos os associados, o inteiro teor da mudança estatutária por ela, Diretoria, consolidada.

O Conselho, sob a presidência de Armando Cervi e integrado por Germano Guarim Neto, Hortensia Pousada Bautista, João Ubiratan Moreira dos Santos, Josafá Carlos de Siqueira, José da Costa Sacco, Maria Angélica Figueiredo Gomes, Paulo G. Windisch e José Luiz de Hamburgo Alves, como órgão integrante da administração da SBB e cônscio de sua responsabilidade, envolveu-se no processo, procedendo a meticuloso estudo da proposta. Nesse estudo, englobou em 5 itens toda a filosofia das modificações: 1) Alteração na Estrutura Administrativa da SBB; 2) Mudança no Processo Eleitoral; 3) Alteração nas Categorias de Sócios; 4) Mudança na Periodicidade do Congresso (Anual → Bienal) e 5) Mudança do mês de realização do Congresso (Janeiro → Julho). O Conselho posicionou-se inteiramente contrário à proposta de alteração na estrutura administrativa da SBB, que por si só desencadearia um elenco de modificações não satisfatórias. Fechando posicionamento contrário e unânime com relação ao item e deixando em aberto os demais, delegou ao Conselheiro José da

Costa Sacco a incumbência de defender o ponto de vista do Conselho, esclarecendo perante a Assembléia todas as implicações decorrentes da aceitação da proposta consolidada pela Diretoria.

Foi uma assembléia quente, agitada, empolgante. Não cabe aqui a minúcia dos debates, mas a fragilidade das argumentações em favor da proposta de criação do Conselho Diretor eram de tal ordem que fez ruir qualquer pretensão de alteração da estrutura administrativa da SBB, que chega assim intacta ao seu cinqüentenário. Os Congressos permanecem anuais; o mês de realização passa a ser "preferencialmente" janeiro, abrindo a possibilidade de realização em julho; a eleição, tanto da Diretoria quanto dos Conselheiros, passa a ser por voto universal, por correspondência. No calor dos debates houve um momento em que me dirigi aos participantes da Assembléia, entre os quais situei, nominando mais de vinte dentre os mais ardorosos defensores dos princípios que nortearam a criação da SBB, para que me inspirassem na defesa desses mesmos princípios então em perigo. Creiam, eu o fiz realmente tomado da mais justa emoção, como se porta-voz fosse na defesa daquilo que eles próprios me tinham, pela vivência, ensinado a defender.

No jantar de confraternização, substituí o "discurso" em verso por uma hipotética Assembléia Geral Ordinária, por eles realizada, vivenciando em outros páramos o que aqui faziam em conjunto, com tanto amor e dedicação. Assim ela transcorre:

Senhoras e Senhores
Na qualidade de Presidente da SBB
Declaro aberta
A Assembléia Geral Ordinária
Da XLIV Reunião Anual
E tenho importantes
Comunicações a fazer:
Ontem,
Em Assembléia Geral Extraordinária,
Suspensa e continuada,
Lá na nossa São Luís,
Mudaram o número
De membros da Diretoria
De cinco para oito.
Como faremos
Para preencher os novos cargos,
Por voto universal, por correspondência
Ou por voto em Assembléia?
— Senhor Presidente!
No microfone, por favor
E se identifique
Embora não estejamos gravando nada
Se ouve melhor
E os nossos sócios,
Principalmente os estudantes,
Ficam sabendo quem fala
— Prisco Bezerra, Ceará
Em primeiro lugar
Nosso voto sempre foi direto e secreto
Mas o Sehnem me falou
Que introduziram
Voto por correspondência,
Isso vai encarecer muito,
Sou pelo voto em Assembléia
Como sempre o fizemos
— Presidente
Sim, fala o Secretário Permanente
Ezechias Heringer
— O cofre está raspado,
A Secretaria não tem dinheiro
Tenho mandado tudo do meu bolso
Ou com a ajuda do Pabst

Que tem apoio da VARIG.
— Eu acho ...
— Identifique-se por favor.
— Dárdano, Dárdano
Todo o mundo me conhece
E dispenso microfone
Falo daqui mesmo
Que todo mundo me ouve
Eu acho
Acho não, tenho certeza
Que nós não temos
Nada que seguir
O que eles fazem lá embaixo,
Vota-se em Assembléia
E não se muda número nenhum,
Depois este Estatuto
Não tinha que ser modificado
Estava muito bom.
Se o Alcides e o Rizzo
Ainda tivessem trabalhado
Nessa modificação ...
Mas nem foram ouvidos
Assim não tem jeito!
— Mário Ferri, São Paulo
Estou com Dárdano
Nossa Diretoria, assim como está,
Com Alarich Schultz na presidência,
Chaves Batista na vice
Reitz de 1º secretário-tesoureiro
Moacir Lisboa de 2º secretário-tesoureiro
E o Ezechias de secretário permanente
É suficiente
E sempre deu conta do recado
— Vamos ouvir o Conselheiro
Honório Monteiro Filho
— Entendo que é razoável
Mantermos os liames
Quase todos os fundadores
Já estão aqui
Mas ainda temos gente
Nossa e nova lá em baixo,
Alguns garotos
Como o Afrânio, o William,
O Murça, o Alcides Teixeira, o Rizzo
E umas moças
Atuantes
Como a Berta,
A Dora, a Graziela,
Ainda ontem
O Sacco nos chamou,
Aquele guri vai longe,
Salvamos os sócios-estudantes,
Os remidos,
Os Congressos Anuais,
O Conselho Superior,
Acho que dá
Prá gente assimilar
O aumento do número
De membros da Diretoria.
E o Congresso
Vai continuar
Sendo em janeiro
Deixa eles experimentarem,
Logo, logo,
Eles voltam prá janeiro.
— Quintas. Antonio Tavares Quintas, RS
Sábias as palavras
Do Dr. Honório,
Mas precisamos ficar
Atentos às ponderações do Ezechias.
Estamos sem dinheiro
E não dá prá embarcar
Nessa de voto por correspondência,
Bom mesmo é olhar
Olho no olho,
Vamos votar na Assembléia
Os outros três nomes
Para comporem a Diretoria
E pronto!
— Com a palavra o
Conselheiro Lair Remusat Rennó
— Acho que não deveríamos
Fazer nem uma coisa
Nem outra
Vamos esperar
Gostei da chamada de ontem
Revi gente amiga
O Prisco reclamou

Que o Afrânio tá meio gordo
Mas sentou do lado dele
O Ferri se aninhou
No colo fofo da Berta,
Dárdano abraçou Murça
Houve quem se
Arredasse pro lado
Outros encolhiam as pernas
Pro povo ir sentando,
Foi ótimo
Dar força ao rapaz,
Mas acho bom manter os laços
A tal de Eliana
É boa praça
Proponho que a gente
Aumente o número
Prá oito
Mas deixe os cargos
Vagos, reservados,
Já eleitos em Assembléia.
— Salva de palmas!
— Ótimo, passemos à votação
Convoco o Castellanos
E o Gregório Bondar
Para procederem
À contagem dos votos.
— Senhor Presidente!
Já temos o resultado
- Obrigado!
Para Vice-presidente:
José Ângelo Rizzo
Para 2º Secretário
Francisco José de Abreu Matos
Para 2º Tesoureiro
Margarete Emmerich
— Vamos ouvir o Ezechias
Eu preciso de um ajudante
Ainda mais agora
Que passei
De Secretário Permanente
Para Representante e daí
Para Secretário Geral
O serviço não é sopa.
— Bem pensado
Mas agüenta um pouco mais
Tem algum nome a indicar?
— Lídio, Lídio Coradin
— Tem uma coisa,
Nosso Conselho Superior
Precisa ser renovado
Não tem mais recondução,
Acabou a moleza,
Como faremos?
— Com a palavra o Dárdano
— Vamos eleger logo os 9
E eles vão assumindo
Na medida da chegada ...
— Conselheiro Lauro Xavier
— Um adendo
À proposta do Dárdano
Não elegemos ninguém
Apenas fazemos uma lista
Mas só valem
Aqueles que estiveram
Nessa Assembléia
Que introduziu a tal modificação,
Gente com vontade de trabalhar
E que não demore muito a chegar ...
— Boa idéia!
— Ezechias
Mas como é que fica
Minha indicação do Lídio ?
— Como ele não estava na Assembléia
E você se fixa na indicação
Terá de ir levando.
— Pois bem senhores
Estamos acolhendo nomes
Prá mim,
O Sacco tá na cara
Depois ele perdeu
A boca lá em baixo
E além do mais
Estamos precisando
De um fazedor de versos
— Fala o Prof. Ducke
Indico dois nomes
Pelo Norte: Murça e Padre Zé Maria
— Prisco

Pelo Nordeste: Afrânio e Hamburgo
— Ferri
Por São Paulo,
Indico só mulheres:
Dora, Berta e
Ana Maria Giulietti
— Aylthon Joly
Prá contrabalançar
Tanta mulher
Indico Fernando Martins
Pensei também
No Jimmy
Mas ele é sócio correspondente
Não vota
Nem pode ser votado
E agora foi extinto
— Agradeço a todos
A Assembléia está encerrada
Saímos de São Luís
Vamos a São Leopoldo
Depois São Paulo
Enquanto estivermos
Entre os santos
Estamos bem
Amém!

Com a aprovação dos novos estatutos, em janeiro de 1993, encerra-se o segundo período da história da SBB, iniciando-se o 3º período que alcança até os nossos dias.

Nesse período a Diretoria da SBB, agora com oito membros, é eleita por voto secreto e universal, por correspondência, para um mandato de três anos, vedada reeleição do Presidente e a candidatura de membros da Diretoria à Presidência, para o período imediatamente subseqüente. Os Congressos anuais, preferencialmente no mês de janeiro. Os Conselheiros, também eleitos por voto secreto e universal, por correspondência, para um mandato de três anos, vedada reeleição consecutiva.

Ao encerrar-se a gestão de Eliana Nogueira na Presidência da SBB, em janeiro de 1994, há que se destacar a exatidão e excelente organização das prestações de contas da Diretoria submetidas à apreciação do Conselho Superior. Mas o que marcou mesmo sua administração foi a projeção da SBB no cenário científico nacional, graças a uma intensiva participação e sua conseqüente inserção política na tomada de decisões relativas a todo campo de interesse da sua área de atuação. Na área de publicações pode-se salientar, entre outras, aquelas referentes à plena regularização da *Acta Botanica Brasilica*, Quem é Quem na Botânica Brasileira, bem como a criação e distribuição, com periodicidade trimestral do Jornal da SBB, um eficaz instrumento de comunicação com os associados. Cursos os mais variados, premiações incentivadoras aos jovens talentos, apoio às Seccionais, às Comissões Organizadoras dos Congressos e muito mais arrolam-se entre os êxitos na senda de uma administração eficiente.

A candidatura que lhe sucedeu começou a ter tênue articulação no Congresso de São Luís-MA, mas a consolidação mesmo deu-se pós-Congresso. Era chegada a vez de Nanuza Luiza de Menezes. Em torno de si e sob sua liderança estruturou-se uma chapa. Era uma unanimidade envolvendo os dois grandes centros de maior concentração de botânicos: São Paulo e Rio de Janeiro. Foi uma chapa consensual, de harmonização, partiu de uma idéia, vingou, firmou-se como candidatura única e

naturalmente eleita, a primeira sob a vigência dos novos postulados estatutários, por voto secreto e universal, por correspondência. A Diretoria que preside (triênio jan. 1994-dez. 1996), tomou posse na Assembléia Geral Ordinária do XLV Congresso Nacional de Botânica em São Leopoldo/RS, agora com 8 membros que assim a completam: Ariane Luna Peixoto (1ª Vice-Presidente), Ana Maria Giulietti (2ª Vice-Presidente), Waldir Mantovani (1º Secretário), Luiza Sumiko Kinoshita (2ª Secretária), Maria das Graças Lapa Wanderley (1ª Tesoureira), Maria Margarida da Rocha Fiuza de Melo (2ª Tesoureira), Lídio Coradin (Secretário-Geral).

Circunstancialmente, durante e sob a gestão Nanuza Luiza de Menezes acontecem apenas dois Congressos, um no Estado de São Paulo e outro no do Rio de Janeiro.

O fato mais marcante da Assembléia Geral Ordinária realizada durante o XLVI Congresso Nacional de Botânica (Ribeirão Preto/SP – jan. 1996) vincula-se à escolha do local para a sede do XLVIII Congresso. Nenhuma indicação e aparentemente nenhum oferecimento. Por algum tempo fica-se com a impressão de que o assunto não poderia ser resolvido. Em dado momento, Terezinha Gonçalves Batista solicita a palavra e manifesta o desejo de realizá-lo em Crato-CE, tendo inclusive autorização da Reitora da Universidade Regional do Cariri para efetuar o convite. Acontecem palmas, afinal nunca fora realizado um congresso no Crato. Quando tudo parecia ter-se encaminhado à uma solução, eis que Nanuza Luiza de Menezes (Presidente) e Ana Maria Giulietti (2ª Vice-Presidente) antepõem dificuldades por considerarem que Crato não tem como comportar um Congresso da magnitude dos da SBB. Terezinha volta à carga e afiança que tem sim e menciona várias fontes de apoio e de instalações, inclusive hoteleiras, que permitem efetivá-lo. Consultada se tem condições de indicar quem seria o Presidente e o Vice-Presidente da Comissão Organizadora, responde que sim, ela própria como Presidente e Maria Arlene Pessôa da Silva, também presente no Congresso, como Vice-Presidente. Ainda assim, a mesa diretora da Assembléia insiste em que o Crato não tem condições para acolher o evento e sugere que o assunto não seja resolvido na Assembléia, mas posteriormente, após uma melhor apreciação, incluindo outras sondagens, por parte da Diretoria. Nessa altura solicito a palavra dizendo-me surpreso diante do inusitado que estávamos vivenciando. "Temos o oferecimento de um local com o respaldo de uma Universidade; temos a indicação e mais do que isso a aceitação de dois nomes, presentes no Congresso, para a Comissão Organizadora; temos recebido a confirmação de que Crato dispõe de todas as condições para realizá-lo, por outro lado não temos nenhuma outra proposta concorrente, e ainda assim estão sendo colocadas dificuldades e transferindo para depois o que poderia e deveria ser resolvido ali na Assembléia. Relembro que em toda a história da SBB por várias e várias vezes realizamos Congressos no interior, em cidades bem pequenas até e isso não só faz parte da nossa história, mas contém muito da missão da própria SBB. Por último e com tal argumentação, proponho que o oferecimento seja submetido ao julgamento da Assembléia para imediata decisão". A proposta de

Crato como sede do XLVIII é acatada por uma salva de palmas, com a aprovação da imensa maioria dos participantes, bem como os nomes das postulantes para Presidente e Vice-Presidente da Comissão Organizadora do Congresso.

Ainda nessa Assembléia, a Presidente da SBB menciona que, por considerar necessárias algumas adequações estatutárias, estará convocando uma Assembléia Geral Extraordinária para ser realizada no próximo Congresso.

O XLVII Congresso Nacional de Botânica (Nova Friburgo/RJ – 1996) presidido por Geisa Lauro Reis, é o primeiro da SBB que desloca a data de sua realização de janeiro para julho. A pretendida Assembléia Geral Extraordinária para mudanças estatutárias deixa de ser efetuada por falta de amparo legal, o de não ter sido convocada em tempo hábil à sua realização. Fica, dessa forma, transferida para o próximo Congresso. Na Assembléia Geral Ordinária é apresentada uma única chapa para a Diretoria da SBB para o triênio jan. 1997-dez. 1999, assim constituída: Maria Mércia Baradas (Presidente), Maria das Graças Lapa Wanderley (1ª Vice-Presidente), Sandra Farto Botelho Trufem (2ª Vice-Presidente), Maria Margarida da R. Fiuza de Melo (1ª Secretária), Maria das Graças Sajo (2ª Secretária), Maria Cândida Henrique Mamede (1ª Tesoureira), Ana Maria G. de Azevedo Tozzi (2ª Tesoureira) e Tarciso de Sousa Filgueiras (Secretário-Geral).

Em Nova Friburgo encontrava-se Terezinha Gonçalves Batista. Durante o jantar de confraternização, ocorrido na 6ª feira, 26 de julho, no Nova Friburgo Country Clube, pergunto-lhe sobre os andamentos preparatórios ao Congresso de Crato. "Estou tocando, com dificuldades, mas levo fé". E o apoio por parte da SBB? "Nem tanto, nada estimulador, deixaram-me abertas as portas para uma desistência ainda em tempo hábil de serem tomadas outras providências". E você? "Eu não desisto, eu sei que Crato tem condições de realizá-lo e vou fazê-lo". Esse diálogo, por certo, me emocionou. Em dado instante, como de costume, e atendendo a apelos, tive acesso ao microfone, para uma prosa em verso, que não tinha sido elaborada, pois não pretendia fazê-lo. Anuncio que pela primeira vez o "improviso" realmente o seria, exalto o trabalho de Geisa e de sua equipe que em uma cidade histórica, em ambiente prenhe de história, como o é o próprio Colégio Anchieta, realiza um Congresso maduro, eficiente, de alto nível técnico e acolhedor. Solicito a presença de Terezinha Gonçalves Batista ao meu lado e com um braço em seus ombros lhe digo:

Aí está,
Terezinha,
Assim acontece um Congresso
Sei que está encontrando
E encontrará
Muitas dificuldades na caminhada,
Mas não esmoreça,
Você tem o aval
De toda uma Assembléia
Que acreditou
E acredita em você
Toque em frente,
Com a mesma garra
E determinação
Com que lutou
Pela aprovação
Atire-se à realização
Não desista nunca,

Nenhuma força será capaz de subjulgar
A férrea vontade de vencer
Recolha o ânimo
Do renovado apoio
Que lhe oferecemos
Com a salva de palmas
Que receberá agora.

Após o Congresso, a Diretoria da SBB desencadeia o processo eleitoral por voto secreto e universal, por correspondência, consagrando a chapa encabeçada por Maria Mércia Barradas. A nova Diretoria, à exceção do Secretário-Geral, é constituída por pesquisadoras com o exercício de suas atividades no Estado de São Paulo. A experiência advinda da gestão Nanuza Luiza de Menezes, com uma diretoria composta por pesquisadores de São Paulo e Rio de Janeiro, evidenciou algumas dificuldades operacionais, que procuraram, agora, evitar.

E assim chegamos a Crato-CE, para o XLVIII Congresso Nacional de Botânica (julho/agosto 1997) sob a presidência de Terezinha Gonçalves Batista, o primeiro sob a gestão Maria Mércia Barradas na SBB, reunindo 850 participantes. Comecemos pela Assembléia Geral Extraordinária, agora corretamente convocada, a primeira Assembléia presidida por Mércia na SBB e para reformular os Estatutos, decorridos tão somente 4,5 anos de sua aprovação em São Luís-MA e toda a Assembléia com tal incumbência já o é, por natureza, polêmica. Ao contrário daquela, não havia uma proposta acabada, mas a necessidade de inserir maior flexibilidade e facilidade à composição de chapas concorrentes à Diretoria da SBB; o retorno do cansativo tema da periodicidade dos Congressos; e, a reboque, pequenas modificações pouco substanciais aliadas a um necessário aprimoramento redacional.

Os trabalhos começaram serenos mas logo revelaram-se tumultuados. Enquanto Mércia os conduzia da mesa, sua dinâmica 2ª Vice-Presidente, Sandra Trufem, auxiliava junto ao plenário, fazendo chegar o microfone a cada um que o solicitasse. O indivíduo fazia uma ponderação e ela, já de posse do microfone, imediata e invariavelmente o rebatia. Depois de alguns minutos dessa luta desigual foi necessário apelar à mesa, "por uma questão de ordem", que Sandra não fosse tolhida de falar, mas que o fizesse como todos aqueles que se achavam na plenária, inscrevendo-se para fazê-lo. A Assembléia passou a fluir naturalmente. Das modificações de maior relevo resultou a inclusão de um suplente junto à figura do Secretário-Geral (Art. 12 § 3º); a permissão de reeleição da Diretoria para um único período (triênio) imediatamente subseqüente (Art. 12 § 1º); a competência ao 2º Vice-Presidente para exercer a função de Editor Chefe da *Acta Botanica Brasilica* (Art. 15 § único) e a permissão de reeleição dos Conselheiros por uma única vez consecutiva (Art. 21 § 2º).

O debate sobre a periodicidade dos Congressos acendeu os ânimos, assim como o fizera em São Luís-MA (1993), consagrando mais uma vez a anualidade.

Pela primeira vez, nos seus cinqüenta anos de existência, a SBB realizou um Congresso na região do Cariri, e Crato foi a mais agradável surpresa que nos acolheu. Crato viveu o Congresso Nacional de Botânica no antes, na expectativa de sua chegada.

Nenhuma força será capaz de subjulgar
A férrea vontade de vencer
Recolha o ânimo
Do renovado apoio
Que lhe oferecemos
Com a salva de palmas
Que receberá agora.

Após o Congresso, a Diretoria da SBB desencadeia o processo eleitoral por voto secreto e universal, por correspondência, consagrando a chapa encabeçada por Maria Mércia Barradas. A nova Diretoria, à exceção do Secretário-Geral, é constituída por pesquisadoras com o exercício de suas atividades no Estado de São Paulo. A experiência advinda da gestão Nanuza Luiza de Menezes, com uma diretoria composta por pesquisadores de São Paulo e Rio de Janeiro, evidenciou algumas dificuldades operacionais, que procuraram, agora, evitar.

E assim chegamos a Crato-CE, para o XLVIII Congresso Nacional de Botânica (julho/agosto 1997) sob a presidência de Terezinha Gonçalves Batista, o primeiro sob a gestão Maria Mércia Barradas na SBB, reunindo 850 participantes. Comecemos pela Assembléia Geral Extraordinária, agora corretamente convocada, a primeira Assembléia presidida por Mércia na SBB e para reformular os Estatutos, decorridos tão somente 4,5 anos de sua aprovação em São Luís-MA e toda a Assembléia com tal incumbência já o é, por natureza, polêmica. Ao contrário daquela, não havia uma proposta acabada, mas a necessidade de inserir maior flexibilidade e facilidade à composição de chapas concorrentes à Diretoria da SBB; o retorno do cansativo tema da periodicidade dos Congressos; e, a reboque, pequenas modificações pouco substanciais aliadas a um necessário aprimoramento redacional.

Os trabalhos começaram serenos mas logo revelaram-se tumultuados. Enquanto Mércia os conduzia da mesa, sua dinâmica 2ª Vice-Presidente, Sandra Trufem, auxiliava junto ao plenário, fazendo chegar o microfone a cada um que o solicitasse. O indivíduo fazia uma ponderação e ela, já de posse do microfone, imediata e invariavelmente o rebatia. Depois de alguns minutos dessa luta desigual foi necessário apelar à mesa, "por uma questão de ordem", que Sandra não fosse tolhida de falar, mas que o fizesse como todos aqueles que se achavam na plenária, inscrevendo-se para fazê-lo. A Assembléia passou a fluir naturalmente. Das modificações de maior relevo resultou a inclusão de um suplente junto à figura do Secretário-Geral (Art. 12 § 3º); a permissão de reeleição da Diretoria para um único período (triênio) imediatamente subseqüente (Art. 12 § 1º); a competência ao 2º Vice-Presidente para exercer a função de Editor Chefe da *Acta Botanica Brasilica* (Art. 15 § único) e a permissão de reeleição dos Conselheiros por uma única vez consecutiva (Art. 21 § 2º).

O debate sobre a periodicidade dos Congressos acendeu os ânimos, assim como o fizera em São Luís-MA (1993), consagrando mais uma vez a anualidade.

Pela primeira vez, nos seus cinqüenta anos de existência, a SBB realizou um Congresso na região do Cariri, e Crato foi a mais agradável surpresa que nos acolheu. Crato viveu o Congresso Nacional de Botânica no antes, na expectativa de sua chegada.

Sob a competente e dinâmica liderança de Terezinha Batista e uma espetacular equipe de trabalho, a cidade articulou-se, arregimentou-se, empolgou-se em uma tarefa e nos empolgou a todos que tivemos a honra de com eles conviver. Crato viveu o Congresso, no agora, no dia-a-dia de toda uma semana, em alegria, em estado de festa. O Congresso foi irrepreensível, eu jamais pensei que pudesse em pleno ano de 1997 retornar, no melhor estilo, aos Congressos de antigamente. Crato deu-nos a lição que precisávamos receber. Uma lição de humildade e de fé. Pensávamos no nosso conforto, habituados às coisas grandes, monumentais, e não tínhamos a menor idéia do real conforto que Crato nos proporcionaria. Descríamos da capacidade do realizar e nos mostram, de forma eloqüente, o que a mobilização pode alcançar. Crato certamente vive hoje o Congresso de ontem, na lembrança e na satisfação de tê-lo inserido em sua história. Crato traz até nós a solução para um embate que teima em se fazer presente em toda Assembléia Geral Extraordinária, cada vez que se tem de proceder a qualquer alteração estatutária: periodicidade anual x bienal.

Por cinqüenta anos os Congressos são anuais, por várias vezes a proposta de passarem a ser bienais foi derrotada, ainda assim sempre volta à baila, em busca de um casuísmo que poderia, em eventual maioria, vir a consagrá-lo. Dificuldades financeiras; ausência de oferecimento para acolher os Congressos; tempo exíguo para preparação de trabalhos com mais profundidade; o gigantismo dos Congressos com mais de 1000 participantes, são argumentos alavancados em favor da bienalidade. Tudo isso se resolve com a opção que Crato nos oferece, a de proceder à alternância dos Congressos: centros grandes/centros menores. Aos congressistas a opção do comparecimento anual ou bienal; o exercício de preferência por assisti-lo em um grande centro ou num menor; de dedicar o tempo necessário à elaboração do trabalho no nível desejado de profundidade. Os Congressos em centros menores reúnem, por óbvio, um menor número de participantes e têm um suporte financeiro que os grandes centros não têm, o da própria comunidade. Ribeirão Preto-SP – 1995; Nova Friburgo-RJ – 1996; Crato-CE – 1997; Salvador-BA – 1998; Blumenau-SC – 1999; Brasília-DF – 2000, evidenciam uma seqüência bem perto daquela que aqui se fala. Crato nos revelou como esse apoio financeiro pode atuar em um Congresso. E o fez de forma tão eloqüente que possibilitou o seguinte informe incluso pela Diretoria da SBB, no relatório de atividades referentes ao exercício de 1998 (Jornal da SBB, ano 9, 23/24, junho e setembro de 1999): "Graças à excelente organização e utilização parcimoniosa dos recursos obtidos, a SBB recebeu em janeiro de 1998 da Comissão Organizadora do XLVIII Congresso Nacional de Botânica um saldo positivo no valor de R$25.556,12". Crato nos tornou evidente que é possível continuar levando aos mais diferentes rincões do Brasil, com aquele mesmo espírito pioneiro de ontem, a presença de cientistas, uma plêiade deles, mobilizando opiniões e contagiando a todos com sua mensagem de amor à natureza.

Nanuza se fez presente no Congresso de Crato, me fez bem vê-la em um Congresso tão ao feitio de tantos que juntos participamos, circunstancialmente não

pôde presidi-lo por estar sendo realizado em julho e não em janeiro, mas sua manifestação diz bem do seu caráter:

"Sacco, o Congresso foi maravilhoso, reconheço que errei na avaliação, dou a mão à palmatória, eu nunca tinha estado no Crato".

— Nem eu, Nanuza, a SBB nunca nos trouxe até aqui.

Ainda sob a gestão de Maria Mércia Barradas acontecem o XLIX Congresso Nacional de Botânica (Salvador/BA – julho/agosto 1998) presidido por Maria Lenise Silva Guedes e o 50º CNB (Blumenau/SC – julho de 1999) presidido por Lúcia Sevegnani. Em ambos, as Assembléias Gerais Ordinárias transcorreram tranqüilas, a agenda sendo cumprida metodicamente, sem atropelos, sem delimitações de tempo e integralmente concluídas no período previsto à sua realização.

O Congresso de Blumenau, o primeiro realizado pela SBB ao longo de toda a sua história, no Estado de Santa Catarina, contou com 1462 inscrições, superando, em número de inscrições, as melhores expectativas. Foi um excelente Congresso e Blumenau não se inclui entre os chamados grandes centros.

Na Assembléia de Blumenau foi apresentada a chapa para a Diretoria da SBB, triênio 2000-2002, com Maria Mércia Barradas para Presidente (reeleição), Maria Jesus Nogueira Rodal (1ª Vice-Presidente), Sandra Farto Botelho Trufem (2ª Vice-Presidente), Maria Margarida da R. Fiuza de Melo (1ª Secretária), Fernando Javier Sanhueza Salas (2º Secretário), Rosângela Simão Bianchini (1ª Tesoureira), Eliana Regina Forni Martins (2ª Tesoureira), Manoel Cláudio da Silva Júnior (Secretário-Geral) e Jeanine Maria Felfili Fagg (Suplente de Secretário-Geral).

O magnífico trabalho realizado por Maria Mércia Barradas, em sua primeira gestão, foi de tal forma consistente, com um leque de realizações que consolidaram de forma definitiva o conceito e a projeção da SBB, que o lançamento de sua candidatura à reeleição, mais do que um consenso, veio ao encontro do anseio da imensa maioria dos associados, certos de que o caminho a ser percorrido pela Sociedade nos próximos três anos terá essa mesma conotação de sucesso.

O processo eleitoral ocorreu em outubro/novembro de 1999, consagrando pois um nome e uma filosofia de trabalho plenamente apoiados.

Ao concluir esse meu relato, me pergunto porque, afinal, fui chamado para fazê-lo? Escrevi o equivalente à primeira folha e parei, por mais de 15 dias, com o pensamento solto percorrendo os tempos, buscando lembranças já perdidas, sem escrever uma única palavra. Busquei Anais, a grande maioria deles, situei pessoas em suas etapas de marcante atuação, procurei pronunciamentos em verso, perdidos em gavetas, em pastas, amarelecidos pelo tempo, mergulhei em diálogos e em situações descritas, tomei-me de lembranças e de saudades, e freqüentemente me via tomado de lágrimas. Dei andamento à narração sem ainda saber bem porque a estava fazendo.

Mércia e Eliana, com toda a gentileza, me enviam um e-mail em 26 de abril, reforçam-o em 10 de maio, dão conta de que já receberam alguns capítulos, e

consultam-me se eu conseguira elaborar o meu. O prazo de entrega havia sido marcado para fins de abril.

Encontro a resposta ao meu próprio questionamento sem saber que o estava fazendo no e-mail que lhes enviei em 15 de maio:

> *"Caras Mércia e Eliana,*
>
> *Também estou na fase do "terminando de escrever", já percorri uma etapa equivalente aos 33 primeiros anos da SBB, o que, provavelmente signifique metade da narração. Estou tocando e creio poder concluí-lo em mais alguns dias. É preciso muito esforço de memória e pesquisa sobre algum material fragmentário que possuo. É uma tarefa árdua, seguramente imperfeita, mas que de qualquer forma representará um enfoque sob o ponto de vista de alguém que vivenciou ativamente 46 dos 50 anos de nossa Sociedade. Dependo de inspiração e ela vem em etapas ao longo da própria narrativa, cujo curso nem eu próprio sei. Abraços."*

Sim, a resposta estava nos 46 anos vividos ativamente no seio da SBB, sem qualquer omissão nos fatos que definiram os contornos de sua caminhada. Mas o percorrer o passado, o revolver recordações, me deram uma compreensão bem mais profunda, recolhida da estreita amizade e identificação, com todos aqueles que no passado deram início à teia de sua história que ora se cultua.

Fragmentos de relatos com Luiz Emygdio, Heringer e Berta, abordados com humor, dão-me idéia da dimensão do que falo:

Ezechias Paulo Heringer – Porto Alegre (XXXIV CNB – 1983)

.....

Bonita a homenagem
Ao Ezechias,
Benemérito,
Aplaudido de pé,
Tudo bem,
Mas o homem
Tá invocado comigo
E sabe lá
O que é um cara invocado com o Sacco?
Logo no início
Com aquelas fotografias pré-históricas
Fez o seguinte comentário:
"Nesta foto aqui
Só o Sacco tá vivo"
E depois da Assembléia
" O Sacco brincava
Não brinca mais por causa da idade
Agora quem brinca é o Valls"

— Pô Doutor,
Não faça isso comigo!
Tá bem que o Valls brinque
Eu nada tenho com o brinquedo dele,
Mas eu ainda tô brincando, pô
Não pedi aposentadoria
E não tô a fim de compulsória.

.....

Berta Lange de Morretes – Belém (XXXIX CNB – 1988); Aracaju (XLIII CNB – 1992)

.....

Belém – "Sacco
Podes me dar o prazer
De uma fotografia comigo?"
Claro, o prazer é meu!
Devidamente retratados
Explica:
"Sabe
Eu tenho fotografias
Com quase todos
Os botânicos de antigamente

Com o Schultz, o Honório
Com o Chaves Batista
Todos já falecidos
É uma recordação boa
Só faltava contigo ..."

.....

Aracaju – Vocês lembram
Aquela história
Da Berta
Me fotografando
Lá em Belém
Pra galeria
Dos sócios de antigamente?
Pois é,
De quando em quando
Deve fazer uma revisãozinha
No álbum,
Uns no lado de cá
Outros no lado de lá,
Sei lá
Nada informatizado
Tudo no manual
Na base da cronologia
Creio!
Pois bem, ela
Chega prá mim
E comenta:
"Sacco, lembras
Daquela fotografia?
Estás um galã!"
Fico sem saber
Se é um elogio
Ou uma frustração.
Acho que
Mais hoje mais amanhã
Se eu ficar
Embromando muito
Serei novamente
Retratado
Para atualização de dados
E renovação de expectativas
Se depender de mim ...

.....

Luiz Emygdio – Goiânia (XLII CNB – 1991)

.....

Encontro o Luiz Emygdio
Mal me vê levanta-se
Estreitamo-nos num abraço
E ele comenta:
"Que bom que os fundadores
Se encontram"
Já fiquei com a pulga na orelha.
Porque será que os fundadores
Me confundem com fundador?
E ele continua
"Sabe, estou muito triste,
O Paulo Alvim
— Também fundador,
Ainda ontem
Teve um problema de saúde
No Rio
E não está bem"
Pergunto
Só para manter
E desviar um pouco a conversa,
E eu tinha de ter
Ficado calado
— Qual a idade do Alvim?
"A nossa, mais ou menos, a nossa.
Sabes a idade que eu tenho?"
Refazendo-me do espanto
Arrisco um não, tênue
E balbucio, quase murmuro, um
— Qual?
"77 anos!
E você, Sacco
Está com quantos?"
Bolas, eu não podia dizer
Que estava com 75
Mas também
Não podia decepcioná-lo
Desconversei, dei a do Rizzo
— É isso aí,
O Rizzo está com uns
Sessenta e cinco.
"É um menino"
Diz o professor
"Tem de nos tomar a benção ..."
Acho que vou continuar fundador.

.....

A essas lembranças entrelaçadas de humor, aliam-se outras, quando os sorrisos de ontem marcaram-se de tristeza.

Manaus (XXXV CNB – 1984)

Inicia-se a Assembléia Geral, e a Presidente, logo após a leitura da pauta, comunica o falecimento de Dárdano de Andrade Lima. A comunicação me apanha de inopino, aos meus ouvidos soam sem sentido as palavras que estão sendo ditas em seu necrológio, automaticamente apanho uma folha de papel e rabisco, ao meu modo, uma despedida. Me concedem permissão para expressá-la:

Lá do Rio Grande do Sul
Trago agora
Uma palavra de saudade
Foste Dárdano,
Velho amigo,
O artista permanente,
A musa mais freqüente
De todos os nossos
Discursos em verso
De final de Congresso.
Tu os estimulavas
Tu os anunciavas,
Com tua voz forte e amiga,
E pedias silêncio
Em meio ao tumulto
De um pós jantar,
E brincavas,
E rias conosco.
Agora
Velho amigo,
Choramos tua ausência
E o verso deste ano
É este
Tem a forma de lágrima
Goteja de nossos corações,
És ainda,
Velho amigo,
O artista que o inspira
Adeus!

Aí está a resposta que eu buscava, a razão que me fugia ao raciocínio, a exata medida do que havia em 46 anos de convivência. Ser confundido como "fundador" por um homem da dimensão de um Luiz Emygdio; ser estreitado em afetuoso abraço por Paulo Alvim em recente e rápida estada em Pelotas, quando buscou contato "com essa peste do Sacco" para, em minha casa, usufruirmos de um churrasco e um papo a dois; ter a deferência das atenções do Ezechias, Berta, Graziela, Dora e tantos e tantos amigos de todas as gerações; relembrar Cora Coralina, Dárdano, Murça, Prisco, Hermógenes através de despedidas em Assembléias e missas, e quantos mais em comovido silêncio, dão-me a resposta que agora me dói encontrar.

A todos vocês, queridos amigos de todos os tempos, dedico estas páginas. Não são minhas, são de cada um que me tocou e me toca com sua inspiração. Obrigado por estarem tão concretos em minhas lembranças, desculpem os meus equívocos na caminhada e saibam que os amo a todos.

Agradecimento

Agradeço à Ariane Luna Peixoto a gentileza da revisão do texto, bem como as sugestões e o fornecimento das ilustrações que o integram.

CAPÍTULO 7

TRAJETÓRIA DA SOCIEDADE BOTÂNICA DO BRASIL NO PERÍODO 1969 – 1991, NA VISÃO DE UM PRESIDENTE DE TRÊS CONGRESSOS NACIONAIS DE BOTÂNICA

José Ângelo Rizzo
Universidade Federal de Goiás

Na memorável data de 10 de Janeiro de 1950, na Escola Nacional de Agronomia do Rio de Janeiro, foi fundada a Sociedade Botânica do Brasil. O Estatuto de criação de Sociedade estabelecia, entre as diversas obrigações, a realização de uma reunião no mês de janeiro, em local e data previamente escolhidos e aprovados em assembléia.

A reunião dos botânicos realizada em São Paulo, de 22 a 29 de janeiro de 1961, presidida pelo Dr. Alcides R. Teixeira, foi a última com esta denominação (Reunião Anual da Sociedade Botânica do Brasil). Em 1962, o encontro realizado na cidade de Recife-PE, de 18 a 25 de fevereiro, tendo como Presidente o Dr. Dárdano de Andrade Lima, passou a denominar-se Congresso Nacional de Botânica, mantendo até hoje essa denominação.

Comumente, quando as condições lhes permitiam decidir, os associados da SBB procuravam realizar os encontros no mesmo Estado, transcorrido um período de 10 anos, procedimento que facultava avaliar a situação da Botânica. como se apresentava após esse período. A partir de 1996, por força de alterações estatutárias, os congressos passaram a ser realizados no mês de julho.

Desde a sua criação, a Sociedade vem se reunindo anualmente. Em 1999, na cidade de Blumenau-SC, comemorou-se, com a realização do 50º Congresso Nacional de Botânica, meio século de reuniões ou congressos.

Instou-nos a Dra. Maria Mércia Barradas, Presidente da Sociedade Botânica do Brasil, por termos presidido o XX Congresso Nacional de Botânica (1969), o XLII (1991) e concomitantemente o XXIX (1978) e o II Congresso Latino-Americano de Botânica, e participado de todos os Congressos desde o nosso ingresso na Sociedade e ainda sido eleito por várias vezes para o seu Conselho Superior, para dar uma visão da SBB, mormente no período em que ocupamos os diversos cargos.

Por ocasião do XIX Congresso Nacional de Botânica, no período de 21 a 29 de janeiro de 1968, presidido pelo Dr. Prisco Bezerra, foi eleita a cidade de Goiânia-GO para sediar o XX Congresso Nacional de Botânica.

No período de 16 a 26 de janeiro de 1969, realizou-se o referido Congresso (fig. 1). Os fatos mais marcantes durante o evento foram as presenças do Reitor e do

Reitor em exercício da Universidade Federal de Goiás. Durante os diversos atos e solenidades, obteve-se a doação para a UFG, pelo Governo do Estado de Goiás, de 144 hectares de terras na Serra Dourada, entre os municípios de Goiás e Mossâmedes. Na mesma ocasião, foram homenageados os sócios fundadores da Sociedade Botânica do Brasil no Palácio das Esmeraldas, com a entrega de diplomas pelo Sr. Governador. Homenageou-se também Auguste de Saint-Hilaire, com a inauguração de uma placa na casa onde o ilustre botânico se hospedou, quando de sua estada na cidade de Goiás, em 1819.



Figura 1 – XX Congresso Nacional de Botânica: vista da platéia durante uma Sessão Técnica (Goiânia-GO, 1969)

Foram realizadas excursões à cidade de Goiás-GO, à Serra de Caldas e à Cachoeira Dourada, com a finalidade de conhecer as formações vegetais e realizar coleta botânica.

Na programação científica, incluíram-se palestras e conferências. Inúmeros trabalhos foram apresentados nas sessões de Ficologia, Fitogeografia, Ecologia, Conservação da Natureza, Palinologia, Taxonomia, Fisiologia e Fitoquímica, Morfologia e Anatomia, Genética e Microbiologia, Botânica Aplicada e Assuntos Gerais, num total de 55 trabalhos.

O evento contou com a participação de mais de 300 congressistas, sendo que várias pessoas se associaram à Sociedade Botânica do Brasil. O símbolo do

Congresso foi um belo cartaz estilizado do arroz (*Oryza sativa* L.), em razão de o Estado ser um grande produtor de arroz.

Durante o XXVIII Congresso realizado em Belo Horizonte-MG, de 23 a 28 de janeiro de 1977, presidido pelo Dr. Wilson R. Camargo de Assunção, na Assembléia Geral Ordinária o Secretário-Permanente da SBB, Prof. Ezechias Paulo Heringer, foi comunicado pela Sociedade Botânica da Argentina da impossibilidade de realizar o II Congresso Latino-Americano de Botânica naquele país e, ao mesmo tempo, consultado sobre a possibilidade de o Brasil sediar o evento. A Assembléia, após discussão, aprovou a realização do congresso no Brasil e elegeu a sua diretoria. Foram escolhidas as cidades de Brasília e Goiânia como os locais de ocorrência simultânea dos dois eventos.

Assim, de 21 a 27 de janeiro de 1978, foram realizados em Brasília e Goiânia o XXIX Congresso Nacional de Botânica e o II Congresso Latino-Americano de Botânica (fig. 2 e 3), com a participação de várias autoridades. Na abertura, fez-se presente o Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, que tomou assento à mesa e presidiu os trabalhos. Participaram diversas delegações de países latino-americanos e europeus, dos Estados Unidos e de quase todos os Estados do Brasil. Foram mais de 1.500 congressistas.

Temas da maior relevância foram apresentados nos simpósios, nas sessões técnicas, nos *posters*, nas conferências e nas palestras.



Figura 2 – Assembléia Geral do II Congresso Latino-Americano de Botânica e XXIX Congresso Nacional de Botânica: Jorge Pedro Carauta, José Ângelo Rizzo, Ezechias P. Heringer (Brasília-DF, 1978)



Figura 3 – Sessão Técnica durante o II Congresso Latino-Americano de Botânica e XXIX Congresso Nacional de Botânica: em primeiro plano, Maria Mércia Barradas, Marly Vicente, Gilda M. de Fazio, Elza M. Frias Martins; atrás, Marilza Cordeiro Marino e outros (Brasília-DF, 1978)

Na cidade de Goiânia, um fato marcante foi a inauguração do Jardim Botânico, pertencente à Prefeitura Municipal, com área de mais de 1.000.000 m², e com vegetação de floresta semidecídua. Durante o evento, usaram da palavra o Presidente do Congresso, Prof. José Ângelo Rizzo, o Dr. Angel Cabrera, da Argentina, o Dr. Dárdano de Andrade Lima e o Prefeito Francisco de Castro. Vários botânicos efetuaram coletas na área. Realizaram-se excursões à Serra de Caldas, onde existe um dos grandes centros hoteleiros de águas termais.

Considerando a ocorrência de veredas no Distrito Federal e em Goiás, e que nessa formação é marcante a presença do buriti (*Mauritia flexuosa* L.f.), foi escolhida como árvore-símbolo dos dois congressos essa bela palmeira que tem grande utilidade no paisagismo, na fabricação de doces e na feitura de rolhas, notadamente no meio rural.

A Assembléia Geral escolheu como sede do XXX Congresso Nacional de Botânica a cidade de Campo Grande-MS e o país escolhido para acolher o III Congresso Latino-Americano de Botânica foi o Peru.

Na Assembléia Geral durante o XL Congresso Nacional de Botânica, presidido pelo Dr. Germano Guarim Neto (Cuiabá, 22 a 28 de janeiro de 1989), escolheu-se a cidade de João Pessoa-PB para sediar o XLII Congresso Nacional de Botânica, sendo que a cidade de Fortaleza-CE tinha sido escolhida para abrigar o XLI.

Transcorrido mais ou menos um ano, a Diretoria do XLII Congresso, sentindo a impossibilidade da realização do evento, dirigiu-se à Presidência da SBB comunicando o fato. A Presidente, Dra. Eliana Nogueira, consultou-nos se seria possível sediar o XLII Congresso em Goiânia-GO. Após discussão com os associados do Estado, concordamos em receber o evento e em presidi-lo.

Entre os dias 20 e 26 de janeiro de 1991, transcorreu o XLII Congresso Nacional de Botânica na cidade de Goiânia-GO (fig. 4, 5 e 6). A árvore-símbolo foi o pau-papel ou papiro (*Tibouchina papyrus* (Pohl) Toledo). Pela Lei Estadual nº 7.160, de 30 de novembro de 1972, a árvore é símbolo do Estado de Goiás, com ocorrência marcante nas formações rupestres do Estado.

Registrou-se a presença de mais de 1.200 congressistas. A parte científica contou com sessões técnicas, comunicações orais, painéis, sessões coordenadas, simpósios, mini-cursos, reuniões satélites e outras atividades. Além dos 520 trabalhos apresentados nas sessões orais e nos painéis, várias exposições aconteceram durante o evento.

Houve a entrega do Prêmio Margaret Mee, pelo Dr. Philip Jenkins, Presidente da Fundação Botânica Margaret Mee e do Prêmio Pieter Oyens, pelo Dr. Cléber Alho, representante da WWF no Brasil.



Figura 4 – Coquetel de abertura do XLII Congresso Nacional de Botânica: Norma Simão Adad, Berta L. de Morretes, Maria Mércia Barradas, Amália H. Teixeira e José Ângelo Rizzo (Goiânia-GO, 1991)



Figura 5 – Membros da Mesa em uma atividade do XLII Congresso Nacional de Botânica: Norma Simão Adad, ?, Anajúlia Elizabete Heringer Salles, José Ângelo Rizzo, Lecticia Scardino Scott Faria e Mariluza Araújo Granja e Barros (Goiânia-GO, 1991)



Figura 6 – Assembléia Geral da SBB durante o XLII Congresso Nacional de Botânica: Lídio Coradin, José Ângelo Rizzo, Paulo G. Windisch e Eliana Nogueira

Por ocasião do referido congresso, foram realizadas as seguintes excursões: ao Parque Nacional dos Veadeiros, um dos pontos mais altos do Estado (1.700m de altitude), com cobertura vegetal característica de Formação Rupestre; ao Parque Nacional das Emas, localizado no Sudoeste do Estado, cuja vegetação característica é de Cerrado, com ocorrência de Floresta Ciliar; à Reserva Biológica da UFG, localizada na Serra Dourada (1.100m de altitude), onde o ambiente é de Formação Rupestre. Em seguida, os congressistas deslocaram-se até a cidade de Goiás.

Após considerarmos os fatos mais relevantes ocorridos durante os congressos de 1969, 1978 e 1991, e em razão da nossa participação em todos os congressos realizados nesse período e até hoje, podemos dar uma visão de como a SBB se apresenta na presente data.

Inicialmente queremos destacar que, desde a sua criação, a Sociedade Botânica do Brasil, por meio dos seus associados, demonstrou e vem demonstrando alto espírito de dedicação, relacionamento fraterno, até mesmo de sacrifício, para que possa atingir seus objetivos. Consideramos ser essa conduta um dos fatores fundamentais para que a entidade pudesse atingir, em toda a sua plenitude, o seu cinqüentenário.

Sabemos perfeitamente que para qualquer entidade atingir suas metas faz-se imprescindível adotar as técnicas mais atualizadas de organização que possam atender aos interesses dos associados, bem como às exigências da sociedade em geral. A Sociedade Botânica do Brasil, por meio dos seus dirigentes e associados, conseguiu fazer com que essas duas vertentes prevalecessem a favor do bem comum.

Procurando relacionar as atividades nesses 23 anos, quando da realização do XX até o XLII Congresso Nacional de Botânica, tendo como permeio o XXIX CNB e o II Congresso Latino-Americano de Botânica, podemos antecipar que a SBB passou por um processo evolutivo extremamente positivo.

Dos três congressos nacionais referidos (XX, XXIX e XLII), podemos fazer uma comparação entre o primeiro e o último, já que o segundo foi realizado simultaneamente com o II Congresso Latino-Americano de Botânica.

Durante o XX Congresso, tivemos a participação de mais de 300 pessoas, entre associados, autoridades e outros interessados em Botânica. O número de trabalhos apresentados foi de aproximadamente 55; além de algumas conferências, várias excursões foram realizadas. Já no XLII Congresso Nacional de Botânica, pôde-se verificar o comparecimento de mais de 1.200 congressistas e o número de trabalhos apresentados foi de 520, com inúmeras conferências, palestras e outras atividades científicas. Comparando somente esses dados já se comprova que a Sociedade apresenta um desenvolvimento positivo, em todos os sentidos.

Fato interessante, referente às excursões, é que elas sempre representaram um ponto forte e de grande importância para a Botânica. Quantas idéias e informações foram trocadas, projetos elaborados para publicação de Floras e outras iniciativas foram tomadas, como frutos dessas excursões e das atividades dos congressos!

A participação de autoridades sempre contribuiu com ações que beneficiaram o estudo da Botânica, como a criação de reservas biológicas e de jardins botânicos.

A Sociedade Botânica do Brasil é um celeiro de pesquisadores da flora; quantos membros estão hoje atuando no cenário das ciências! Outros estão iniciando seus estudos e projetos de pesquisa na Sociedade, ao lado de grandes figuras da Botânica. Foi também uma mola propulsora na criação das Regionais, que muito vêm contribuindo e contribuirão para o estudo da Botânica. Trabalhos e dados importantes são encontrados na *Acta Botanica Brasilica*, periódico da SBB, nos Anais e Resumos publicados pelos Congressos Nacionais e Encontros Regionais de Botânica.

Assim, temos a convicção de que a Sociedade Botânica do Brasil cumpriu e vem cumprindo o que foi idealizado por seus fundadores.

CAPÍTULO 8

GESTÃO SBB 1983 – 1985, ÉPOCA DE MUDANÇAS

Maria Luiza Porto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

A mim coube relatar alguns fatos importantes de nossa gestão[1]. Lamentavelmente muitos anos já se passaram e muitos fatos já não são lembrados e os arquivos de documentação não estão mais, há muito tempo, em nosso poder. No entanto, o que nos marcou realmente, de alguma forma permaneceu, como fatos que passo a relatar.

Escolha da Presidência da SBB e da Presidência do Congresso no Rio Grande do Sul – Porto Alegre

Foi um fato realmente surpreendente ser escolhida Presidente da SBB! Voltava ao Brasil, após quatro anos de ausência e conclusão de meu doutorado, no final de 1981. A notícia de que havia sido apontada para presidir o Congresso Nacional de Botânica – CNB em Porto Alegre, juntamente com a Diretoria eleita durante a realização do XXXIII Congresso em Maceió, assumindo ao mesmo tempo a Presidência da SBB, me deixou cheia de orgulho, mas também muito temerosa. Perguntava a mim mesma: será que tenho condições? Achava-me tão inexperiente, mas a Diretoria me encorajava!

Tomei coragem e iniciei a organização do evento (XXXIV CNB), já nos primeiros meses de 1982. Alfredo, meu vice, só chegaria na metade do ano em curso, estava realizando aperfeiçoamento no exterior. Mesmo assim, com a colaboração do restante da Diretoria, comecei a me empenhar. Reuniões, que eram geralmente noturnas, visavam inicialmente a integração dos botânicos de Porto Alegre e posteriormente do interior do Estado.

Após o período de integração, passamos a indicar as subcomissões, que eram constituídas de representantes de diferentes instituições, respeitando as especialidades e competências. Assim se criaram as subcomissões de simpósios para os temas: plantas invasoras e forrageiras; anatomia; micologia; botânica e ambiente.

---

[1] Presidente: Maria Luiza Porto; Vice-Presidente: Alfredo Gui Ferreira; 1º Secretário-Tesoureiro: Jorge Ernesto de Araújo Mariath; 2ª Secretária-Tesoureira: Maria de Lourdes Abruzzi A. de Oliveira; Secretário-Representante: Lídio Coradin.

Outras subcomissões se preocuparam com os debates, painéis e conferências, estudantes, excursões, acompanhantes de congressistas e elaboração de anais e resumos.

Certo dia, as sub-comissões se reuniram especialmente para definir o símbolo do Congresso no Rio Grande do Sul, e convidamos para nos assessorar um artista plástico que executaria o desenho. Logo entramos em acordo que deveria ser uma árvore; e agora, que árvore? Uns defendiam veementemente a figueira, descrevendo-a e mostrando fotos ao artista, outros defendiam o umbu com o mesmo entusiasmo e assessorando da mesma forma o artista. Concluímos, ao final de tudo, que o símbolo seria a figueira, mas o mesmo parece não ter sido o entendimento do artista, que veio posteriormente trazer o seu desenho definitivo, que foi apelidado pelos botânicos de "figobu", permanecendo assim mesmo como símbolo do evento, por falta de tempo e dinheiro! Aprendi a gostar do símbolo, apesar de pouco verdadeiro! Quando o vejo, me traz boas lembranças!

O entusiasmo era muito grande, muita energia existia e muita colaboração se recebia. Essas colaborações vinham de forma muito espontânea. Será que existia em mim mais habilidade, apesar da pouca experiência, ou será que os tempos realmente mudaram em um pouco menos de vinte anos? Claro, todos éramos mais jovens e tínhamos muito mais tempo para nos dedicar aos assuntos que eram extensão de nossas pesquisas. Só sei que era muito mais fácil atingir objetivos do que atualmente.

Nesse meio tempo, antes que Alfredo retornasse, "aterrizou um anjo", o Sr. Ojeda, que com sua experiência em organização de eventos nos fez dar o saque inicial de um jogo que exigiria muito de nós e que duraria três anos. Começamos, simultaneamente ao Congresso, a reorganização da SBB. Passaram por nós fichários, que foram completados e atualizados, documentos importantes que foram recuperados e ações que foram iniciadas para tornar a SBB conhecida na esfera da política nacional. Mariath se transformou no Secretário-Tesoureiro mais eficiente que conheço, acompanhado, na maioria de suas ações, por uma figura extraordinária, Maria de Lourdes Abruzzi Aragão de Oliveira, nobre no nome e nas atitudes, conhecida pelo apelido carinhoso de Delu. Acredito que Mariath, de tanto carregar a pasta de documentos da SBB, tenha adquirido problemas de coluna vertebral, que de orgulhoso não se queixa!

Outra grande colaboração veio de Lidio Coradin que, com sua habilidade política, ajudou a abrir as portas para a SBB, conseguindo alocar recursos especialmente para a publicação dos Anais dos Congressos em nossa gestão. Alfredo, que logo após sua chegada exerceu o papel de "advogado do diabo", fortaleceu nosso trabalho. Logo uma grande confiança se estabeleceu e passamos a batalhar conjuntamente. Ao Alfredo coube uma tarefa árdua, juntamente com a Comissão escolhida: a de organizar a edição dos Anais do Congresso de Porto Alegre e dos Anais dos Simpósios deste mesmo evento. Que sucesso ter conseguido esses resultados! Recentemente, folheando esse material, fiquei feliz em ver o quão importantes e de bom nível eram os trabalhos, como por exemplo aqueles do saudoso botânico Roberto M. Klein.

Quanto trabalho! Que entusiasmo! Que amor à ciência Botânica! Viajei por quase todas as principais capitais brasileiras, acompanhada pelo Primeiro Secretário Mariath, ou pelo secretário do Sr. Ojeda, divulgando o XXXIV Congresso Nacional, a ser realizado em Porto Alegre. Passei a defender a Botânica e a SBB em quase todos os foros do Governo Federal ligados à Ciência e Tecnologia (CNPq, FINEP, IBDF, EMBRAPA etc.). Que experiência frutífera! Que esperanças se delineavam!

O Congresso de Porto Alegre e a SBB

O Congresso de Porto Alegre (fig. 1, 2 e 3) foi um sucesso em conteúdo científico, em eventos, em oportunidades de organização e maior congraçamento na SBB. Nesse Congresso, mais de seiscentos congressistas estavam inscritos, número que para a época significava muito. Aconteceram palestras, debates, mesas redondas e simpósios além de sessões de comunicações científicas. Foram mais de duzentos trabalhos apresentados e com resumos publicados. Muitos desses foram publicados na íntegra, nos Anais. Naquela época, a moda dos mini-cursos ainda não existia. A comunidade científica debatia ferozmente os trabalhos, que eram do mais alto nível, preparados especialmente para publicação na íntegra nos Anais. A SBB se preocupava em proporcionar esta oportunidade aos pesquisadores.



Figura 1 – Sessão de Instalação do XXXIV Congresso Nacional de Botânica (Porto Alegre-RS, 1983): Ezechias P. Henriger, Diretor de Biociências da UFRGS, autoridades do Governo do Estado, Nanuza L. de Menezes e Jorge Ernesto de A. Mariath.



Figura 2 – Mesa Diretora da Assembléia Geral realizada durante o XXXIV Congresso Nacional de Botânica (Porto Alegre-RS, 1983): Feliciano Flores, Advogado do Governo do Estado, Maria de Lourdes A. A. de Oliveira, Jorge Ernesto de A. Mariath, Ezechias P. Henringer, Alfredo Gui Ferreira e Luiz Rios de M. Baptista



Figura 3 – Platéia em uma das atividades do XXXIV Congresso Nacional de Botânica (Porto Alegre-RS, 1983): Em primeiro plano, a Presidente da SBB, Maria Luiza Porto; em segundo plano, Berta L. de Morretes, Maria Henriqueta Homrich e outros

Éramos, na verdade, uma comunidade científica com algumas ações políticas. Participamos da organização de diversos Programas de Ciência e Tecnologia no país, como o Programa Flora e o Programa de Museus e Coleções Científicas, e Avaliação e Perspectivas na área de Botânica, todos eles de iniciativa do CNPq, com apoio da FINEP. Homenageamos figuras de destaque, como Burle Marx, durante o Congresso de Porto Alegre, ressaltando a importância deste paisagista ao introduzir elementos botânicos para harmonizar jardins, praças, parques, etc.

A excursão ao final do Congresso nos proporcionou um enorme prazer, pois os botânicos brasileiros tiveram a oportunidade de conhecer os Aparados da Serra, o nosso Itaimbezinho, a jóia da natureza gaúcha. Que satisfação! Eu pude mostrar à Nanuza os campos rupestres dos gaúchos, que orgulho!

O evento social foi com direito a churrasco, em ambiente de galpão crioulo e "fandango", enriquecido pela presença de nossos alunos pilchados à moda gaúcha, isso para deixar mais autêntico o nosso pampa e ressaltar a nossa hospitalidade. E quando o "fandango" estava no auge, à meia-noite, tive que me retirar, como Cinderela; e o pior, ainda não tinha encontrado meu príncipe encantado, mas o que me esperava lá fora era o trabalho árduo do próximo dia de Congresso.

Entretanto, juntamente com os acontecimentos felizes, tivemos alguns trabalhos árduos, como a Assembléia Geral Extraordinária e a Assembléia Geral Ordinária. A primeira previa a aprovação dos novos Estatutos, que haviam sofrido mudanças radicais. Que trabalho! Como os botânicos tiveram tantos detalhes a colocar e quantas contribuições à proposta preliminarmente distribuída. Jamais esquecerei Valls e Alcides Teixeira com suas colocações! Assim como jamais esquecerei a difícil tarefa que tive de aprovar: a transformação do cargo de Secretário Permanente para Secretário Representante, até então exercido por uma figura que merecia meu maior respeito e admiração, Ezequias P. Heringer. Lágrimas vieram nos meus olhos! Rompemos uma tradição e um relacionamento que nossa sociedade tinha praticamente desde sua fundação.

O término da Assembléia Extraordinária deu-se após as 2 horas da madrugada e o Mariath manteve-se firme durante todo esse tempo, gravando e anotando tudo. Ficamos apavorados e, o pior, tínhamos mais dois anos de gestão para colocar em prática o recém-aprovado Estatuto! E assim procedemos: solicitamos o registro da Sociedade como entidade de utilidade pública, organizamos livros de atas, arquivos, tesouraria. Passamos a ter melhor organização nas Assembléias Gerais. Tornamos a Sociedade conhecida junto aos órgãos que apóiam a pesquisa no país. Começamos a ter participação mais efetiva em políticas de Ciência e Tecnologia. Tentamos resolver conflitos que existiam em relação à Revista Brasileira de Botânica e demos início ao processo que culminou, em 1987, com a criação da *Acta Botanica Brasilica*. Paralelamente a essas atividades, passamos a assessorar e a participar da organização dos Congressos realizados durante nossa gestão.

A Assembléia Geral Ordinária, prevista para o quarto dia do Congresso, ocorreu em um dos piores dias em termos de clima, em Porto Alegre. Antecedeu a nossa assembléia um calor insuportável, de aproximadamente quarenta graus, motivo de queixas até do pessoal do Norte do país, seguido de uma chuva torrencial. Que clima! Que tensão! Uma determinada hora, por desorientação, estava quase pedindo aplausos para um minuto de silêncio em homenagem a um sócio falecido. Isso tudo já refletia o cansaço e a decepção com algumas situações que não ocorreram como o esperado.

Relato a seguir um fato que muito me marcou. Com ajuda dos colegas Eny e Luiz, organizamos uma homenagem a nosso mestre, Dr. Alarich Schultz, homenagem essa que antecederia a Assembléia Geral Ordinária. A idéia era plantar um pé de *Parapitadenia rigida,* angico, na pequena praça em frente à Universidade onde estava sendo realizado o Congresso. Os preparativos ocorreram bem, jardineiro, muda, a cautela da Eny em mandar gravar em uma enorme pedra de granito a homenagem e o nome da espécie a ser plantada, pois, dizia ela, "desta forma não levarão embora a pedra pesada como o povo leva facilmente uma placa de madeira". Na hora da homenagem, a pedra já estava no local, totalmente coberta por um pano escuro, como manda a cerimônia, discursos e o descerrar da pedra. Que surpresa! Esculpida no granito estava a homenagem e, de forma a não poder ser mais modificado, o nome cientifico da espécie escrito erradamente, utilizando no epíteto específico *rigida* um R maiúsculo e sofisticado. Somente um botânico entenderá tal decepção! O importante disso é que a árvore e a homenagem dos botânicos até hoje existem!

Os Congressos realizados na Amazônia (1984) e no Paraná (1985)

Manaus, Manaus como estavas longe! Em outro extremo do país! Mas mesmo assim fomos de "mala e cuia", como dizem os gaúchos. Marlene e William, que criaturas maravilhosas e que esforço fizeram para que tudo ocorresse da melhor maneira. Jamais me esquecerei da Sessão de Instalação pois, naquela oportunidade, como Presidente da SBB, pude discursar[2] para os botânicos e as autoridades presentes, transmitindo meus pensamentos e reflexões sobre a Amazônia e seus recursos naturais, e a preocupação com o fato de esta ser objeto de cobiça econômica internacional. Hoje, ainda continuo, e com muito mais razão, a me preocupar e a desejar a mobilização dos botânicos brasileiros nas lutas de preservação da Amazônia.

Os sócios do Paraná foram encorajados, durante o evento realizado em Porto Alegre, a assumir o XXXVI Congresso, que se realizaria em Curitiba. Isso redobrou a nossa responsabilidade, ainda mais que, até então, nenhum Congresso Nacional de Botânica havia ocorrido naquele Estado. Passamos então a assessorar o grupo muito

[2] Discurso publicado nos Anais do XXXV Congresso Nacional de Botânica, em Manaus.

de perto. Paulo, Iedo e Cervi também nos visitaram várias vezes, procurando sempre o melhor para a organização do evento. A nossa experiência e o apoio do Sr. Ojeda, somados à participação, iniciativa e trabalho da equipe local, fizeram do evento um grande sucesso. O programa científico foi de alto nível e o cultural inigualável. Jamais poderei esquecer a orquestra de músicos mirins de Curitiba e a elegância e gentileza da Comissão Organizadora no trato aos congressistas.

Palavras finais

A todos que depositaram confiança na Diretoria da SBB, gestão 1983-85, da qual fiz parte, numa época de mudanças internas, manifesto meus calorosos agradecimentos, desculpando-me por não poder citar todos os que de alguma forma nos auxiliaram a atingir os objetivos propostos. E aproveito ainda esta oportunidade para expressar que, durante esse envolvimento com nossa Sociedade, me senti orgulhosa e muito valorizada, retribuição que só poderia ser manifestada através do trabalho sério, transparente e com desprendimento, esperando que tenha correspondido às expectativas da comunidade botânica.

CAPÍTULO 9

INDICADORES DOS CONGRESSOS NACIONAIS DE BOTÂNICA: UMA BREVE LEITURA DO HISTÓRICO DE 50 ANOS DA SBB

Eliana Nogueira
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
e
Maria Mércia Barradas
Presidente da Sociedade Botânica do Brasil

Os Congressos Nacionais de Botânica têm sido realizados anualmente, desde 1950. Nos primeiros anos, denominavam-se Reuniões Anuais da Sociedade Botânica do Brasil (1950 a 1961). Tais encontros, até 1995, aconteciam no mês de janeiro, normalmente na segunda quinzena. A partir do 47º Congresso Nacional de Botânica – CNB (Nova Friburgo-RJ, em 1996), passaram a ter lugar em julho.

A observação de uma listagem de todos os Congressos Nacionais de Botânica, incluindo o local e a época da sua realização (tab. 1), permite algumas constatações:

— O período de duração do evento, em geral, varia ao redor de uma semana. Mas há casos de congressos mais longos, como a 6ª Reunião Anual (Belém-PA), com 17 dias, provavelmente em função de excursões pós-congresso.
— Os eventos têm ocorrido em quase todos os Estados; apenas seis ainda não atuaram como sede: Espírito Santo, Roraima, Rondônia, Acre, Amapá e Tocantins (fig. 1).
— São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul realizaram, cada um, cinco congressos, o maior número alcançado por um mesmo Estado, até o momento (fig. 1). Entre os elementos que poderiam explicar tal fato, citam-se os seguintes: a emergência da pós-graduação em Botânica ocorreu nestas Unidades da Federação, que já possuíam um arcabouço institucional para sustentá-la; a massa crítica de botânicos situava-se – e ainda se situa – predominantemente nestes Estados; assim, como corolário, as lideranças na área aí se concentravam, criando condições propícias para a realização dos congressos. Além disso, de acordo com estudo realizado por Meis & Leta (1996), existe uma correlação entre a densidade populacional e a centralização da ciência. Como a região Sudeste é a parte do território nacional mais densamente povoada, é natural que os congressos tenham convergido para estes Estados.

Tabela 1 – Relação dos Congressos Nacionais de Botânica (1950 a 2000)

NÚMERO	REGIÃO	ESTADO	LOCAL	PERÍODO
1	SE	RJ	Itaguaí	09 e 10/01/1950
2	SE	MG	Viçosa – Ouro Preto – Belo Horizonte	10 a 15/01/1951
3	SE	SP	Campinas – Piracicaba	08 a 17/01/1952
4	NE	PE	Recife	19 a 26/01/1953
5	S	RS	Porto Alegre – Pelotas	13 a 23/01/1954
6	N	PA	Belém	28/01 a 13/02/1955
7	NE	BA	Cruz das Almas	23 a 28/01/1956
8	CO	GO	Goiânia	14 a 24/01/1957
9	NE	CE	Fortaleza	19 a 25/01/1958
10	SE	RJ	Itaguaí	18 a 25/01/1959
11	SE	MG	Belo Horizonte	25/01 a 03/02/1960
12	SE	SP	São Paulo	22 a 29/01/1961
13	NE	PE	Recife	18 a 25/02/1962
14	N	AM	Manaus	19 a 26/01/1963
15	S	RS	Porto Alegre	17 a 27/01/1964
16	NE	BA	Itabuna	17 a 25/01/1965
17	CO	DF	Brasília	23 a 31/01/1966
18	SE	RJ	Rio de Janeiro	22 a 30/01/1967
19	NE	CE	Fortaleza	21 a 29/01/1968
20	CO	GO	Goiânia	19 a 22/01/1969
21	NE	PB	João Pessoa	11 a 18/01/1970
22	SE	SP	São Paulo	15 a 23/01/1971
23	NE	PE	Garanhuns	16 a 23/01/1972
24	S	RS	Pelotas	21 a 27/01/1973
25	NE	RN	Mossoró	20 a 26/01/1974
26	SE	RJ	Rio de Janeiro	26/01 a 01/02/1975
27	NE	MA	São Luís	20 a 24/01/1976
28	SE	MG	Belo Horizonte	23 a 30/01/1977
29	CO	DF e GO	Brasília e Goiânia	22 a 29/01/1978
30	CO	MS	Campo Grande	21 a 27/01/1979
31	NE	BA	Ilhéus/Itabuna	20 a 27/01/1980
32	NE	PI	Teresina	25 a 31/01/1981
33	NE	AL	Maceió	24 a 30/01/1982
34	S	RS	Porto Alegre	23 a 29/01/1983
35	N	AM	Manaus	22 a 27/01/1984
36	S	PR	Curitiba	20 a 26/01/1985
37	SE	MG	Ouro Preto	19 a 26/01/1986
38	SE	SP	São Paulo	25 a 31/01/1987
39	N	PA	Belém	24 a 31/01/1988
40	CO	MT	Cuiabá	22 a 28/01/1989
41	NE	CE	Fortaleza	21 a 27/01/1990
42	CO	GO	Goiânia	20 a 26/01/1991
43	NE	SE	Aracaju	19 a 25/01/1992
44	NE	MA	São Luís	24 a 30/01/1993
45	S	RS	São Leopoldo	23 a 29/01/1994
46	SE	SP	Ribeirão Preto	22 a 27/01/1995
47	SE	RJ	Nova Friburgo	21 a 26/07/1996
48	NE	CE	Crato	27/07 a 01/08/1997
49	NE	BA	Salvador	26/07 a 01/08/1998
50	S	SC	Blumenau	18 a 23/07/1999
51	CO	DF	Brasília	23 a 29/07/2000

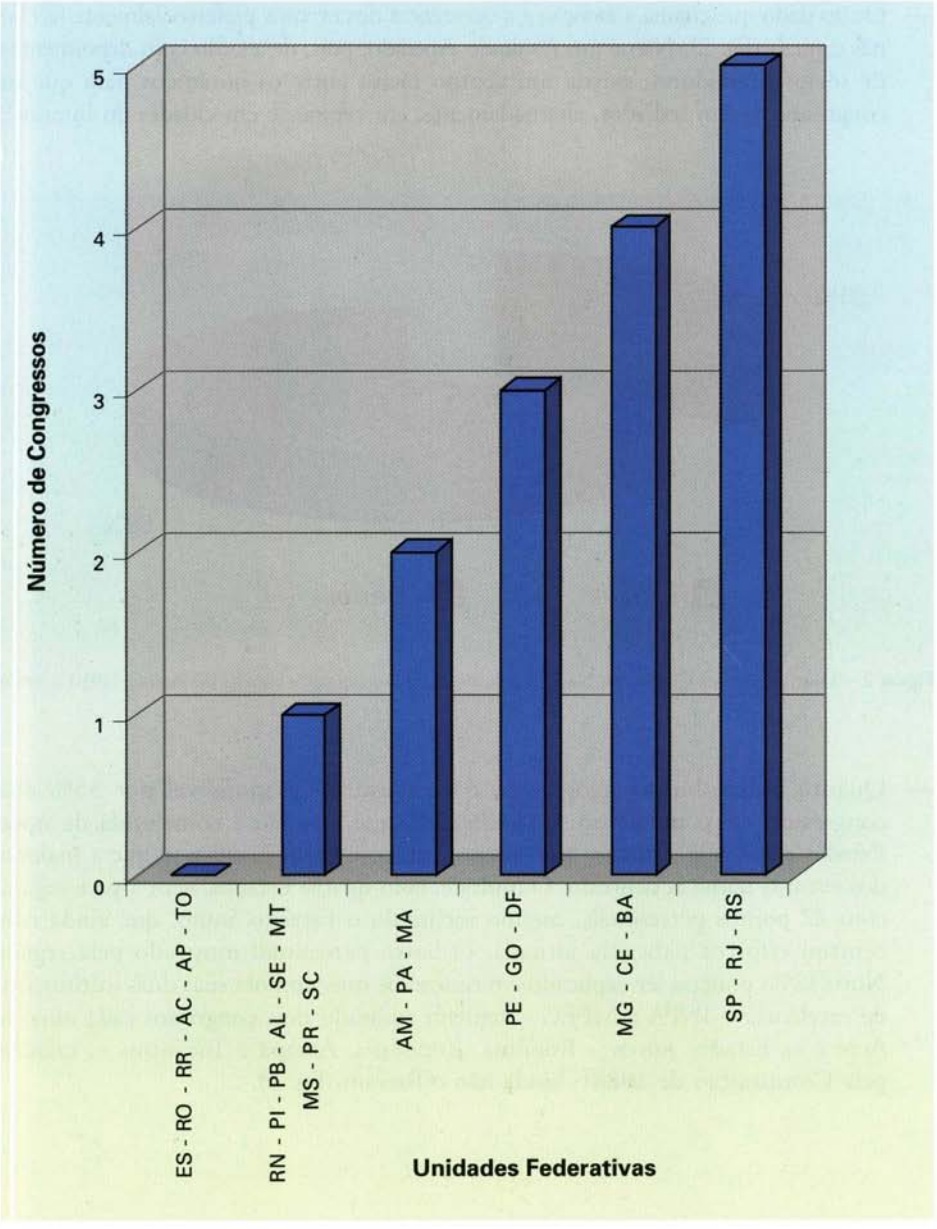


Figura 1 – Participação dos Estados na realização dos Congressos Nacionais de Botânica (1950 - 2000)

— Outro dado que chama a atenção é a ocorrência dos eventos preferencialmente (69%) nas capitais (fig. 2). Não é um resultado esperado, pois, de acordo com depoimentos de sócios fundadores, existia um acordo tácito entre os botânicos para que os congressos fossem sediados, alternadamente, em capitais e em cidades do interior[1].

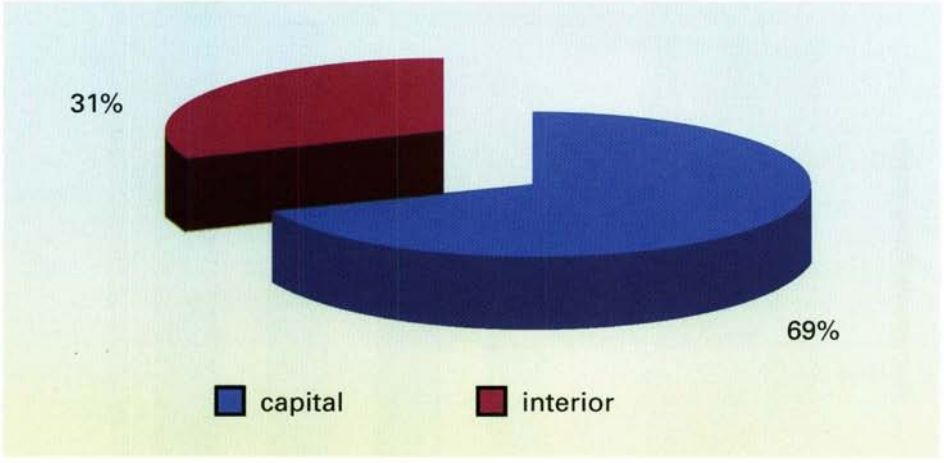


Figura 2 – Distribuição dos Congressos Nacionais de Botânica nas capitais e cidades do interior (1950 - 2000)

— Quanto à distribuição geográfica, o Nordeste foi responsável por 35% dos congressos, até o momento. Considerando que a região é constituída de nove Estados e todos já sediaram pelo menos um congresso, justifica-se que a maioria dos eventos tenha aí ocorrido. O Sudeste, com quatro Estados, vem logo a seguir, com 27 pontos percentuais, mesmo incluindo o Espírito Santo, que ainda não centrou esforços para esta jornada. O baixo percentual mostrado pela região Norte (8%) poderia ser explicado em função de que, embora suas duas instituições de excelência – INPA e MPEG – tenham realizado dois congressos cada uma, o Acre e os Estados novos – Roraima, Rondônia, Amapá e Tocantins –, criados pela Constituição de 1988[2], ainda não o fizeram (fig. 3).

[1] Embora não seja sócio fundador, José da Costa Sacco, que participa dos quadros da SBB desde 1954, faz alusão a este tema no Capítulo 6, quando tece considerações sobre o 48º CNB, no Crato.

[2] Congresso Nacional (1988), Constituição da República Federativa do Brasil.

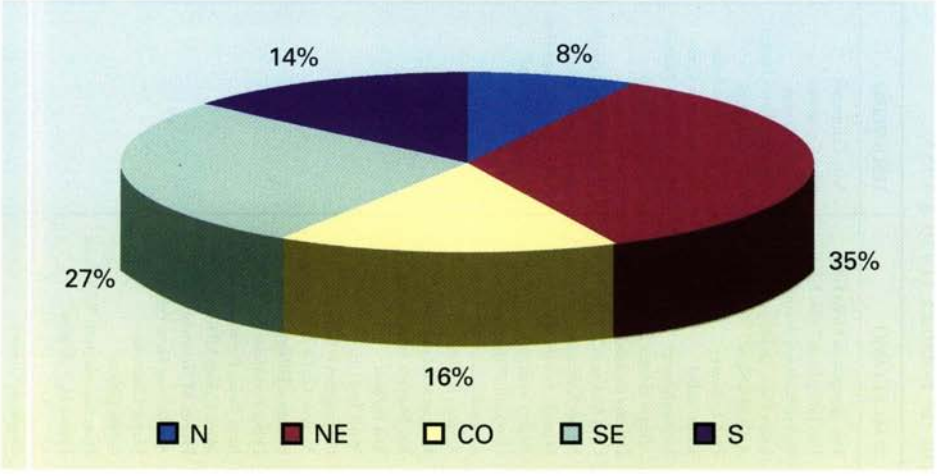


Figura 3 – Distribuição dos Congressos Nacionais de Botânica por região geográfica (1950 - 2000)

Com referência à recomendação de que houvesse um intervalo de dez anos, no mínimo, para que o evento anual da SBB pudesse se repetir no mesmo Estado[3], a tabela 1 mostra que a norma vem sendo seguida, com algumas exceções. Por exemplo: em um período de oito anos houve o 38° e o 46° CNB, ambos em São Paulo (capital e interior); em um espaço de nove anos, em 1977 e 1986, Belo Horizonte e Ouro Preto sediaram o evento.

Diretorias da Sociedade Botânica do Brasil e Comissões Organizadoras dos Congressos Nacionais de Botânica

De acordo com os primeiros Estatutos da SBB, caberia aos membros da Diretoria promover a realização das Reuniões Anuais, sendo o Presidente da Sociedade automaticamente o Presidente da Reunião, com mandato de um ano (tab. 2). Assim, a preocupação maior, quando da institucionalização da SBB, era garantir a realização do evento anual. A Diretoria, então eleita durante as Assembléias Gerais Ordinárias, deveria ser constituída de lideranças nas suas respectivas instituições. Assim aconteceu até o Congresso Nacional de Botânica de 1982, realizado em Maceió. O Presidente e o Vice-Presidente eleitos na Assembléia Geral Ordinária deste evento tiveram seus mandatos prorrogados por mais dois anos, por ocasião do 34° CNB (Porto Alegre, 1983), quando houve mudança nos Estatutos e o mandato das Diretorias passou para três anos.

[3] Sobre o assunto, consultar o Capítulo 3, de autoria de Berta L. de Morretes e o Capítulo 6, de José da Costa Sacco.

Tabela 2 - Diretorias da SBB/Comissões Organizadoras dos Congressos Nacionais de Botânica (1950 a 1983)

ANO	PRESIDENTE	VICE-PRESIDENTE	1° SECRETÁRIO	2° SECRETÁRIO	TESOUREIRO
1950	Heitor Vinicius da Silveira Grillo	João Geraldo Kuhlmann	Honório da C. Monteiro Filho	Luiz Emygdio de Mello Filho	Adyr Guimarães
1951	Heitor Vinicius da Silveira Grillo	João Geraldo Kuhlmann	Honório da C. Monteiro Filho	Luiz Emygdio de Mello Filho	Adyr Guimarães
1952	Carlos Arnaldo Krug	Mário Guimarães Ferri	Coaracy M. Franco	Walter Radamés Accorsi	Moysés Kramer
1953	João Vasconcelos Sobrinho	Dárdano de A. Lima	Frederico Simões Barbosa	Lauro Pires Xavier	Augusto Chaves Batista
1954	Alarich R. Schultz	J. Grossman	Pery Rieth Corrêa	A. Silveira Neto	Carlos Hogetop
1955	Felizberto Camargo	Walter Miranda Machado	João Murça Pires	Paul Ledeoux	Ricardo Lemos Fróes
1956	Geraldo Carlos Pereira Filho	Camillo Torrend	Alexandre Leal Costa	Jonas Seabra	Haroldo Anísio Alves
1957	José Paulo Silveira Cabral	Claudomiro Teles	Mário Guimarães Ferri	Moyses Kramer	Alcides Ribeiro Teixeira
1958	Manoel Mateus Ventura	Prisco Bezerra	Diógenes Fahal Dorval	Afrânio Gomes Fernandes	J. Ilo Vasconcelos
1959	Honório da C. Monteiro Filho	Luiz Emygdio de Mello Filho	José da Cruz Paixão	Dalmo Giacometti	Luiz Carvalho
1960	Octávio de Almeida Drummond	Chotaro Schimoya	Moacyr do Amaral Lisboa	Otto Anderson	Alcides Ribeiro Teixeira
1961	Alcides Ribeiro Teixeira	Walter Radamés Accorsi	Berta Lange de Morretes	Moisés Kuhlmann	Beulah Coe Teixeira
1962	Dárdano de A. Lima	Lauro Pires Xavier	Augusto Chaves Batista	Haroldo da Silva Maia	Alberto Coelho Sarmento
1963	William A. Rodrigues	João Murça Pires	Augusto Chaves Batista	Paulo Cavalcanti	Nelson Maravalhas
1964	Alarich R. Schultz	José da Costa Sacco	Maria H. Homrich	Hermann Wagermann	
1965	Paulo de Tarso Alvim	Geraldo Carlos Pereira Pinto	Nelson Maravalhas	Alexandre Grangier	
1966	João Murça Pires	José Passos Porto	Rooselvelt Nader	Antônio R. Cordeiro	
1967	Luiz Emygdio de Mello Filho	Raul Dodsworth Machado	Guido Pabst	Margarete Emmerich	
1968	Prisco Bezerra	Renato Braga	Maria Artemísia Braga Arraes	José Mariano Serra Uchoa	
1969	José Ângelo Rizzo	Ezechias P. Heringer	Amália Hermano Teixeira	Ana Barbosa	
1970	Lauro Pires Xavier	Abelei Daniel de Assis	Ezechias P. Heringer	Maria José Chaves	
1971	Mário Guimarães Ferri	Aylton Brandão Joly	Carlos Eduardo M. Bicudo	Hermógenes F. Leitão Filho	
1972	Dárdano de A. Lima	Geraldo Mariz	Alberto Coelho Sarmento	Antônio Carlos de Sousa Reis	
1973	José da Costa Sacco	José Álvares Souza Soares Sobrinho	Myriam Maggy Paiz Machado	Francisco Elifalete Xavier	
1974	Jerônimo Vingt-un Rosado Maia	Benedito Vasconcelos Mendes	Maria Auxiliadora dos Santos	Odaci Fernandes de Oliveira	
1975	Padre Raulino Reitz	Honório da C. Monteiro Filho	Elsie Franklin Guimarães	Jorge Pedro Pereira Carauta	
1976	Antônio Benedito de Oliveira	Antonia de Arruda Soares	Terezinha S. Soares	Maria Celeste M. Ribeiro	
1977	Wilson R. Camargo de Assunção	Mitzi Brandão Ferreira	Júlio Pedro del C. Laca-Buendia	Heloisa M. Saturnino	
1978	José Ângelo Rizzo	Ezechias P. Heringer	Maria Artemísia Arraes Hermans	Ana Barbosa Ferro Peixoto	
1979	Arnaldo de Oliveira	Cláudio de Almeida Conceição	Simão Cardoso Pedro	Masuó Chumzun	
1980	Paulo de Tarso Alvim	Roberto Carvalho Pereira	Ronald Alvim	Gildro Lisboa	
1981	Manoel Roberto Del'Arco	Valdermar Rodrigues	Antônio Alberto Jorge Farias Castro	Francisco Maurício Teles Freire	
1982	Osvaldo Viegas	Selma B. Dionello	Petrúcia D. Medeiros	Idalina M. S. Ribeiro	
1983	Maria Luiza Porto	Alfredo Gui Ferreira	Jorge Ernesto de Araújo Mariath	Maria de Lourdes Abruzzi Aragão de Oliveira	

O Capítulo 8 deste livro, de autoria de Maria Luiza Porto, Presidente da SBB na gestão 1983-1985, apresenta um relato da experiência vivenciada nesta época de mudanças internas na Sociedade. Desde então, seis Diretorias se sucederam (tab. 3), em cujas gestões dezessete congressos tornaram-se realidade (tab. 4).

De 1950 a 1963 as Diretorias da SBB/Comissões Organizadoras dos Congressos tinham os seguintes cargos: Presidente, Vice-Presidente, 1° Secretário, 2° Secretário e Tesoureiro (tab. 2). No período de 1964 até o Congresso realizado em São Leopoldo, em janeiro de 1994, as Diretorias passaram a ser integradas por: Presidente, Vice-Presidente, 1° Secretário-Tesoureiro e 2° Secretário-Tesoureiro (tab. 2 e 3).

As atividades da Sociedade, imediatamente após o Congresso de Goiânia, em 1991, foram substancialmente incrementadas, em função de publicações diversas, Jornal da SBB, ações políticas em C&T e organização administrativa. Como conseqüência, a Diretoria, na gestão Eliana Nogueira, designou Adjuntos e Assessores Especiais para colaborar com o trabalho: Dulce Maria S. da Rocha, Roberta C. Mendonça e Manoel B. de Castro ocuparam cargo de Secretários-Adjuntos; Flávio Neves B. de Sá, Tesoureiro-Adjunto; Therezinha S. Melhem e Yara Lúcia Hupsel de Azevedo, Assessoria Especial; Ana Maria Giulietti, Editora-Associada; Lacê Medeiros Breyer, Assessor de Informática (Jornal da SBB, maio/1991). Esse processo de envolvimento de um maior número de associados nas atividades da Diretoria culminou com a ampliação oficial dos cargos diretivos. E assim, a partir de 1994, a Diretoria passou a contar com as figuras de 2° Vice-Presidente, 1° Secretário, 2° Secretário, 1° Tesoureiro e 2° Tesoureiro (tab. 3).

Na 4ª Reunião Anual da SBB, realizada em Recife, em 1953, "foi criada a Secretaria Permanente e aprovada a indicação do Prof. José da Cruz Paixão como seu titular, com sede na Escola Nacional de Agronomia, Rio de Janeiro" (Heringer, 1978). Depois, com a mudança da capital federal para Brasília, no início dos anos 60, o Prof. Ezechias P. Heringer tornou-se o Secretário-Permanente da SBB, tendo desempenhado esta função por aproximadamente 20 anos. Nas últimas décadas, por determinação de mudanças estatutárias, o nome do cargo foi alterado duas vezes, passando a Secretário-Representante (1983 a 1993) e Secretário-Geral, a partir de 1994, durante a gestão de Nanuza Luiza de Menezes (tab. 3). Cabe registrar ainda que, no Congresso de 1997 (Crato), acrescentou-se à Diretoria o cargo de Secretário-Geral Suplente, sendo que Taciana B. Cavalcanti exerceu esta função até o final de 1999, quando foi substituída por Jeanine M. Felfili Fagg, a partir de janeiro de 2000.

Desde sua criação, a Sociedade Botânica do Brasil institucionalizou, além da Diretoria, um Conselho, posteriormente denominado Conselho Superior. De acordo com a ata da reunião de instalação da SBB[4], "(...) o Conselho compor-se-á de sete membros efetivos, eleitos pela Assembléia, e escolhidos de preferência dentre pessoas

[4] Em 10 de janeiro de 1950, registrada no Rio de Janeiro em 27 de junho de 1950, com 7 páginas.

Tabela 3 - Diretorias da SBB (1983 a 2000)

ANO DO CONGRESSO	PRESIDENTE	1° VICE-PRESIDENTE	2° VICE-PRESIDENTE	1° SECRETÁRIO
1983	Maria Luiza Porto	Alfredo Gui Ferreira		Jorge Ernesto de A. Mariath
1984	Maria Luiza Porto	Alfredo Gui Ferreira		Jorge Ernesto de A. Mariath
1985	Maria Luiza Porto	Alfredo Gui Ferreira		Jorge Ernesto de A. Mariath
1986	Alfredo Gui Ferreira	Jorge Ernesto de A. Mariath		Maria de Lourdes A. A. de Oliveira
1987	Alfredo Gui Ferreira	Jorge Ernesto de A. Mariath		Maria de Lourdes A. A. de Oliveira
1988	Alfredo Gui Ferreira	Jorge Ernesto de A. Mariath		Maria de Lourdes A. A. de Oliveira
1989	Maria Aparecida Zurlo	Eliana Nogueira		Tarciso de S. Filgueiras
1990	Eliana Nogueira*			Margareth Naomi Sato
1991	Eliana Nogueira	Raul Luís de Melo Dusi		Dulce Maria Sucena da Rocha
1992	Eliana Nogueira	Mariluza Araújo G. e Barros		Taciana Barbosa Cavalcanti
1993	Eliana Nogueira	Mariluza Araújo G. e Barros		Taciana Barbosa Cavalcanti
1994	Eliana Nogueira	Mariluza Araújo G. e Barros		Taciana Barbosa Cavalcanti
1995	Nanuza L. de Menezes	Ariane Luna Peixoto	Ana Maria Giulietti	Wáldir Mantovani
1996	Nanuza L. de Menezes	Ariane Luna Peixoto	Ana Maria Giulietti	Wáldir Mantovani
1997	Maria Mércia Barradas	Maria das Graças L. Wanderley	Sandra Farto B. Trufem	Maria Margarida da R. F. de Mello
1998	Maria Mércia Barradas	Maria das Graças L. Wanderley	Sandra Farto B. Trufem	Maria Margarida da R. F. de Mello
1999	Maria Mércia Barradas	Maria das Graças L. Wanderley	Sandra Farto B. Trufem	Maria Margarida da R. F. de Mello
2000	Maria Mércia Barradas	Maria Jesus Nogueira Rodal		Maria Margarida da R. F. de Mello

Continua...

2° SECRETÁRIO	1° TESOUREIRO	2° TESOUREIRO	SECRETÁRIO (REPRESENTANTE/GERAL)
Maria de Lourdes A. A. de Oliveira			Lídio Coradin (R)
Maria de Lourdes A. A. de Oliveira			Lídio Coradin (R)
Maria de Lourdes A. A. de Oliveira			Lídio Coradin (R)
Márcia Therezinha M. B. das Neves			Lídio Coradin (R)
Márcia Therezinha M. B. das Neves			Lídio Coradin (R)
Márcia Therezinha M. B. das Neves			Lídio Coradin (R)
Manoel Claudio da Silva Júnior			Lídio Coradin (R)
Manoel Claudio da Silva Júnior			Lídio Coradin (R)
Valmira Vieira Mecenas			Lídio Coradin (R)
Bruno Machado Teles Walter			Valmira Vieira Mecenas (R)
Bruno Machado Teles Walter			Manoel Borges de Castro (R)
Bruno Machado Teles Walter			Manoel Borges de Castro (R)
Luiza Sumiko Kinoshita	Maria das Graças L. Wanderley	Maria Margarida da R. F. de Mello	Lídio Coradin (G)
Luiza Sumiko Kinoshita	Maria das Graças L. Wanderley	Maria Margarida da R. F. de Mello	Lídio Coradin (G)
Maria das Graças Sajo	Maria Cândida H. Mamede	Ana Maria G. de Azevedo Tozzi	Tarciso de S. Filgueiras (G)
Maria das Graças Sajo	Maria Cândida H. Mamede	Ana Maria G. de Azevedo Tozzi	Tarciso de S. Filgueiras (G)
Maria das Graças Sajo	Maria Cândida H. Mamede	Ana Maria G. de Azevedo Tozzi	Tarciso de S. Filgueiras (G)
Fernando Javier S. Salas	Rosângela Simão Bianchini	Eliana Regina Forni Martins	Manoel Claudio da Silva Júnior (G)

Legenda
* = Em exercício da presidência, a partir de abril de 1989 até o Congresso de Fortaleza (1990)
R= Secretário-Representante
G= Secretário-Geral

Tabela 4 - Comissões Organizadoras dos Congressos Nacionais de Botânica (1984 a 2000)

ANO DO CONGRESSO	PRESIDENTE	1° VICE-PRESIDENTE	2° VICE-PRESIDENTE	1° SECRETÁRIO	2° SECRETÁRIO	1° TESOUREIRO	2° TESOUREIRO
1984	Marlene Freitas da Silva	Pedro Ivo Soares Braga		Alberto Knob	Augusto Cesar G. Silveira		
1985	Paulo K. C. Carneiro Monteiro	Armando Carlos Cervi		Luiz Fernando Contin	Yedo Alquini		
1986	Maria Aparecida Zurlo	Aristéa Alves Azevedo		Heraldo Hugo de Morais	Amélia Kassis de O. Santos		
1987	Nanuza Luiza de Menezes	Fernando Roberto Martins		Ana Maria Giulietti	Alasdair Burman	Maria das Graças Lapa Wanderley	Solange C. M. Viveiros
1988	Pedro L. B. Lisboa	Irenice A. Rodrigues		Ilze C. Ribeiro	Maria da Graça A. Lobo	Jorge Oliveira	Sérgio A. M. Souza
1989	Germano Guarim Neto	José Roberto B. Monteiro		Lúrnio A. Dias Ferreira	Ermelinda M. De-Lamonica Freire	Antonio A. Antunes Maciel	
1990	José de Ribamar P. Soares	Afrânio Gomes Fernandes		Margarida M. B. de Miranda	Vera Augusta Nepomuceno	Edson Paula Nunes	Terezinha de Araújo P. de Andrade
1991	José Ângelo Rizzo	Carluce Gomes de Sá e Carvalho		Maria Helena Rezende	Heloisa Helena L. L. Câmara	Irani Fernandes P. Campos	Antônio Luciano Vannucci
1992	Gilvane Viana Souza	Marcelo R. da Fonseca		Sérgio Galindo Pinto	Antonino C. de Lima		
1993	Terezinha de Jesus Almeida S. Rêgo	Antonio Benedito de Oliveira		Sandra M Jansen C. Corrêa	Diana Rio Branco de Brito	Luceline Dias Almeida	Ana Zélia Silva
1994	Albano Backes	Ronaldo Adelfo Wasum		Nelci Rolim Bastos		Amaury Silva Júnior	
1995	Elenice Mouro Varanda	Maria das Graças L. Wanderley	Sandra F. B. Trufem	Olga K. Henriques	Antônio B. Gusman	Jarbas F. Giorgini	
1996	Geisa Lauro Reis	Marcus A. Nadruz Coelho		Marli P. Morim de Lima	Regina Helena P. Andreata	Solange de V. A. Pessoa	Maria Célia Vianna
1997	Terezinha Gonçalves Batista	Maria Arlene Pessôa da Silva		Silvia Regina S. A. Leandro	Maria de Fátima Romão	Marivalda Nunes Galdino	Regina Célia Pereira
1998	Maria Lenise Silva Guedes	Juarez Jorge Santos	Ana Maria Giulietti	Ângelis F. da Silva Nascimento		Lazaro Benedito da Silva	Francisco Assis Ribeiro dos Santos
1999	Lúcia Sevegnani	Rosete Pescador	Karin Esemann de Quadros	Vanilde Citadini Zanette		David Hülse	Alceu Natal Longo
2000	Alba Evangelista Ramos	José Felipe Ribeiro	Taciana B. Cavalcanti	Terezinha Aparecida B. Dias	Rosa de Belém das N. Alves	Fernando Antônio T. Andrade	Rivaldo B. Vieira

de reconhecido mérito científico, residentes em diferentes regiões do país. §1° – As atribuições do Conselho serão: zelar pelos altos interesses da Sociedade, nomear comissões, ratificar a admissão de novos sócios e examinar a escrita da Sociedade. §2 – Todas as atividades do Conselho serão submetidas à aprovação da Assembléia, em reunião anualmente realizada em lugar previamente designado."[5]

Os Estatutos sofreram várias alterações, o número de conselheiros foi ampliado e hoje, "(...) o Conselho Superior, órgão deliberativo de funções fiscais e de supervisão geral, será composto de 9 (nove) membros, representando diferentes Seções Regionais ou Regiões do País." Suas atribuições encontram-se descritas no Artigo 22[6].

Os primeiros componentes do Conselho foram: Felix Rawitscher (Presidente), Álvaro Fagundes, F. Brieger, Vasconcelos Sobrinho, Paulo de Tarso Alvim, Alarich Schultz e A. Curt Brade.

A seguir, apresenta-se uma listagem dos membros do Conselho Superior, nos últimos 15 anos, época que coincide com o início das alterações estatutárias já referidas:

— 36° CNB – Curitiba: William Rodrigues (Presidente)[7], Nanuza L. Menezes, Jorge Pedro Carauta, Valmar C. de Andrade, José Ângelo Rizzo, Manuel L. Gavilanes, José da Costa Sacco e Osvaldo Viegas.
— 37° CNB – Ouro Preto: William Rodrigues (Presidente), Afrânio G. Fernandes, Ana Maria Giulietti, Dorothy Sue Dunn de Araújo, José Ângelo Rizzo, José da Costa Sacco, Manuel L. Gavilanes, Osvaldo Viegas e Valmar C. de Andrade.
— 38° CNB – São Paulo: Valmar C. de Andrade (Presidente), Afrânio G. Fernandes, Ana Maria Giulietti, Dorothy Sue Dunn de Araújo, José da Costa Sacco, Manuel L. Gavilanes, Osvaldo Viegas, Tarciso Filgueiras e William Rodrigues.
— 39° CNB – Belém: Afrânio G. Fernandes (Presidente), Ana Maria Giulietti, Dorothy Sue Dunn de Araújo, José da Costa Sacco; Manuel L. Gavilanes, Tarciso Filgueiras, Valmar C. de Andrade, William Rodrigues e Hermes Moreira Filho.
— 40° CNB – Cuiabá: José da Costa Sacco (Presidente), Afrânio G. Fernandes, Paulo G. Windisch, Dorothy Sue Dunn de Araújo, Manuel L. Gavilanes, Hermes Moreira Filho, José Ângelo Rizzo, Valmar C. de Andrade, William Rodrigues.
— 41° CNB – Fortaleza: Dorothy Sue Dunn de Araújo (Presidente), José da Costa Sacco, Hermes Moreira Filho, Paulo G. Windisch, Germano Guarim Neto, Hortensia Pousada Bautista, Laíse H. C. de Andrade, William Rodrigues, João Ubiratan M. dos Santos.
— 42° CNB – Goiânia: Paulo G. Windisch (Presidente), Afrânio G. Fernandes, Armando C. Cervi, Dorothy Sue Dunn de Araújo, Germano Guarim Neto,

[5] Artigo 10 do 1° Estatuto, incluído na Ata da Sessão de Instalação da Sociedade Botânica do Brasil, 1950.
[6] Estatuto da Sociedade Botânica do Brasil (1998, aprovado na Assembléia Geral Extraordinária ocorrida no dia 29 de julho de 1997, durante o 48° CNB, no Crato)
[7] O Presidente do Conselho era Prisco Bezerra. Com o seu falecimento, em 9 de janeiro daquele ano, William Rodrigues assumiu a presidência.

Hortensia Pousada Bautista, José da Costa Sacco, João Ubiratan M. dos Santos, Laíse H. C. de Andrade.

— 43º CNB – Aracaju: Germano Guarim Neto (Presidente), Hortensia Pousada Bautista, Laíse de H. Cavalcanti, Armando C. Cervi, João Ubiratan M. dos Santos, Maria Angélica Figueiredo, Paulo G. Windisch, Josafá C. de Siqueira, José da Costa Sacco.
— 44º CNB – São Luís: Armando C. Cervi (Presidente), João Ubiratan M. dos Santos, Maria Angélica Figueiredo, José Luís Hamburgo Alves, Paulo G. Windisch, Josafá C. de Siqueira, José da Costa Sacco, Hortensia Pousada Bautista, Germano Guarim Neto.
— 45º CNB – São Leopoldo: Armando C. Cervi (Presidente), João Ubiratan M. dos Santos, Maria Angélica Figueiredo, José Luís Hamburgo Alves, Paulo G. Windisch, Josafá C. de Siqueira, José da Costa Sacco, Hortensia Pousada Bautista, Germano Guarim Neto.
— 46º CNB – Ribeirão Preto: Marlene Freitas da Silva (Presidente), José Ângelo Rizzo, Dorothy Sue Dunn de Araújo, Fernando R. Martins, Hortensia Pousada Bautista, Hilda Maria Longhi-Wagner, José Luís de Hamburgo Alves, Maria das Graças Medina Arraes e Yedo Alquini.
— 47º CNB – Nova Friburgo: Fernando R. Martins (Presidente), Hilda Maria Longhi-Wagner, Aristéa Alves Azevedo, Dorothy Sue Dunn de Araújo, Isabel Cristina S. Machado, Marlene Freitas da Silva, Maria das Graças Medina Arraes, Therezinha I. Paviani e Yedo Alquini.
— 48º CNB – Crato: Aristéa A. Azevedo (Presidente), Isabel Cristina Sobreira Machado, Therezinha I. Paviani, Manoela Ferreira Fernandes, William Rodrigues, Jorge E. de Araújo Mariath, Vera Lúcia Scatena, Lana da Silva Silvestre e Lauro Xavier Filho.
— 49º CNB – Salvador: Jorge E. de Araújo Mariath (Presidente), Ana Maria Giulietti, Leonor Costa Maia, Arnildo Pott, Manoela Ferreira Fernandes, William Rodrigues, Vera L. Scatena, Lana da Silva Silvestre e Lauro Xavier Filho.
— 50º CNB – Blumenau: Arnildo Pott (Presidente), Ricardo de S. Secco, Ademir Reis, Vera L. Scatena, Silvia Terezinha S. Miotto, Lauro Xavier Filho, Ana Maria Giulietti, Leonor Costa Maia e Luiz Sérgio P. Sarahyba.
— 51º CNB – Brasília: Leonor Costa Maia (Presidente), Ricardo de S. Secco, Silvia Terezinha S. Miotto, Ana Maria Giulietti, Nanuza Luiza de Menezes, Vânia Gonçalves L. Esteves, Afrânio G. Fernandes, Arnildo Pott e Ademir Reis.

Presidentes de Honra e Homenageados dos Congressos Nacionais de Botânica

Historicamente, durante os Congressos Nacionais de Botânica, as Diretorias da SBB e as Comissões Organizadoras têm prestado homenagens a pessoas que

contribuem de diversas maneiras para o desenvolvimento da Botânica e/ou são figuras públicas de expressão (tab. 5 e 6). Assim, de acordo com registros de livros de Programa/Resumos/Anais de Congressos, já houve pelos menos 28 Presidentes de Honra (tab. 5). Vale ressaltar que, em alguns congressos, houve também Vice-Presidentes de Honra (não considerados nas tabelas citadas), como por exemplo em 1978, no II Congresso Latino-Americano de Botânica/29° CNB: Honório da C. Monteiro Filho, Paulo de T. Alvim, Graziela Maciel Barroso, Ezechias P. Heringer, José Sarukhãn e Angel L. Cabrera.

Nem todos os eventos anuais da SBB contaram com Presidente(s) de Honra; por outro lado, em alguns anos houve mais de um, como nos Congressos de 1967, 1973, 1985 e 1986. Dos 28 Presidentes de Honra identificados no levantamento aqui apresentado, pelo menos seis estão diretamente relacionados à comunidade botânica: Honório da C. Monteiro Filho, Reinaldo Forster, Graziela Maciel Barroso, F. Romano Milanez, José Badini e José da Costa Sacco (tab. 5).

Tabela 5 - Presidentes de Honra dos Congressos Nacionais de Botânica

ANO	PRESIDENTE DE HONRA	CARGO/ATIVIDADE
1957	Pedro Ludovico de Almeida	Governador do Estado de Goiás
1958	Antônio Martins Filho	Reitor da Universidade Federal do Ceará
1963	Djalma Batista	Diretor do Instituto de Pesquisas da Amazônia
1964	Elyseu Paglioli	Reitor da Universidade do Rio Grande do Sul
1965	Antônio Lomanto Júnior	Governador do Estado da Bahia
1967	Francisco Negrão de Lima	Governador do Estado da Guanabara
1967	Severo Fagundes Gomes	Ministro da Agricultura
1967	Raymundo Moniz de Aragão	Ministro da Educação e Cultura
1970	Guillardo Martins Alves	Reitor da Universidade Federal da Paraíba
1972	Honório da C. Monteiro Filho	Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1973	Francisco Louzada Alves da Fonseca	Prefeito de Pelotas
1973	Reinaldo Forster	Presidente da Sociedade Brasileira de Herbicidas e Ervas Daninhas
1973	José Bismarch da Costa Baracuhy	Diretor do Instituto de Pesquisa Agropecuária do Sul
1973	Delfim Mendes Silveira	Reitor da Universidade Federal de Pelotas
1973	Carlos Alberto de Souza Vianna	Diretor da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel
1975	Alysson Paulinelli	Ministro da Agricultura
1976	Oswaldo da Costa Neves Freire	Governador do Estado do Maranhão
1978	Fernando Romano Milanez	Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1979	Graziela Maciel Barroso	Botânica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1984	Octavio Hamilton Botelho Mourão	Reitor da Universidade Federal do Amazonas
1985	José Richa	Governador do Paraná
1985	Alcy Joaquim Ramalho	Reitor da Universidade Federal do Paraná
1985	Maurício Fruet	Prefeito de Curitiba
1986	Fernando Antônio Borges Campos	Reitor da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
1986	Alan de Oliveira Machado Chaves	Diretor do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas - UFOP
1986	José Badini	Departamento de Ciências Biológicas - UFOP
1988	Hélio Mota Gueiros	Governador do Estado do Pará
1997	José da Costa Sacco	Botânico da Universidade Federal de Pelotas

Tabela 6 - Homenageados durante os Congressos Nacionais de Botânica

ANO	HOMENAGEADO	CARGO/ATIVIDADE
1950	Adolfo Ducke	Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1950	Liberato Joaquim Barroso	Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1952	Edmundo Navarro de Andrade	Silvicultor
1952	Otávio Vecchi	Silvicultor
1953	Eudes de Souza Leão Pinto	Secretário de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de Pernambuco
1954	João Dutra	Botânico do Rio Grande do Sul
1958	George Alexandre Black	Botânico
1958	Felix Rawitscher	Botânico da Universidade do Estado de São Paulo
1959	José da Cruz Paixão	Botânico da Universidade Rural do Rio de Janeiro
1960	Henrique Lamahyer de Mello Barreto	Botânico
1961	Carlos Alberto A. de Carvalho Pinto	Governador do Estado de São Paulo
1961	José Bonifácio Coutinho Nogueira	Secretário de Estado dos Negocios
1961	Antônio Barros de Ulhôa Cintra	Reitor da Universidade de São Paulo
1963	Walter Egler	Botânico do Instituto de Pesquisas da Amazônia
1965	Dr. Ciferri	Botânico
1966	Alexandre C. Brade	Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1969	Todos os sócios fundadores da SBB	
1972	Eraldo Gueiros Leite - Patrono	Governador do Estado de Pernambuco
1972	Luiz Souto Dourado - Patrono	Prefeito de Garanhuns
1972	Adierson Erasmo de Azevedo - Patrono	Reitor da Universidade Federal Rural de Pernambuco
1972	Marciolino de Barros Lins - Patrono	Reitor da Universidade Federal de Pernambuco
1973	Ramón de Peñafort Malagarriga Heras	Botânico da Companhia Riograndense de Turismo
1975	Paulo Azevedo Berutti	Presidente do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal
1975	Antônio de Paula Chagas Freitas	Governador do Estado da Guanabara
1975	Edmundo Campelo	Secretário de Agricultura do Estado da Guanabara
1975	Júlio de Alberto de Morais Coutinho	Secretário de Tecnologia do Estado da Guanabara
1975	José Dion de Melo Telles	Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
1975	Aristides Pacheco Leão	Presidente da Academia Brasileira de Ciências
1975	Carlos Chagas	Decano do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro
1975	Alberto de Rezende Rocha	Presidente da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza
1975	Manoel Frota Moreira	Diretor da Divisão Técnico-Científica do CNPq
1975	General Ernesto Geisel - Patrono	Presidente da República Federativa do Brasil
1978	Carolus Linnaeus	Naturalista
1982	Dárdano de Andrade Lima	Botânico da Universidade Federal Rural de Pernambuco
1983	Alarich Schultz	Botânico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
1983	Roberto Burle Marx	Paisagista
1987	André Franco Montoro	Governador do Estado de São Paulo
1987	José Goldemberg	Reitor da Universidade de São Paulo
1987	Sócios fundadores da SBB	
1987	Todos aqueles que souberam transmitir seus ensinamentos, formando escolas	
1988	Guilherme M. de La Penha	Diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG
1988	João Murça Pires	Botânico do MPEG
1988	Celso Martins Pinto	Vice-Diretor Executivo do MPEG
1989	Graziela Maciel Barroso	Botânica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1990	Geraldo Mariz	Botânico da Universidade Federal Rural de Pernambuco
1990	Ana Maria Giulietti	Botânica da Universidade de São Paulo
1990	Therezinha S. Melhem	Botânica do Instituto de Botânica de São Paulo
1990	Berta L. de Morretes	Botânica da Universidade de São Paulo
1990	Graziela M. Barroso	Botânica do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1990	Luiz Rios de M. Batista	Botânico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
1990	Sônia M. de Campos Dietrich	Botânica do Instituto de Botânica de São Paulo
1990	Gil M. Felippe	Botânico da Universidade Estadual de Campinas
1990	Fernando R. Martins	Botânico da Universidade Estadual de Campinas
1990	Leopoldo Magno Coutinho	Botânico da Universidade de São Paulo
1990	Marilza Cordeiro Marino	Botânica do Instituto de Botânica de São Paulo
1990	Carlos Eduardo de Matos Bicudo	Botânico do Instituto de Pesquisas da Amazônia
1990	Hermógenes de Freitas Leitão Filho	Botânico da Universidade Estadual de Campinas
1993	João Murça Pires	Botânico do MPEG
1996	Luiz Fernando G. Labouriau	Botânico da Universidade de Brasília
1996	Hermógenes de Freitas Leitão Filho	Botânico da Universidade Estadual de Campinas
1998	Geraldo Carlos P. Pinto	Professor da Universidade Federal da Bahia
1998	Pe. José Pereira de Sousa	Botânico de Universidade Federal da Bahia
1999	Cônego Raulino Reitz	Botânico do Herbário Barbosa Rodrigues
1999	João Geraldo Kuhlmann	Botânico do Jardim Botânico do Rio de Janeiro
1999	Roberto Miguel Klein	Botânico do Herbário Barbosa Rodrigues

Mais de sessenta pessoas foram individualmente homenageadas (tab. 6) nos Congressos Nacionais de Botânica, além dos Presidentes e Vice-Presidentes de Honra. Em dois eventos (Garanhuns, 1972 e Rio de Janeiro, 1975), criou-se a figura de Patrono. Destaque especial para o então Presidente da República Federativa do Brasil, General Ernesto Geisel, Patrono do 26° CNB.

Todos os sócios fundadores foram lembrados, nos congressos realizados em Goiânia (1969) e em São Paulo (1987). Homenagem plenamente justa, pois desempenharam importante papel como agentes que alavancaram a criação e propiciaram a institucionalização da maior sociedade científica brasileira afeta ao Meio Ambiente (SBB).

Alguns sócios fundadores foram agraciados ainda com homenagens individuais em outros congressos, tais como: Felix Rawitscher (1958), Alexandre C. Brade (1966), Dárdano de Andrade Lima (1982), A. Schultz (1983), João G. Kuhlmann (1999). Destaque deve ser dado a Felix Rawitscher[8] – 1° Presidente do Conselho –, responsável pela geração-vanguarda de botânicos da USP, vários dos quais também sócios fundadores da SBB, importantes precursores de inúmeras linhas de pesquisa hoje consolidadas no país.

Em 1990, por ocasião do 40° aniversário da SBB, durante o Congresso realizado em Fortaleza, a Diretoria concedeu, a treze membros da comunidade botânica, o "título de Sócio Benemérito, pelos relevantes serviços prestados à formação de recursos humanos em meio ambiente, no país e exterior (América Latina e Europa)"[9] (tab.6).

Analisando conjuntamente as informações sobre as pessoas que receberam honrarias (tab. 5 e 6), verifica-se que membros da própria comunidade constituem a maioria. Ressalta-se que um componente regional normalmente esteve presente nestas distinções conferidas. Assim, Governadores e Secretários de Estados, Reitores das universidades-sede dos eventos e Prefeitos foram lembrados, possivelmente pelo apoio político concedido às atividades. Ministros de Estado que ocuparam destaque de Presidentes de Honra estavam diretamente afetos às áreas de Agricultura e Educação e Cultura.

Plantas-símbolo dos Congressos Nacionais de Botânica

Muitos foram os emblemas dos Congressos Nacionais de Botânica (tab. 7). Na maioria das vezes, espécies botânicas de importância regional; em raras ocasiões, símbolos "diferentes", estilizados, como aquele do Congresso de 1988 (Belém)[10]; em outras, também plantas estilizadas, de acordo com a concepção do artista criador (por exemplo, o desenho de Scliar, utilizado no evento de Ouro Preto, em 1986). Plantas-símbolo dos Estados que sediaram os eventos também foram a estes associadas: a imbuia (Santa Catarina/Blumenau, 1999), a árvore do papel (Goiás/Goiânia, 1991), entre outras.

---

[8] De acordo com matéria recente, publicada na revista Pesquisa FAPESP (Motoyama *et. al.*, 2000), a vinda de Rawitscher para o Brasil, para compor a equipe de docentes da USP, "(...) deu novo padrão à pesquisa, dando destaque a Mário G. Ferri, Mercedes Rachid, Ailton B. Joly, Berta L. Morretes e outros". Vale ressaltar que os botânicos mencionados são sócios fundadores da SBB.

[9] Conforme Relatório das Atividades desenvolvidas pela Diretoria da Sociedade Botânica do Brasil, p.6 (Nogueira, 1989).

[10] Um globo verde, com duas folhas estilizadas, cujas nervuras simbolizam os rios.

Lamentavelmente, a documentação disponibilizada para o levantamento aqui apresentado – livros de Programas/Resumos/Anais – nem sempre mostra de maneira explícita a espécie eleita como símbolo do evento, isto é, não a coloca como ilustração das publicações, o que seria esperado.

Pode-se afirmar que, nas últimas décadas, a "logomarca" dos congressos anuais da SBB tem sido mais criteriosamente apresentada, incluindo até mesmo um pequeno texto sobre a planta-símbolo, no livro de Programa. Seria altamente desejável que as Comissões Organizadoras dos futuros Congressos Nacionais de Botânica, no caso de optarem por planta-símbolo: a) procurassem divulgar informações sobre a importância sócio-econômica da mesma, bem como fornecessem seu nome científico

Tabela 7 – Plantas-símbolo dos Congressos Nacionais de Botânica

ANO	PLANTA-SÍMBOLO*
1967	Helicônia - *Heliconia episcopalis* Vell.
1968	Carnaúba - *Copernicea cerifera* Mart.
1969	Arroz - *Oryza sativa* L.
1970	Flamboyant - *Delonix regia* Raf.
1971	Algodão-do-campo - *Cochlospermum regium* (Mart. ex Schrank.) Pilg.
1972	Macambira - *Agallostachys* sp. *lacineosa* C. Kook
1976	*Babaçu - Orbignia speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.
1977	Ipê - *Tabebuia chrysotricha* (Mart.ex DC.) Standl
1978	Coqueiro buriti ou palmeira dos brejos - *Mauritia vinifera* Mart.
1979	Piqui - *Caryocar brasiliensis* Cambess.
1980	Cacau - *Theobroma cacao* L.
1981	*Cenostigma gardnerianum* Tul.
1982	*Encyclia alagoense* (Pabst) Pabst
1985	*Araucaria angustifolia* (Bert.) Kuntze
1986	*Sinnigia magnifica* (Otto & Ditr.) Wiehler
1987	Jequitibá - *Cariniana legalis* (Mart.) Kuntze
1990	Sabiá da Caatinga - *Mimosa caesalpiniifolia* Benth.
1991	Árvore do papel - *Tibouchina papyrifera* Cogn.
1992	Mangabeira - *Hancornia speciosa* Gomez
1993	Babaçu - *Orbignia speciosa* (Mart.) Barb. Rodr.
1994	*Gomphrena schlechtendaliana* Mart.
1995	Paineira - *Chorisia speciosa* St. Hil.
1996	Brinco-de-princesa - *Fuchsia glazioviana*
1997	*Dioclea bicolor* Benth.
1998	*Mimosa carvalhoi* Barneby
1999	Imbuia - *Ocotea porosa* (Nees) L. Barroso
2000	Pau-terra - *Qualea grandiflora* Mart.

* Com base nas publicações dos congressos, complementadas por informações de Roberta Cunha Mendonça, curadora do Herbário do IBGE/DF, a quem as autoras agradecem.

e vulgar; b) incluíssem a espécie-símbolo não apenas no material de divulgação prévia (cartazes e circulares), mas também nas capas de todas as publicações do evento.

A divulgação da produção científica nas Sessões Técnicas dos Congressos da SBB

A produção científica, medida em termos de trabalhos apresentados nos Congressos Nacionais de Botânica[11], de maneira geral dobra a cada década (fig. 4).

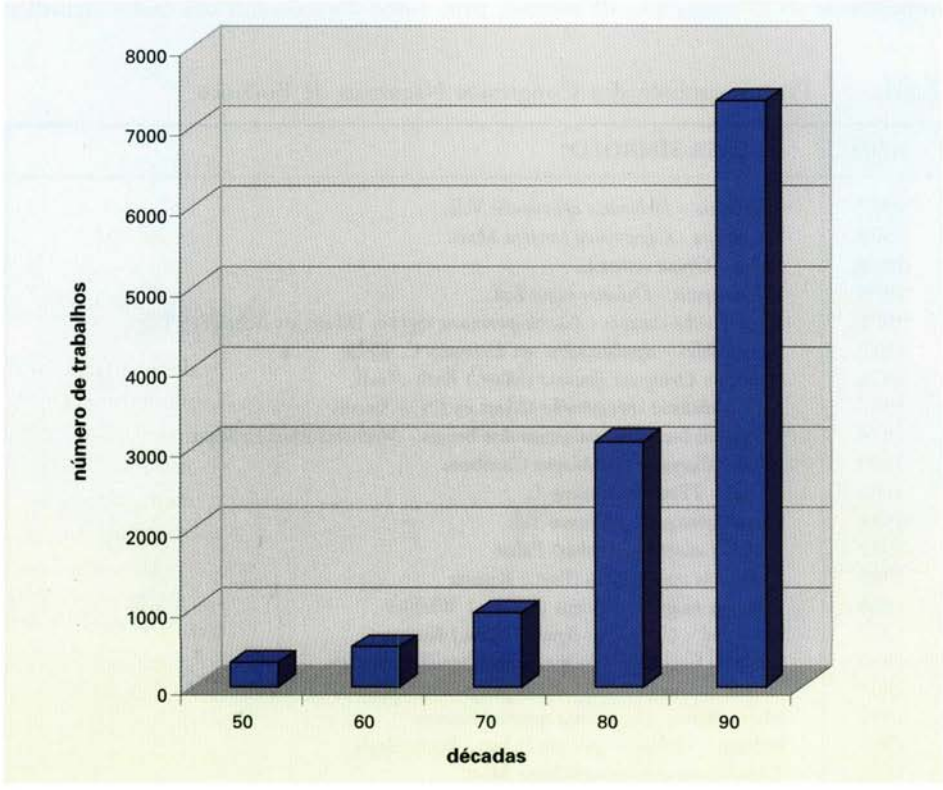


Figura 4 - Trabalhos apresentados em Sessões Técnicas (1950 a 1999)

[11] Em artigo publicado em 1990, intitulado "Radiografia de seis anos da botânica brasileira", Alfredo Gui Ferreira, utilizou como ferramenta de trabalho o número de comunicações apresentadas nas sessões técnicas dos Congressos Nacionais de Botânica, no período de 1983 a 1988. Segundo o autor, "de certo modo, espera-se estar expondo, com esse diagnóstico, de forma bem aproximada, o perfil e até certas tendências (apesar do curto intervalo de tempo) da botânica no Brasil". Uma das suas conclusões é a de que houve aumento substancial do número de comunicações neste período e que o local de realização do congresso influencia a participação autóctone (Ferreira, 1990).

O total absoluto de trabalhos apresentados foi o seguinte: 299, 512, 947, 3.082 e 7.320, respectivamente, para as décadas de 50, 60, 70, 80 e 90. Ressalta-se que os valores obtidos para as duas primeiras décadas estão subestimados, pois faltam informações referentes aos anos de 1955, 1957 e 1966. Além disso, em alguns casos, como não foi possível consultar o livro de Resumos, foram considerados os trabalhos publicados nos Anais; levando em conta que há evidências de que praticamente todos os trabalhos apresentados nos primeiros congressos foram publicados na íntegra, a margem de erro da estimativa apresentada é pequena. Como ilustração, vale citar os seguintes congressos: Recife – 1953, Porto Alegre – 1954, Manaus – 1963 e Goiânia – 1969, nos quais foram apresentadas, respectivamente, 42, 46, 65 e 55 comunicações orais e publicados nos Anais 41, 31, 61 e 55 artigos.

A partir da década de 70, a relação "trabalhos publicado nos Anais/trabalhos apresentados no evento" diminuiu significativamente. Entre os fatores para tentar explicar esta mudança de comportamento, podem ser lembrados: o aumento do número de comunicações nos eventos começou a inviabilizar sua publicação *in totum*, principalmente por dificuldades de ordem econômica; diversos periódicos científicos institucionais e de sociedades científicas surgiram nesta época, para os quais foi canalizada grande parte dos artigos originados de apresentações.

O número e os temas das sessões técnicas variaram bastante nos cinqüenta congressos realizados até hoje pela SBB. Os levantamentos realizados permitiram agregar vários temas, de tal modo que um total de 112 fosse considerado (tab. 8)[12]. A relação dos temas, associados ao ano dos congressos, permite acompanhar a evolução no tempo de diversas subáreas e/ou campos da Botânica. Assim, sessões hoje denominadas "Sistemática e evolução de Fanerógamas" ou "Taxonomia e evolução de Fanerógamas" em décadas anteriores já se intitularam "Sistemática de plantas superiores", "Sistemática de plantas vasculares", "Sistemática de Fanerógamas" ou apenas "Sistemática", que certamente incluía os trabalhos apresentados pelos criptogamistas.

Há temas esporádicos e, por outro lado, há outros que marcaram presença em pelo menos 20 congressos (tab. 8): Anatomia, Ecologia, Fisiologia, Fitogeografia, Fitoquímica e Sistemática, a maioria dos quais constitui disciplinas tradicionais da Botânica.

---

[12] O exercício que conduziu à organização desta listagem levou em conta os seguintes pontos: a) Inicialmente, foram incorporados, no mesmo tema, assuntos que apresentavam pequenas variações de denominação. Por exemplo: Assuntos diversos, assuntos vários, diversos; Fisiologia, Fisiologia Vegetal; Informática, Informática Botânica; Ecologia, Ecologia Vegetal; Genética, Genética Vegetal.; Herbicidas, Herbicidas/Ervas daninhas; b) Por outro lado, em vários congressos dois ou mais temas foram associados, provavelmente em função do pequeno número de trabalhos afetos a cada tema. Também houve casos em que foi necessário agrupar assuntos afins, dado o elevado número de apresentações em determinadas sessões que não tinham espaço suficiente para abrigar todos os trabalhos. Alguns "excedentes" eram previamente transferidos para outra sessão técnica. Assim, após a obtenção desta listagem preliminar, os temas foram separados e considerados individualmente, originando a tabela 8.

Tabela 8 - Temas das Sessões Técnicas dos Congressos Nacionais de Botânica (1950-1999)

TEMAS DAS SESSÕES TÉCNICAS	ANO
Campos Pampeanos (Campanha Gaúcha)	1994
Campos Planálticos (Sulbrasileiros)	1994
Campos Rupestres	1993 - 1994
Cerrado	1992 - 1993 - 1994
Ciclo Biológico	1978
Citogenética	1980 - 1982
Citologia	1953 - 1954 - 1965 - 1967 - 1970 - 1980 - 1994
Citotaxonomia	1994
Conservação	1969 - 1970 - 1977 - 1995 - 1998 - 1999
Duna	1994
Ecofisiologia	1978 - 1992
Ecologia	1951 -1953 - 1954 - 1956 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1962 - 1964 - 1965 - 1967 - 1969 -1970 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1982 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1993 - 1994 - 1995 - 1998 -1999
Ecologia - Cerrados	1979
Ecologia Ambiental	1983
Ecologia das Populações	1978
Ecologia e Conservação	1996 - 1997
Ecossistemas	1991
Educação Ambiental	1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997
Ensino de Botânica	1982 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Etnobotânica	1978 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1996 - 1997 - 1999
Evolução	1960 - 1978 - 1997
Fenologia	1979 - 1980 - 1982
Ficologia	1969 - 1977- 1979 - 1980 - 1982 - 1985 - 1986
Fisiologia	1951 - 1953 - 1954 - 1956 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1962 - 1964 - 1965 - 1967 - 1968 - 1969 - 1970 - 1973 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1980 - 1982 - 1983 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 199
Fitogeografia	1951 - 1953 - 1954 - 1956 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1964 - 1965 - 1967 - 1969 - 1974 - 1975 - 1976 - 1977 - 1978 - 1980 - 1982 - 1983 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1993 - 1994 - 1995
Fitopatologia	1951 - 1958 - 1959 - 1960 - 1962 - 1964 - 1965 - 1967 - 1968
Fitoquímica	1969 - 1970 - 1975 - 1977 - 1978 - 1982 - 1983 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Fitossanitarismo	1953 - 1956
Fitossociologia	1954 - 1980 - 1982 - 1988 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Genética	1953 - 1962 - 1965 - 1967 - 1968 - 1969 -1970 - 1977 - 1987 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997

continua..

(... continuação)

TEMAS DAS SESSÕES TÉCNICAS	ANO
Gerenciamento Ambiental, Educação Ambiental e Ecoturismo	1998 - 1999
Herbários	1992 - 1996 - 1997
Herbicidas e Ervas Daninhas	1959 - 1962 - 1973
Informática	1989 - 1990 -1994 - 1996 - 1997
Jardins Botânicos	1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996
Levantamento Florístico	1979 - 1980 - 1982 - 1983 - 1985 - 1986 - 1988 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Liquenologia	1985 - 1986
Mangue	1989 - 1992 - 1993
Mata Amazônica (Igapó - Várzea - Terra Firme)	1994
Mata Atlântica	1989 - 1992 - 1993 - 1994
Mata com Araucária	1994
Mata de Palmeira	1994
Mata de Planalto (Cerrado)	1994
Mata de Restinga	1994
Matas Mesófilas	1992 - 1993
Micologia	1958 - 1960 - 1964 - 1965 - 1967 - 1978 - 1979 - 1980 - 1982 - 1983 - 1985 - 1986
Micologia Médica	1962
Microbiologia	1964 - 1965 - 1977
Microbiologia	1959 - 1960 - 1969
Morfologia	1956 - 1958 - 1959 - 1960 - 1961 - 1965 - 1967 - 1969 - 1970 - 1973 - 1974 - 1976 - 1977 - 1979 - 1980 - 1982 - 1983 - 1985 - 1986 - 1995
Outros ecossistemas	1993 - 1994
Paisagismo	1986 - 1987 - 1989 - 1990 - 1991 - 1992 - 1994 - 1996 - 1997
Paleobotânica	1951 - 1996 - 1997
Palinologia	1969 - 1970 - 1974 - 1976 - 1977 - 1978 - 1979 - 1985 - 1986 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997
Pantanal	1989 - 1992 - 1993 - 1994
Plantas Aquáticas	1978
Plantas Medicinais e Tóxicas	1985
Plantas Ornamentais	1977
Preservação da Flora	1979
Quimiotaxonomia/Quimiossistemática	1988 - 1991 -1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997
Recuperação de Áreas Degradadas	1995
Restinga	1989 - 1992 - 1993
Sementes e Germinação	1978
Sempre Vivas: Ecologia, Anatomia, Taxonomia, Aspectos Econômicos e de Conservação	1986
Serra do Cipó	1986
Sinecologia	1983

continua..

(...continuação)

TEMAS DAS SESSÕES TÉCNICAS	ANO
Sistemática	1951 - 1954 - 1956 - 1958 - 1962 - 1964 - 1965 - 1968 - 1970 - 1973 - 1976 - 1983 - 1985 - 1986
Sistemática de Criptógamas	1961
Sistemática de Fanerógamas	1961 - 1974
Sistemática de Gramineae	1985
Sistemática de Leguminosae	1983 - 1985
Sistemática de Orchidaceae e Palmae	1985
Sistemática de Plantas Avasculares	1967
Sistemática de Plantas Vasculares	1959 - 1967
Sistemática/Taxonomia das Plantas Superiores	1953 - 1960 - 1977
Sistemática/Taxonomia de Plantas Inferiores	1953 - 1977
Sistemática/Taxonomia e Evolução de Criptógamas	1970 - 1974 - 1987 - 1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1993 - 1994 -1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Sistemática/Taxonomia e Evolução de Fanerógamas	1988 - 1989 - 1990 - 1991 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Sistemática: Gramíneas e Leguminosas	1983
Taxonomia	1969 - 1975 - 1978 - 1979 - 1980 - 1982
Vegetação	1978
Virologia de plantas	1995

Uma tentativa de trabalhar com temas multidisciplinares, organizados por biomas/ecossistemas, surgiu no Congresso de Cuiabá (1989). Esta iniciativa tomou impulso em três eventos do início dos anos 90, quando as sessões técnicas foram organizadas exclusivamente por biomas, em Aracaju (1992) e por subáreas e biomas, tanto em São Luís (1993) como em São Leopoldo (1994), sob a forma de apresentações orais e painéis (*posters*), respectivamente. Estes exemplos sugerem algumas características inerentes à comunidade botânica, tais como uma certa resistência a novas propostas, dificultando às vezes a obtenção de dados que poderiam propiciar uma visão sistêmica dos diferentes biomas.

As sessões técnicas para apresentação de trabalhos oralmente predominaram durante quatro décadas. A inserção de painéis nos eventos da SBB deu-se em 1978, por ocasião do II Congresso Latino-Americano de Botânica/29° CNB. A partir desta data os painéis foram timidamente ocupando lugar, até que, na década de 90, passaram a dominar os espaços das instituições-sede dos congressos. Assim, no 39° CNB (Fortaleza), 62,5% dos trabalhos foram apresentados na forma de painéis (284 painéis e 170 comunicações orais). Alguns anos depois, no 47° CNB (Nova Friburgo), 82% dos trabalhos constaram de painéis (977 painéis e 217 apresentações orais). Em dois outros congressos (Ribeirão Preto e Blumenau) as sessões somente incluíram painéis (fig. 5).

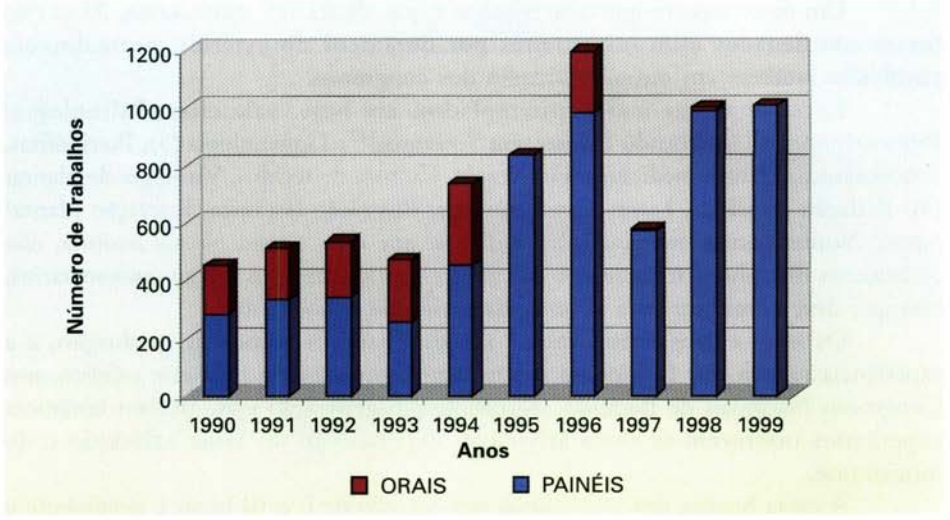


Figura 5 – Trabalhos apresentados em Sessões Técnicas (1990-1999): comunicações orais e painéis

Mini-cursos

De acordo com fontes consultadas[13], os primeiros registros disponíveis sobre cursos durante os Congressos Nacionais de Botânica datam de 1976, do 27° CNB (São Luís). Entretanto, trata-se de um programa não detalhado, sem informações sobre o número de cursos, os professores e os temas. Na seqüência, a próxima referência a cursos aparece no II Congresso Latino-Americano de Botânica/29° CNB, em Brasília e Goiânia (1978)[14].

Formalmente, o primeiro mini-curso incluído em livro de Programa[15], com título e nome do ministrante, aparece no Congresso de Curitiba (1985), quando foi oferecido o tema "Interpretação morfológica", por Ralph João George Hertel – UFPR. Desde então, incorporando este, e a partir dele, houve um total de 193 cursos[16], assim distribuídos em 14 congressos: 1, 3, 21, 6, 9, 8, 8, 19, 10, 10, 15, 15, 19, 28 e 21, em seqüência cronológica, até o 50° CNB. Os dados revelam que o número de mini-cursos vem aumentando, indicando demanda crescente pela atividade. O maior elenco de mini-cursos (28) foi oferecido no 49° CNB, em Salvador (1998).

---

[13] Livros de Programas e/ou Resumos dos Congressos Nacionais de Botânica.

[14] Na Apresentação do Livro de Programa destes eventos, Maria Artemísia Arraes Hermans menciona "três cursos de curta duração", porém não há referência a eles no conteúdo do Programa. (Hermans, 1978)

[15] É possível que as chamadas para os cursos a serem oferecidos durante os congressos tenham sido feitas nas Circulares, e poucas estiveram disponibilizadas para este trabalho.

[16] Informações de acordo com os Programas dos Congressos, considerando que todos os mini-cursos neles relacionados realmente tenham ocorrido.

Um outro aspecto que cabe ressaltar é que, destes 193 mini-cursos, 21 (11%) foram coordenados e/ou ministrados por botânicos do exterior, normalmente envolvidos também em outras atividades dos congressos.

Entre os temas mais contemplados, até hoje, vale citar: Palinologia/ Palinotaxonomia (aparecendo 8 vezes, em 7 eventos)[17]; Liquenologia (5); Pteridófitas, Etnobotânica, Plantas medicinais/Fitoterapia, Cultura de tecidos, Virologia de plantas (4); Redação científica, Latim para botânicos, Ilustração botânica, Interação planta/ inseto, Nomenclatura botânica (3). Verifica-se que estes temas, na sua maioria, não constituem disciplinas tradicionais das grades curriculares dos cursos universitários, fato que deve contribuir para a demanda verificada anualmente.

Os mini-cursos normalmente são destinados a alunos de graduação, e a experiência mostra que funcionam muito bem como atrativo para este público, nos Congressos Nacionais de Botânica. Alunos de pós-graduação e até mesmo botânicos experientes inscrevem-se nesta atividade, dependendo do tema oferecido e do ministrante.

A carga horária dos mini-cursos tem variado de 6 a 10 horas e geralmente o espaço a eles destinado consiste no início das manhãs e no final das tardes, de segunda a sexta-feira, na semana de realização do congresso. Na maioria das vezes, o coordenador ou responsável pela atividade também ministra todas as aulas, mas há casos de mais de um professor para o mesmo mini-curso. Devem ser lembrados, ainda, embora mais raros e de maior duração, os cursos pré e pós-congressos, como houve em 1987 e 1990 (38º e 41º CNB).

Sem dúvida, os mini-cursos, hoje parte integrante da programação dos congressos da SBB, são responsáveis por uma parcela dos bons resultados que tais eventos têm logrado alcançar, disseminando o conhecimento desta área da Ciência para os mais jovens e iniciantes, botânicos em potencial.

Workshops

De acordo com o material consultado, já foram realizados dezesseis *workshops,* em onze Congressos Nacionais de Botânica (tab. 9). A primeira atividade assim intitulada aconteceu em 1980, no 31º CNB (Ilhéus/Itabuna), e foi relacionada à subárea Fisiologia Vegetal. A seguir houve um hiato, e o próximo *workshop* teve lugar apenas em 1987 (São Paulo), no 38º CNB. A partir desta época, até 1998, pelo menos um *workshop* foi realizado anualmente. Em Ribeirão Preto, no 46º CNB (1995), houve três atividades com esta denominação, sobre Jardins Botânicos, Ensino de Botânica e Ilustração botânica.

[17] Em 1987, no Congresso realizado em São Paulo, constam dois cursos nesta subárea: "A Palinologia do Quaternário" e "A Palinologia e suas aplicações".

Tabela 9 - Relação dos *workshops* realizados nos Congressos Nacionais de Botânica

ANO DOS CONGRESSOS	NOME DOS *WORKSHOPS*
1980	Metodologia de pesquisas em Fisiologia Vegetal
1987	Como preparar as monografias para a Flora Neotrópica
1988	I *Workshop* internacional de anatomia de madeiras dos países membros do Tratado de Cooperação Amazônica
1988	I *Workshop* internacional de plantas medicinais dos países membros do Tratado de Cooperação Amazônica (TCA)
1990	Diversidade taxonômica das Angiospermas brasileiras
1991	Padrões de distribuição geográfica em Angiospermas
1992	Biodiversidade nos ecossistemas brasileiros: estudos integrados
1993	Biotecnologia e bioética em plantas medicinais
1994	Unidades de Conservação
1995	Análise da situação dos Jardins Botânicos do Brasil: proposição de medidas emergenciais e de médio prazo para melhoria. Definição de áreas prioritárias para ação
1995	Ensino em Botânica: "relatos de experiências"
1995	Ilustração botânica
1996	I *Workshop* de Etnobotânica e Botânica Econômica
1997	Biodiversidade e padrões de distribuição das espécies dos ecossistemas do Nordeste
1997	Ensino da Botânica: adequação à realidade atual
1998	Ensino da Botânica indissociado da pesquisa e da extensão

Quanto aos temas privilegiados, isto é, que aconteceram em mais de um congresso, o levantamento mostra que são afetos à Biodiversidade, Plantas medicinais e Ensino de Botânica. Também se constata que, no 39º CNB, realizado em Belém (1988), houve dois *workshops* internacionais, com a duração de três dias cada um, envolvendo os países membros do Tratado de Cooperação Amazônica (TCA), sendo um sobre Plantas medicinais e outro sobre Anatomia de madeira.

Conferências e Palestras

Para o mapeamento das conferências e palestras, que totalizaram 258, inicialmente levantaram-se todos os temas e nomes dos ministrantes, inserindo-os em um banco de dados. Entretanto, tendo em vista a abrangência da análise a ser realizada, decidiu-se utilizar no momento somente os dados quantitativos, organizando-os por décadas, numa tentativa de verificar a evolução ocorrida nesses cinqüenta anos da SBB (tab. 10)

Tabela 10 – Número de conferências e palestras nos Congressos Nacionais de Botânica (1950 a 1999)

ATIVIDADE	DÉCADAS					TOTAL
	50	60	70	80	90	
Conferências	4 (2)	3 (0)	23 (5)	32 (10)	82 (20)	144 (37)
Palestras	2 (0)	8 (0)	19 (13)	26 (3)	59 (17)	114 (33)
Total	**6 (2)**	**11 (0)**	**42 (18)**	**58 (13)**	**141 (37)**	**258 (70)**

Foram identificadas as palestras e conferências ministradas por botânicos do exterior, cujos números se encontram entre parênteses na tabela. Verifica-se que sua contribuição foi da ordem de 27%[18].

Observa-se que o número total de conferências foi superior ao de palestras, e que estas atividades eram escassas nos congressos dos anos 50 e 60, conforme a documentação consultada. A década de 90 é responsável por 57% do número total de conferências e 52% de palestras, nos cinqüenta anos considerados. Estes dados, sem dúvida, são indicativos de um crescimento da massa crítica atuante na área de Botânica.

Outras informações coletadas, não incluídas na tabela, revelam que as palestras aconteceram em 14 congressos e, as conferências, em 22. Na década de 70, as únicas palestras tiveram lugar no II Congresso Latino-Americano; já as conferências se distribuíram em seis congressos.

O levantamento mostrou ainda que os congressos com números mais representativos de palestras não contaram com conferências[19]. Da mesma forma, aqueles que ofereceram muitas conferências não incluíram palestras no programa[20]. Este fato revela que, na verdade, não existe, na concepção das Comissões Organizadoras dos Congressos Nacionais de Botânica, diferença entre os dois termos. As tradicionais "conferências magnas" de outrora já não existem nos Congressos de Botânica.

Mesas-Redondas e Simpósios

No caso de mesas-redondas e simpósios, valem as mesmas considerações iniciais feitas para palestras e conferências.

---

[18] A SBB possui em seu quadro de associados cerca de 3% de botânicos estrangeiros, que normalmente trabalham com a flora dos neotrópicos, portanto, têm interesse em participar dos Congressos aqui realizados. Em adição, outros botânicos estrangeiros, que foram orientadores ou supervisores de pesquisadores locais, são por estes recomendados para participar das atividades. Há casos também de pessoas convidadas em função de suas linhas de pesquisa, com interesse para os botânicos brasileiros. Em algum momento, inclusive, pode haver superposição destes fatores.

[19] Os congressos realizados em Ouro Preto (1986), Ribeirão Preto (1995) e Salvador (1998) computaram 10, 35 e 20 palestras, respectivamente.

[20] Os congressos de Belém (1988), Fortaleza (1990), Crato (1997) e Blumenau (1999), com 14, 12, 14 e 14 conferências.

Não foram realizadas mesas-redondas nas Reuniões Anuais da SBB nos anos 50. A primeira, informada nos programas dos eventos, data de 1965, do 16º CNB (Itabuna), e versou sobre conservação da natureza. Houve um total de 140 mesas-redondas, em 18 congressos. Como no caso de palestras e conferências, nota-se um elevado crescimento na última década, neste caso ainda maior, pois 87% das mesas-redondas aconteceram nos anos 90 (tab. 11).

Tabela 11 – Número de mesas-redondas e simpósios nos Congressos Nacionais de Botânica (1950 a 1999)

ATIVIDADE	DÉCADAS					TOTAL
	50	60	70	80	90	
Mesa-Redonda	0	4	4	10	122	**140**
Simpósio	1	5	30	42	27	**105**

Os congressos com maior número de mesas-redondas foram os de Ribeirão Preto (1995), Nova Friburgo (1996), Salvador (1998) e Blumenau (1999) com, respectivamente, 26, 15, 30 e 23 mesas.

Os temas mais contemplados nesta atividade têm sido: Ensino da Botânica (8 vezes); Flora do Brasil (6); Plantas Aquáticas e Conservação da Natureza/Unidades de Conservação (4); Plantas Medicinais, Etnobotânica e Pteridófitas (3).

Os simpósios totalizaram 105, em 27 congressos. Na década de 50, houve apenas um, sobre o Cerrado (em 1951). Estas atividades realizadas nos anos 70 estão relacionadas principalmente ao II Congresso Latino-Americano, que proporcionou 25 temas aos participantes. O maior número de simpósios aconteceu nos anos 80[21]. Este comportamento é diferente do que se verificou para palestras, conferências e mesas-redondas, que atingiram o apogeu nos anos 90 (tab. 10 e 11).

Os congressos que apresentaram maior número de simpósios foram: Brasília/Goiânia (1978), Maceió (1982), Porto Alegre (1983), São Paulo (1987), Goiânia (1991) e São Leopoldo (1994), com 25, 8, 5, 15, 5 e 5, pela ordem.

Os temas mais usuais têm sido Biodiversidade/Taxonomia (8), Fisiologia/Ecofisiologia (7), Anatomia (5), e Cerrado (4). Existe um percentual considerável de temas que foram tratados duas vezes, como por exemplo: Conservação da natureza, Etnobotânica, Plantas medicinais, Botânica e ambiente, Uso de computadores em taxonomia e Caatinga.

Deve-se registrar, ainda, que os Congressos Nacionais de Botânica têm servido de cenário para abrigar diversos simpósios internacionais, como por exemplo o 1º Simpósio Latino-Americano de Fisiologia Vegetal, em 1965 (Itabuna), o 1º Simpósio

[21] Distribuídos em 8 congressos, sendo que no 38º CNB (São Paulo) houve 15 simpósios.

Latino-Americano de Microbiologia de Solos, em 1967 (Rio de Janeiro) e o Simpósio Internacional "Alternativas para o desmatamento", em 1988 (Belém).

Encontros, Reuniões e Reuniões Satélites

Nota-se, nos Congressos Nacionais de Botânica, que não há uma clara distinção entre encontros, reuniões e reuniões satélites. Assim, estas três atividades foram agrupadas para a apresentação dos dados da tabela 12.

As reuniões satélites surgiram em 1990, no 41º CNB (Fortaleza) e, desde então, têm ocorrido em todos os congressos. Houve seis reuniões deste tipo em 1990[22] e 19 em 1999 (Blumenau), mostrando o crescimento desta atividade.

Os primeiros registros de reuniões, que na verdade constituem encontros nos Congressos Nacionais de Botânica, datam de 1968 (Fortaleza): I Reunião do Nordeste de Produtos Naturais, I Reunião de Ficologia do Brasil e I Reunião de Anatomia e Citomorfologia. Em 1970 (João Pessoa), houve a II Reunião Brasileira de Ficologia; em 1974 (Mossoró), a IV; em 1976 (São Luís), uma reunião sem identificação numérica. A partir desta data não há mais dados sobre as reuniões desta subárea. Tudo leva a crer que o espaço utilizado pelos estudiosos de Algas, nos congressos de Botânica, culminou com a emergência da Sociedade Brasileira de Ficologia, em 1980.[23] [24]

Verifica-se que as denominadas reuniões, do final dos anos 60 e início dos 70, tiveram seu nome mudado para encontros, provavelmente seguindo padrões em voga do último quartel deste século.

Quanto aos encontros, chama a atenção o fato de que vários aparecem com o título de "I Encontro..."[25] e os subseqüentes não são mais detectados, nas publicações dos congressos. Alguns fatores poderiam explicar esta constatação: a) ainda não houve o "II Encontro..."; b) o "II Encontro..." aconteceu em outro evento; c) o "II Encontro..." constituiu um evento próprio; d) os Encontros subseqüentes deixaram de seguir a numeração e/ou mudaram de nome.

---

[22] Consolidação do guia da flora brasileira; Comissão editorial da *Acta Botanica Brasilica*; Estudiosos de Leguminosae; Diretoria da SBB com as Diretorias das Seções Regionais; Os Jardins Botânicos e a Conservação da Natureza; Curadores de Herbários e os resultados alcançados no *Workshop* Botânico para a América Latina e Caribe.

[23] Oliveira Filho, E. C. (1999, p. 2).

[24] Fato semelhante ocorreu com outras subáreas/áreas afins (por exemplo: Micologia, Fitopatologia, Fisiologia, Cultura de Tecidos, Ecologia), que também criaram suas próprias sociedades científicas. Tal assunto foi analisado por Nogueira (1999), em estudo sobre a Botânica brasileira, concluindo que a proliferação de sociedades científicas afetas à Botânica poderia indicar certo grau de fragmentação desta área.

[25] Exemplos: I Encontro de Estudiosos de Compostas, I Encontro de Estudiosos de Orchidaceae e I Encontro de Estudiosos de Apocynaceae, em 1990; I Encontro Nacional de Anatomistas de Madeira e I Encontro Nacional de Colecionadores de Plantas Vivas, em 1987; I Encontro de Paisagistas e Viveiristas em 1996; I Encontro de Especialistas em Líquens, também em 1996.

Tabela 12 - Encontros/reuniões/reuniões satélites dos Congressos Nacionais de Botânica (1950 - 1999)

ENCONTROS/REUNIÕES SATÉLITES	ANO
Agrostologia	1994
Avaliação dos estudos sobre os Cerrados	1991
Comissão de Herbários da SBB	1990 - 1991 - 1992 -1993 - 1994 -1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Comissão de Informática da SBB	1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998
Comissão editorial da *Acta Botanica Brasilica*	1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1997 - 1998 - 1999
Comissão Flora do Brasil	1991 - 1992 - 1993 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Comissão Organizadora do III Congresso Internacional de Jardins Botânicos para Conservação	1992
Comissão Provisória de Etnobotânica no Brasil	1996
Consolidação do guia flora brasileira	1990
Cooperação Internacional de interesse botânico	1991
Coordenadores dos cursos de pós-graduação em Botânica	1992 - 1993 - 1994 - 1995
Discussões do Biocódigo	1998
Educação Ambiental	1991
Encontro de especialistas em germinação - III	1996
Encontro de especialistas em líquens - I	1996
Encontro de estudiosos de Apocynaceae - I	1990
Encontro de estudiosos de Compositae - I	1990
Encontro de estudiosos de Orchidaceae - I	1990 - 1997
Encontro de etnobotânicos da América Latina - I	1993
Encontro de Orquidófilos e Orquidólogos	1991
Encontro de paisagistas e viveiristas - I	1996
Encontro Nacional de Anatomistas de Madeira - I	1987
Encontro Nacional de Ciperólogos - II	1999
Encontro Nacional de Colecionadores de Plantas Vivas - I	1987
Encontro Nacional de Cultura de Tecidos Vegetais - II	1987
Encontro Nacional de Curadores de Herbários - I	1985 - 1987
Encontro Nacional de Curadores de Herbários - II	1987
Encontro sobre Leguminosas Forrageiras Nativas do Brasil "Grupo de Debates sobre Leguminosas Nativas"	1977
Ensino de Botânica	1996 - 1998 - 1999
Especialistas em Algas	1997
Especialistas em Araceae	1993 - 1995 - 1998 - 1999
Especialistas em Biologia Reprodutiva	1996
Especialistas em Briófitas	1998 - 1999
Especialistas em Compostas (Sinanterólogos)	1999
Especialistas em Controle Biológico	1996
Especialistas em Fungos Endofíticos	1996
Especialistas em germinação de sementes	1995
Especialistas em Gramineae	1996 - 1999
Especialistas em Leguminosas brasileiras	1990 - 1992 - 1994 - 1995 - 1996
Especialistas em Melastomataceae	1995
Especialistas em Monocotiledôneas	1995 - 1995
Especialistas em Myrtaceae	1993 - 1996

(continua...)

(... continuação)

ENCONTROS/REUNIÕES SATÉLITES	ANO
Especialistas em Plantas Aquáticas	1999
Especialistas em propagação de espécies nativas	1992
Especialistas em Pteridófitas	1996 - 1998 - 1999
Especialistas em Pteridófitas e Briófitas	1997
Especialistas em Pteridófitas, Briófitas e Líquenes	1995
Especialistas em Rubiaceae	1994 - 1995 - 1997 - 1998
Especialistas em Solanaceae	1996
Especialistas em Taxonomia	1991
Espécies da flora brasileira ameaçadas de extinção	1991 - 1998
Etnobotânica e botânica econômica	1997
Etnobotânicos	1995 - 1998 - 1999
Florística e Fitossociologia do Cerrado	1993
Grupo de trabalho: conservação de Pteridófitas - Xaxim	1999
Melhoramento genético vegetal	1997
Núcleo de anatomistas da SBB	1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Os Jardins Botânicos e a Conservação da Natureza	1990
Plano Nacional de Botânica	1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Presidentes das Sociedades Botânicas da América Latina	1992
Produção de mudas de espécies nativas	1991 - 1994
Proposta de utilização do ECOLOG para as linhas de Ação em Botânica/CNPq	1991
Red Latinoamericana de Botánica e suas correlações com o Brasil	1998 - 1999
Rede Brasileira de Jardins Botânicos	1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Reunião Brasileira de Ficologia - II	1970
Reunião Brasileira de Ficologia - IV	1974
Reunião Brasileira de Ficologia	1976
Reunião da Diretoria da SBB com a Comissão Organizadora do Congresso Nacional de Botânica (presente)	1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Reunião da Diretoria da SBB com a Comissão Organizadora do Congresso Nacional de Botânica (próximo)	1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Reunião da Diretoria da SBB com as Diretorias das Seções Regionais	1990 - 1991 - 1992 - 1993 - 1994 - 1995 - 1996 - 1997 - 1998 - 1999
Reunião da Seção Regional PR/SC da SBB	1999
Reunião da Sociedade Latino-Americana de Cactaceae	1991 - 1992 - 1993 - 1994
Reunião de Anatomia e Citomorfologia	1968 - 1970
Reunião de Ficologia do Brasil - I	1968
Reunião de Monocotiledôneas para discussão de tecnologia	1998
Reunião do Nordeste de Produtos Naturais - I	1968
Situação dos estudos sobre Pteridófitas no Brasil	1986
Sociedade Brasileira de Cactáceas e Suculentas	1996

É possível relacionar os seguintes grupos taxonômicos tratados nos encontros de especialistas (ou de estudiosos): Algas, Apocynaceae, Araceae, Briófitas, Compositae, Fungos endofíticos, Gramineae, Leguminosas, Melastomataceae, Monocotiledôneas, Myrtaceae, Orchidaceae, Pteridófitas, Líquens, Rubiaceae e Solanaceae. Esta "preferência" por tratar tais assuntos em encontros de especialistas poderia ser um reflexo da tendência, observada na década de 90, de apresentação de trabalhos na forma de painel, que dificultaria a discussão antes propiciada pelas sessões orais. Por outro lado, há que se considerar que tais encontros constituiriam fóruns de concentração (verdadeiras oficinas de trabalho) de especialistas, para discutir os avanços ocorridos em suas linhas de pesquisa.

Entre as reuniões satélites que têm sido realizadas na maioria dos Congressos Nacionais de Botânica, incluem-se aquelas da Diretoria da SBB com as Diretorias das Seções Regionais e Comissões Organizadoras dos Congressos, a reunião da Comissão Editorial da *Acta Botanica Brasilica*[26] e as reuniões das Comissões da SBB (Flora do Brasil, Informática, Herbários e Plano Nacional de Botânica)[27].

Excursões

As excursões sempre estiveram estreitamente relacionadas aos congressos, desde a 1ª reunião (tab. 13). Trata-se de uma atividade relevante para o conhecimento da flora e do ambiente ecológico da região. Conforme Peixoto (1999), "A fundação da SBB em 1950 é um marco (...). Expedições de coletas, associadas aos congressos, eram organizadas em áreas pouco exploradas ou de grande interesse biológico ou fitogeográfico, as quais contribuíam para incrementar as coletas, tanto com relação ao número quanto à diversidade de espécies."

O texto que Afrânio G. Fernandes assina, neste livro (Cap. 7), com a propriedade de quem conhece as formações vegetais brasileiras, é um relato resumido das principais excursões, enfatizando aquelas das quais ele participou mais ativamente.

No intuito de complementar as informações, organizou-se a tabela 13, com base principalmente nos programas dos congressos. Cumpre assinalar, entretanto, que nem todas as atividades incluídas nos programas se concretizaram. Algumas – por exemplo, duas excursões a regiões montanhosas do Rio de Janeiro, em 1967 – tiveram de ser canceladas. No caso mencionado, em função de fortes chuvas e quedas de barreiras.

Verifica-se que faltam dados referentes a seis congressos, devido à não disponibilidade de fontes sobre esses eventos, ou porque o material consultado não menciona excursões (1953, 1956, 1973, 1974, 1982 e 1983).

---

[26] A revista da SBB foi criada em 1987, com periodicidade semestral, e passou para quadrimestral em 1999. Um estudo sobre a emergência deste periódico e seus desdobramentos pode ser encontrado em Nogueira (1999). Os padrões de publicação da *Acta Botanica Brasilica* foram tratados por Barradas e Trufem (1998).

[27] Todas essas reuniões, excetuando a do PNB, foram formalizadas durante a gestão de Eliana Nogueira.

Tabela 13 - Relação das excursões realizadas nos Congressos Nacionais de Botânica (1950 - 1999)

ANO	ESTADO	No.	LOCAL DAS EXCURSÕES	PERÍODO
1950*	RJ	2	Mazomba, município de Itaguaí; arredores da Universidade Rural	
1951*	MG	1	Serra do Cipó	
1952*	SP	3	Campinas (Horto Florestal, Jardim Botânico e Estação Experimental Santa Elisa), Rio Claro (Horto Florestal da Cia. Paulista de Estradas de Ferro) e Piracicaba (ESALQ)	durante o Congresso
1954	RS	3	Nordeste do Estado, Gravataí, Rio Grande	durante o Congresso
1955*	PA		Excursões para reconhecimento da flora e hidrografia do Amazonas	
1957*	GO	1	rio Araguaia	
1958*	CE	1	Chapada do Apodi	1 dia, durante o Congresso
1959*	RJ	1	Parque Nacional do Itatiaia	2 dias, ao final do Congresso
1960	MG	3	Cerrados de Paraopeba e obras das Três Marias, Matas de Coronel Fabriciano e Ouro Preto	durante o Congresso (6 dias, não simultâneas)
1961	SP	3	Boracéia (Estação Biológica na Serra do Mar), Piracicaba e Rio Claro (ESALQ e Horto Florestal), Araraquara (Fazenda Itaquerê - maior Jardim Botânico particular do Brasil) e Pirassununga (Cerrados), Itanhaém (Dunas)	4 dias, durante o Congresso
1962*	PE	2	Tabuleiros de Paraíba e Pesqueira	durante o Congresso
1963	AM	3	Rios Negro e Amazonas, até o município de Careiro; Cia. Brasileira de Plantações - seringueiras, castanheiras e guaraná; rodovia Manaus-Itacoatiara - inauguração da Estação Biológica Walter Egler e visita à Reserva Ducke	
1964*	RS	1	Iraí, extremo norte do Estado	
1965*	BA	1	Interior do Estado	ao final do Congresso
1966*	DF	2	Cerrado - às margens do arroio Alexandre Brade e Centrais Elétricas de Goiás e Cidade de Goiás	1 durante e outra ao final do Congresso
1967	RJ	4	Vegetação de restinga; vegetação de montanha; Parque Nacional das Serra dos Órgãoes e Parque Nacional de Itatiaia	2 durante o Congresso e 2 após
1968	CE	1	Serra de Ibiapaba	3 dias, ao final do Congresso
1969	GO	3	Cidade de Goiás, Serra de Caldas e Cachoeira Dourada	1 dia, durante o Congresso.
1970	PB	2	Mata da Usina Monte Alegre - mun. de Mamanguape (população de Pau Brasil); Caatinga (Campina Grande e São Gonçalo)	durante o Congresso
1971*	SP	1	Campinas e Rio Claro	
1972*	PE	2	Caatinga - Brejo dos Cavalos, Nova Jerusalém e Caruaru; Caatinga - Buíque, Brejo São José e Catimbaú	
1975	RJ	1	Parque Nacional de Itatiaia	1 dia, durante o Congresso
1976*	MA	2	Acântara e Perizes	
1977	MG	2	Serra de Lavras Novas (Ouro Preto); Fazenda Jaguara (Pedro Leopoldo) e Gruta de Maquiné (Cordisburgo)	1 dia (simultâneas)
1978	DF/GO	1	Goiânia e Caldas Novas	1 dias, ao final do Congresso
1979	MS	4	Município de Ribas do Rio Pardo; município de Rochedo; município de Dourados; Pantanal	as 3 primeiras: 1 dia; não há informação sobre a do Pantanal
1980	BA	2	Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália; Jequié e Maracás	3 dias (simultâneas), ao final do Congresso

(continua...)

(... continuação)

ANO	ESTADO	No.	LOCAL DAS EXCURSÕES	PERÍODO
1981	PI	1	Parque Nacional de Sete Cidades, Município de Piracuruca	1 dia, durante o Congresso
1984	AM		Reserva Ducke	
1985	PR	1	Serra do Mar e Paranaguá	1 dia
1986	MG	3	Estação Florestal da Experimentação do IBDF, Paraopeba; Serra de Lavras Novas, Distrito de Ouro Preto; Serra do Caraça, Santa Bárbara	após o Congresso
1987	SP	11	Ilha do Cardoso; Reserva de Boracéia; Bertioga-Itaguaré; Campos do Jordão; Paraibuna; Serra do Cipó; Diamantina; Horto Florestal/Serra da Cantareira; Jardim Botânico/IBt; Herbário da UNICAMP; Pico do Jaraguá	as 7 primeiras após o Congresso (1 a 5 dias); as demais, durante, com duração de 1 dia
1988	PA	5	Algodoal; Reserva Catu e Aurá; Ilha do Combu; Complexo Albrás/Alunorte; Serra dos Carajás	1 a 2 dias, ao final do Congresso
1989	MT		Pantanal	
1990	CE	1	Planalto de Ibiapaba	2 dias, após o Congresso
1991	GO	3	Parque Nacional Chapada dos Veadeiros; Parque Nacional das Emas; Serra Dourada - Reserva Biológica da UFG e cidade de Goiás	2 a 3 dias, após o Congresso
1992	SE	4	Restinga (Santo Amaro das Brotas); Caatinga (Poço Redondo); Mata Atlântica (Estação Ecológica da Serra Itabaiana); Mangue (Câmpus Avançado da UFS, no Povoado Crasto)	1 dia, ao final do Congresso
1993	MA	1	Cidade Monumento (Alcântara)	1 dia, após o Congresso
1994	RS	2	Parque Nacional dos Aparados da Serra e Litoral; Serra do Sudeste - Campanha e Depressão Central	2 dias, ao final do Congresso
1995	SP	3	Estação Ecológica do Jataí - Instituto Florestal (mun. de Luís Antônio); Fazenda Intervales Fundação Floresta (Alto Vale do Ribeira de Iguape); Reserva Estadual de Vassununga - Instituto Floresta (mun. de Santa Rita do Passa Quatro)	1 a 3 dias, após o Congresso
1996	RJ	6	Reserva Biológica de Macaé de Cima; Morro da Caledônia; Parque Nacional da Serra dos Órgãos (Pedra do Sino); Morro da Cruz; Parque das Furnas do Catete; Parque Nacional do Itatiaia	1 a 2 dias, todas após o Congresso
1997	CE	3	Reserva Pirapora, Serra da Mãozinha e Chapada do Araripe	1 dia, após o Congresso
1998	BA	2	Rio de Contas/Lençóis (Campos Rupestres) e Reserva Ecológica de Una (Mata Atlântica)	3 dias, após o Congresso
1999	SC	4	Parque Natural Municipal São Francisco de Assis (Blumenau); Parque Ecológico Municipal das nascentes do Garcia (Blumenau); Parque Botânico Morro do Baú (Ilhota/SC); Parque Nacional de São Joaquim (Urubici)	

* 1950 baseado em Barroso e Peixoto (Cap. 4); o restante das informações baseia-se em Heringer (1978).

Considerando ainda as informações da tabela 13, constata-se que na maioria dos eventos os congressistas puderam optar por uma determinada excursão, pois foram oferecidas duas ou mais. Verifica-se, também, que praticamente todos os ecossistemas brasileiros já foram contemplados com excursões da SBB, nestes 50 anos de existência.

Considerações finais

Evidentemente não se pretendeu aqui realizar uma análise cientométrica da Botânica no Brasil. O universo considerado foi restrito, limitando-se aos Congressos Nacionais de Botânica. Entretanto, informações relevantes foram levantadas, propiciando uma leitura do desenvolvimento da área, através de vários parâmetros: local dos congressos, número de trabalhos apresentados, forma de apresentação, temas privilegiados nas diferentes atividades (palestras, conferências, mesas-redondas, simpósios, *workshops*, reuniões, encontros), ecossistemas contemplados pelas excursões e outros. Além disso, procurou-se, num esforço inicial para o resgate da memória da SBB, registrar dados sobre os congressos, as Diretorias da SBB, os Conselhos, as Comissões Organizadoras dos congressos, as homenagens prestadas e os símbolos dos congressos. A historiografia da SBB aponta um único relato, com algumas informações sistematizadas sobre os congressos nos primeiros vinte e cinco anos da sua existência, publicado por Heringer (1978).

Reconhece-se que os indicadores apresentados não são comparáveis àqueles normalmente utilizados em avaliações da produção científica, tais como o número de publicações, o índice de citação, o índice de impacto etc. Como o objeto de análise foram os congressos, os indicadores foram adaptados à realidade deste estudo preliminar.

Um artigo de Meneghini & Fonseca (1990) contém estudos bastante criteriosos de avaliação da produção científica em Bioquímica no Brasil. Quanto à Botânica, as informações são raras (Ferreira, 1990; Nogueira, 1999). Tal lacuna merece maior atenção por parte dos atores sociais que integram esta área do conhecimento. Com respeito a este assunto, vale lembrar um artigo publicado por Velho (1989), sobre avaliação acadêmica, no qual sugere"(...) que a iniciativa de tais estudos parta da comunidade acadêmica, que deve procurar o envolvimento de todas as partes interessadas".

Assim, este levantamento representa tão somente um ponto de partida para que novos estudos sejam estimulados. As informações sobre a SBB e os congressos sob sua responsabilidade sem dúvida podem acrescentar lampejos à luz necessária para uma visão sistêmica da Botânica no Brasil, pois urge conhecer o estado da arte desta área do conhecimento.

Se a Botânica é considerada pela historiografia brasileira uma das primeiras áreas da ciência apoiadas pelo Estado, desde o período colonial, torna-se condição *sine qua non* que seja reconhecida de excelência no país e a Sociedade Botânica do Brasil tem, necessariamente, papel social de destaque neste processo.

Referências Bibliográficas

Barradas, M. M. & Trufem, S. F. B., 1998. *Acta Botanica Brasilica*, um periódico em busca da qualidade. p.20, *In*: Trzesniak, P. & Barradas, M. M. (ed.), VII Encontro de Editores Científicos – Livro de Resumos. Petrópolis: ABEC, 1998.

Congresso Nacional, 1988. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 292p.

Ferreira, A. G., 1990. Radiografia de seis anos da Botânica brasileira. *Ciência e Cultura, 42* (12): 1136 – 1143.

Heringer, E. P., 1978. *História da Sociedade Botânica do Brasil.* Goiânia: UFG. 43p.

Hermans, M. A. A., 1978. Apresentação. *In*: Programa do II Congresso Latino-Americano de Botânica/XXIX Congresso Nacional de Botânica (Brasília e Goiânia, 22 a 27/01/1978), 48p.

Jornal da SBB, 1991. SBB elege nova diretoria. *Jornal da SBB*, ano 1, n° 1, p.3 (maio/1991).

Meis, L. de & Leta, J., 1996. *O perfil da ciência brasileira.* Rio de Janeiro: UFRJ. 103p.

Meneghini, R. & Fonseca, L., 1990. Índices alternativos de avaliação da produção científica em Bioquímica no Brasil. *Ciência e Cultura, 42* (9): 629 – 645.

Motoyama, S.; Queiroz, F. A. de; Oliveira Filho, J. J. de; Dantes, M. A.; Nagamini, M.; Vargas, M.; Fidalgo, O., 2000. 500 anos de Ciência e Tecnologia no Brasil. *Pesquisa FAPESP*, 52 (Supl. Esp.). 40p. (abril/2000).

Nogueira, E., 1989. Relatório de atividades desenvolvidas pela Diretoria da Sociedade Botânica do Brasil – 1989, datado de 30/12/1989, 8p.

___, 1999. *Emergência, institucionalização e estado atual da Botânica brasileira: as relações nacionais e internacionais.* Tese [Doutorado em Política Científica e Tecnológica]. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 257p.

Oliveira Filho, E. C., 1999. A SBFic atinge a maioridade. *Boletim Ficológico 17* (1): 2 – 3.

Peixoto, A. L., 1999. Brazilian botany on the threshold of the 21th century: Looking through the scientific collections. *Ciência e Cultura, 51* (5/6): 349 – 362.

Sociedade Botânica do Brasil, 1950. Ata da Sessão de instalação da Sociedade Botânica do Brasil. Itaguaí: Universidade do Brasil. 7p.

___, 1998. Estatuto da Sociedade Botânica do Brasil. Aprovado na Assembléia Geral Extraordinária de 29 de julho de 1997, realizada no Crato – CE, por ocasião do 48° Congresso Nacional de Botânica. 12p.

Velho, L., 1989. Avaliação acadêmica. A hora e a vez do "baixo clero". *Ciência e Cultura, 41* (10): 957 – 968.